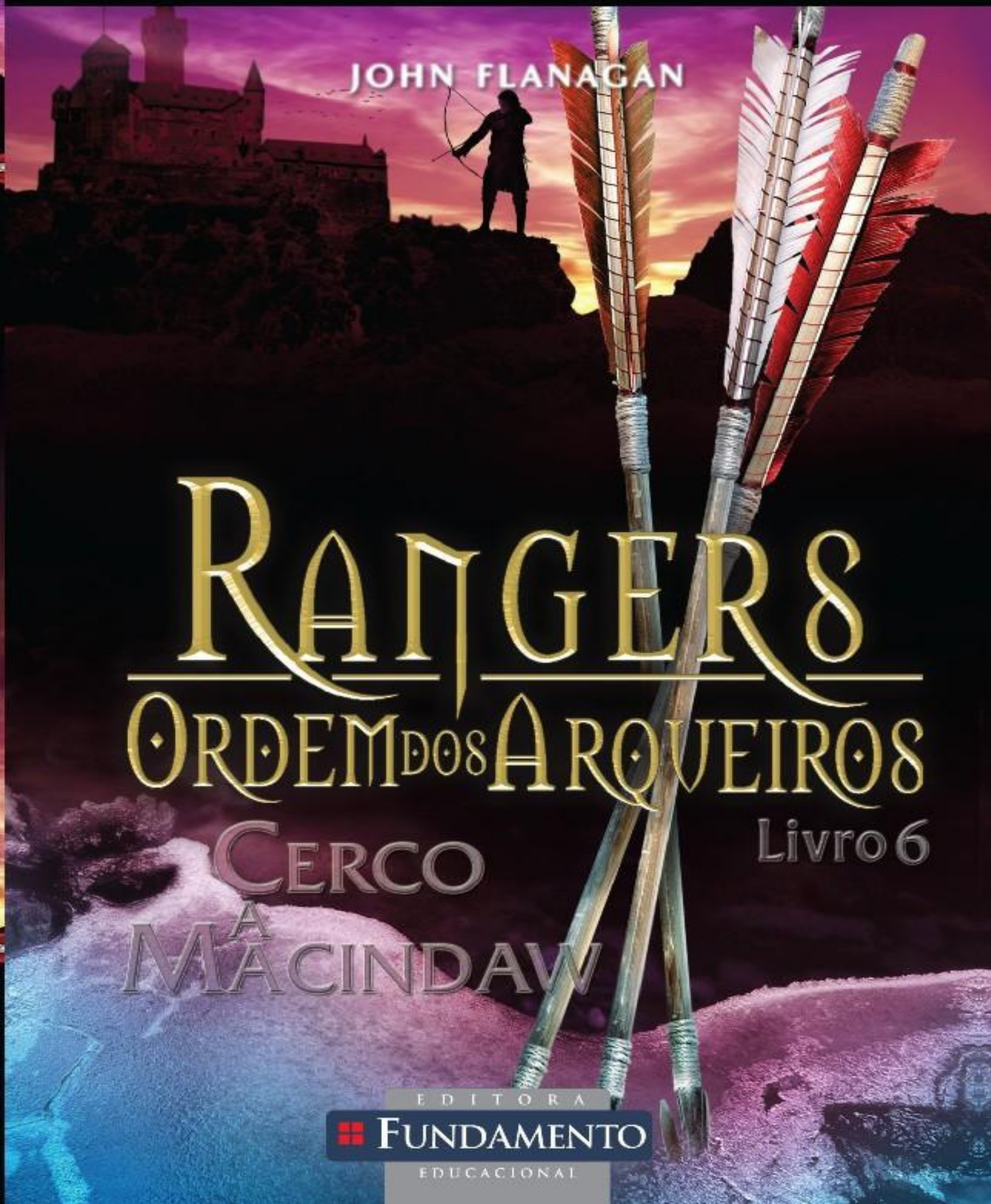
MAIS DE 1 MILHÃO DE CÓPIAS VENDIDAS



EDITORA
FUNDAMENTO
EDUCACIONAL

RANGERS
ORDEM DOS ARQUEIROS

LIVRO 6: CERCO A MACINDAW



JOHN FLANAGAN

1



Gundar Hardstriker, capitão e timoneiro do navio Escandinavo Wolfcloud mastigava desconsoladamente em um pedaço fibroso de carne dura fumada.

Seus tripulantes estavam amontoados em abrigos ásperos entre as árvores, conversando calmamente, comendo e tentando manterem-se aquecidos em torno dos pequenos incêndios, que foram tudo que eles poderiam controlar com esse tempo. Estando tão perto da costa, a neve geralmente virava um granizo frio no meio do dia, re-congelando quando a tarde avançava. Ele sabia que a tripulação estava olhando para ele por uma saída para isso. E ele sabia que logo ele teria de dizer-lhes que não tinha respostas para eles. Eles estavam presos em Araluen, sem qualquer esperança de escapar.

A cinqüenta metros de distância, Wolfcloud situava encalhado na beira do rio, inclinado para um lado. Mesmo dessa distância, seu olho de marinheiro poderia ver o ligeiro toque de um terço do caminho ao longo de seu casco, e a visão de que chegou perto de quebrar o seu coração. Para um Escandinavo, seu navio era quase uma coisa viva, uma extensão de si mesmo, uma expressão do seu próprio ser.

Agora, seu navio foi arruinado, sua quilha irremediavelmente quebrada, seu casco torcido. Ela era boa para nada além de se transformar em madeira e lenha enquanto o tempo do inverno envolvia suas mãos frias mais ao seu redor. Até agora, ele tinha sido capaz de evitar a remoção do navio, mas ele sabia que não podia esperar muito mais tempo. Eles precisavam da madeira para construir cabanas mais substanciais e para queimar como lenha. Mas enquanto ela ainda parecia um navio, mesmo com essa condenável torção em seu casco, ele poderia manter algum senso de seu orgulho em ser capitão de um guincho, ou navio.

A viagem foi um desastre do início ao fim, ele refletia melancolicamente. Eles tinham estabelecido uma invasão aos gauleses e a aldeias costeiras Ibéricas, ficando bem longe de Araluen como eles fizeram. Incursões na costa Araluen eram poucas e distantes entre estes dias, desde que o Oberjarl Escandinavo havia assinado um tratado com o Rei de Araluen. Eles não eram realmente proibidos de invadirem. Mas eles eram desanimados por Oberjarl Erak, e só um

skirl muito estúpido ou imprudente estaria interessado em enfrentar o estilo de desaprovação de Erak.

Mas Gundar e seus homens tinham sido a última da frota de invadir a alcançar o mar estreito, e encontraram as aldeias ou vazias—saqueadas por navios mais cedo—ou pré-avisadas e prontas para se vingar de uma única invasão tardia. Houve lutas duras. Ele havia perdido vários homens e ficou com nada para mostrar por isso. Finalmente, como último recurso, ele desembarcou em uma ilha na costa sudeste da Araluen, desesperado por provisões para ver ele e seus homens atravessarem o inverno na longa viagem de volta para o norte.

Ele sorriu, infelizmente, quando ele pensou nisso. Se tivesse havido tido um ponto brilhante na viagem, tinha sido esse. Preparado para lutar e perder mais vidas, desesperados para se alimentarem, a tripulação Escandinavo tinha sido recebido por um jovem Arqueiro—um que tinha lutado ao lado Erak na batalha contra os Temujai alguns anos atrás.

Surpreendentemente, o Arqueiro tinha se oferecido para alimentá-los. Ele ainda convidou-os para um banquete a noite no castelo, juntamente com os dignitários locais e suas esposas. O sorriso de se alargou com a lembrança daquela noite quando ele lembrou como seus rudes e desordeiros marinheiros haviam ficado em suas melhores maneiras, pedindo humildemente seus companheiros de mesa para passar a carne, por favor, ou solicitando apenas um pouco mais de cerveja em suas canecas. Estes eram homens que estavam acostumados a amaldiçoarem a cordialidade, arrancando pernas de javali assado com as mãos e, ocasionalmente, bebendo suas cervejas diretas do barril. Suas tentativas de mistura com a sociedade educada teriam sido a base de algumas grandes histórias de volta a Escandinávia.

Seu sorriso desapareceu. Volta a Escandinávia. Ele não tinha idéia agora de como eles voltariam a Escandinávia. Ou mesmo que jamais iriam voltar para casa. Eles haviam deixado a Ilha de Seacliff bem alimentados e provisionados para a longa viagem. O Arqueiro tinha até lhes fornecido os meios para um pequeno lucro da viagem, sob a forma de um escravo.

O nome do homem era Buttle. John Buttle. Ele era um criminoso, um ladrão e um assassino e sua presença na Araluen foi uma fonte de problemas potenciais para o Arqueiro. Como um favor, o jovem pediu Gundar para levá-lo como escravo a Escandinávia. O skirl naturalmente concordou. O homem era forte e disposto, e ele ia buscar um bom preço, quando chegassem em casa.

Mas será que eles nunca viriam o Hallasholm de novo? Eles pegaram uma tempestade gigante perto do Ponto de Sentinela e foram levados para o sul e oeste antes dele.

Quando chegaram mais perto da costa Araluen, Gundar ordenou retirar as

cordas de Buttle. Eles estavam indo para uma praia sotavento, uma situação que deixou os marinheiros com pavor, e havia uma boa chance de que o navio não iria sobreviver. O homem deve ter uma chance, Gundar pensou.

Ele ainda podia sentir o "crunch" revoltante quando Wolfcloud tinha se esmagado numa pedra escondida. Na época, ele sentiu como se sua própria coluna estava quebrando, e ele podia jurar que tinha ouvido o navio gritar em agonia. Ele sabia que instantaneamente, a partir de sua resposta lenta para o leme e do jeito que ela cedeu nos picos e depressões das ondas, que a sua espinha dorsal foi fraturado. Com cada onda sucessiva, aprofundou a ferida, e foi só uma questão de tempo antes que ela dividira-se em dois e afundaria. Mas Wolfcloud era um navio durão, e ela não estava pronta para deitar-se e morrer—ainda não.

Então, como se fosse uma recompensa divina para a coragem do navio atingido e os esforços de sua tripulação espancada pela tempestade, Gundar tinha visto a lacuna na costa rochosa, onde a boca do rio aumentou diante deles. Ele correu para ela, o navio acabado a favor do vento, e o colocou nas águas abrigadas do rio. Exaustos, os homens caíram para trás em seus bancos de remo quando o vento e as ondas selvagens morreram imediatamente.

Foi quando Buttle aproveitou a oportunidade. Ele pegou uma faca da cintura de um homem e cortou toda sua garganta. Outro remador tentou parar, mas ele estava fora de equilíbrio, e Buttle o derrubou também. Então ele estava sobre a grade e nadando para a margem oposta. Não havia maneira de ir atrás dele. Estranhamente, poucos Escandinavos sabiam nadar, e o próprio navio estava a ponto de naufragar. Amaldiçoando, Gundar foi forçado a o deixar ir e se concentrar em encontrar um ponto em que o navio poderia encalhar.

Na próxima curva, eles encontraram uma estreita faixa de telha que atendam à sua finalidade, e ele correu Wolfcloud para ela em um ângulo raso. Isso foi quando ele sentiu a quilha finalmente desistir, como se o navio tivesse mantido sua equipe de segurança até esse momento final e depois calmamente morreu sob seus pés.

Eles cambalearam em terra e montaram um acampamento no meio das árvores. Gundar sentiu que seria melhor manter-se escondido na área. Afinal, sem um navio, eles não tinham meios de escapar, e ele não tinha idéia de como os moradores poderiam reagir à sua presença, nem quantos homens armados que poderiam ser capaz de reunir. Escandinavos nunca fogem de uma luta, mas seria tolice provocar uma quando eles estavam presos neste país.

Eles tinham comida suficiente, graças ao Arqueiro, e ele precisava de tempo para pensar em alguma saída para esta confusão. Talvez, quando o tempo melhorasse, eles poderiam construir um pequeno barco das madeiras do

Wolfcloud. Ele suspirou. Ele só não sabia como. Ele era um timoneiro, não um carpinteiro naval. Ele olhou em volta do pequeno acampamento. Em uma colina fora da clareira onde estava sentado, tinham enterrado os dois homens que Buttle havia matado. Não poderia mesmo dar-lhes uma pira funerária propriamente dita, como era tradicional entre Escandinavos. Gundar responsabilizou-se por suas mortes. Afinal, ele era a pessoa que ordenou o prisioneiro ser libertado.

Ele balançou a cabeça e disse baixinho para si mesmo, "Amaldiçôo Buttle John para o inferno.

Eu deveria ter deixado cair-lhe ao mar. Com corrente e tudo."

"Você sabe, eu preferencialmente acho que concordaria", disse uma voz atrás dele. Gundar pulou de pé e girou, a mão caindo para a espada em seu cinto.

"Pelos chifres de Thurak!", Ele gritou. "De onde diabos você veio?"

Havia uma figura estranha, envolta em uma estranha capa preto-e-branco manchada, sentado em um tronco a poucos metros atrás dele. Quando Gundar disse que a palavra diabo, a mão hesitou meia espada desembainhada, e ele olhou mais de perto a aparição. Esta era uma antiga floresta, escura e proibitiva. Talvez esse fosse um espírito ou um fantasma que protegiam a área. Os padrões na capa pareciam tremular e alterar a forma como ele via e ele piscou os olhos para estabilizá-los. Uma vaga lembrança apareceu. Ele tinha visto isso acontecer antes.

Seus homens, ouvindo o barulho, tinham começado a reunir em torno. Havia algo sobre a camuflada figura que os preocupava também. Gundar notou que eles tomaram o cuidado de ficar bem atrás dele, olhando para ele por uma ordem.

A figura levantou, e Gundar involuntariamente deu meio passo para trás. Então, irritado consigo mesmo, ele se adiantou um passo inteiro. Sua voz era firme quando ele falava.

"Se você é um fantasma", disse ele, "nós não queremos te desrespeitar. E se você não é um fantasma, me diga quem você é ou você em breve será um".

A criatura riu suavemente. "Bem dito, Gundar Hardstriker, bem dito, de fato."

Gundar sentiu o cabelo na parte de trás de sua ascensão no pescoço. O tom foi bastante amigável, mas de alguma forma essa... coisa... sabia o nome dele. Isso só poderia significar algum tipo de poder foi super natural trabalhando aqui.

A figura o alcançou e empurrou para trás o capuz de seu manto.

"Ah, vamos lá, Gundar, não me reconhece?", Disse ele alegremente.

A Memória se agitou. Isso não era um fantasma transparente e magro, certamente. Era um cara jovem, com cabelos castanhos despenteados acima de profundos olhos castanhos e um sorriso largo. Um rosto familiar. E em uma corrida, Gundar lembrava onde tinha visto aquela estranha capa deslocadora de padrão antes.

"Will do Tratado", ele gritou de surpresa. "É realmente você?"

"Nenhum outro", respondeu Will e deu um passo à frente, segurando a mão no gesto universal de paz e bem-vindos. Gundar a pegou e a balançou duramente—não menos porque ele ficou aliviado ao descobrir que ele não estava enfrentando algum habitante sobrenatural da floresta.

Atrás dele, ouviu a sua tripulação, exclamando em voz alta a esse novo desenvolvimento. Ele supôs que estavam sentindo a mesma sensação de alívio. Will olhou à sua volta e sorriu.

"Vejo alguns rostos conhecidos aqui", disse ele. Um ou dois dos Escandinavos chamou em cumprimentos a ele. Os estudou e depois franziu ligeiramente.

"Não vejo Ulf Oakbender", disse ele para Gundar. Ulf havia lutado na batalha contra os Cavaleiros do Oriente, e ele tinha sido o primeiro a reconhecer Will na Ilha de Seacliff. Eles haviam se sentado juntos naquele famoso banquete, falando sobre a batalha. Will viu um momento de dor atravessar o rosto de Gundar.

"Ele foi assassinado por aquela cobra Buttle", disse ele.

O sorrido de Will desvaneceu-se. "Sinto muito em ouvir isso. Ele era um homem bom".

Houve um momento de silêncio entre eles quando eles lembraram um companheiro caído. Então Gundar apontou para acampamento por trás deles.

"Você não vai se juntaria a nós?", Disse. "Temos carne salgada e algumas cervejas indiferentes, cortesia de uma ilha muito generosa no sul."

Will sorriu para o sarcasmo e seguiu quando Gundar levou seu caminho para o acampamento pequeno. Ao passarem por um dos membros da tripulação, alguns estenderam e apertaram a mão de Will.

A visão de um rosto familiar, e esse rosto pertencendo a um Arqueiro, os fez começarem a ter esperança de que poderia haver uma maneira de sair da sua situação atual, depois de tudo.

Will sentou em um tronco de um dos incêndios, debaixo de um abrigo formado pela grande vela principal do Wolfship.

"Então, Will do Tratado", disse Gundar, "o que o traz aqui?"

Will olhou ao redor do círculo de rostos barbados que o rodeavam. Ele sorriu para eles.

"Eu estou procurando por homens lutadores", disse ele. "Eu pretendo saquear um castelo, e eu ouvi que seu povo é muito bom nisso."

2



O cavalo de batalha estava em uma baía bem formado. Seus cascos eram abafados pela grossa camada de neve no chão quando seu cavaleiro guiou-o com cuidado ao longo da trilha estreita ao lado de um córrego. Não havia como dizer quando a neve grossa, macia podia esconder um pedaço de gelo escorregadio, o que podia mandá-los correr, impotentes para baixo o barranco para a água. O fluxo se moveu lentamente, quase engasgou com o gelo derretido, lutando uma batalha perdida contra o frio que tentou congelá-lo por completo. O cavaleiro olhou para a água e tremia um pouco. Se ele fosse para isso vestindo uma armadura pesada e sobrecarregado com as suas armas ele teria pouca chance de sobrevivência. Mesmo se ele não se afogasse o frio lancinante com certeza o mataria.

Era óbvio pelo seu cavalo e seu equipamento que ele era um guerreiro. Ele carregava uma lança de três metros cinza, seu traseiro concebido em um suporte em seu estribo. Uma espada longa pendurada em seu lado esquerdo, e um capacete cônico estava lançado sobre o arco da sela. O capuz de sua camisa-armadura estava empurrado para trás. Ele tinha descoberto alguns dias antes que, neste terreno coberto de neve, não havia nada mais desconfortável do que a armadura congelada contra sua pele. Por isso, ele agora tinha um cachecol de lã enrolado no pescoço dentro da armadura e um gorro de pele bem puxado para baixo em sua cabeça.

Interessantemente, porque não era uma parte normal de armas de um cavaleiro, havia um arco em um estojo de couro pendurado ao lado do cavalo.

Mas talvez a parte mais significativa do seu equipamento era o seu escudo. Era um escudo redondo simples, pendurado atrás dele. Colocado dessa forma, forneceria proteção contra as flechas ou outros mísseis disparados de trás, ainda ele poderia colocar ele em posição em seu braço esquerdo em questão de segundos. O escudo era pintado de branco, e em seu centro havia um contorno azul de um punho fechado, o símbolo universal em Araluen de um free-lance—um cavaleiro sem mestre atual, procurando por emprego.

À medida que o caminho se afastou do fluxo e se alargava o cavaleiro relaxou um pouco. Ele inclinou-se e acariciou delicadamente o seu cavalo na

lateral do pescoço.

"Bem feito, Kicker", Horace disse calmamente. O cavalo jogou a cabeça em confirmação. Ele e o cavaleiro eram antigos companheiros. Eles tinham dependido um de cada um por várias campanhas. Foi esse fato que agora levava o cavalo a levantar as orelhas em alerta. Cavalos de Batalha eram treinados para considerar qualquer estranho como um inimigo em potencial.

E agora, havia cinco estranhos visíveis, cavalgando devagar na direção deles.

"Companhia", disse Horácio. Nesta viagem solitária, ele havia caído no hábito de falar com o cavalo. Naturalmente, o cavalo não respondeu. Horácio olhou ao redor, olhando para ver se havia alguma posição defensiva favorável por perto. Ele também foi treinado para considerar estranhos como inimigos em potencial. Mas neste ponto, a linha de árvores estava bem afastada da estrada em ambos os lados, apenas com pequenos arbustos crescendo entre a estrada e a floresta. Ele deu de ombros. Ele teria preferido em algum lugar que ele poderia colocar uma árvore sólida em suas costas. Mas não havia nada disponível, e ele tinha aprendido anos atrás para não perder tempo reclamando sobre coisas que não poderiam ser alteradas.

Ele controlou que o cavalo com uma ligeira pressão dos seus joelhos, levou o escudo ao redor de seu braço esquerdo. O pequeno movimento foi uma indicação de que, apesar da sua juventude, ele era mais do que familiar com as ferramentas de seu oficio.

Para ele era jovem. Seu rosto estava aberto e sincero, queixo forte, barbeado e bonito. Os olhos eram de um azul brilhante. Havia uma fina cicatriz, no alto da bochecha direita, onde uma adaga de um homem da tribo Arridi havia aberto há mais de um ano atrás. A cicatriz, por ser relativamente nova, ainda estava lívida. No ano passado, iria branquear e tornar-se menos proeminente. Seu nariz também estava um pouco torto, o resultado de um acidente quando um aprendiz de guerreiro se recusou a aceitar que o treinamento havia acabado. O estudante tinha atingido mais uma vez com sua espada de madeira. Ele teve várias semanas de detalhes punição para pensar sobre o seu erro.

Longe de depreciar sua aparência, o nariz torto deu ao jovem um certo ar fanfarrão. Havia bastante jovens donzelas do reino que sentiam isso encantar sua aparência, e não o contrário.

Horace cutucou Kicker mais uma vez, e o cavalo moveu-se quarenta e cinco graus para os cavaleiros que se aproximavam, apresentando o escudo em seu braço para eles, tanto para a proteção e identificação. Ele manteve a posição vertical lança. Nivelar ela seria um gesto desnecessariamente provocativo.

Ele estudou os cinco homens se aproximando dele. Quatro deles eram, obviamente, soldados.

Eles carregavam espadas e escudos, mas não lanças, o sinal de um cavaleiro. E todos eles usavam capotes estampados com o mesmo símbolo, uma chave de ouro ornada em um azul e branco quartel. Isso significava que todos eram empregados pelo mesmo Senhor, e Horace reconheceu a farda como pertencente à Macindaw.

O quinto homem, que cavalgava um metro na frente dos outros, era algo de um enigma. Ele carregava um escudo e vestia uma couraça de couro cravejado com ferro. Ele tinha caneleiras do mesmo material para proteger as pernas, mas fora isso, ele usava roupas de lã e calças. Ele não tinha capacete, e não havia um símbolo em seu escudo de dar qualquer pista sobre sua identidade. Uma espada pendia do seu punho, uma arma pesada, um pouco mais curta e mais grossa do que espada de cavalaria de Horace. Mas o mais estranho de tudo foi o fato de que, em lugar de uma lança, ele carregava um arpão de guerra pesado com cerca de dois metros de comprimento.

Ele tinha longos cabelos negros e barba, e ele parecia estar em um perpétuo estado de mau humor, com sobrancelhas grossas em conjunto uma carranca permanente. Juntando tudo, Horace pensou, ele não era um homem de confiança.

Os cavaleiros estava cerca de dez metros de distância quando Horace chamou.

"Eu acho que é perto o suficiente para o momento."

O líder fez um breve sinal, e os quatro soldados pararam. O líder, no entanto, continuou a cavalgar em direção Horace. Quando ele estava a cinco metros de distância, Horace libertou a coronha da lança do soquete ao lado de seu estribo direito e levou um ponto abaixo de modo que ele estava nivelado no cavaleiro que se aproximava.

O desconhecido tinha escolhido ser provocativo. Ele mal podia se ofender se Horace reagisse de tal maneira.

O ponto firme de ferro da lança, brilhando devidamente onde tinha sido cuidadosamente afiado na noite anterior, era destinada a garganta do cavaleiro. Ele trouxe seu cavalo para parar.

"Não há necessidade para isso", disse ele. Sua voz era áspera e irritada.

Horace encolheu um pouco. "E não há nenhuma necessidade para que você chegue mais perto", ele respondeu calmamente: "até que nós conhecemos um pouco melhor."

Dois dos soldados começaram a beirar seus cavalos para a esquerda e direita. Horácio os olhou brevemente, em seguida, voltou seu olhar para o rosto

do outro homem.

"Diga a seus homens para ficar onde estão, por favor."

O homem barbudo virou-se na sela e olhou para eles.

"Isso é o suficiente", ele ordenou, e eles pararam de se mover. Horácio olhou rapidamente para eles novamente. Algo não estava certo sobre eles. Então ele percebeu o que se tratava. Eles estavam desalinhados, seus capotes manchados e amassados, as armas e armaduras despolidas e entorpecidas. Eles estavam parecendo que estavam se escondendo na floresta e se colocando no caminho de viajantes inocentes do que usando as armas de um senhor do castelo. Na maioria dos castelos, os soldados estavam sob as ordens e disciplina dos sargentos experientes. Era raro que eles seriam autorizados a se tornar tão desgrenhados.

"Você está tendo um mal começo comigo, você sabe", disse o barbudo. Em outro homem, a observação pode ter tido conotação de humor ou de diversão para suavizar a ameaça implícita nas palavras. Aqui, a ameaça era evidente. Ainda mais quando ele acrescentou, depois de uma pausa, "Você pode vir a arrepender disso".

"E por que poderia ser isso?" Horace perguntou. O outro homem tinha obviamente pegou o ponto. Ele levantou a lança de novo e recolocou no encaixe do estribo quando o homem respondeu.

"Bem, se você está procurando trabalho, você não quer estar no lado errado, é por isso."

Horácio considerou a declaração, pensativo.

"Estou à procura de trabalho?", Perguntou ele.

O outro homem não disse nada, mas apontou para o dispositivo protetor de Horácio. Houve um longo silêncio entre elas e, finalmente, o homem foi obrigado a falar.

"Você é um free-lance", disse ele.

Horace assentiu. Ele não gostou das maneiras do homem. Era arrogante e ameaçador, o sinal de um homem que havia sido dada autoridade quando ele não estava acostumado a manejá-la.

"Verdade" admitiu. "Mas isso apenas significa que estou desempregado. Isso não significa que eu estou realmente procurando um emprego no momento." Ele sorriu. "Eu poderia ter recursos privados, apesar de tudo."

Ele disse isso agradavelmente, sem sarcasmo, mas o homem barbudo não estava disposto a mostrar sinais de bom humor.

"Não brinque com palavras, menino. Você pode possuir um cavalo de batalha e uma lança, mas isso não faz de você o galo da caminhada. Você é um mendigo vira-lata que está sem trabalho, e eu sou o homem que poderia ter lhe

dado um emprego se você tivesse mostrado um pouco de respeito."

O sorriso no rosto de Horácio morreu. Ele suspirou interiormente. Não com a insinuação de que ele era um mendigo esfarrapado, mas ao insulto inerente à palavra menino. Desde a idade de dezesseis anos, Horácio tinha sido utilizado para potenciais oponentes subestimarem suas habilidades por causa de sua juventude. A maioria deles tinha percebido o seu erro tarde demais.

"Onde você está indo?" O homem de barba exigia. Horácio não viu nenhuma razão para que ele não devesse responder a pergunta.

"Eu pensei em ir para o Castelo Macindaw", disse ele. "Eu preciso de um lugar para passar o resto do inverno."

O homem deu uma risada irônica quando Horace falou. "Então, você começou com o pé errado", disse ele. "Eu sou o homem que está contratando para o Lord Keren."

Horace franziu ligeiramente. O nome era novo para ele.

"Lord Keren?", Repetiu. "Pensei que o Lord de Macindaw era Syron?"

Seu comentário foi recebido com um gesto de desdém.

"Syron está acabado", disse o barbudo. "A ultima coisa que ouvi era que ele não tem tempo de vida. Pode já estar morto, pouco me importo. E seu filho, Orman, fugiu também, escondendo-se em algum lugar na floresta. Lord Keren está no comando agora, e eu sou o comandante da guarnição.

"E você é?" Horace perguntou, seu tom totalmente neutro.

"Eu sou Sir John Buttle", respondeu o homem em breve.

Horace franziu ligeiramente. O nome tinha um som vagamente familiar a ele. Além disso, ele poderia jurar que este rude-educado, provocador e mal vestido não era cavaleiro. Mas ele não disse nada. Havia pouco a ser ganho pelo homem contrariando-o ainda mais, e ele parecia se contrariar com muita facilidade.

"Então, qual é o seu nome, rapaz?"Buttle exigia. Novamente, Horace suspirou interiormente.

Mas ele manteve o tom leve e bem-humorado quando ele respondeu.

"Hawken", disse ele. "Hawken Watt, originalmente de Caraway, mas agora um cidadão desse amplo domínio."

Mais uma vez, seu tom de voz fácil atingiu nenhuma resposta de Buttle, cuja resposta foi curto-humorada e mal-educada.

"Não nessa parte, você não está", disse ele. "Não há nada para você em Macindaw e nada para você no feudo de Norgate. Mova-se.Esteja fora da área ao anoitecer, se você sabe o que é bom para você".

"Eu vou certamente considerar o seu conselho", disse Horácio. A carranca de Buttle se agravou e ele se inclinou para o jovem guerreiro.

"Faça mais do que isso, rapaz. Leve o conselho. Eu não sou um homem você que pretende atravessar. Agora comece a se mover. "

Ele apontou com o polegar em direção ao sudeste, onde a fronteira com o próximo feudo situava-se. Mas por agora, Horace tinha decidido que ele tinha ouvido falar bastante do Sir John Buttle. Ele sorriu e não fez qualquer tentativa para se mover. Exteriormente, ele parecia imperturbável. Mas Kicker sentiu a emoção pouco de prontidão que passou por seu mestre, e as orelhas do cavalo de batalha se levantaram. Ele podia sentir uma briga em um futuro próximo, e sua raça vivia para a luta.

Buttle hesitou, sem saber o que fazer em seguida. Ele fez sua ameaça, e ele estava acostumado com pessoas sendo intimidados pela força de sua personalidade e com à vista dos soldados prontos para cobrir as suas ameaças. Agora este jovem bem-armado simplesmente sentou-se diante dele, com um ar de confiança sobre ele que disse que não era perturbado pelas probabilidades de cinco para um. Buttle percebeu que teria que fazer uma melhora na sua ameaça ou recuar. Enquanto ele estava pensando isso, Horace preguiçosamente sorriu para ele e o recuo de repente parecia uma boa opção.

Irado, ele virou o cavalo de distância, apontando para os seus homens para seguir.

"Lembre-se que eu disse!"Atirou por cima do ombro enquanto ele estimulou o seu cavalo de distância. "Você tem até o anoitecer."

3



Malcolm o curandeiro, mais conhecido como Malkallam o Feiticeiro Negro, olhou rapidamente de seu trabalho quando Will entrou na pequena clareira na Floresta Grimsdell.

Cada manhã, às onze horas, Malcolm, providenciava tratamento médico a seu povo. Aqueles com lesões ou doenças faziam fila em linha pacientemente fora da confortável casa do curandeiro para que ele pudesse diagnosticar e tratar suas doenças, entorses, cortes, feridas e febres. Dado que muitas das pessoas que moravam no pequeno assentamento florestal haviam sido expulsas de suas casas anteriores por causa de deficiência física ou desfiguração, havia geralmente uma longa fila de pacientes. Muitos tinham problemas de saúde que requeriam cuidados necessários constantes.

Seu último paciente foi um caso relativamente simples. Um jovem de onze anos tinha decidido utilizar a melhor capa de sua mãe como um par de asas, enquanto ele tentava voar de uma altura de quatro metros de uma arvore. Malcolm terminou a ligação resultante do tornozelo torcido, colocou um pouco de pomada nos cotovelos raspados e pulsos e agradou o suposto cabelo aventureiro.

"Pode ir", disse ele, "e a partir de agora, deixe a mágica para mim."

"Sim, Malcolm", disse o rapaz, baixando a cabeça, envergonhado. Então, quando ele estava mais distante, o curandeiro virou-se para onde Will estava tirando a sela de seu cavalo. O homem mais velho observava com aprovação, observando a ligação entre os dois quando o Arqueiro falou suavemente para o animal enquanto ele esfregou-a para baixo. O cavalo quase parecia entender suas palavras, respondendo com um ronco bem-humorado e um lance de sua crina curta.

"Eu ouvi que você encontrou os Escandinavos, então?" Malcolm disse finalmente.

Will assentiu. "Vinte e cinco primorosos lutadores", disse ele. "Eles estavam exatamente onde o seu mensageiro nos disse que estariam, nas margens do rio Oosel".

O pessoal de Malcolm tinha um alcance muito amplo e através da vasta

floresta. Pouca coisa que acontecia dentro de seus limites não era visto. E quando eles viram algo fora do comum, eles trouxeram a palavra para o curandeiro. Quando chegaram os relatórios de um grupo de náufragos Escandinavo, Will tinha definido para encontrá-los.

"E eles foram felizes em oferecer a sua ajuda?" Malcolm perguntou. Will encolheu os ombros quando se sentou na varanda ensolarada ao lado do velho curandeiro.

"Eles ficarão felizes em receber o dinheiro que eu lhes ofereci. Além disso, o capitão achou que me devia alguma coisa, porque ele deixou escapar Buttle."

Xander, o secretário e assistente de Macindaw Orman, saiu da casa.

"Como esta Orman?" Malcolm perguntou. O senhor do castelo havia sido envenenado por Keren em sua tentativa de ganhar controle de Macindaw. Will e Xander tinham chego à clareira secreta do curandeiro a tempo para salvar sua vida.

"Ele esta muito melhor. Mas ele ainda está muito fraco. Ele está dormindo novamente", Xander disse.

Malcolm balançou a cabeça, pensativo. "Esse é o melhor remédio para ele agora. O veneno está fora de seu sistema. Seu corpo pode curar-se a partir de agora. Deixe-o descansar."

Xander parecia duvidoso. Apesar do fato de que Malcolm tinha salvado a vida de seu mestre, ele ainda viu o curandeiro com certa desconfiança. Ele sentiu Malcolm deve fornecer o tratamento mais tangível do que a simples injunção "Deixe-o descansar." Mas havia algo mais irritante para ele no momento.

"Eu ouvi-o dizer que você se ofereceu para pagar esses Escandinavos?", Perguntou Will.

Will sorriu para ele e balançou a cabeça. "Não. Eu ofereci para deixar vocês pagarem eles", respondeu ele. "Setenta ouros reais por seus serviços."

Xander irritou com ele, indignado. "Isso é escandaloso!", Disse. "Você não tinha direito de fazer uma coisa dessas! Orman é o Lord de Macindaw. Tais negociações eram apenas com ele, ou eu, na sua ausência!"

O secretário tinha provado ser um homem valente e muito leal ao seu senhor. Mas que poderia fazê-lo agir um pouco pretensioso, às vezes. Will olhou-o de forma significativa. Ele ouviu o bufar desdenhoso de Malcolm.

"No momento,"Will disse, com uma nota de advertência em sua voz ", Orman é senhor de nada, nem mesmo a cama emprestada ele está dormindo. Então, atualmente eu estou acima dele. Você parece esquecer que eu ajo com a autoridade do rei."

Xander percebeu que era verdade. Will era um Arqueiro, afinal, a despeito

do fato de que ele tinha vindo para Macindaw disfarçado como um bardo. Era difícil para Xander a aceitar que tal autoridade vasta poderia ser investida em alguém tão jovem como Will. Ele recuou agora, mas com relutância.

"Mesmo assim", disse ele, "setenta reis? Certamente você poderia ter feito melhor do que isso!"

Will balançou a cabeça com a atitude do secretário.

"Você pode renegociar, se quiser. Tenho certeza que os Escandinavos terão o prazer de negociar com alguém que vai ficar assistindo enquanto eles arriscam suas vidas".

Xander viu que ele estava em terreno movediço. Mas ele era teimoso demais para simplesmente admiti-lo.

"Bem, talvez. Mas depois de tudo, é comércio deles, não é? Eles lutam por dinheiro, não?"

"Está certo" Will concordou, pensando que Xander poderia ser um homem muito chato. "E isso lhes dá uma boa idéia do que suas vidas valem. Além disso, olhar para o lado positivo. Talvez nós vamos perder, e então você não vai dever-lhes um centavo".

Houve uma aresta dura a sua voz que finalmente penetrou a atitude arrogante de Xander. O secretário percebeu que poderia ser melhor não prosseguir este assunto ainda mais. Ele inalou e foi embora, fazendo com que Will e Malcolm pudessem apenas ouvir a sua observação de despedida: "Setenta ouros reais, de fato! Eu nunca vi tanta extravagância!"

Malcolm olhou para Will e encolheu os ombros com simpatia. "Eu espero que você possa obter esse homem de volta em seu castelo antes de muito tempo", disse ele. "Estou cansando dele muito rapidamente."

Will sorriu. "Ainda assim, ele é muito leal. E ele pode ser um pequeno anão corajoso, como você observou."

Malcolm considerou o fato de alguns segundos. "É estranho, não é?", Observou longamente.

"Você esperaria qualidades como essa para fazer uma pessoa muito simpática. Mas de alguma forma ele consegue irritar o diabo fora de mim. "Ele fez um gesto breve dispensando Xander como um assunto de conversa. "Então, venha para dentro e me conte mais sobre esses Escandinavos de vocês."

Ele abriu o caminho dentro da casa, onde havia um pote de café preparando. No pouco tempo que tinha conhecido o jovem Arqueiro, ele tinha consciência de sua quase-dependência pela bebida. Serviu-lhe um copo agora e sorriu quando Will provou, estalou os lábios e soltou um suspiro sensibilizado. Os dois assentaram em cadeiras confortáveis na mesa de cozinha de Malcolm.

"Eles estarão aqui ao longo de um dia ou dois," Will continuou. "Eu os

deixei para arrumar seu acampamento e seguir em diante. Um pessoal dos seus irá orientá-los aqui. Devo dizer que tivemos sorte de encontrá-los. Eu vou precisar de guerreiros, e eles estão em oferta bastante escassa. "Nos primeiros dias depois de ter deixado Alyss presa na torre de Macindaw, Will tinha procurado arduamente para encontrar um caminho para sua libertação. Gradualmente, seu desespero diminuiu quando ele percebeu que precisaria de reforços e um plano antes que ele pudesse montar um ataque. A notícia dos Escandinavos foi como um presente dos céus.

Malcolm suspirou. "Verdade", disse ele. "Minhas pessoas não lutadoras. Eles não são treinados e equipados para o trabalho."

"E as pessoas das aldeias por aqui dificilmente se juntariam a nós. Estão todos aterrorizados com Malkallam o Feiticeiro Negro ", disse Will. Ele sorriu para mostrar não houve ofensa pretendida. Malcolm balançou a cabeça, reconhecendo a verdade.

"Isso é um fato. Então o que você pretende fazer quando os Escandinavos chegarem aqui?"

O Arqueiro hesitou antes de responder. "Então... vamos ver. Vou ter de descobrir uma maneira de tomar o castelo e tirar Alyss sair de lá."

"Você já fez esse tipo de coisa antes?" Malcolm perguntou.

Will sorriu tristemente. "Não realmente", admitiu. "Isso nunca veio na minha formação de Arqueiro".

Ele não quis se alongar sobre o assunto. Ele esperava que os Escandinavos pudessem ter algumas idéias sobre o assunto, mas ele cruzaria essa ponte quando chegasse a ela.

Malcolm coçou o queixo, pensativo. "Você já pensou em enviar um pedido de ajuda para o Castelo Norgate?"

Will deslocou-se desconfortavelmente em sua cadeira. "Pensei", respondeu ele. "Mas, Keren tem a estrada isolada. Nenhum cavaleiro está conseguindo passar."

Os observadores de Malcolm tinham relatado que os cavaleiros rumo ao oeste estavam sendo parados e voltavam.

"Exceto os seus próprios" Malcolm respondeu. "Um cavaleiro deixou Macindaw enquanto você estava fora."

Will assentiu com a cabeça melancolicamente. "Keren não é tolo. Aposto que ele relatou que Orman é um traidor e fugiu, deixando Keren para manter Macindaw segura. Isso é o que eu faria no seu lugar. O problema é que ele é muito querido e respeitado. Eles vão estar inclinados a acreditar nele. Considerando que eu sou um estranho. Além do mais, eu estou aliado a um acusado de traidor e um feiticeiro conhecido".

"Mas você é um Arqueiro do Rei", disse Malcolm.

"Eles não sabem disso. Minha presença aqui era um segredo. "Will riu com o pensamento.

"Vamos supor que eu conseguisse passar uma mensagem, e vamos assumir que eles não a rejeitassem. O que você acha que eles podem fazer?"

Malcolm considerado por um momento. "Enviar soldados para nos ajudar?", ele sugeriu, mas Will balançou a cabeça.

"É inverno. Seu exército esta dispensado para suas casas. Seria preciso um par de semanas para montá-los. É uma campanha grande, e eles não vão fazer isso apenas com um estranho os dizendo. O melhor que poderíamos esperar é que eles pudessem enviar alguém para investigar, para descobrir quem está dizendo a verdade. E mesmo isso iria demorar pelo menos duas semanas, é uma semana lá e mais uma semana de volta, depois de tudo."

Malcolm fez uma careta. "Não há muito que podemos fazer, não é?"

"Nós não estamos exatamente indefesos", Will disse ele. "Com vinte e cinco Escandinavos, podemos causar a Keren um pouco de dificuldade. Então, uma vez eu tenha algumas provas concretas, enviaremos a palavra a Norgate".

Ele fez uma pausa, franzindo pesadamente. Ele desejava que ele fosse um pouco mais experiente em questões como esta. Ele foi o Arqueiro mais júnior no corpo e, verdade seja dita, ele não tinha certeza de que ele estava tomando o caminho certo. Mas Halt sempre lhe ensinou para reunir o máximo de informação possível antes de agir.

Pela vigésima vez nos últimos dias, ele desejou poder contatar Halt. Mas o manipulador de pombo de Alyss parecia ter desaparecido do distrito. Expulso pelo Buttle e seus homens, o mais provável, ele pensou tristemente, em seguida, sacudiu os pensamentos negativos, com um esforço.

"Então, o que mais vem acontecendo enquanto eu estive fora?", Perguntou ele.

Esvaziou o café e olhando esperançosamente para o pote. Malcolm, que estava consciente de que sua oferta de grãos de café estava acabando, cuidadosamente ignorou a sugestão, e o suspiro calmo que se seguiu. Ele vasculhou algumas folhas de notas que tinha tomado quando seus espiões tinham relatado.

"Há duas coisas", disse ele. "Sua amiga Alyss vem mostrando uma luz em sua janela nas ultimas duas noites."

Essa notícia tirou o pensamento sobre café de Will. O jovem sentou-se para cima na cadeira.

"Uma luz?", Disse ele ansiosamente. "Que tipo de luz?"

Malcolm deu de ombros. "Parece que apenas uma lanterna simples. Mas

ele se move em torno da janela."

"De esquina a esquina?" Will perguntou. Malcolm ergueu os olhos de suas anotações, surpreso.

"Sim", disse ele. "Como você soube disso?"

Will estava sorrindo largamente agora. "Ela está usando o código de sinal dos Mensageiros", disse ele. "Acho que ela sabe que, mais cedo ou mais tarde, eu vou estar olhando. Quando ela faz isso?"

Malcolm não precisou consultar as notas neste momento. "Normalmente, após o relógio da meia-noite foi mudado—por volta das três da manhã. A lua está baixa essa hora, então a é mais fácil para mostrar a luz."

"Bom!", Disse Will. "Isso me dá tempo para preparar uma mensagem. Estou um pouco enferrujado no código", acrescentou ele, desculpando-se. "Não tivemos a utilizá-lo desde a minha avaliação do quarto ano. Você disse que havia um par de itens?", Alertou.

Malcolm embaralhou as páginas novamente. "Ah, sim. Uma das minhas pessoas viu Buttle e os seus homens falando com um guerreiro por nas ruínas da enseada outro dia. Ele pensou que eles poderiam estar o contratando, mas o guerreiro parecia os mandar empacarem. Então ele afastou-se. Creio que ele pegou um quarto na estalagem".

Esta notícia foi menos arrebatadora, Malcolm viu.

Will, seus pensamentos já compondo uma mensagem para Alyss, perguntou distraidamente,

"Seus homens puderam ver o brasão do guerreiro?"

"Um punho azul. Ele era um free-lance. Tinha um punho azul sobre um escudo branco. Um escudo redondo. "

Essa notícia definitivamente chamou atenção do Arqueiro. Ele olhou para cima rapidamente.

"Mais alguma coisa? Ele era jovem ou velho?"

"Muito jovem, aparentemente. Surpreendentemente, assim, na verdade. Um sujeito grande, montando uma grande baia. Meu rapaz estava perto o bastante para ouvi-lo falar com o cavalo.

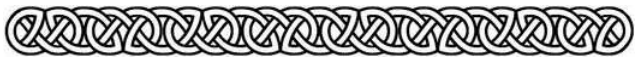
Chamou Nicker ou Whicker ou algo parecido."

"Kicker?", Disse Will, um raio de esperança gigante surgindo dentro dele.

Malcolm balançou a cabeça. "Sim". Isso podia ser ele. Faz mais sentido do que Nicker, não é mesmo? Você o conhece?"Acrescentou. Pela reação de satisfação de Will, era óbvio que sim.

“Ah, eu acho que eu poderia", disse ele. "E se ele é quem eu penso que é as coisas deram uma grande volta para melhor."

4



Sozinho em sua prisão na torre, Alyss estava esperando a lua para definir. Ela considerou que ainda havia uma hora para ir e começou a fazer sua simples preparação.

Acendeu a luz de óleo, mantendo o pavio tão baixo quanto possível. Ela já tinha colocado um cobertor enrolado ao longo da parte inferior da porta para evitar a luz ser vista pelos guardas na sala de fora. Quando a pequena chama queimava de forma constante, ela ocultou-a sob um dos chapéus cônicos ridículos que tinha trazido como parte de seu disfarce como a rica, mas cabeça vazia Lady Gwendolyn.

"Sabia que eu ia encontrar um uso para estas coisas estúpidas", murmurou para si mesma.

No começo do dia, os pertences de Alyss tinham sido devolvidos a ela, depois que tinham sido procurados, é claro. Conseqüentemente, ela tinha mudado de volta para seu próprio simples e elegante vestido branco, deixando de lado as modas ornamentais que eram adequadas à sua falsa identidade. Ela estava feliz por estar vestindo sua própria roupa de novo, contente por jogar fora a identidade da cabeça de vento Lady Gwendolyn. Ela também foi aliviada ao descobrir que sua bolsa de escrever, com as folhas de pergaminho, pena e tinta e giz grafite, estavam em sua bagagem também.

Ela puxou a cortina pesada para trás e colocou a lamparina no andar de baixo da janela, atirando o chapéu alto para um lado. Ela colocou-se a buscar as trevas exteriores, concentrando-se especialmente na linha irregular que marcou onde a massa negra da floresta começava. Para o momento, não havia nenhum sinal de resposta aos sinais de que havia enviado nas ultimas duas noites. Mas ela tinha sido educada com paciência, e ela esperou e assistiu calmamente. Cedo ou tarde, ela sabia, Will iria tentar fazer contato novamente. Enquanto esperava, pensava sobre eventos nos últimos poucos dias.

Desde a tentativa de resgatá-la, Keren tinha apresentado a ela para mais uma sessão de interrogatório, usando sua pedra preciosa azul para hipnotizá-la e ver se ela estava escondendo algum segredo ainda.

Rapidamente se tornou óbvio que não havia nenhuma. Pelo menos, nada

que ele pensou em perguntar a ela sobre. Essa era uma lacuna do hipnotismo. Alyss iria responder livremente todas as perguntas que ele perguntasse, incapaz de esconder fatos ou mentir para ele. Mas ela não iria oferecer informações a menos que fosse solicitada. Por conseguinte, em resposta às suas perguntas, ela lhe tinha dito tudo sobre como Will e ela havia sido designado para investigar os rumores de feitiçaria no feudo Norgate, e da misteriosa doença que tinha ferido o seu comandante, o Senhor Syron. Ela também revelou que Will era um Arqueiro, e não um bardo.

Em circunstâncias normais, Alyss teria ficado horrorizada por ter revelado segredos de como estes. Mas é claro que ela estava dizendo a Keren pouco que ele já não soubesse. Buttle já tinha revelado sua identidade, e que rapidamente adivinhado que Will não era bardo, mas um Arqueiro do Rei. Nada que disse a Keren poderia fazer-lhes mal nenhum agora. Além de sua determinação para resgatá-la, ela não tinha conhecimento detalhado dos planos de Will.

Em uma mostra de desafio, ela teve a Keren disse Will certamente teria enviado uma mensagem ao Castelo Norgate por agora, para que as autoridades pudessem levantar uma força para vir e atacar Macindaw. Ela ficou intrigada com o fato de que Keren descartou isso como sem importância.

Desde Alyss responderam a perguntas diretas somente quando ela estava hipnotizada, ela não tinha feito qualquer menção ao fato de que o couro coberto de garrafa de vidro de ácido que Will tinha usado para cortar através das grades em sua janela estava escondido no armário. As barras foram substituídas, é claro, e ela disse Keren que Will tinha usado ácido. Mas o cavaleiro renegado assumido Will tinha levado com ele. Não havia nenhuma maneira para que ele saiba que, na noite da tentativa de fuga, sem pensar Alyss tinha colocado a garrafa em cima da moldura da janela. No dia seguinte, ela se lembrou que estava lá e escondeu no pequeno guarda-roupa que completava o fornecimento de sua prisão, juntamente com uma cama desconfortável, duas cadeiras e uma mesa. Certamente não era luxuosa, mas poderia ter sido muito pior. Quanto ao ácido, haveria um momento em que poderia ser útil, ela pensou.

Seus olhos começaram a lacrimejarem com a força da meia-luz de fora da torre. Ela se afastou por alguns segundos, os esfregou, piscou os traços de lágrimas e em seguida, ficou olhando mais uma vez.

Quando a lua se estabelecesse, ela iria começar a sua sinalização.

Will estava se concentrando, a ponta da sua língua para fora do canto de sua boca enquanto ele codificava sua mensagem para Alyss. O cão estava debaixo da mesa e descansou os pés descalços sobre sua pele quente. De tempos em tempos, ela resmungou contente, como os cães fazem. Ele olhou para ela, sorrindo.

"Legal você passar algum tempo comigo", disse ele. "Onde está o seu novo amigo?"

Seu novo amigo era Trobar, o gigante deformado que era um dos seguidores mais fiéis de Malcolm. O cão e Trobar travaram uma amizade instantânea. O gigante tinha liberado todo o carinho reprimido de alguém que passou anos com nenhuma pessoa ou criatura para amar. O cão pareceu sentir a sua necessidade e retribuiu, passando horas a cada dia em sua companhia.

No começo, Will tinha ficado um pouco ciumento. Então ele percebeu o quão importante era o companheirismo para Trobar e sentiu um pouco meio-animado. O cão, pensava ele, era mais sábio e tinha mais índole do que ele.

Ele estava trabalhando na mesa de Malcolm, e ele olhou para cima quando o curandeiro entrou na sala. Malcolm olhou com interesse em folhas de papel cobertas com letras e números. Em uma folha, Will tinha escrito a mensagem que queria enviar. No segundo, ele teve as letras traduzidas em código.

Ele viu o interesse de Malcolm e, tentando parecer casual, virou a pagina original para baixo.

O código dos Mensageiros, conhecido do Serviço Diplomático e do Corpo de Arqueiro, era um segredo zelosamente guardado. Mas era realmente muito simples, e ele não quis dar a Malcolm, embora pudesse ser um aliado, qualquer chance de descobrir.

Malcolm sorriu quando viu o gesto. Era um fato que ele estava tentando ter um vislumbre. Se ele pudesse ver a mensagem original, juntamente com a versão cifrada, estava confiante de que poderia desvendar o formato do código. O rapaz da mesa não era tolo, refletiu.

"O sol ira se por em uma hora ou mais", disse ele.

Will assentiu. "Vamos começar a ir em breve. Eu estou quase terminando".

"Você vai enviar sua mensagem usando uma lamparina, acertei?" Malcolm perguntou.

"Acertou. É curta porque não há muito a dizer a ela no momento. É só para deixar que ela saiba que nós estamos prestando atenção e estabelecer um cronograma para novas mensagens".

O curandeiro viu outra folha de papel sobre a mesa, juntamente com um pequeno preto e brilhante seixo.

"Existe alguma maneira que nós poderíamos enviar isso para ela?", Perguntou ele. "Quero dizer, você poderia amarrá-lo a uma flecha e atirar pela janela? Algo como isso?"

Will balançou a cabeça e pegou a sua aljava. Malcolm tinha notado que as armas do Arqueiro jovens estavam sempre fáceis de alcançar.

"Isso não é um método muito confiável. Se você amarrar alguma coisa em uma flecha, ela tende a cair quando você atirar-la", disse ele. "Nós faremos um pouco diferente."

Ele deslizou uma flecha incomum da aljava e a colocou sobre a mesa.

Em vez da habitual navalha de cabeça larga na ponta, ele tinha um cilindro alargado. Malcolm examinou-a com curiosidade. O cilindro estava vazio. A tampa de rosca, montada por um peso de chumbo arredondado, enroscada no final para selá-la.

"Você colocou a mensagem escrita aqui?" Ele adivinhou.

Will assentiu novamente. Ele recostou-se para confortar o ombro e os músculos do pescoço. Ele estava debruçado em cima da mesa há algum tempo, inicialmente escrevendo uma carta fora do código, em seguida, a mensagem, então o próprio código. Quando ele se moveu, o cão mexeu.

Sua cauda bateu no chão.

"Está certo. Eu poderia usar a mensagem de luz para avisar Alyss para sair do caminho, depois disparar a flecha através de sua janela."

"Fácil assim?" Malcolm sorriu.

Will levantou uma sobrancelha. "Fácil assim. Se você já passou cinco anos aprendendo a colocar flechas exatamente onde você quiser."

"E a pedra?" Malcolm disse. "Pode colocar isso dentro também?"

Will pegou o seixo preto pequeno e pesado experimentalmente em sua mão.

"Eu não vejo porque não. Vou ter de reduzir a liderança para compensar o peso extra e me certificar que a flecha permanece equilibrada. Eu suponho que você tem algumas escalas que eu poderia usar?"

"Claro. Eles são ferramentas básicas do comércio de um curandeiro ".

"A pergunta é:" Will continuou, "porque estou atirando uma pedra através da janela em primeiro lugar?"

"Aaah, sim", disse o curandeiro, colocando um dedo ao lado de seu nariz. "Gostaria de saber quando você ia perguntar isso. É para ajudá-la se Keren tenta hipnotizá-la novamente."

Isso ganhou o interesse de Will imediatamente. Ele olhou para a pedra, examinando com mais cuidado. Parecia não haver nada fora do comum sobre o assunto. Ele franziu a testa.

"O que ela faz?", Perguntou ele.

Malcolm gentilmente tomou a pedra de sua mão e ergueu-a, admirando seu brilho profundo.

"Isso vai neutralizar a gema azul que ela disse que Keren está usando", disse ele. "Você vê, mesmerismo ou hipnotismo, como alguns chamam, é uma

questão de foco mental. Keren tem criado uma situação em que a pedra preciosa azul se concentra na mente de Alyss aos seus comandos. Mas se ela puder manter esta pedrinha na palma da mão e se concentrar em algum tipo de imagem forte alternativa, ela poderá resistir a esse foco e permanecer no controle de sua própria mente. Se ela é inteligente, Keren nunca vai saber que ela quebrou seu domínio sobre ela, e que poderia ser útil. Ela pode ser capaz de dizer-lhe todo o tipo de desinformação".

Ele entregou a pedra de volta para Will, que a virou, olhando para ver se havia algo sobre ele que ele tinha perdido. Além da sua superfície em preto brilhante, ele não podia ver nada de especial.

"Como ela faz isso?", Perguntou ele. Pareceu-me um pouco como ilusão para ele, mas Alyss tinha sido muito clara sobre o efeito da gema azul Keren, e quando ele contou a história de Malcolm, o velho curandeiro tinha compreendido o significado da pedra azul de uma vez.

Malcolm encolheu-se agora, em resposta à pergunta de Will.

"Ninguém realmente sabe. É stellatite, você vê", disse ele, como se isso explicasse tudo. Então, vendo a pergunta na boca de Will, ele continuou, "Pedra de Estrela. É tudo o que resta de uma estrela cadente. Achei ela anos atrás. Stellatite é extremamente valioso, provavelmente porque tem propriedades de outro mundo. De qualquer forma", concluiu ele," Eu realmente não sei como funciona. Eu só sei que ele faz."Ele sorriu. "É humilhante para um homem de ciência tem que admitir uma coisa dessas, mas o que posso fazer?"

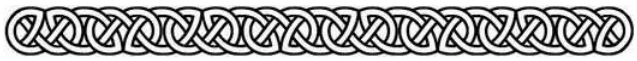
Will assentiu, convencido. Ele olhou para a folha de papel que Malcolm tinha colocado sobre a mesa. Ele continha uma descrição da pedra e delineou a sua utilização. Mas a folha era demasiado volumosa para a flecha de mensagem. Ele enfiou a mão no pacote e produziu uma frágil folha fina de papel mensagem.

"Então, eu acharia melhor começar a reescrever a sua mensagem", disse ele. "Enquanto estou fazendo isso, talvez você possa pesar a pedra e o peso de chumbo sobre a flecha?"

Malcolm pegou a flecha e o seixo.

"Considere feito", disse ele, voltando-se para sua pequena oficina na parte de trás da casa.

5



Na torre, Alyss começou seu ritual de todas as noites com a lamparina, segurando-a alta em um canto da janela, em seguida, movendo-a progressivamente para os outros três cantos.

Ela fez isso cinco vezes, depois parou, colocando a lamparina no chão e fazendo uma varredura do campo escuro fora das muralhas do castelo. Ela havia feito isso nos últimos dois dias e até agora tinha sido decepcionado ao ver nenhum sinal de retorno. Ela agarrou-se à esperança, que iria responder. Mas a esperança estava ficando mais fraca e mais fraca. Talvez ele estivesse—

Uma luz! Lá estava, à sua esquerda, movendo-se entre as árvores! Por um momento, ela sentiu a emoção surgir, então, tão rapidamente, deflacionou quando ela percebeu que a luz estava vermelha e que estava se movendo a uma altura fixa do chão, desvanecendo e piscando alternadamente como árvores obscurecida-lo. Ela sabia que luzes estranhas eram freqüentemente relatadas entre as árvores da Floresta Grimsdell. Talvez isso fosse tudo o que era.

Então, fora a sua direita, viu outra. Esta era amarela, e se moveu para cima e para baixo em uma linha reta. Em seguida, ele desapareceu por alguns segundos, reaparecendo alguma distância à esquerda da sua posição original, movendo para cima e para baixo.

Enquanto ela observava, ela saiu de novo e reapareceu a luz vermelha, voando dentro e fora da vista entre as árvores. O coração de Alyss afundou. Por um momento ela havia pensado que suas tentativas foram bem sucedidas.

Então ela viu isso! Em um ponto a meio caminho entre as outras luzes, uma luz branca brilhante apareceu de repente. E ela traçou um padrão constante quadrado, tal como ela própria tinha feito, em um canto do quadrado para outro em uma seqüência constante. Superior esquerdo.

Topo à direita. Inferior direito. Inferior esquerdo.

Muito abaixo, ela ouviu o murmúrio das vozes suaves nas ameias quando sentinelas também viram as luzes, e ela percebeu o que Will estava fazendo. Ele sabia que não havia nenhuma maneira que poderia ocultar a luz das guardas. E uma vez que a notícia de uma luz branca intermitente fosse relatada a Keren, não iria demorar muito para que o líder renegado imaginasse que alguém estava

sinalizando. E só havia uma pessoa que eles poderiam estar sinalizando para.

Então Will decidiu esconder a sua lamparina de sinalização entre outras luzes, o tipo de luzes que as pessoas esperavam para ver à margem da Grimsdell Wood. Ela sorriu para si mesma—

Will estava escondendo uma árvore na floresta, como dizia o velho ditado. Outra luz, uma azul, estava piscando. Em seguida, o amarelo estava de volta. Em seguida, o vermelho. E então a um branco no centro. Ela colocou-se a ignorar vermelho, azul e amarelo e assistir apenas branco.

Ela pegou sua própria lamparina, escondida por trás de uma parte dura de velhas peças de couro secas que tinha encontrado descartadas no fundo do armário.

Ela centrou a luz na janela e jogou o couro para trás e para frente cinco vezes, enviando uma série de cinco flashes rápidos para os observadores na margem da floresta. No código, cinco flashes rápidos a partir do centro da praça significavam que a comunicação tinha sido estabelecida.

Imediatamente, a luz de outro respondeu na mesma moeda. Cinco flashes rápidos, então uma pausa, depois três piscadas longas—a resposta padrão significando, Você está pronto para receber uma mensagem?

Ela correu para a mesa e pegou papel e um giz grafite. Ela sabia que Will esperaria até que ela estivesse pronta. De volta à janela, ela levantou a lamparina em uma linha vertical, para cima e para trás três vezes. A luz branca refletiu fora da ação. Na sua visão periférica, ela podia ver as luzes coloridas piscando e movendo piscando afastado. Ela nem percebeu que outra luz vermelha se juntou à exibição. Mas sua atenção estava voltada para a luz branca.

Ela começou a piscar, e ela anotou as letras como Will enviou.

O código dos Mensageiros era um sistema simples, mas eficaz. Vinte e quatro das letras do alfabeto eram dispostos em uma grade de quatro linhas numeradas, seis letras para uma linha.

Para conseguir uma grade mesmo, as cartas Z e W foram omitidas. S e V tomariam seu lugar, se necessário.

Isso significava que a letra A foi representada pela cifra de 1-1, sendo a primeira linha da grelha e a primeira letra da linha.

Pela mesma razão, G seria 2-1, e P seria 3-4. A pessoa que envia a mensagem iria estipular o número da linha, mantendo a lamparina em um canto específico da praça. 1 era superior esquerdo, 2 era superior direito, 3 era inferior esquerdo e 4 era inferior direito.

Por exemplo, se o sinal luminoso fosse movido para o canto inferior esquerdo, em seguida, voltasse para o centro onde havia piscado duas vezes, o receptor poderia saber que significava terceira fileira, segunda carta, ou N.

Ao contrário de Will, que teve de elaborar a grade para compor a sua mensagem—um fato que Halt teria achado altamente insatisfatório—Alyss sabia a grade de cor e podia anotar as letras diretamente quando elas eram enviadas.

A luz piscou para fora constantemente. Para o olho destreinado, era apenas uma outra luz aleatória piscando na floresta. Mas, para Alyss, a série de flashes eram tão fáceis de ler quanto um livro aberto. Ela os anotou rapidamente. Ela sorriu uma vez. Will não era um remetente rápido. Qualquer Mensageiro o venceria facilmente. Então ela percebeu que a velocidade era menos importante do que precisão, e ele provavelmente estava ardente no objetivo de sua tarefa, a ponta de sua língua saliente, como sempre fazia quando ele estava concentrado.

A luz moveu verticalmente por diversas vezes, depois desapareceu, sinalizando que a mensagem foi concluída. Ela pegou sua própria lamparina e respondeu com o mesmo sinal, então se virou para ler o que ela tinha rabiscado. Ela tinha certeza que ela tinha lido exatamente como foi transmitido, mas reviu para ter certeza. Ela moveu o dedo pelas palavras. Eram bruscamente rabiscadas e desiguais, que ela tinha escrito com os olhos firmemente fixos no luz.

Não havia nenhuma pontuação no código, é claro, mas ela entendeu que Will iria atirar uma flecha de mensagem através de sua janela em dez minutos e estava a avisando de ficar longe da janela. A palavra ACK era um atalho de código padrão para reconhecimento. A assinatura final, LOVE WILL, estava altamente irregular. Esse tipo de toque pessoal havia sido desaprovado durante a sua formação. Ela sorriu mais uma vez. Você poderia ler as palavras antes dela dizendo que ela estava a reconhecendo a própria mensagem, ou as duas ultimas palavras, LOVE WILL.

"De qualquer maneira", ela murmurou para si mesma. Rapidamente, ela pegou a lamparina e a moveu verticalmente na janela três vezes: para cima, para baixo, para cima. Esse era o sinal padrão que havia reconhecido.

Então ela puxou bem para trás a cortina da janela e olhou para a floresta uma última vez. As luzes coloridas continuaram a piscar, e agora a luz branca estava balançando em um arco. Não houve mais sinalização, ela percebeu. Eles estavam apenas mantendo o show de luzes. Abaixo, nas ameias, as sentinelas estavam ficando entediados com as luzes. O murmúrio das vozes que ouvira antes tinha morrido longe quando os sargentos ordenaram que os homens voltassem às suas funções.

Ela beijou a ponta dos dedos suavemente e soprou um beijo para a noite escura.

"Obrigado, Will," ela disse suavemente. Ela colocou a luz no centro da janela para fornecê-lo um ponto de vista, em seguida, moveu-se para um lado

para esperar por sua flecha.

Uma vez que ele tinha visto o reconhecimento de Alyss, Will começou a se mover para frente de sua posição logo dentro da linha das árvores. Como ele havia feito anteriormente, ele virou um fantasma de um pedaço de sombra para o outro, misturando-se com os movimentos naturais da noite e se tornando parte da paisagem.

Após cinco anos de treinamento rigoroso sob o olhar vigilante de Halt e com a colaboração ocasional de Gilan, reconhecido pelo Corpo de Arqueiro como mestre em movimento escondido, ele não precisava pensar sobre suas ações por mais tempo. Eles se tornaram instintivos. Ele já tinha escolhido o local de onde ele iria atirar. Ele tinha que estar dentro de uma centena de metros das muralhas do castelo, permitindo a distância extra que a flecha teria de viajar para chegar ao topo da torre. Havia uma pequena colina coroada por um grupo de arbustos grandes a cerca de noventa metros da muralha. Os adicionais poucos metros de altura seriam uma vantagem, quando estava adentrando, deslocando sombras formadas por arbustos, com seus padrões manchados da neve branca e folhagem escura. Ele se misturaria facilmente com a paisagem lá, permitindo-lhe ficar e mirar com cuidado.

Ele franziu a testa enquanto pensava sobre isso. Ele teria que mirar apenas acima da lamparina que Alyss tinha colocado no centro da janela. Isso marcaria a diferença entre as pesadas barras de ferro. Seria um azar extremo se ele chegasse tão longe e disparasse sua flecha só para tê-la acertando uma das barras e cair no pátio. Ele questionou se ele deveria ter escrito a sua mensagem para Alyss no código, mas depois deu de ombros para afastar o pensamento. Não havia tempo para codificar uma mensagem completa e, além disso, se a flecha errasse a marca e fosse encontrado, não se importa se Keren iria ler sobre o seixo stellatite e suas propriedades.

Isso já teria sido perdido de Alyss de qualquer maneira.

Ele tinha, no entanto, codificado as últimas linhas da carta, criando um calendário para as futuras sinalizações. Seria definitivamente um problema se caísse nas mãos de Keren. Se ele soubesse que Alyss tinha um método de sinalização, Keren poderia ser capaz de compeli-la, sob a influência de sua mesmerismo, para enviar um sinal de que criaria uma espécie de armadilha para Will.

Os arbustos na pequena colina eram altos, e ele foi capaz de descansar por alguns minutos, agachou-se entre eles, enquanto ele reuniu seus pensamentos e se preparou para o tiro pela frente.

Ele olhou longo e duramente no pequeno quadrado que estava aceso na janela da torre, com o ponto mais brilhante na parte central que marcou a

lamparina. Ele estudou-o, julgando distâncias e altura e calculando como a flecha iria viajar em um longo arco para alcançar a janela. Ele teria que mirar acima do ponto que ele queria acertar, mas ele não pensava nisso.

Quando o tempo veio, ele deveria selecionar sua elevação instintivamente. Teria que ser um pouco maior do que o normal, ele lembrou a si mesmo, que ele estava usando o vexame arco recurvo que Crowley havia lhe fornecido, e não era tão poderoso como o arco que ele tinha carregado nos últimos dois anos. Ele estabeleceu esse pensamento em sua mente e sabia que seus instintos iriam processá-lo quando chegasse à hora de disparar.

Fechou os olhos e em sua imaginação viu o caminho de arco que levaria a flecha para o alto sobre as paredes e para a janela no topo da torre. Halt muitas vezes o lembrou um ditado velho de mestres de tiro com arco: Antes de atirar sua flecha, a veja voar milhares de vezes em sua mente.

Bem, ele sorriu ironicamente, ele não tinha tempo para mil tiros imaginários essa noite. Mas o dito era um exagero, em qualquer caso. Era simplesmente um lembrete para se preparar para o tiro, definindo um resultado bem sucedido em sua mente. Pense em um resultado positivo, e você vai conseguir. Permita a dúvida de sua mente, e a dúvida se tornará auto-realizável.

Ele tomou algumas respirações profundas, abrindo sua mente. A preparação da consciência estava finalizada. Agora, ele permitiria que os seus instintos, o resultado de centenas de horas de prática e de milhares de flechas disparadas, assumissem e produzirem o tiro que ele queria.

Levantou-se lentamente até ficar de pé. Embora pelo menos uma dúzia de pares de olhos sobre o muro do castelo estava em sua direção, nem uma alma o viu. Ele puxou a flecha de mensagem de sua aljava e a colocou na corda. O peso e o equilíbrio estavam perfeitos, como resultado da pesagem e medição de Malcolm na casa da floresta. O curandeiro foi usado para tratar dos pesos e medidas exatas, e Will sabia que esta flecha iria voar como qualquer outra flecha na sua aljava.

Ele levou seu braço esquerdo, o braço do arco e, ao mesmo tempo, começou um suave puxar para trás na corda com a mão direita, continuando a puxar até a ponta do seu dedo indicador direito tocar no canto de sua boca. Sentia-se para a elevação direita, percebeu que ele estava um pouco baixo e levantou o arco em seu quadro de observação. Se ele tivesse sido perguntado, naquele momento, porque ele fez esse ajuste final, ele não teria sido capaz de responder. Era uma questão de sentimento empírico, e não uma ação calculada.

Sua visão estava fixada na alta janela acima dele, com a flecha apontando agora bem acima do alvo. Havia um ligeiro vento da esquerda, e ele compensou por causa disso, sabendo por experiência que iria crescer mais forte quanto

maior a flecha viajasse. Havia duas maneiras de destruir precisão, ele sabia. Uma era esperar muito tempo e concentrar-se muito duramente, de modo que os músculos do braço começassem a tremer e apertar contra a tensão do arco. O outro era disparar muito depressa, fazendo com que os dedos da mão direita agarrassem na corda durante o lançamento.

O ideal era encontrar um ponto médio, onde a ação era suave e contínua. Sem pressa, mas não demasiado longo.

Então, quando sentiu que era o momento certo, quando a elevação e ventania e pressão estavam todos corretos, ele deixou a corda deslizar suavemente em seus dedos, com um sotaque do fundo da garganta, acelerando a flecha em seu caminho.

No momento em que ele lançou, ele sabia que o tiro foi perfeito. Ele viu a flecha brevemente como listada acima para a noite, depois perdeu de vista. Lentamente, ele abaixou o arco, esperando. Ele viu uma oscilação momentânea de movimento contra a praça iluminada da janela, mas pensava que era mais provável que sua mente estava brincando com ele, levando-o para vê-lo porque ele queria vê-lo.

Ele esperou, em pé como uma estátua, o seu manto enrolado em volta dele para que ele se incorporasse ao fundo. Então ele sentiu uma onda enorme de alívio quando a luz começou a se mover.

Para Cima para baixo, cima baixo, cima baixo, ela veio. Mensagem recebida. Assentindo em satisfação, Will virou-se e começou a fazer o caminho de volta para a linha de árvores. Não havia mais nada a ser feito essa noite.

MESSAGE ARROW TEN MINUTES CLEAR

WINDOW LOVE WILL ACK

1.	A	B	C	D	E	F
2.	G	H	I	J	K	L
3.	M	N	O	P	Q	R
4.	S	T	U	V	X	Y

6



Cullum Gelderris, taberneiro da Jarra Rachada, não estava totalmente satisfeito com o seu mais recente, e, na verdade, único convidado.

O jovem guerreiro chegou tarde na tarde anterior, buscando um espaço para alguns dias. Seu cavalo de batalha estava instalado no pequeno estábulo da pousada. O jovem tinha retirado suas armas e armaduras nas escadas, junto com um saco contendo roupas de mudança e itens de lavagem, e estabeleceu-se no maior quarto da taberna.

Quando ele havia entrado, o locador observou o símbolo do punho azul pintado em seu escudo branco. Um free-lance, ele pensou. Havia apenas um lugar no feudo onde um homem como ele pudesse encontrar emprego, e que estava em Castelo Macindaw.

O novo lord do castelo, Sir Keren, estava recrutando guerreiros, Cullum sabia. Sua pousada já tinha sido visitada várias vezes pelo segundo no comando de Keren, o mal-humorado John Buttle, que estava andando pelas redondezas em busca dos homens com alguma habilidade em armas. Ele parecia incrédulo quando Cullum lhe tinha dito que todos os seus clientes eram simples fazendeiros. Havia poucos fazendeiros que poderiam fazer uma demonstração decente com uma lança, mas, como o taberneiro, tendiam a ver os acontecimentos recentes de Macindaw com a mais profunda desconfiança e isso ficou bem claro de Buttle quando ele estava em suas viagens de recrutamento. Cullum estava contente de manter seu anonimato.

Havia um monte de perguntas sendo feitas pelo povo que vivia em torno das Ruínas da Enseada, a pequena aldeia a vários quilômetros da Jarra Rachada.

Primeiro, houve o negócio de uma doença misteriosa Senhor Syron, então os rumores de que o feiticeiro negro Malkallam havia retornado do passado para vingar-se da família de Syron. Em seguida, a palavra se espalhou que Orman, filho do senhor do castelo e comandante temporário de Macindaw, havia fugido para a Floresta Grimsdell, onde ele estava se aliando com Malkallam.

Escapou? Cullum perguntou a si mesmo. Por que um homem fugiria de seu próprio castelo? E se ele o fez, por que ele iria juntar-se com o feiticeiro que havia jurado destruir a sua família?

Então outra vez, porque foi Keren procurava por homens guerreiros? O castelo com Orman e Syron tinha mantido uma guarnição perfeitamente adequada de soldados profissionais. Mas muitos destes haviam sido eliminados ou fugiram Keren quando assumiu o controle. E os aldeões tinham visto a qualidade dos homens que Keren haviam substituído eles. Os Soldados não davam troca de gentilezas, com certeza, mas os homens que agora serviam o Castelo de Macindaw pareciam ser particularmente ásperos, típicos desordeiros. A maioria deles, Cullum adivinhado, eram ex-criminosos ou ex-bandidos.

Buttle ele mesmo era um bom exemplo. Rude e mal-humorado, ele também era autoritário e arrogante, exigindo o melhor lugar da casa e a melhor comida, vinho e cerveja, quando ele visitava, em seguida, acenando com a conta para fora com um gesto arejado, falando para Cullum para apresentá-la no castelo, um bom dia de distância cavalgando.

Buttle também tinha assumido o título de Sir John, um pretexto óbvio. "Se ele é um cavaleiro", Cullum disse à esposa: "Eu sou a Duquesa Viúva de Dungully." Sua mulher concordou, mas pediu-lhe para ser cauteloso.

"Nós não queremos mexer com essas pessoas", disse ela com firmeza. "Nós mantemo-nos a nós mesmos, e não interferiremos".

Bom conselho, Cullum pensou sombriamente, enquanto arrumar a mesa para a refeição do meio-dia. Mas agora esse jovem free-lance estava aqui, perguntando sobre os eventos no castelo.

Pareceu-me estranho, porque ele era diferente do tipo que Buttle estava recrutando ultimamente.

Ele pagou para o seu quarto com antecedência. E ele parecia muito bem educado, sempre se referindo à esposa Cullum como "Senhora Gelderris" e falava educadamente para os poucos clientes que entraram em contato com ele. Não que houvesse muitos deles à noite. A palavra espalhava-se rapidamente em uma pequena comunidade como essa, e as pessoas assumiram que a presença do free-lance iria convocar Buttle à estalagem para recrutá-lo. A maioria das pessoas procurava evitar "Sir John" sempre que possível.

"Boa tarde, taberneiro. Qual é o cardápio de hoje?" A voz, vindo de tão perto por trás dele, o fez saltar nervosamente. Ele virou-se para ver o jovem guerreiro tinha entrado no quarto e estava um metro de distância, sorrindo.

"Sem cardápio, eu tenho medo, senhor", disse ele, tentando recuperar o seu equilíbrio após o início nervoso, o jovem havia causado. "Só canelas de cordeiro assada com legumes e molho de inverno."

O rapaz assentiu agradecido.

"Parece excelente", disse ele. "E você acha que pode haver algo restante da deliciosa torta que sua esposa fez na noite?"

"Eu vou ajustar uma mesa para você senhor", disse ele, correndo para limpar uma pequena mesa perto do fogo. Mas o rapaz recusou alegremente.

"Não se preocupe exageradamente", disse ele, deixando-se cair sobre o banco junto à mesa principal. "Estou feliz de comer aqui. Venha se juntar a mim por um momento."

Cullum hesitou. "Ah, bem, senhor, é uma hora agitada do dia, você vê...".

O guerreiro assentiu, olhando ao redor da taberna vazia e sorrindo para o hospedeiro.

"Então, eu vejo. O local está lotado até o teto. Venha, Cullum Eu sou um estranho nessa região e gostaria de um pouco de informação local."

Cullum não conseguia pensar em nenhuma maneira de recusar sem ofendê-lo. E ofender guerreiros treinados não era uma boa idéia. Relutante, ele concordou.

"Bem, apenas poucos minutos então. Os clientes estarão chegando em breve".

Seus clientes regulares podem ter ficado longe na noite anterior, as pessoas podem sempre ficar sem uma bebida por uma noite ou duas. Mas o almoço era diferente. Eles tinham que comer em algum lugar, e a Jarra Rachada era a única opção.

Cullum sentou-se, um pouco relutante. Ele preferia manter distância de guerreiros estranhos, não importa o quão amigável que possam parecer.

"Disseram-me que havia um bardo passando por aqui há algum tempo. Talvez duas semanas atrás?", Disse o guerreiro.

Cullum, com as suspeitas imediatamente em alerta, respondeu cautelosamente. "Sim, senhor.

Havia, eu me lembro."

Pelo que ele havia ouvido, o bardo em questão tinha sido levado para Macindaw também, embora houvesse rumores de que ele estava junto na escapada misteriosa do Lord Orman.

"Não precisa me chamar de senhor. Hawken é meu nome. Agora, sobre este bardo, era um jovem ele? Idade parecida com a minha mas não tão grande? "

O estalajadeiro assentiu. "Eu diria assim. Sim".

"Hmmm", disse Hawken. "Qualquer idéia de onde ele poderia ser agora?"

Cullum hesitou. Na verdade, ele não poderia dizer com certeza. Ele decidiu que iria simplesmente ficar com o que ele sabia.

"Ele estava indo para o castelo, senh-" Ele percebeu o guerreiro inclinar a cabeça para a palavra e apressou-se a mudá-lo. "Quero dizer, Hawken. Mas eu já ouvi dizer que ele poderia estar em algum lugar da Floresta Grimsdell."

O rapaz franziu os lábios com a notícia.

"Grimsdell?", Disse. "Eu pensei que era o covil do tal Malkallam?"

Cullum olhou ansiosamente em volta do nome. Malkallam não era alguém que ele queria discutir sobre. Ele desejava ardentemente que os seus clientes normais de almoço chegassem para lhe dar uma razão para se levantar e ir para a cozinha.

"Por favor, Hawken, nós geralmente não... discutimos sobre Mal... essa pessoa", disse ele sem jeito. Hawken acenou com a compreensão, esfregando a mão no queixo quando ele considerou as palavras do taberneiro.

"Mesmo assim", disse ele, "o que um bardo estaria fazendo naquela floresta?"

"Possivelmente, cuidando de seus próprios negócios. Uma prática que posso recomendar a você, Hawken."

Cullum sentiu a turbulência do vento gelado de fora quando a porta principal abriu. Ambos os homens na mesa giraram ao redor para ver uma figura camuflada com capuz contra a luz da porta. A ponta de um arco recurvo era visível, atirada sobre um ombro. No outro, os fins de uma aljava cheia de flechas podiam ser vistos. Hawken subiu lentamente da cadeira, pisando forte e virando-se para enfrentar a nova chegada, a mão esquerda deixando cair casualmente para a bainha de sua espada longa, dobrando-a ligeiramente para frente para facilitar a retirada da arma.

Cullum levantou-se rapidamente, enrolando seus pés e tropeçando enquanto olhava com medo os dois homens um de frente para o outro.

"Por favor, meus senhores", disse ele, "não há necessidade de aborrecimento aqui."

O silêncio na sala estava insuportável. Ele estava prestes a adicionar outro fundamento para a razão, pensando no dano que seria feito em sua taberna, quando ouviu um som surpreendente.

Risos.

Tudo começou com o alto espadachim, Hawken. Seus ombros começaram a tremer, e apesar de um esforço enorme para suprimir eles, um bufar de explosão do riso veio dele. Ele foi ecoado pela pequena figura, que Cullum agora reconhecia como o bardo, Will Barton—o bardo que eles tinham acabado de discutir. Os dois já abandonaram as suas posições de confronto e moveram-se para a frente, jogando seus braços em volta deles exuberantemente, as mãos batendo nas costas de saudação. Finalmente, o bardo, o menor dos dois, se afastou, uma irônica careta em seu rosto.

"Cuidado, por piedade! Pare de me bater com o pé gigante de carne de carneiro que você chama de mão! Você vai quebrar minha espinha, seu imbecil!"

Hawken recuou do outro homem em uma imitação de horror.

"Oh, a grande força bruta de um guerreiro machucou o pequeno delicado bardo?", Perguntou ele. Os dois explodiram em risadas.

Cullum, totalmente confuso, olhou para eles. A porta da cozinha abriu, e sua mulher, ouvindo o barulho na taberna, veio ver o que era. Seus olhos se arregalaram quando ela parou nos dois homens armados, estando agora de volta um pouco longe um do outro e rindo de uma forma mais não-guerreira. Ela olhou questionando para Cullum, mas tudo o taberneiro poderia fazer era se encolher na confusão.

Hawken, no entanto, percebeu o movimento pelo canto de seu olho e se virou na direção dela.

Ele colocou um braço musculoso ao redor dos ombros do bardo e levou-o em direção ao bar enquanto ele falava. Ele parecia uma torre sobre o homem menor.

"Nós teremos outro convidado para o almoço, senhora", disse ele alegremente. "Ele pode parecer um anão, mas ele tem um apetite de um gigante."

"Claro, senhor", disse ela, tão confusa quanto sempre. Ela se retirou para a cozinha, balançando a cabeça.

Hawken levou o amigo à mesa separada que o taberneiro havia estado sentado a poucos minutos atrás.

"Meu Deus, Horace! É maravilhoso ver você! "Will exclamou quando eles se sentaram. Então ele não pôde conter a emoção por mais tempo. "Você é a pessoa que eu preciso! O que o traz aqui? E o que é todo este absurdo de Hawken? E desde quando você se tornou um free-lance? O que aconteceu com a sua folha de carvalho?

“Cuidado Will! Pense o que você está dizendo! "Hawken ergueu as mãos para Halt o fluxo de perguntas. Ele dirigiu um olhar de aviso para Will quando seu velho amigo perguntou seu nome.

Ele olhou significativamente na direção do taberneiro, que estava escutando atentamente, ansioso para saber mais sobre estes estranhos jovens e o que eles estavam fazendo no feudo Norgate.

Cullum senti uma agitação de interesse. O nome Horace e a menção de um símbolo de folhas de carvalho atingiram um acorde em sua memória. Sir Horace, o Cavaleiro da folha de carvalho, foi uma figura lendária em Araluen, mesmo em um lugar tão remoto como Norgate.

Naturalmente, quanto mais distante o local, mais fantásticas as lendas se tornavam. Como Cullum tinha ouvido dizer, Sir Horace era um jovem de dezesseis anos quando ele derrotou o tirano Morgarath em um único combate,

cortando a cabeça fora dos ombros do senhor do mal com um poderoso golpe de um grande facão.

Em seguida, na companhia do também lendário Arqueiro Halt, Sir Horace atravessou o Mar Stormwhite para derrotar os Cavaleiros do Oriente e resgatar a princesa Cassandra e seu companheiro, o aprendiz Arqueiro conhecido como Will.

Will! O significado do nome de repente registrou o taberneiro. O nome do bardo era Will.

Agora aqui estava ele, em um manto encapuzado, decorado com arco recurvo e uma aljava de flechas. Ele olhou mais de perto e vi o cabo de uma faca de Saxe pesada apenas visível na sua cintura. Nenhuma dúvida sobre isso, Cullum pensou, esses homens alegres jovens eram dois dos maiores heróis de Araluen! Tentando parecer casual, ele se voltou para a cozinha, ansioso para compartilhar as novidades com a esposa. Horace o viu ir e balançou a cabeça para Will.

" Agora viu o que você fez?", Disse. "Hawken é o meu nome falso. Eu tenho que ser incógnito.

É por isso que eu estou vestindo um brasão de free-lance. Afinal, não haveria nenhum ponto de tomar uma identidade falsa e, em seguida, cobrir-me com símbolos de folhas de carvalho, haveria?"

Will balançou a cabeça, perplexo.

"Um nome falso? Quem lhe deu um nome falso? Quem te mandou?"

"Você não recebeu a mensagem?" Horace perguntou. "Halt e Crowley acharam que você poderia necessitar de alguma ajuda-"

Antes que pudesse terminar, Will interrompeu, sorrindo. "Então eles mandaram você para me dizer que a mensagem estava a caminho?", ele perguntou inocentemente. Horace deu-lhe um olhar aflito, e ele imediatamente se arrependeu. "Desculpe. Vá em frente."

"Como eu dizia," Horace continuou deliberadamente, "eles pensaram que você poderia precisar de um adulto para cuidar de você, sendo assim me enviaram. Eles pensaram que seria melhor viajar incógnito até que eu visse o que estava acontecendo. Mas... deveria ter havido um pombo mensagem dizendo tudo isso, pelo menos, uma semana atrás. "

Will ergueu as mãos em um gesto frustrado. "Nós perdemos contato com o Halt", disse ele. "As coisas ficaram um pouco agitadas por aqui ultimamente, e manipulador de pombo de Alyss de pombo teve que fugir."

"Onde está Alyss, a propósito?" Horace perguntou. Antes que ele pudesse parar a si mesmo, ele olhou ao redor, como se de repente ela pode se materializar na sala. No momento em que ele fez, ele percebeu como absurda foi

a ação. A expressão de Will escureu.

"Ela está sendo mantida prisioneira", disse ele calmamente. Horace levantou-se.

"Mantida prisioneira?", Disse. "Por quem? Por Malkallam? Bem, vamos buscá-la! O que estamos fazendo perdendo tempo aqui?"

Will colocou a mão em seu braço e puxou-o de volta ao seu lugar novamente. Ele não podia deixar de sorrir. Isso era tão Horace, ele pensou. Se pensasse que um amigo estava em perigo, o seu primeiro instinto era correr para o resgate. Alyss, é claro, era uma amiga. Os três haviam crescido juntos na custódia do Castelo Redmont.

"Sossegue", disse ele. "Ela está sendo mantida na torre de Macindaw por Keren. Malcolm e eu estamos trabalhando em um plano para tirá-la de lá. Agora que você está aqui, poderíamos ter mais chance."

Horace franziu a testa. "Malcolm?" Disse. "Quem é Malcolm? E quem é esse sujeito Keren? Eu tenho ouvido sobre ele. Encontrei com uma pessoa chamada Buttle que dizia que Keren estava comandando as coisas no castelo agora."

Will assentiu. "Como eu disse, as coisas têm estado um pouco agitadas. Malcolm é o nome real de Malkallam. Mas," se apressou a acrescentar quando viu Horace prestes a interromper, "ele não é bruxo. Apenas um curandeiro. Ele está do nosso lado. Keren tomou o castelo. Estamos com a certeza de que ele tem algo planejado com os Escoceses, mas não temos certeza do que."

Houve uma confusão de movimento e conversa fora da pousada. A porta se abriu e quatro trabalhadores rurais local entraram, procurando por refeição. Eles notaram os dois rapazes já sentados e murmuraram saudações a eles. Então eles tomaram seus lugares na mesa longa que Cullum tinha preparado.

"No entanto," Will disse: "Eu não acho que este é o lugar para discutir isso".

Ele estava consciente de que camponeses eram notoriamente curiosos sobre estranhos. Como resultado, todos os ouvidos na taberna estariam ouvindo a conversa. "Vamos comer e eu vou preencher os detalhes na viagem de volta."

7



Depois de um almoço substancial na pousada, Will e Horace prepararam para montar para cavalgarem de volta para Grimsdell. Antes que eles fizeram, no entanto, Horace retirou o arco pendurado atrás da sela e passou-o à Will.

"Isso é seu", disse ele. "Halt achou que você poderia precisar dele."

Um sorriso feliz quebrou o rosto de Will quando ele deslizou o arco maciço da bainha e sentiu o seu peso e equilíbrio durante alguns segundos. Então, ele escorregou habilmente um fim em um laço de couro na parte traseira de sua bota direita e inclinou-se, dobrando o arco pesado sobre os ombros quando ele deslizou a corda para dentro do encaixe na ponta. Ele recuou a corda uma ou duas vezes, testando o peso familiar da pressão. Então ele rapidamente retirou o arco recurvo e colocado esse na bainha.

"Agora me sinto muito melhor", disse ele. Horace assentiu. Ele entendeu a satisfação e conforto que uma arma familiar trazia com ela. Montaram e cavalgaram para longe da pousada juntos.

Horace, em seu grande cavalo de batalha, se elevou sobre Will, que, naturalmente, estava montando Puxão. O cão caminhando junto à sua frente, farejando para frente e para trás em toda a trajetória enquanto ela encontrava novos aromas para perseguir e identificar. Ela se dignou a acompanhar na viagem para a Jarra Rachada, quando o gigante Trobar estava ocupado em alguma tarefa para Malcolm.

"Eu ouvi esses dias que você tinha um cão", disse Horace. "Qual é seu nome?"

"Ele é ela," Will respondeu. "E eu não tive tempo para escolher um nome ainda."

Horace estudou cuidadosamente o cão. Ela era quase toda preta, além de um peito branco e um flash branco no rosto.

"Blackie seria bom", ele ofereceu depois de um tempo. Will ergueu uma sobrancelha.

"Esse é um pensamento original", disse ele. "Como no mundo você pensou nisso?"

Horace ignorou o sarcasmo. "É melhor do que chamá-lo de 'o cão' ".

"Ela", disse Will. "Ele é uma ela, lembra?

"Tanto faz", Horace continuou. "Um cão deve ter um nome.E você mal pode criticar-me por ser banal, se você nem pensou em um nome ainda, Blackie é melhor que nada".

"Isso é discutível", respondeu Will. Mas, secretamente, ele estava gostando desta briga amigável com Horace. Era como nos velhos tempos.

"Bem, eu vou chamar ele... Desculpe, ela ... Blackie ", Horace decidiu.

Will deu de ombros. "Se você escolher. Mas ela é um animal inteligente. Duvido que ela vai responder a um nome tão mundano. "

Horace olhou de soslaio para ele. Seu amigo parecia muito seguro de si. De repente, o guerreiro alto soltou um assobio cortante, então chamado, "Blackie! Fique, menina!"

No mesmo instante, o cão parou de farejar e se virou para ele, uma pata levantada, com a cabeça inclinada inquietamente. Horace fez um gesto triunfante na direção de Will. Will bufou em desprezo.

"Isso não prova nada", protestou. "Ela ouviu o assobio, é tudo! Você poderia ter chamado...

Padaria Pão e Manteiga, e ela teria parado!"

"Padaria Pão e Manteiga?"Horace repetiu zombando com incredulidade. "Essa é a sua sugestão para um nome, é?Ah, sim, é muito melhor do que Blackie. "

" Eu simplesmente queria dizer que ela parou porque você assobiou:" Will persistiu. No passado, ele geralmente ganhava esses encontros verbais com Horace. Seu amigo agora sorria para ele de uma forma irritantemente superior.

Enquanto eles iam até o cão, que ainda estava esperando por eles, Will murmurou com o canto da boca, "traidor".

Mas, infelizmente, Horace o ouviu.

"Traidor? Bem, isso é uma ligeira melhoria no pão com manteiga, você não diria Blackie?", Disse.

E, para desgosto de Will, o cão latiu uma vez, como se de acordo, em seguida, disparou à frente novamente para retomar seu farejo. Horace soltou uma risada satisfeita. Então ele decidiu que ele deveria deixar Will fora do gancho.

"Assim, toda a história sobre o feiticeiro não era nada além de boatos?", Disse. Eles tinham conseguido discutir alguns dos eventos em Macindaw durante o almoço, mas ainda haviam detalhes que Horace queria saber.

"Não é bem assim", disse ele. "As luzes e os sons estranhos e aparições na floresta eram bastante real. Mas eles eram ilusões criadas por Malcolm.Alyss descobriu isso", acrescentou.

Horace assentiu. "Ela sempre foi rápida na compreensão, não era?"

"Absolutamente. Enfim, Malcolm usou suas ilusões para assustar as pessoas para longe e manter a sua pequena comunidade segura. Em pouco tempo as pessoas começaram a acreditar que Malkallam estava de volta.

"Então, Keren se aproveitou da situação para tomar o controle do castelo. Ele envenenou lentamente o Lord Syron até que o pobre homem estivesse impotente, quase morto. Keren sabia que Orman seria um lord impopular no lugar de seu pai. E ele sabia que as pessoas estariam dispostas a acreditar quando Keren espalhasse rumores de que Orman estava mexendo com artes negras. Isso deu a Keren uma chance de assumir o controle. "

"Mas você tirou Orman de lá?" Horace perguntou.

Will assentiu. "No tempo certo. Keren tinha o envenenado também. Mas ele não terá chance de terminar o trabalho."

"O que aconteceu com Syron?" Horace perguntou. "Esse cara Buttle disse que ele pode já estar morto."

Will só poderia dar de ombros. "Nós não sabemos. Ele pode estar. Agora que Keren já mostrou suas cartas, não há razão para ele manter Syron vivo".

Horace franziu a testa. "Este Keren soa como uma peça completamente desagradável de trabalho", disse ele.

"Ele não parecia isso quando o conheci," Will admitiu um pouco cabisbaixo. "Ele tinha me enganado no início. Eu estava convencido de que Orman estava por trás de todas as trapaças e Keren que estava do lado dos anjos. Eu estava errado. Agora, a primeira prioridade é tirar Alyss de lá."

Horace concordou. "Como é que você pretende fazer isso?"

Will olhou de soslaio para ele. "Eu pensei em invadir o castelo", respondeu ele, acrescentando casualmente, "Você sabe sobre esse tipo de coisa, não é?"

Horace pensou por um momento antes de responder. Ele franziu os lábios. "Eu sei a teoria", disse ele. "Eu não posso dizer que nunca realmente fiz isso."

"Bem, claro que não," Will concordou. "Mas a teoria é bem simples, não é." Ele trabalhou para tornar a frase como uma afirmação, não uma pergunta. Ele não queria Horace saber que ele estava trabalhando totalmente no escuro. Mas Horace estava muito ocupado reunindo seus pensamentos para notar.

As pessoas muitas vezes assumiam que Horace não era um grande pensador, até mesmo que ele era um pouco lento. Eles estavam errados. Ele era metódico. Aonde Will tendia para momentos de brilhantismo e intuição, saltando de um fato ao outro e depois voltando como um gafanhoto, Horace iria pensar cuidadosamente o problema através de uma rigorosa em seqüência,

um conceito levando logicamente para outro.

Seus olhos se estreitaram ao lembrar as lições que ele aprendeu na Escola de Guerra sob a tutela de Sir Rodney. Mesmo depois de ter sido nomeado Cavaleiro do Castelo Araluen, Horace passou vários meses de cada ano com o seu mentor original no Castelo Redmont, aprendendo os pontos mais delicados da arte do guerreiro.

"Bem", disse ele durante um tempo, "para invadir um castelo, você precisa de máquinas de cerco, é claro."

"Máquinas de Cerco?" Will repetiu. Ele sabia vagamente o que Horace estava falando. Ele sabia definitivamente que ele não possuía qualquer uma.

"Catapultas. Manganelas. Trabucos. O tipo de coisas que jogam pedras e lanças gigantes e vacas mortas nos defensores e demolem as paredes."

"Vacas mortas?" Will interrompeu. "Por que você jogaria vacas mortas nas paredes?"

"Você as joga por cima das paredes. É suposto que propague doenças e diminua a moral dos defensores ", disse Horace ele.

Will balançou a cabeça. "Eu suponho que isso faz muito para a moral das vacas também."

Horace franziu para ele, sentindo que estava saindo do ponto. "Esqueça as vacas mortas. Você atira pedras e cria brechas nas paredes." Outro detalhe lhe ocorreu, e acrescentou, "e torres de cerco são sempre úteis também."

"Mas não absolutamente necessário?" Will interveio. Horace mordeu o lábio inferior por um momento.

"Não. Absolutamente não. Contanto que você tem uma abundância de escadas."

"Yeah. Nós vamos tê-las ", Will disse, fazendo uma nota mental: Construir muitas escadas.

"E em relação a números, Sir Rodney sempre sentia que precisava de pelo menos três para um em uma maioria".

"Três para um? Não é que um pouco excessivo?" Will perguntou. Ele não gostou da maneira que essa conversa estava progredindo, mas Horace não registrou sua crescente dúvida.

"Bem, pelo menos. Você vê, os defensores têm todas as vantagens. Eles têm o terreno elevado.

Eles estão escondidos atrás de muros. Então, você precisa tirar o maior número possível deles para o lugar onde você faz seu ataque real. Para isso, você precisará de pelo menos três vezes mais homens do que eles têm. Quatro vezes é ainda melhor."

"Ah." Isso era tudo que Will poderia falar.

Horace franziu a testa, lembrando-se que ele tinha sido dito sobre o Castelo Macindaw quando Crowley e Halt tinham lhe informado algumas semanas atrás.

"Acho que um lugar como Macindaw tem uma guarnição permanente, o que, trinta, trinta e cinco homens?" Will assentiu lentamente. "Sim. Isso soa certo."

"Então, vamos precisar de cerca de cento e cinco, talvez de cento e dez homens para estar no lado seguro."

"Isso seria três para um, suponho," Will concordou.

"Dessa forma, podemos montar ataques falsos em dois lados e tirar a maior parte dos defensores de distância do ponto que realmente queremos para o ataque."

"Mas eles não sabem que essa é a forma que é geralmente feito?" Will perguntou, tentando salvar alguma coisa a partir desta conversa.

"Claro que eles sabem."

"Então não poderíamos, por exemplo, apenas invadir em um lugar assim que eles pensam que é um ataque simulado para dividir seus números, mas, em seguida, continuar a atacar e fazer um assalto real?"

Horace considerou isso. "Nós poderíamos, suponho. Mas eles não podem correr o risco de que não vamos fazer exatamente isso. Eles teriam de combater a ameaça cada vez que surge, e assumir que é o assalto real. Então, quando nós os temos separados em todas as paredes, correndo de um lugar para outro e totalmente confusos e desorganizados, nós batemos neles com o ataque real."

"Sim. Isso faz sentido", disse Will. Desapontado, ele percebeu que, de fato, faz sentido.

"Claro", disse Horace, aquecendo-se ao seu tema agora quando ele se lembrava mais, "a qualidade das suas tropas de ataque é um grande fator. E a qualidade dos defensores. Que tipo de homens Keren tem?"

"Em geral, nós pensamos que eles são de qualidade muito baixa", disse Will.

"Não são o tipo mais amigável, mas não são os mais brilhantes também".

"Isso corresponde ao que eu vi deles. O que eu vi ficaria em casa tentando enfiar um punhal nas costas em uma noite escura. Eles não pareciam guerreiros de primeira." Eles já haviam discutido o seu encontro com John Buttle no dia anterior.

"A maior parte da guarnição original sumiu", disse Will. "Eles não estavam muito apreciados ao recrutamento dos novos homens de Keren."

"Eles irão lutar por nós?" Horace perguntou.

Will balançou a cabeça. "Não, infelizmente. Todos pensam que Malkallam

é um feiticeiro. A maioria deles deixou o distrito de imediato, à procura de outro trabalho."

"Então quem nós temos? Eles são treinados? Eles sabem o fim de uma espada para outra, ou são todos os agricultores locais e rurais?"

"Eles são Escandinavos", disse Will.

Horace deu um pequeno grito de triunfo. "Escandinavos! Isso é fantástico! Bem, se nós temos tropas assim, nós vamos com a regra de três para um, eu acho. Talvez até um pouco menos.

"Fez uma pausa, perguntou então a pergunta que Will temia. "Quantos temos?"

"Um pouco menos de três para um, por uma questão de fato," Will falou vagamente.

Horace encolheu os ombros. "Não importa. Tenho certeza de que podemos controlar. Assim, quantos exatamente?"

"Você diz, contando com você e comigo?" Will perguntou. Pela primeira vez, ele viu um lampejo de desconfiança nos olhos de Horace.

"Sim". Acho que seria melhor contar você e eu. Quantos?

O tom de voz de Horace dizia a Will que ele não iria tolerar mais prevaricação.

O Arqueiro respirou fundo.

"Contando você e eu, vinte e sete".

"Vinte e sete" Horace repetiu, seu tom de voz desprovido de qualquer expressão.

"Mas eles são Escandinavos, afinal," Will disse, esperançoso.

Seu amigo olhou para ele, uma sobrancelha levantada na descrença.

“É melhor serem mesmo", ele disse pesadamente.

8



Alyss estava estudando a pequena e preta pedra stellatite mais uma vez.

Quando a flecha de Will tinha disparado através de sua janela na noite anterior, ela havia ficado surpresa ao descobrir que continha o que parecia ser uma pedrinha. Então ela leu a breve explicação de Malcolm da sua finalidade, e ela sentiu uma onda de esperança.

Ela estava mais disposta a acreditar que a pedra poderia ajudá-la a re-concentrar sua mente do que Will estava. Afinal, ela tinha experimentado os efeitos da gema azul que Keren usava nela.

Ela tinha visto a rapidez com que sua mente poderia ser escravizada por ele. Agora ela estava grata que ela poderia ter uma forma de resistir aos seus esforços. Alyss era uma garota com força de vontade e inteligente, e o pensamento que sua mente havia sido capturada tão facilmente por Keren a fez se sentir vulnerável e exposta.

Ela analisou a pedrinha, girando-a em seus dedos. Era definitivamente agradável ao toque suave, brilhante e confortante.

E o que era essa sugestão de calor que sentia irradiando a partir dela? Ou ela estava apenas imaginando isso? Ela não tinha certeza. Ela lia as últimas linhas de instruções de Malcolm, cuidadosamente transcritas por Will na folha fina de mensagem.

Toque na stellatite quando Keren tentar utilizar o
a gema azul. Concentre-se em uma imagem positiva e agradável. Quando ele questionar você, fale normalmente. Não finja estar confusa ou ele vai
saber que você está tentando o enganando.

Havia algumas linhas finais escritas em código. Ela tinha as decodificado para encontrar que eles definiram um cronograma de sinalização. Will que queria evitar a sinalização regular, sabendo que Keren acabaria por se tornar consciente disso. As luzes coloridas nas árvores apareceriam em intervalos irregulares, não no mesmo tempo e no mesmo local a cada noite. E, às vezes, não haveria nenhuma mensagem e os movimentos a luz branca se alteraria do padrão

estritamente necessário para o código.

"Esperto, Will," ela disse suavemente. Ela sabia que Keren não era bobo. Will também lhe disse que iria manter alguém assistindo a torre toda noite, caso ela tivesse alguma coisa urgente para comunicar.

Ela queimou o papel fino na chama da lamparina. Quando foi reduzido a cinzas, ela amassou a poeira e os espalhou para fora da janela.

Ela já sabia a imagem positiva que ela iria usar quando Keren tentasse hipnotizar ela.

Menos de uma hora depois, ela ouviu a voz de Keren na antecâmara de fora e o barulho das sentinelas veio a atenção.

Alyss estava disposta a apostar que ele tinha ouvido sobre as luzes na floresta, talvez ele tenha visto ele mesmo. Agora, ela descobriu, ele estava aqui para se certificar de que não havia significância para eles. Quando a chave girou na fechadura da porta, enfiou a pedra sob o punho apertado de sua manga esquerda, onde ela estava escondida, mas acessível. Keren assentiu vivamente a ela quando ele entrou na sala. Ele sacudiu a cabeça em direção à mesa.

"Sente-se, Alyss", disse ele. "Eu tenho algumas perguntas para você."

Hoje, ele estava focado no negócio. Obviamente, ele não tinha tempo a perder e não haveria nenhuma das fingidas formalidades amigáveis anteriores. Ela estava grata por isso. Seu bom humor e auto-satisfação tinham começado a irritar ela. Eles eram inimigos, apesar de tudo, e ela preferia que ele a tratava como tal, sem o ar de pretensão e de graça e encanto cavalheiresco.

Ele enfiou a mão na carteira de couro na cintura e pegou a pedra azul, deixando-a rolar sobre a mesa entre os dedos. Não havia necessidade de preâmbulo agora. A pedra tornou-se o gatilho para sua sugestão pós-hipnótica. Tudo o que ele tinha a fazer era ordenar ela olhar para a pedra e, em poucos segundos, ela estaria novamente hipnotizada.

Ele se inclinou para frente. "Olhe para a pedra, Alyss", disse ele suavemente.

Seus olhos caíram para a bonita esfera quando ele rolou suavemente para trás e para frente sobre a mesa. Como sempre, ela podia sentir isso a puxando, enchendo a sua consciência.

Abaixo da mesa, ela deslizou o dedo indicador da mão direita sob o punho de sua manga esquerda, para tocar a lisura do pequeno seixo. Instantaneamente, ela viu um preto brilhante sobrepondo o azul do fundo da gema e sua mente afastou-se do abismo de controle de Keren.



Pense em uma imagem agradável e positiva, Malcolm tinha instruído. O rosto de Will, olhos castanhos profundos sorrindo, veio a vida antes dela.

E sua mente estava livre.

"Continue olhando para o azul," Keren disse suavemente. "Você está pronta para responder às minhas perguntas?" Ela continuou a olhar para a gema. Mas agora a profundidade tinha ido com ele, e era um fundo escuro para a imagem do rosto de Will. Ela sempre amou aquele insolente sorriso dele, ela percebeu.

"Sim", ela respondeu simplesmente. Ela estava feliz que Malcolm tinha instruído para ela não tentar parecer como se estivesse em transe. Ela não tinha nenhuma maneira de saber como ela se comportou nas ocasiões anteriores, quando Keren tinha controlado sua mente, mas tinha assumido que ela deve ter estado em algum tipo de estado de transe. Aparentemente não.

"Boa. Havia luzes na floresta a noite passada", disse ele. Ela tinha razão. Ele sabia sobre eles.

"Havia", repetiu, nem questionar o fato nem confirmar. Até agora, não tinha havido nenhuma pergunta direta, por isso não houve resposta específica exigida.

"Você as viu?", Perguntou ele.

De repente, sentiu o desejo de responder a verdade. De dizer, "Sim. Eu os vi. Eram sinais." Ela acariciou a stellatite, sentiu a compulsão recuar enquanto sua determinação fortalecia.

"Não", disse ela, e seu coração pulou. Ela havia quebrado o seu domínio sobre ela. Ela poderia lhe dizer qualquer coisa, responder qualquer coisa, enquanto ela mantinha seu juízo sobre ela.

Lá dentro, ela estava exultante e sentiu seu coração batendo. Mas sua formação diplomática a ajudou a manter uma expressão totalmente neutra em seu rosto.

Keren franziu a testa. Ele tinha certeza de que as luzes tinham sido algum tipo de sinal sendo enviado para ela. Mas ele sabia que ela não podia mentir para uma pergunta direta. Ele tentou novamente.

"Você tem certeza?", Disse. Luzes "Havia vermelho, azul, amarelo e branco que se deslocavam nas árvores. Você as viu?"

Alyss, a ponto de dizer: "Já era tarde. Eu estava dormindo", ela parou a tempo. Se ela não tivesse visto as luzes, ela não teria como saber quando elas apareceram. Ela percebeu que se manter em controle era uma séria tênue. O esforço de luta contra a agressão insistente de Keren na sua mente era muito perturbador, e ela não deveria deixar que ela deslizasse a guarda.

"Eu não as vi", respondeu ela. Então, ela acrescentou, em tom de

conversa, "eu vi isso antes".

Os olhos dela sobre a pedra, ela sentiu um pouco quando viu a cabeça de Keren estalar para a revelação.

"Quando?" Perguntou-lhe imediatamente. "Quando você as viu?"



"Há dez dias atrás. Will e eu fomos para a floresta. Havia luzes".

Ela sabia que ele tinha uma boa idéia que ela tinha sido na Floresta Grimsdell com Will. Seus homens tinham a seguido na ocasião. Ao mesmo tempo, é claro, ela e Will tinham assumido que era Orman que havia os seguido. E, enquanto eles realmente não tinham a visto entrar ou sair da floresta, Keren deveria suspeitar que era o lugar onde eles tinham ido embora. Não faria mal nenhum agora admitir. Pode até desviá-lo da linha de perguntas que ele estava seguindo.

Ele batia os dedos de uma mão sobre a mesa. Como ele se tornou mais distraído, Alyss notou que ela se tornou mais fácil para que ela controlasse suas palavras e seus pensamentos.

Ele tentou mais uma vez. Mas ela podia sentir a sua convicção estava diminuindo."O que as luzes significavam?"

Ela deu de ombros. "Eu acho que Malkallam as usava", disse ela. "Elas assustam as pessoas para fora da floresta."

Os dedos batidos novamente. "Sim. Eles fazem isso bem. Meus homens não vão chegar perto do local."

Isso era definitivamente algo valioso para saber. Desde que Will havia fugido para a floresta com Orman, ela tinha pensado que Keren poderia ir atrás de Malkallam e convencer os seus homens a segui-lo na caça para pegar eles.

Keren soltou uma longa e reprimida respiração. Ele estava na borda. Ela percebeu que ele estava esperando alguma coisa, algum evento a ter lugar. Suas próximas palavras confirmaram suas suspeitas.

"Bem, eu não posso perder mais tempo com isto. General MacHaddish é esperado para o dia seguinte ou dois." Ele estava falando para si mesmo, na certeza de que suas palavras não se registrariam com ela em seu estado hipnotizado. Ele rolou a pedra azul de volta em direção a ele e retirou-o da mesa.

"Tudo bem, Alyss. Até a próxima. Você pode acordar agora."

Ela assumiu que ela não deveria fazer nenhuma pretensão de sair de um transe, mas simplesmente continuar com a conversa normal. Mas sua mente estava correndo. MacHaddish era um nome Escocês. Houve um General

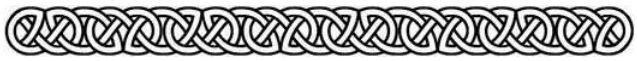
Escocês chegando aqui nos próximos dias. Will teria que saber disso.

"Então," ela disse calmamente: "O que você deseja falar?"

Keren sorriu para ela. "Nós já conversamos", disse ele. "Mas é claro, você não se lembra disso."

Isso é o que você pensa, Alyss pensou.

9



Will e Horace cavalgaram ao longo do caminho sinuoso através da Floresta Grimsdell, seguindo a liderança firme do cão. Horace sacudiu a cabeça no emaranhado impenetrável de árvores e folhagens em torno deles.

"Não admira Malcolm estar seguro aqui todos esses anos", disse ele.

Will sorriu. "Tem sido a sua melhor defesa", ele concordou. "Claro, ele tem algumas outras maneiras de desencorajar os visitantes."

"Ele quase não precisa deles. Você pode perder um exército aqui, e eles nunca encontrarão o seu caminho para fora... Meu Deus!"

As duas últimas palavras saíram quando eles entraram em uma curva na pista e ele viu o sinal de alerta horrível crânio entre as árvores. Ele suspeitava de que Will havia deliberadamente deixado de lhe falar sobre isso.

"Oh, esse é Trevor. Não ligue para ele. Ele é inofensivo", disse Will.

Horace podia ouvi-lo rindo silenciosamente de si mesmo quando eles cavalgaram por diante.

"Hilariante", ele murmurou para si mesmo.

Eles chegaram à clareira na floresta muito abruptamente. Um momento eles estavam em um túnel escuro formado pela trilha entre as velhas árvores sombrias. Em seguida, estavam à luz do sol, e agradável casinha de sape de Malcolm estava diante deles, a fumaça ondulando de sua chaminé.

A mesa tinha sido colocada sob o sol de fim de tarde, e Will podia ver Malcolm, Xander e, para sua surpresa, Orman sentados em torno dela. O rosto do senhor do castelo parecia ter perdido peso.

Seu rosto, abaixo da linha fina afastada, estava ainda mais pálido que o normal e não havia sombras escuras sob os olhos. Os olhos, entretanto estavam brilhantes e alertas.

Havia duas cadeiras vagas. Will que adivinhou que Malcolm tinha atrasado o almoço até que eles chegassem. Com toda essa probabilidade, Will pensou, ele deve ter recebido atualizações constantes sobre o seu progresso.

Depois das apresentações por toda parte, Will e Horace sentaram-se à mesa com os outros. O cão partiu como uma flecha, procurando encontrar Trobar do outro lado da clareira.

"Vá em frente, então", disse Will tardiamente.

"Esperamos o almoço para você", Malcolm lhes disse.

Will fez um gesto renunciando. "Almoçamos na pousada", começou ele, mas Horace interrompeu antes de chegar mais longe.

"Ainda assim, não há mal em um jantar cedo," disse ele. Ele estava sempre com fome, embora sua estrutura muscular magra não mostrasse nenhuma evidência do valor que ele poderia comer.

"É bom te ver em pé e ao redor, meu senhor", disse Will a Orman. O senhor do castelo permitiu-se uma irônica careta.

"Até, talvez, Will Barton. Mas eu definitivamente estou longe de estar ao redor."

"Estamos muito satisfeitos com seu progresso", Malcolm acrescentou.

Will indicou Horace, que já tinha começado a demolir um pão.

"E as boas notícias continuam, meu senhor. Com Horace para nos ajudar, em breve iremos ter você de volta em seu castelo." Horace corou ligeiramente em louvor a frase de Will, e Will percebeu que ele poderia ter sido pouco grosso, mas ele estava excessivamente satisfeito e aliviado por ter seu velho companheiro ao seu lado novamente. Ele percebeu que os outros não tinham percebido a importância do Horace identidade, por isso, acrescentou, "Você pode conhecê-lo melhor como o Cavaleiro da Folha de Carvalho".

O nome não significava nada para Xander, que fechou a cara e murmurou, apenas alto o suficiente para ser ouvido, "E quanto estamos pagando para esse, eu imagino?"

Horace corou mais ainda, mas não disse nada.

Orman atirou a Xander um olhar de advertência. O homenzinho baixou a cabeça resmungando.

Então um pensamento atingiu Orman.

"O Cavaleiro da Folha de Carvalho?", Disse ele, pensativo. "Então, certamente você é o que esteve envolvido nesse negócio com Morgarath alguns anos atrás? E com os Escandinavos, se bem me lembro."

Horace encolheu os ombros. "Muito disso foi exagerado, meu senhor."

Mas agora o olhar de Orman voltou-se para Will quando a realização despontou.

"E eu lembro que ele tinha um amigo que era um Arqueiro", disse ele. "Era você, não era? Will Barton, meu pé! Você é o que hoje chamamos de Will do Tratado?"

Foi à vez de Will dar de ombros.

"Tudo isso foi exagerado", disse ele. Ele notou que Malcolm estava alheio aos acontecimentos que Orman estava discutindo. Claro, Will pensou, ele estava

isolado na floresta por anos.

Xander, no entanto, estava desconcertado quando ele percebeu que tinha apenas insultado um dos guerreiros mais capazes do Reino. Will sorriu. Serviu-lhe certo.

Horace tossiu suavemente. Ele tinha coisas mais importantes na sua mente do que um insulto ranzinza do secretário de Orman.

"Havia alguma menção de alimentos?" Ele os lembrou. Horace sempre teve uma boa noção de prioridades.

10



A refeição estava excelente, consistindo em carne de veado assada, alguns patos de madeira roliços e uma salada de verduras de inverno ligeiramente amarga. Havia pão quente, fresco, duro também. Tudo somado, era mais do que às expectativas de Horace. Ele derrubou a cadeira para trás e sorriu satisfeito para Will.

"Boa comida", disse ele. "O que tem para a sobremesa?"

Will revirou os olhos para o céu.

Malcolm sorriu com indulgência. "Ele é um menino em crescimento", disse ele. Ele ficou impressionado com a modéstia de Horace, seu comportamento alegre. Reuniu que o jovem era uma espécie de celebridade no Reino e em sua experiência de pessoas famosas eles geralmente se comportavam como se o resto do mundo devesse se afastar e ficar impressionado com eles.

Nada poderia estar mais longe da verdade com o Horace.

O jovem guerreiro chegou à mesa e serviu-se de outra caneca de café preto. Como Will, ele bebeu generosamente atado com mel, um hábito que ele havia aprendido com o Arqueiro, quando viajou para Celtica anos atrás.

Malcolm estremeceu ligeiramente, enquanto observava. Agradável jovem ou não, se Horace e Will continuassem a beber café nesse ritmo, ele ia acabar. Ele fez uma nota mental para enviar um de seu povo para a Jarra Rachada para comprar mais grãos.

Houve um pequeno tumulto no lado mais distante da clareira, e todos olharam para cima.

Uma fila de rústicos homens fortemente armados surgiu da floresta, liderada por um pequeno homem com um braço direito murcho colocado junto ao seu corpo. Quando Horace olhou para ele, ele percebeu que o homem também tinha um ombro direito curvado.

Os recém-chegados olharam ao redor da clareira com incerteza, protegendo seus olhos da luz súbita após horas na escuridão da floresta. Algumas das pessoas de Malcolm, alarmados com a visão de um grupo de homens armados, tinham se assustado e soltado gritos, em seguida, desapareceram na floresta. Os Escandinavos, por sua vez, murmuraram entre si

a visão deles.

Cada um dos seguidores de Malcolm sofreu alguma forma importante da desfiguração, e os lobos do mar supersticiosos, que acreditavam que todas as florestas eram habitadas por espíritos e ogros, cerraram fileiras um pouco e fizeram com que suas armas estavam livres e prontas para uso.

Ao contrário dos outros, Trobar não tentou esconder. Em vez disso, ele se moveu para interpor-se entre os recém-chegados e seu mestre. Na visão da gigante, o resmungar e a incerteza entre os Escandinavos havia aumentado. Eram todos grandes, homens fortes, mas Trobar elevara-se sobre o maior deles.

Por agora, Will sabia que, apesar de sua aparência assustadora, Trobar era de coração uma pessoa gentil. No entanto, ele não tinha dúvida que o gigante daria sua vida, se alguém tentasse agredir o homem que tinha o recolhido e lhe deu uma casa. O cachorro, Will notou, tinha ido com ele. Sentindo a preocupação de Trobar, sua coragem tinha subido, e a juba de pêlo em torno de sua garganta parecia ser o dobro do tamanho normal.

O jovem Arqueiro levantou-se apressadamente e deu um passo à frente para evitar qualquer mal-entendido infeliz.

"Está tudo certo, Trobar", disse ele calmamente. "Eles são amigos." Então em voz alta falou para toda a clareira, “Gundar Hardstriker, bem-vindo a Clareira do curandeiro."

Ele tinha acabado de pensar em um nome para o local, pensando que um nome tão inofensivo poderia servir para relaxar a situação. Enquanto ele falava e os Escandinavos o reconheciam, ele podia ver a tensão diminuir um pouco. Trobar, por sua vez, parou seu avanço através da clareira e entrou para um lado. Will foi à frente para cumprimentar a equipe Escandinava. Horace seguiu, um ou dois passos atrás dele.

"Assumo que estes são os nossos homens?", Disse ele suavemente.

Will olhou para trás sobre seu ombro. "Seus homens",emendou. "Você vai comandá-los, não eu."

Horace sorriu para ele, não levou-se por um segundo por esse estratagema. "Eu vou comandá-los", disse ele, "enquanto nós fazemos exatamente o que nos dizem para fazer, certo?"

Ele tinha experiência com Arqueiros e como eles operados. Eles alegaram ser nada mais do que os conselheiros que ficavam em segundo plano. No entanto, ele sabia que eles eram especialistas em manipular qualquer situação. Ele tinha visto Halt fazer isso com os Escandinavos cinco anos atrás. O professor de Will era um mestre na arte de comandar, enquanto não parecia estar. Horace não tinha dúvida de que seu aprendiz havia aprendido essa habilidade também.

Will que teve a graça de sorrir para o comentário. "Sim". Algo parecido com isso", admitiu.

Gundar tinha avançado alguns passos quando os dois Aralueanos abordavam. Ele fez o sinal da paz.



"Boa tarde Will do Tratado", disse ele. "Este é um lugar estranho que você nos trouxe."

Will assentiu. "Estranho Gundar, mas não hostil.Ninguém aqui lhe deseja mal."

"A menos aquele secretário idiota", Horace colocou, em um tom baixo.

"Cale-se", Will disse-lhe no mesmo tom, então, falando mais alto, ele disse, "Gundar, conheça o meu amigo, Sir Horace".

Horace e Gundar apertaram as mãos, cada um estudou o outro, cada um gostando do que viu.

Horace era jovem, Gundar viu. Mas seu rosto mostravam os sinais de experiência no combate — a cicatriz e um pouco do nariz quebrado. No entanto, não havia tantos como se sugerindo que ele não estava continuamente os recebendo. Gundar subscreveu a idéia de que um rosto coberto de cicatrizes de batalha geralmente pertencia a um homem que não sabia como esquivar.

Horace, por sua vez, viu um Escandinavo típico: poderoso, destemido, experiente, um homem que trabalhava com seu machado de guerra enorme com facilidade praticada e que se encontrou com o seu olhar francamente ao dar-lhe um aperto de mão que pode quebrar nozes. Com vinte e cinco homens como este, pensou ele, ele provavelmente poderia simplesmente derrubar o castelo abaixo.

"Sir Horace é o comandante para o assalto?" Gundar perguntou, e Will assentiu.

"Está certo.Mesmo um pequeno exército como o nosso precisa de um general, e Horace é treinado para o trabalho."

Gundar encolheu os ombros, contente com o arranjo. "Isso é agradável", disse ele.

Na opinião de Gundar, um comandante era realmente nada mais do que um empresário. Ele poderia se preocupar com todos os pontos menores, como tática e estratégia. Escandinavos não estavam interessados em minúcias como essa. A principal tarefa do comandante, na medida em Gundar estava interessado, era ofertar oportunidades para Escandinavos acertarem as pessoas.

No entanto, a aceitação não foi total. Inevitavelmente, houve um

Escandinavo que olhou para Horace e só viu sua juventude. Na moda Escandinavo típica, ele não perdeu tempo fazendo suas observações.

"Pode ser agradável para você, Gundar", disse ele em voz alta, "mas não vou receber ordens de um menino que ainda está molhado atrás das orelhas."

Will ouviu Horace dar vazão a um pequeno suspiro—havia quantidades iguais de irritação e tédio no som. Silenciosamente, Will escondeu um sorriso. Horace tinha muita experiência em lidar com esta situação particular.

Um homem menos confiante do que Horace poderia ter vociferado e gritado e tentado impor sua autoridade sobre o Escandinavo. Que, naturalmente, teria sido o enfoque totalmente equivocado.



Escandinavos colocavam pouco valor em palavras.

Em vez disso, Horace sorriu e deu um passo adiante, apontando para o Escandinavo fazer o mesmo.

Ele era um grande homem, talvez alguns centímetros mais baixo do que Horace, mas maior nos ombros e no corpo. Horace observou com interesse que ele era portador de muitas cicatrizes.

Horace compartilhava a opinião de Gundar sobre tais homens. Seus cabelos eram longos e se reuniam em duas espirais de alcatrão, um de cada lado da cabeça. Sua longa barba era um emaranhado de bigodes gorduroso e dava provas visíveis de suas últimas pequenas refeições.

Ele carregava um enorme machado de guerra e um grande escudo redondo de carvalho, que mais parecia uma roda de vagão do que um escudo. Talvez ele tinha começado a vida dessa maneira, Horace pensou.

O Escandinavo ignorou o sorriso de Horace, mantendo o rosto fixado em uma carranca apertada de desaprovação quando ele respondeu ao gesto de Horace e saiu ao seu encontro.

"E seu nome é?"Horace perguntou suavemente.

"Sou Nils Ropehander", respondeu o homem em voz alta e agressiva. "E minha vida é muito importante para colocá-lo nas mãos de um menino."

Não havia dúvida que a última palavra foi concebida como um insulto. Horace, no entanto, continuou a sorrir.

"Claro que é", disse ele razoável. "E posso dizer, é um lindo chapéu esse que você tem."

Como a maioria dos Escandinavos, Nils Ropehander usava um capacete de ferro, decorado com dois enormes chifres. Quando Horace mencionou e apontou para ele, era natural para os olhos do Escandinavo olhar para cima.

Quando ele fez isso, ele quebrou momentaneamente o contato visual com Horace, que era o que o cavaleiro queria. Horace avançou, pegou um chifre em cada mão e levantou o capacete fora de sua cabeça. Antes que o homem pudesse corretamente protestar, Horace tinha batido o capacete de ferro pesado de volta para baixo, causando os joelhos e olhos de Nils curvarem ligeiramente sob o impacto. O Escandinavo cambaleou por um segundo, mas isso foi o suficiente. Ele sentiu uma mão de ferro se apoderar de sua barba, e ele foi empurrado violentamente para frente.

Horace adiantou também, para fora do caminho de equilíbrio do Escandinavo. O resto da mão direita, dedos espalhados para cima, bateu para frente no nariz largo do Escandinavo, fazendo contato sólido. No exato momento em que ele bateu, Horace largou o controle da mão esquerda sobre a barba de modo que o Escandinavo foi arremessado para trás, alastrando de costas para o chão duro.

Um efeito colateral inevitável de um golpe sólido para o nariz, como Horace sabia, era de encher os olhos com lágrimas inevitáveis. Quando Nils se mexeu no chão, cegado pelas lágrimas, ele ouviu um som de metal deslizando em couro. Então ele sentiu uma estranha sensação de picada na garganta. Havia algo de familiar no som, e seu instinto lhe disse para não se mover. Ele congelou e, com sua visão limpa, deparou-se com o comprimento da espada reluzente de Horace, sua ponta parada apenas levemente abaixo de seu queixo.

"Nós precisamos ter esta questão ainda?" Horace. O sorriso tinha desaparecido. O jovem estava mortalmente sério, e Nils sabia que sua situação era muito insalubre. Horace moveu a espada um pouco longe da sua garganta para lhe dar espaço para resposta.

O Escandinavo balançou a cabeça e falou grosso através do sangue que escorria do fundo da garganta de seu nariz.

"Não... sem questão".

"Bom", disse Horace. Ele rapidamente colocou sua espada na bainha, em seguida, estendeu a mão para Nils, ajudando o lobo do mar corpulento a se levantar. Os dois estavam, no peito a peito, por alguns segundos, e um olhar de compreensão passou entre eles. Em seguida, Horace bateu no ombro do Escandinavo e se virou para seus companheiros.

"Eu acho que isso resolve as coisas?", Disse. Houve um coro de aprovação e concordância dos demais. Todos sabiam a propensão de Ropehander para reclamar e opor a qualquer mudança na rotina, e eles sentiram que o jovem cavaleiro lidou com a situação perfeitamente. Eles ficaram impressionados com a velocidade surpreendente, a sua força e sua precisão contra as debatidas táticas Escandinavas. Escandinavos sempre preferiram uma

boa pancada de qualquer quantidade como uma argumentação bem fundamentada.

Horace olhou ao redor da barba, rostos em aprovação e sorriu para eles. "Vamos ver o que um bando de maus negócios foi me dado como um exército. Um passo para frente", disse ele.

Sorrisos dessa vez, os Escandinavos moveram-se em torno dele em um semicírculo. Horace fez um gesto para que dessem espaço para Will.

"Ele não é muito grande", disse ele, "mas ele pode ficar muito antipático se ele for excluído."

Os sorrisos aumentaram à medida que abriram espaço para o Arqueiro. Horace, mãos nos quadris, passeou em torno do círculo, carrancudo enquanto os estudava. Eles eram um grupo desalinhado, pensou, e não muito limpo. Seus cabelos e barbas eram demasiado longos e, muitas vezes reunidos em tranças ásperas e gordurosas, como Nils.

Havia cicatrizes e narizes quebrados e as orelhas cortadas em abundância, assim como a maior variedade de tatuagens rudes, a maioria de que viu parecia que tivessem sido esculpidos na pele com a ponta de um punhal, após o qual corante foi esfregada no corte. Havia caveiras sorrindo, cobras, as cabeças de lobo e estranhos poemas do norte. Todos os homens eram corpulentos e atarracados. A maioria tinha barriga que sugeria que eles poderiam ser excessivamente afeiçoados em cerveja.

Tudo em tudo neles era tão desarrumado, com cheiro espesso e áspero de língua, um bando de piratas como esse poderia ser azarado o suficiente para funcionar. Horace virou-se para Will e sua carranca desapareceu.

"Eles são lindos", disse ele.

11



O pequeno espaço que Will tinha batizado de Clareira do Curandeiro estava ficando consideravelmente mais lotado. A pequena casa de Malcolm já estava esticada por ter de acomodar Lord Orman e Xander. Como conseqüência Will e Horace escolheram levantar a sua própria tenda de um homem em um lado da clareira, perto um do outro, onde eles pudessem falar em privado.

Os Escandinavos trouxeram lona e cordas de seus navios e puseram-se a construir um largo abrigo comum para eles no outro lado. Pelo menos, Will pensou, não havia falta de madeira disponível na Floresta Grimsdell.

Uma grande fogueira foi construída no meio da clareira para o aquecimento e para cozinhar, e para fornecer um espaço para relaxamento também. Na primeira noite, Horace olhou com um pouco de desconfiança para o enorme fogo que os Escandinavos haviam construído. Os nórdicos parecem ter um amor para criarem grandes incêndios, se eles estavam queimando vilas ou apenas sentados em torno para beber.

"É um grande incêndio", disse ele em dúvida à Will. "Poderia ser visível por milhas."

O Arqueiro encolheu os ombros. "Nenhum mal nisso", respondeu ele. "Só vai aumentar a lenda de Grimsdell—sons estranhos, luzes estranhas".

Naquele momento, os Escandinavos, que trouxeram um pouco de barris de aguardente, o álcool de cereais bruto que era aromatizado com sementes de alcaravia, irromperam em uma cantoria do mar.

"Sons estranhos, de verdade," Malcolm colocou "Se eu pudesse chegar com algo como isso, eu teria mantido as pessoas longe da minha casa por mais dez anos".

Um dos Escandinavos rompeu com o círculo ao redor do fogo e deu uma guinada em direção ao pequeno grupo de espectadores. Ele empurrou um copo cheio do espírito nas mãos de Horace.

"Aqui você vai, o General", disse ele, "tomar uma bebida."

Horace cheirou com cuidado. "Meu Deus. Você bebe isso, ou tira pintura com ele?"

O Escandinavo berrou com risos.

"Ambos!", Respondeu ele. Horace entregou-lhe de volta no copo.

"Eu acho que eu prefiro viver inteiramente a noite", disse ele. O Escandinavo sorriu para ele.

"Mais para mim, então!", Disse ele, e teceu o seu caminho de volta para se juntar aos seus amigos.



Xander tinha saído para a varanda da casa de campo quando o canto tinha começado. Ele olhou com desdém para os Escandinavos e dirigiu-se para entrar no grupo pequeno.

"Isso vai continuar por muito tempo?", Perguntou ele. Malcolm, Will Horace e considerou-o com desgosto, então, decidir que ele havia pedido a ninguém em particular, cada um decidiu deixar alguém responder.

A carranca de Xander aprofundou.

"Malcolm", disse ele, "como é o meu Senhor deveria dormir com este barulho infernal?

Malcolm considerou-o, pensativo. "Na minha experiência", disse ele, "se alguém está cansado o suficiente, pode-se dormir com um pouco de barulho."

"Um pouco de barulho!" Balbuciou o secretário. "Você chama o que esses bárbaros estão a fazer-"

Ele não continuou. Will de tinha colocado a mão em sua boca, e o resto da sua pergunta foi reduzida para ininteligível resmungando. Eventualmente, ele parou, olhando com medo acima da mão nos olhos do Arqueiro. Os olhos de Will, normalmente tão calorosos e alegres, de repente estavam frios e ameaçadores. Era como se uma cortina tivesse sido puxada de lado para revelar uma face inédita do caráter do Arqueiro.

"Xander", disse Will, quando ele tinha certeza de que ele tinha toda a atenção do homem,

“desde que estamos aqui, você não tem feito outra coisa senão lamentar e reclamar. Malcolm salvou a vida do seu senhor. Ele lhe deu abrigo e comida e um lugar seguro para ficar. Estes Escandinavos— os bárbaros aos quais você se refere, são meus amigos. Eles vão ajudá-lo a recuperar o seu castelo. Alguns deles provavelmente vão morrer fazendo isso. Claro, estamos pagando-lhes, mas a verdade é que nós precisamos deles. Agora estamos todos doentes e cansados de você, Xander. É melhor você perceber que, ao contrário dos Escandinavos, não precisamos de você. Então, se eu ouvir mais uma palavra de queixa, uma observação mais sarcástica, eu juro que vou arrastá-lo de volta para Macindaw e entregar-lhe para Keren. Está claro?"

Os olhos de Xander ainda estavam arqueados acima da mão de Will. O Arqueiro sacudiu aproximadamente. "Está claro?", Disse ele de forma muito lenta e distintamente. Então ele tirou a mão.

Xander respirou profundamente e irregular, seu peito arfando. Depois de uma pausa, ele respondeu com uma voz baixa.

"Sim".

Will respirou fundo por sua vez e exalou lentamente.

"Bom", disse ele, e Horace e Malcolm ambos acordaram com a cabeça. Will começou a se afastar Xander, mas o homenzinho não pôde resistir a tentar ter a última palavra.

"Todas os mesmos—" começou em tom pomposo que eles conheciam tão bem.

Will jogou suas mãos para o céu num gesto de desespero, em seguida, virou novamente o pequeno homem.

"Certo!", Disse ele, irritado. Tirou sua mão e agarrou um punhado de colarinho Xander, torcendo-o para que o secretário fosse jogado fora de equilíbrio e virou-se ligeiramente na lateral. Então se iniciou em direção à pista de floresta que levou ao pântano e, eventualmente, fora da Floresta Grimsdell para a planície ao lado de Macindaw.

"Eu vou estar de volta em uma hora ou mais", ele chamou por cima do ombro para Horace e Malcolm. "Eu tenho um lixo para tirar." Nenhum deles se moveu para detê-lo.

Xander se contorceu e gemeu, mas aperto de Will era como o ferro. Ele segurou o secretário fora de equilíbrio e continuou a caminhar rapidamente afastado, o mantendo dessa forma.

Xander não podia fazer nada, mas oscilar precariamente ao longo de seu caminho. Ele percebeu que, se ele tropeçasse e caísse, Will não iria parar, mas simplesmente arrastá-lo até que ele se levantasse.

Horace se perguntou mais tarde, se Will teria feito bem em sua ameaça. Ele pensou que talvez sim, exceto que Xander teria sido capaz de fornecer Keren um monte de informações úteis, incluindo o paradeiro da Clareira de Malcolm e o fato de que agora tinha uma força de Escandinavos armados e ansiosa à sua disposição e estavam planejando atacar o castelo com eles. O mais provável Horace pensou, seu amigo teria jogado Xander no pântano. Se ele teria o pescado novamente era um ponto discutível.

Mas isso era apenas uma das coisas que eles teriam que pensar a respeito. Porque assim que o Will chegou ao início da trilha pela floresta, uma das pessoas Malcolm entrou na clareira, vinda de outra direção.

Era Poldaric, um jovem cuja coluna tinha sido mal torcida em um

acidente de infância. Ele estava definitivamente inclinado para o lado e não podia olhar para frente, enquanto sua cabeça estava torta sobre seus ombros. No entanto, Horace notou a rapidez em que o jovem poderia se mover entre as árvores. Incrível como o corpo pode se adaptar, ele pensou. Poldaric viu Will agora e aproximou-se dele para que ele pudesse olhar para o Arqueiro jovem.

"Sua amiga", disse ele, "ela está sinalizando!"

Duas horas mais tarde, a pequena sala de Malcolm estava lotada de gente. Horace, Malcolm, Orman, Gundar e Xander estavam agrupados em torno da lareira.

Will terminou de decifrar as últimas palavras da mensagem de Alyss e recostou-se, franzindo a testa.

"Más notícias?" Horace solicitado. Seu amigo deu de ombros.

"Pode ser. Aparentemente Keren está esperando a visita de um General MacHaddish nos próximos dias. "Ele olhou para os rostos ao redor da mesa. "Esse nome significa alguma coisa para alguém?"

Gundar encolheu os ombros, assim como Malcolm. Orman franziu pensando totalmente, então balançou a cabeça.

"Nada além de que ele é obviamente um Escocês e do filho de alguém chamado Haddish, não.

Você já ouviu sobre esse o nome, Xander?"

O pequeno homem pensou cuidadosamente e balançou a cabeça. Depois de seu recente confronto com Will, ele estava grato a ser incluído na discussão e desejou que ele pudesse fornecer mais informações.

"Eu não estou com medo, meu senhor."

"Bem", disse Horace, prático como sempre, "pelo menos confirma sua teoria de que Keren está aliado com os Escoceses."

"Verdade", disse Will. "Mas eu gostaria de saber um pouco mais. Por exemplo, seria bom saber se este MacHaddish está trazendo um exército com ele."

Orman esfregou o queixo, pensativo. "Eu não acho que ele estaria trazendo um grande grupo nessa fase", disse ele, e todos eles se viraram para ele. "A principal via através da fronteira estará quase intransponível nesta época do ano. A neve não derreterá durante pelo menos mais três semanas".

Ele pegou a caneta de Will e uma folha de papel e desenhou um breve esboço da paisagem circundante.

"As montanhas aqui formam a fronteira natural", disse ele. "Como você pode ver, o Castelo Macindaw situa-se na rua em frente à passagem principal para Araluen. Mas a passagem é fechada durante o inverno por causa da neve. É por isso que nunca precisava de uma grande guarnição de inverno em

Macindaw. Nós nunca tivemos que lutar contra mais do que pequenas invasões."

Ele rapidamente desenhou uma série de barras finas através das montanhas em seu quadro. "Há um monte de estradas laterais pequenas, mas são íngremes e difíceis. Você pode ter um pequeno grupo passando por elas, mas não um exército com seu trem de bagagem."

Horace tinha se inclinado sobre o seu ombro para estudar o gráfico. Ele balançou a cabeça, pensativo.

"Além disso", disse ele, "nenhum general iria mover uma grande força em território hostil, sem reconhecimento inicial."

Will concordou. "Assim, podemos supor MacHaddish terá um pequeno grupo com ele. O que significa que provavelmente vão viajar de noite. "Ele olhou em volta e viu os outros assentindo.

Exceto Gundar, que estava totalmente desinteressado agora. Escandinavos odiavam planejamento, Will lembrou.

"Então o que você tem em mente?" Horace perguntou.

"Continuamos a olhar para o castelo para sabemos quando ele chegar", disse Will. "Então, quando ele estiver voltando para Picta, podemos fazer ele de prisioneiro e lhe fazer algumas perguntas."

Horace concordou. "Não é ruim", disse ele. "Mas não conseguir muito de um Escocês. Pelo que eu ouvi falar sobre eles, você nunca vai conseguir que um deles fale algo."

Foi a vez de Malcolm sorrir. "Ah, eu acho que eu possa conhecer um caminho", disse ele.

12



Estava nevando novamente. A nuvem pesada mascarava a chegada do amanhecer, especialmente na floresta, onde Will e Horace estavam acampados. Conseqüentemente, não houve momento em que Will sabia que o sol se tinha levantado apenas um gradual brilho à luz acinzentada que cobria o campo. Sem perceber a transição da escuridão para a luz, Will percebeu que ele podia ver claramente a mão quando ele a ergueu, onde poucos minutos antes ele havia sido consciente apenas de uma mancha escura.

Seu pequeno acampamento, composto por uma tenda baixa de dois homens e um abrigo de lona esticada entre duas árvores, estava em uma clareira que eles tinham feito vinte metros ao lado da pista que levava em direção à fronteira com Picta. Eles estavam longe o suficiente da trilha para permanecerem despercebidos por quem passava, mas perto o suficiente para ouvir, se alguém o fizesse.

Dois dias haviam se passado desde que Will tinha lido a mensagem de Alyss. Os dois companheiros decidiram vigiar a faixa, a fim de interceptar e observar o general Escocês misterioso quando ele chegou. Uma vez que eles sabiam o tamanho do seu grupo, eles poderiam organizar uma emboscada para sua viagem de retorno.

Além do seu posto de observação, Malcolm tinha colocado uma tela de observadores na floresta, vigiando as trilhas e caminhos que descia das montanhas que barravam o caminho para Picta. Seu povo estava acostumado a ver sem ser visto, ele lhes disse. Sua segurança tinha dependido durante anos de sua capacidade de permanecerem ocultos.

Na tenda, Will ouviu Horace se agitar. Então a cara do guerreiro, um emaranhado de cabelos e olhos turvos, apareceu na pequena entrada triangular. Will estava sentado sobre os calcanhares sob o abrigo de lona.

"Bom dia", disse Horace rabugento. Will assentiu sem dizer nada. Horace rastejou para fora, através da entrada da barraca. Ele pensou que era impossível sair de uma barraca pequena como esta sem terminar com duas manchas molhadas sobre os joelhos. Ele saiu com firmeza, se esticando e gemendo levemente.

"Algum sinal deles ainda?", Perguntou ele.

Will olhou para ele. "Sim", disse ele. "Um grupo de cinqüenta Escoceses passou apenas vinte minutos atrás."

"Sério?" Horace olhou assustado. Ele não estava completamente acordado ainda.

Will revirou os olhos para o céu. "Ah, minha palavra, sim", disse ele. "Eles estavam andando sobre bois e tocando gaita de foles e tambores. Claro que não "continuou ele." Se eles tivessem passado, eu teria te acordado, apenas para parar seu ronco".

"Eu não ronco", disse Horace, com dignidade.

Will ergueu as sobrancelhas. "É isso mesmo?", Disse. "Então, nesse caso, é melhor que você perseguir a colônia de leões-marinhos que estão na tenda com você."

Horace pegou o cantil pendurado em uma árvore próxima e tomou um gole longo de água gelada. Depois ele remexeu em uma embalagem de um pedaço de pão duro e algumas frutas secas. Ele franziu para elas. "Café da Manhã", disse ele com desgosto.

Will encolheu antipaticamente. "Já tive piores."

Horace mordeu um pedaço de pão e agachou-se ao lado do Arqueiro sob o toldo de lona. Já havia neve em seu cabelo e ele espanou os ombros dos poucos minutos que ele havia passado ao ar livre.

"Assim como eu", disse ele. "Mas eu não tenho que gostar disso."

Eles sentaram em silêncio por alguns minutos. Horace deslocou-se incansavelmente diversas vezes. Will, treinado para permanecer em silêncio e imóvel por horas, considerava o seu velho amigo com simpatia. Guerreiros eram, por definição, os homens de ação. Isso ia contra todo o seu treinamento, simplesmente sentar e esperar os eventos tomarem seus lugares.

Mais para diminuir o tédio de Horace da espera do que por qualquer outra razão, ele perguntou:

"Você vê muito a Evanlyn estes dias?"

Horace olhou para ele rapidamente. Evanlyn era a princesa Cassandra de Araluen. Quando Will e Horace tinham a conhecido, ela tinha viajado com o nome Evanlyn. Horace sabia que havia uma ligação especial entre Will e a princesa quando ambos tinham sido prisioneiros dos Escandinavos. Ele questionou o quão forte esse vínculo era nestes dias. Foi a primeira vez que Will havia mencionado ela desde que Horace tinha chegado. Não é de estranhar, realmente, ele pensou. Eles tiveram pouca oportunidade para discutir questões pessoais desde que ele chegou ao feudo. O recrutamento dos Escandinavos, os sinais de Alyss e agora a iminente chegada do general Escocês misterioso tinha

tomado a maior parte da sua atenção.

"Eu a vejo de vez em quando", disse ele brevemente.

Will assentiu, dando nada de graça. "Inevitável, eu suponho", disse ele. "Afinal, você está baseado no castelo. Eu suponho que você topa com ela, ocasionalmente, não é?"

"Bem... um pouco mais do que ocasionalmente", disse Horace cuidadosamente. Na verdade, ele e a princesa eram próximos um do outro socialmente, mas não tinha certeza de que ele queria falar isso para Will. No passado, ele sentiu uma leve tensão entre ele e seu amigo quando ele veio para Evanlyn, e ele não quis recriá-la agora. Ele percebeu que Will estava olhando para ele e sentiu a necessidade de adicionar mais.

"Quero dizer, há bailes e danças e tal", disse ele. Ele não acrescentar que ele era normalmente convidado por Cassandra como seu parceiro para estas ocasiões. "E os piqueniques, é claro", acrescentou ele, imediatamente desejando que ele não tivesse. Will ergueu uma sobrancelha.

"Piqueniques?", Disse. "Que admirável. Soa como a vida é um grande piquenique no castelo estes dias."

Horace respirou fundo, então decidiu que seria melhor se ele não respondesse. Ele se levantou e estalou suas costas, onde os músculos ainda estavam duros.

"Estou ficando muito velho para este campinismo disfarçado", disse ele. Will notou a mudança deliberada do assunto e teve a graça de se sentir constrangido com a forma que ele estava agindo. Afinal, não era culpa de Horace de que ele estava baseado no castelo Araluen. E como um velho amigo de Evanlyn-Cassandra, ao contrário, era lógico que ele deveria passar tempo com ela.

"Desculpe Horace," disse, "Eu falei demais agora a pouco. Acho que estou um pouco nervoso.

Eu odeio toda esta espera sem fazer nada."

Por uma questão de fato, ele estava completamente habituado a isso, e ele não se incomodava.

Horace olhou para ele, reconhecendo o lance como um gesto de paz. Seu rosto se iluminou com seu sorriso fácil, e Will sabia que o momento de constrangimento passou.

E, claro, foi nesse instante que o homem de Malcolm Ambrósio escorregou na clareira, chamando-lhes em um sussurro rouco, “Arqueiro! Sir Horace! Os Escoceses estão chegando!"

Havia nove deles: General MacHaddish e oito guerreiros que formavam sua escolta.

MacHaddish marchava à frente da coluna de pequeno porte. Ele era um homem musculoso, mas bastante corpulento—poucos escoceses eram altos. Tinha a cabeça raspada, além de uma longa trança bem trançada que pendia para baixo no lado esquerdo de sua coroa. Ele estava envolto em uma lã grossa xadrez na parte superior do corpo que era nada além de um cobertor alongado.

Estava enrolado ao redor de seus ombros e do tronco, deixando os braços nus, mesmo nesse congelante tempo frio. Ele vestia um saiote escocês longo do mesmo material e botas de pele de carneiro. A espada de duas mãos estava pendurada nas costas, o seu punhal enorme saliente acima de sua cabeça. O lado esquerdo de seu rosto estava pintado com listras grossas de cor azul, marcando-o como um general de segunda, ou menor, classificação. Na bochecha direita e seus braços nus, tatuagens em tons mais escuros estavam gravadas permanentemente em sua pele.

Em sua mão esquerda, ele carregava um pequeno escudo cravejado de ferro, um pouco maior que um prato de jantar.

Seus homens estavam vestidos de mesmo modo, no mesmo vermelho e azul xadrez marcado.

Mas a pintura em suas faces se estendia apenas em torno dos olhos, formando uma máscara azul em cada um deles e marcando-os como soldados comuns. Um ou dois usavam espadas, embora nenhuma tão grande quanto a espada do general. A maioria deles carregava clavas pesadas cravejado com pontas e os mesmo pequenos escudos redondos. Em cada bota, Will poderia ver o cabo de um punhal longo, para o combate de perto.

O Arqueiro ficou de pé, imóvel e envolto em seu manto, a menos de dois metros da borda da pista, quando os nove homens passaram por ele em um movimento constante. Horace estava a cerca de cinco metros mais para trás nas árvores, maravilhado com a maneira que seu amigo poderia mesclar tão bem no fundo que se tornava praticamente invisível. Mesmo Horace, que sabia exatamente onde Will estava de pé, achava difícil pega-lo. A capacidade de chegar tão perto de um inimigo em potencial era um benefício real, Horace pensou. Pode-se observar muito mais detalhes a esta distância.

O barulho das botas escocesas triturando a neve espessa desapareceu quando a pequena fila passou pela curva na pista. Horace assistiu o último vestígio do xadrez vermelho maçante desaparecer entre as árvores, em seguida, avançou para onde Will estava esperando.

"E agora?", Perguntou ele.

O Arqueiro olhou para ele. "Nós vamos seguir a distância, certificando-se que tenham ido para Macindaw. Então nós vamos organizar uma recepção para eles quando eles estiverem indo para casa."

Horace expressou uma dúvida que tinha o chateado por algum tempo. "E se forem para casa por uma rota diferente?"

Will ficou em silêncio por alguns segundos.

"Então nós vamos ter que improvisar alguma coisa", disse ele, em seguida, acrescentou, com um lampejo de irritação: "Pelo amor de Deus! Pare de tentar me preocupar!"

13



Alyss estava parada perto da janela, olhando para fora sobre a paisagem sombria de neve que cercou Macindaw. Através da cobertura de nuvens de baixa altitude, ela poderia ver um brilho difuso no céu oriental que lhe disse o sol se tinha levantado. Em qualquer outro momento, ela pensou ironicamente, ela poderia muito bem ter sido fascinado pela beleza selvagem da cena, os campos brancos ladeados pela massa escura de árvores, seus topos coroados de neve.

Mas na sua atual situação, ela achou a visão sombria e deprimente. Ela ansiava por uma mancha de cor no mundo exterior. As paredes cinzentas do castelo eram sombrias e proibidas, e mesmo o padrão que Keren havia escolhido para si tinha falta de cor—uma espada preta imposta a um escudo de fundo branco e preto alternando tiras diagonais.

A janela era alta, com o menor patamar chegando quase a altura do joelho passado. Isso lhe proporcionou uma excelente vista para o pátio abaixo, embora houvesse geralmente pouco de interessante para ver lá, apenas a alteração regular dos sentinelas e uma figura passando ocasionalmente da torre de vigia para a portaria ou estábulos. Havia poucos visitantes em Macindaw nesta época do ano, que provavelmente foi por isso que tinha Keren escolhido o inverno como o tempo para essa etapa do golpe.

A chave sacudiu na porta da sala exterior e ela se virou sem curiosidade. Era provavelmente um dos servos vindo para limpar os restos de seu almoço. Mas qualquer ruptura na monotonia era bem-vinda. Ela ficou surpresa, então um pouco assustada, quando a porta abriu-se admitindo Keren.

Sua primeira suposição era de que algo tinha acontecido para despertar as suas suspeitas uma vez mais, e ela escorregou as mãos atrás das costas, sentindo a pequena, pedra brilhante preta escondida no punho de sua manga. Sua surpresa aumentou quando ela percebeu que o renegado estava carregando uma bandeja, tendo uma cafeteira e duas canecas. Ele sorriu para ela quando ele fechou a porta com o pé, em seguida, moveu-se para colocar a bandeja sobre a mesa.

"Bom dia", disse ele alegremente.

Ela não disse nada, inclinando-se cautelosamente para ele, perguntando o

que era isso tudo.

Espontaneamente, com os olhos deixou cair no bolso na cintura, onde ela sabia que ele manteve a gema azul. Ele viu o movimento e estendeu as mãos em um gesto tranqüilizador.

"Sem truques. Sem mesmerismo. Eu apenas pensei que nós poderíamos tomar uma caneca de café juntos", disse ele.

Alyss olhos a cafeteira desconfiada. Talvez Keren tivesse colocado algum tipo de droga na mesma, uma droga que não pode ser contrariada pelo seixo stellatite.

"Eu acabei de tomar café da manhã", disse ela friamente. Keren sorriu, entendendo suas dúvidas.

"Você pensa que o café pode estar drogado?" ele disse. Serviu um copo e tomou um gole profundo, suspirando de prazer quando ele provou isso. "Bem, se for, é uma droga com sabor excelente".

Ele parou pensativo, como se estivesse esperando algo acontecer. Após alguns segundos, ele balançou a cabeça, sorrindo.

"Não. Eu não sinto nenhum efeito a não ser o desejo de mais um gole."

Ele pegou outra e apontou para a cadeira à sua frente.

Alyss ainda não estava convencida. "Claro", disse ela, "antes que você entrou você poderia ter tomado um antídoto para qualquer droga que pode estar no café."

Ele balançou a cabeça, reconhecendo o ponto. Então ele disse muito agradável, “Alyss, se eu quisesse drogar você, você acha que eu viria aqui com uma caneca de café para fazer isso?"

"Eu não vejo porque não", respondeu ela.

"Bem, pense no seguinte: Se eu fiz plano de drogar você, por que eu iria colocá-la em alerta?

Não seria muito mais simples deslizar a droga no café da manhã que você acabou de comer?"

Ele indicou o copo vazio prato, e bule na mesa, esperando a colheita, e Alyss percebeu que ele estava certo. Sua chegada com o café tinha fixado a sua guarda. Mas ela tinha comido a refeição muito feliz, sem pensar em drogas que poderiam entrar na sua cabeça.

"Eu suponho que sim", disse ela relutantemente. Mais uma vez, ele apontou para a cadeira, e desta vez ela se sentou, perplexa quanto às suas motivações.

Ele derramou um copo para ela e apontou para ela beber. Ela fez isso, cautelosamente, sentada à beira da cadeira, alerta para qualquer coisa. O café era excelente, como tinha prometido. E, aparentemente, não era nada além de café.

Ela não sentiu tontura súbita, nenhuma compulsão de falar somente a verdade.

Mas, ainda assim, ela esperou que ele tomasse mais um gole antes que ela bebesse novamente.

O efeito pode ser cumulativo, ela fundamentou. Mais uma vez, ele parecia ler os pensamentos dela, e ele sorriu.

"Vamos beber gole a gole, se isso faz você se sentir mais segura", disse ele. "Você realmente não confia em mim, não é?"

Ele sorriu para ela, mas ela ficou com cara de pedra.

"Você é um quebrador de juramento", disse ela. "Ninguém nunca vai confiar em você de novo.

Nem mesmo os Escoceses."

Por um breve momento, ela viu a luz de dor em seus olhos, e ela percebeu que Keren era muito consciente do que suas ações haviam lhe custado. Ele era um exilado agora, inimigo de todos que ele tinha conhecido. Ele teria toda Araluen contra ele. As pessoas cuja confiança e respeito que ele tinha ganhado nos anos de serviço seriam agora seus inimigos jurados. As pessoas que ele nunca conheceu insultariam o seu nome.

E seus novos companheiros nunca iriam substituir os antigos, porque nunca iriam confiar completamente nele. Um homem que quebra seu juramento, que vira traidor uma vez, pode sempre fazer a mesma coisa de novo. Ele sabia disso porque ele sabia o calibre dos homens que ele havia recrutado para sua bandeira. Homens como John Buttle. Keren nunca poderia realmente confiar em seu segundo no comando. John Buttle, Sir John como ele gostava de se referir a ele mesmo agora, iria ficar com Keren apenas contanto que beneficiasse João Buttle.

Então, quando ele visse uma alternativa melhor, mais rentável, ele iria traí-lo.

Alyss se perguntou se era por isso que ele estava aqui agora. Keren era um líder que não tinha nada em comum com seus próprios seguidores. Eles eram brutos, homens incultos, homens sem princípios ou moral. Além de fornecer um lembrete constante de Keren do que ele tinha se tornado, que lhe proporcionaria nenhuma companhia, nenhum estímulo, nenhuma diversão.

Cercado por seus seguidores, ele estava sozinho.

Ela olhou para ele agora com um novo interesse. Talvez houvesse uma chance aqui para ela girar em torno de todo este descalabro, sem mais perdas de vidas.

"Não é tarde demais", disse ela, inclinando-se sobre os cotovelos, olhando em seus olhos. "Você pode colocar um fim nisso".

Seus olhos deslizaram longe dela. Ele não iria encontrar o seu olhar. Eu

sabia, ela pensou.

"Eu não posso voltar agora", disse ele. "Eu só posso continuar ao longo do caminho que eu escolhi".

"Isso é ridículo!", Disse ela, com espírito considerável. "Nunca é tarde demais para admitir que você cometeu um erro! Você está preocupado com Buttle? Ele não se atreveria a disputar com você! O homem é um covarde. "

Ele riu-se duramente. "Eu não estou preocupado com Buttle", disse ela. "Nem qualquer um dos bandidos que ele tem recrutado. Mas você mesmo disse, eu sou um quebrador de juramento.

Quem vai confiar em mim agora?"

"Tudo bem", ela admitiu, "sua vida nunca mais será a mesma. Você cometeu um erro, e é um que pode levar anos para se esquecer. Mas se você abandonar este curso agora, se você declarar sua lealdade a Araluen mais uma vez, pelo menos você não será um exilado pelo resto de sua vida."

Ele não disse nada, mas ela podia ver que ele estava no pensando profundamente. Ela pressionou mais.

"Keren," ela começou. Ela usou seu nome intencionalmente. Ela precisava chegar até ele, para convencê-lo. "Você está esperando algum General Escocês" Ela fez uma pausa quando ele olhou para ela, de repente suspeito. Ela fez um gesto de desdém. "Ah, pelo amor de Deus, eu não sou estúpida!", Disse ela, impaciente. "Um de seus homens disse que o nome no outro dia."

Ele relaxou quando lembrou a ocasião e ela continuou. "Olha, os mande voltar. Diga-lhe que o negócio está acabado. Ou minta para ele. Diga que você continua com o plano, seja ele qual for.

Apenas o segure por um tempo, e obtenha as tropas leais de volta ao castelo. Os homens que se livrou não devem estar muito longe. Will pode ajudá-lo."

Mas Keren já estava balançando a cabeça.

"É muito tarde", ele disse. "Não há mais volta. Se eu trair o Escocês, eles vão me matar. Os homens de Buttle não vão lutar para me salvar. Ele vai tomar o meu lugar. O Escocês não vai se importar, desde que eles saibam que não haverá o Castelo de Macindaw ameaçando suas linhas de fornecimento, quando eles invadirem".

Ela recuou. "Invadir?", Repetiu incrédula. "Eu pensei que eles estavam planejando para simplesmente ataque através da fronteira".

Ele sorriu tristemente.

"Oh, não, minha querida garota. Isso é muito mais grave do que alguns conflitos e invasões.

Eles pretendem ocupar o feudo de Norgate e torná-lo parte de Picta".

Ela sentiu o sangue escorrer de seu rosto. Sua formação como Mensageira significava que ela entendia a importância estratégica da situação. Se os Escoceses estavam a ocupar Norgate, o caminho estaria aberto para qualquer ataque aos feudos vizinhos, e Araluen nunca poderia tolerar isso. Seria desencadear uma guerra que se arrastaria por anos, sangrando ambos os países.

"Keren", disse ela, inclinando-se novamente e levando as mãos dele nas dela para mostrar sua sinceridade para ele, "você tem que parar com isso!" Quando ele começou a sacudir a cabeça, ela levantou a voz zangada. "E pare de dizer que é tarde demais! Não é tarde demais! Pelo amor de Deus, eu vou falar para você. Parem com isso agora e eu vou falar com o próprio rei."

"Um pedaço de uma garota como você?", Disse ele ironicamente.

Alyss caiu para trás com a réplica irritada que saltou aos lábios.

"Você esquece, eu sou um Mensageira", disse ela em seu lugar. "E a palavra de uma Mensageira carrega muito peso, mesmo com o rei. Se você desistir desta loucura agora, farei tudo que puder para ajudá-lo. Juro."

Houve um barulho na fechadura da porta, e um dos homens de Keren abriu a porta e entrou.

Keren olhou para ele, sua face escura com raiva.

"Saia, maldito!" Ele se revoltou. O homem fez um gesto pedindo desculpas, mas permaneceu na porta.

"Desculpe, senhor Keren, mas Sir John pensou que você deveria saber. O general Escocês está se aproximando do castelo."

Keren se levantou rapidamente, a bandeja chocalhou quando ele empurrou a mesa em sua pressa. Ele apontou rapidamente para o homem, que saiu da sala, deixando a porta aberta atrás dele.

"Bem," Keren disse, "parece que a sorte está lançada".

Alyss tentou mais uma vez. "Keren, eu posso ajudá-lo. Confie em mim."

Ele sorriu novamente, mas ela percebeu o sorriso era uma máscara da dor que ele estava sentindo.

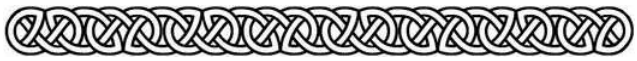
"Você sabe, até dois dias atrás, isso poderia ter sido verdadeiro. Mas Senhor Syron morreu na noite de anteontem."

Alyss levantou-se.

"Ele está morto?", Perguntou ela. Keren assentiu.

"Eu não queria que isso acontecesse desse jeito, mas é culpa minha. Portanto, a menos que você pode trazer um morto de volta à vida, você realmente não pode me ajudar nisso."

14



Will e Horace estavam várias centenas de metros atrás do grupo Escocês quando eles o seguiram pela floresta. Se ele estivesse sozinho, poderia ter mantido contato muito mais próximo, mas juntamente com Horace, sentiu que seria mais prudente manter a distância. O guerreiro alto não era desajeitado de qualquer maneira. De fato, na medida normal dos cavaleiros, ele era muito gracioso.

Mas isso não significava nada em comparação com a capacidade de um Arqueiro mover-se silenciosamente através da floresta. Enquanto ele seguia Will ao longo da trilha estreita, Horace sentia-se como se tivesse patas de urso.

"Eu não sei como você faz isso", disse ele depois de um tempo. Will olhou para ele, suas sobrancelhas levantadas no inquérito, de modo que Horace sentiu-se compelido a elaborar.

"Como vocês Arqueiros se movem tão silenciosamente", explicou. Will franziu ligeiramente, em seguida, voltou para seu lado.

"Bem, para começar", disse ele em voz baixa, "nós Arqueiros não andamos gritando 'eu não sei como você faz isso'."

Horace estava um pouco cabisbaixo. Ele baixou a voz para um sussurro. "Ah... certo.Desculpa."

Will balançou a cabeça e afastou-se novamente. Horace o seguia cerca de cinco metros atrás, vendo onde ele colocava seus pés e pisava com cuidado exagerado. A grossa camada de neve na pista ajudava de fato, ele pensou. E a neve caindo poderia ocultá-los de vista. Na verdade, Will, em seu manto preto-e-branco manchado, continuava desaparecendo da vista de Horace mesmo em uma distancia de cinco metros.

Liderando o caminho, Will rangia os dentes a cada galho que estalava sob os pés de Horace. O guerreiro parecia ter pés excepcionalmente grandes, ele pensou. Eles certamente pareciam encontrar um monte de galhos para quebrar. Ainda assim, ele sabia que eles estavam longe o suficiente atrás dos Escoceses para fazer esse barulho indiscernível quando Horace Will seguia suas pegadas na neve novas. Felizmente, não estava caindo rápido o suficiente para cobri-los completamente. Eles estavam indo para Macindaw obviamente, esta faixa levava

para o castelo e nenhum outro lugar. As árvores estavam em crescimento e eram relativamente novo, nada como a espessura, emaranhados impenetrável que marcava a Floresta Grimsdell, que ficava a leste. Em Grimsdell, se você encontrasse um caminho a seguir, seria a metade da largura desta faixa relativamente clara. E ele iria torcer e andar em círculo e sentir vento como uma serpente tão demente que, após alguns minutos, você não tinha noção de para onde estava indo.

Eles estavam se aproximando do final das árvores agora, e moveu-se mais lentamente, fazendo sinal para Horace permanecer onde estava por alguns minutos, enquanto Will espiava a frente.

Como as árvores desbastadas, ele poderia ver o pequeno grupo de guerreiros Escoceses mais claramente. Eles ainda estavam se movendo nessa corrida lenta, cruzando o campo aberto, onde o tojo e samambaia cresciam apenas abaixo do joelho. Eles estavam quase no castelo, cuja porta principal estava no lado sul. Enquanto observava, os Escoceses desviavam em direção à entrada principal.

Mesmo a esta distância, Will podia ver a enxurrada de movimentação nas muralhas do castelo enquanto o grupo se aproximava. Mas não havia sons de alarme. Sem gongos, sem gritos. Os Escoceses, obviamente, não eram considerados uma ameaça.

Virando-se, ele trotou de volta através da floresta até o local onde ele havia deixado Horace.

"Eles estão indo para Macindaw, tudo certo", disse ele. "E eles são esperados. Vamos".

Ele abriu o caminho para o sudeste, se infiltrando através da floresta até o local onde se progressivamente incorporava a parte maior que era Grimsdell. Não havia maneira de ele e Horace se moverem no terreno aberto para seguir os Escoceses. Eles teriam de ficar ao abrigo da linha de árvores. Isso significava que cobriam dois lados compridos de um triângulo, enquanto os Escoceses foram para o mais curto, a rota mais direta.

No momento em que eles chegaram a um ponto onde eles poderiam manter a muralha sul à vista, as portas do castelo abriram, admitindo o general Escocês e seus homens, e fecharam novamente.

Os dois amigos estavam de barriga para baixo, à sombra das árvores, olhando para o castelo.

"O que você acha que eles estão fazendo?" Horace perguntou.

Will deu de ombros. "MacHaddish é um general, e os generais geralmente comandam mais do que um punhado de homens. Meu palpite é que ele tem uma força maior a espera na fronteira e ele está fazendo os acordos finais com

Keren para trazê-los ao Sul—discutindo números de homens, quanto eles vão pagar a Keren. Esse tipo de coisa."

"Então, é um grupo de ataque?" Horace perguntou, e Will assentiu, pensativo.

"Pelo menos. Talvez algo maior. Seja o que for eu não gosto do que isso tá parecendo."

Horace esticou incomodado. Ao contrário de Will, ele nunca poderia se manter imóvel em um só lugar por muito tempo.

"Precisamos saber o que estão fazendo," disse ele.

Will sorriu para ele. "Tenho certeza de Malcolm será capaz de descobrir por nós quando capturar o nosso amigo MacHaddish".

Horace assentiu pensativo. "Temos de fazer isso em primeiro lugar", ressaltou.

"É verdade. Quantos homens você contou? "Will perguntou. Ele achava que sabia ele mesmo, mas ele não fazia mal ter certeza.

"Contando o general? Nove."

"Isso é o que eu pensava. Então eu acho que você, eu e dez dos Escandinavos devemos ser capazes de fazer o trabalho."

Horace parecia cético. "Doze de nós? Nós realmente precisamos de tantos? Afinal, nós estaremos os pegando de surpresa."

"Eu sei", Will o disse. "Mas nós queremos levá-lo vivo, lembra?

"Isso é verdade. Quando você acha que nós vamos fazer isso?"

Will deu de ombros. "Não acredito que eles vão gastar mais do que um dia aqui. Os guardas do castelo estavam esperando. Eu diria que eles estão planejando isso há algum tempo e agora estão resolvendo os detalhes de última hora. É melhor estar na posição antes de escurecer. De volta ao local onde acampamos."

"É um lugar tão bom quanto qualquer outro", Horace concordou. "Então você quer que eu vá e recolha Gundar e alguns de seus homens, enquanto você mantém um olho nas coisas aqui?"

Will rolou do lado dele para estudá-lo. "Você tem certeza que você pode encontrar o caminho de volta para a clareira de Malcolm?" Ele perguntou, e Horace sorriu para ele.

"Eu acho que mesmo sendo um velho desajeitado ruidoso eu posso fazer isso", disse ele. "Will vamos encontrá-lo aqui ou no nosso acampamento?"

Will pensou por alguns segundos. Por conta própria, ele seria capaz de atravessar como um fantasma todo o terreno aberto, uma vez que estava escuro. Dessa forma, ele poderia esperar até ter certeza que os Escoceses estavam a caminho e ainda chegar antes deles ao local da emboscada.

"Leve-os para onde acampamos", disse ele. "Deixe um vigia na linha de árvore para avisá-lo quando eles estiverem vindo, só no caso de eu perder eles de vista." Por um momento, ele foi tentado a entrar em detalhes sobre como configurar a emboscada em si, mas ele percebeu que Horace poderia organizar esse tipo de coisa tão bem quanto ele poderia.

Horace bateu a mão no ombro de Will e levantou do chão, tendo o cuidado de se manter na sombra sob as árvores.

"Nos vemos lá", disse ele.



Por meio da tarde, a paciência mesmo Will estava sendo testada. Ele estava desejando que ele tivesse pedido para Horace enviar alguém de volta da clareira para espiar com ele. Pelo menos, então ele seria capaz de fazer uma pausa e até mesmo dormir por uma hora ou assim.

Estranhamente, depois de um tempo, simplesmente deitar na linha da árvore olhando para o castelo tornou-se extremamente cansativo. Em um ponto, Will encontrou-se na iminência de cochilar. Sacudiu-se, tomou algumas respirações profundas e retomou sua vigília. Dentro de alguns minutos, sentiu seu foco à deriva e seu queixo cair sobre o peito novamente.

"Isso não é bom", disse ele, irritado. Levantando-se ele começou a andar para trás e para frente.

Permanecer ativo parecia ser a melhor maneira de ficar acordado. A neve continuava a cair de forma intermitente durante todo o dia, e o campo estava envolto em uma capa grossa agora. A luz começou a desaparecer, e Will percebeu que poderia ser melhor se ele voltasse para as árvores do norte do castelo. Se os Escoceses surgissem agora, havia uma chance de que Will pudesse os perder de vista até que fosse tarde demais.

Claro, pensou ele, ele estava apenas imaginando que eles iriam sair esta noite. Talvez Keren fosse entretê-los no castelo com um banquete. Eles podem muito bem ficar mais um ou dois dias para descansar antes da viagem para casa. Mas de alguma forma, ele duvidou. Ele tinha visto de perto o rosto fechado do general Escocês, e ele não parece ser o tipo de homem que iria perder seu tempo em banquetes ou relaxando.

Ele passou poucos minutos na habitual preparação, observação os ritmos naturais da terra em torno dele, o movimento de queda de neve, a forma como o vento suave agitava os arbustos e as árvores. Então, quando ele se sentia em sintonia com tudo isso, ele se entortou e deslizou através do terreno aberto, à luz incerta.

Visto a uma distância de dez metros, ele pareceu desaparecer no fundo. A partir das muralhas do castelo a várias centenas de metros de distância, não havia nenhuma chance de que um observador tivesse notado ele.

De volta a Clareira do Curandeiro, como já era do conhecimento geral, Orman e Malcolm assistiam Horace liderar o grupo de Escandinavos na direção das árvores. Era notável, Orman pensou como alguém tão jovem podia exercer autoridade sobre esse contingente de batalha Escandinavo. Malcolm parecia ter chegado à mesma conclusão.

"Você tem sorte de ter os dois ao seu lado", disse ele, e Orman sabia que ele estava se referindo à Will e Horace. "Eles são jovens muito talentosos."

Orman assentiu. "Eles fazem uma excelente equipe também." Então ele olhou para o pequeno curandeiro com um olhar de soslaio. "Ocorre-me que eu tenho sorte com todos os meus novos aliados."

Malcolm encolheu timidamente. Orman, mas sentiu que era hora de ele perseguir o assunto.

"Afinal," ele disse "Você me deve nada. Você escolheu anos atrás isolar-se na floresta aqui e cortar-se fora do contato com o mundo exterior." Ele suspirou pesadamente. "Eu não posso dizer que completamente culpar você por isso."

"Eu estive razoavelmente satisfeito, suponho," Malcolm respondeu.

"E agora você está arriscando tudo isso", disse Orman.

Malcolm fez uma careta. "Eu estou?"O pensamento parece estar ocorrendo a ele pela primeira vez." Eu suponho que eu estou, realmente," ele concordou.

"Todos os dispositivos de proteção e ilusões foram expostos como truques".

"Você estava pensando em dizer ao mundo?" Malcolm perguntou com um pequeno sorriso.

Orman balançou a cabeça. "Claro que não. Mas uma vez que o segredo está quebrado, tem um jeito de sair. Toda a sua gente aqui vai estar em risco de novo".

Malcolm sorriso desvaneceu-se com isso. "Eu sei", disse ele por ultimo. "Eu considerei isso, mas realmente, o que eu podia fazer? Will e seu homem Xander chegaram aqui com você na porta da morte. Que escolha eu tinha?"

"Você poderia ter nos afastado", disse Orman, mas Malcolm estava sacudindo a cabeça antes que ele tivesse terminado a frase.

"Eu sou um curandeiro", disse ele simplesmente. "Eu jurei dedicar a minha vida à arte. Se me mandasse vocês embora, eu seria um quebrador de juramento. Você vê?", Acrescentou, com um traço de sorriso triste rastejando de volta para seu rosto. "Você me colocou em uma posição impossível."

Orman assentiu. Ele fez perceber o fato, que era porque ele havia levantado a questão com Malcolm.

"Eu entendo isso. Mas eu quero que você saiba, as coisas serão diferentes no futuro. Você estará sob a proteção do Castelo de Macindaw".

Malcolm pensou por alguns segundos. "Eu agradeço a oferta", disse ele. "Mas você não se importa se eu permanecer na floresta? Eu cresci um pouco habituado as coisas aqui. E eu não poderia deixar o meu povo".

"Eu não esperaria que você fizesse isso", Orman disse ele. "Eu só quero que você saiba que você não vai precisar se esconder mais aqui. Vou te dar toda a proteção que você precisa. E quaisquer outras práticas de ajuda que você possa pedir".

Os dois homens apertaram as mãos solenemente. Malcolm abriu a boca para dizer alguma coisa, então hesitou.

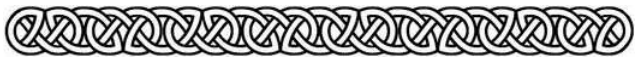
"O que é isso?" Orman solicitou.

"Bem", o curandeiro disse relutantemente, "Eu odeio ter de perguntar, mas estes Escandinavos comendo toda minha comida fora de casa—e em casa os nossos dois homens jovens estão a atravessar o meu estoque de grãos de café como uma praga de gafanhotos".

Orman sorriu. "Eu vou cuidar disso", disse ele. "Vou pedir para Xander comprar alguns suprimentos na vila da Ruína da Enseada. Ele pode vender minha bolsa para pagar por isso.

Pense,", acrescentou ele, e o sorriso aumentou consideravelmente "ele provavelmente vai quebrar seu coração para fazer isso."

15



A pior parte de ser uma prisioneira, Alyss pensou, era não saber o que estava acontecendo. Ela tinha visto MacHaddish e seu grupo chegar depois Keren ter sido convocado pelo mensageiro de Buttle. Sua janela comandava uma visão do pátio e do portão principal por onde entraram.

Mas uma vez que eles foram levados para a torre, ela foi deixada em uma febre de curiosidade.

O que eles estavam discutindo? Quais eram os seus planos? Como é que Will vai contrariar eles? Será que Will sabia mesmo os Escoceses estavam aqui?

Como uma Mensageira, ela estava acostumada a estar a par de informações confidenciais. Sua inatividade forçada e sua ignorância do que estava acontecendo a atormentava, a mandava passear impotente sobre a pequena sala circular.

À procura de algo para distrair, ela se ajoelhou para inspecionar as duas barras centrais da janela. Nos últimos dias, ela havia começado a trabalhar nas barras com o ácido restante. Cada vez Keren que vinha vê-la, ela esperava meia hora depois de ele ter saído, em seguida, derramava o ácido no poço raso em torno da base das duas barras. Ela apenas usou um pouco de cada vez, porque a ação do ácido sobre o ferro criava fumaça pungente que demorava pelo menos uma hora para dispersar. Esta foi a razão por que ela só podia trabalhar nas barras após Keren tinha visitado. Ela raciocinou que havia poucas chances de seu retorno nessas ocasiões.

Enquanto o acido comia o ferro e a argamassa, ela escondia o material em falta com uma mistura de sabonete, sujeira e ferrugem. Ela cavou o material macio agora com a colher, empilhando-o cuidadosamente em um lado para reutilização. As barras estavam três quartos comidas. Outras duas ou três aplicações deviam terminar o trabalho e havia abundância de ácido restante para fazer o trabalho.

Ela não tinha certeza do que ela faria uma vez que as barras estivessem comidos. Ela tinha pavor de alturas e o pensamento de descer a parede exterior a fazia ficar com os joelhos fracos.

Mas não machucava estar preparada.

Talvez ela pudesse arriscar outra aplicação agora. Keren estava amarrado com o general Escocês, e as chances eram de que ele não viria vê-la novamente no futuro imediato. Mas ela resistiu à tentação. Por tudo o que sabia, Keren pode querer o seu desfile em frente ao MacHaddish. Relutante, ela colocou o sabonete, sujeira e cola de ferrugem, escondendo a lacuna no ferro. Em seguida, para escapar da tentação dela, ela se afastou da janela, estendendo-se sobre a cama, os dedos atados atrás da cabeça.

Ela não dormiu. Seus pensamentos rodopiavam na cabeça dela, impulsionado por seu próprio senso de inatividade e frustração.

As horas se arrastaram. Ela andava pela sala novamente. Deitou na cama novamente.

Reorganizou o mobiliário. Uma mesa. Duas cadeiras. Uma cama. Isso não demorou muito. Ela considerou deslocar o armário, mas decidiu que era pesado demais. Além disso, o ruído poderia trazer as sentinelas para ver o que estava fazendo, e ela não queria vê-los. Ela inspecionou as barras de ferro mais uma vez. Em uma etapa, ela examinou a garrafa de ácido, que ela tinha retornado para seu esconderijo no topo da janela de verga. Ela balançou para ver o quanto restava. Em seguida, tomando o controle de si mesma, ela largou e saiu de perto.



Ela estava deitada na cama re-arrumada quando ouviu ordens sendo gritadas do pátio. Levantou-se apressadamente e foi para a janela. O grupo Escocês estava saindo.

"Foi rápido", ela murmurou. MacHaddish tinha estado aqui há menos de seis horas. Ou as conversas com Keren tinham sido bem-sucedidas ou o inverso. Da forma como os dois apertaram as mãos, com Keren batendo a mão livre esquerda no ombro do Escocês, ela assumiu que foi a primeiro opção. Ela olhou para o céu. A luz estava desaparecendo, e ela esperava que Will pudesse ver o que estava acontecendo. Ela teria que enviar-lhe um sinal mais tarde esta noite. Ela sabia que, mesmo quando não estava prestando atenção no castelo, ele deixava alguém nas árvores que iria anotar os padrões de luz que ela enviou assim Will poderia decifrá-los mais tarde.

A ponte levadiça ressoou e rangeu novamente com o caminho aberto para os Escoceses saírem.

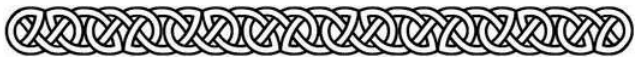
Ela os observou por alguns minutos em que eles se movimentaram por meio dos altos arbustos, virando de volta para o norte e para o caminho que os levou à fronteira Pictan. Então, a estrutura de parte da torre nordeste os escondeu de vista.

Meia hora depois, ela ouviu a chave na fechadura e Keren entrou. Ela esperava que ele estivesse triunfante e orgulhoso, mas ao invés disso ele estava estranhamente suave. Quando ela tentou levantar a moral dele para obter informações sobre MacHaddish, jogou perguntas de lado, preferindo falar sobre sua infância, falando sobre o ano que passou crescendo no campo em torno de Castelo Macindaw. Ela ficou intrigada com essa atitude inesperada, e ar estranho o renegado de tristeza. Então, lentamente, a realização amanheceu com ela.

Em vez de sentir o triunfo que o seu plano estava funcionando, Keren sentia pesar—pesar pelo fato de que ele estava agora irrevogavelmente em um caminho que o levaria longe de tudo o que ele sabia e tinha considerado querido por anos. Um caminho do qual não havia retorno.

De repente, como se de repente, temendo que ele pudesse ter dito muito, ele se levantou, desculpou-se e partiu. Alyss continuou a sentar à mesa depois de ele ter ido embora. As coisas estavam chegando ao fim cabeça mais rápido do que ela esperava. Mais tarde, esta noite, ela iria começar a trabalhar nas barras novamente.

16



O plano para a emboscada era simples. Will tinha escolhido um local próximo ao seu acampamento temporário, onde a pista corria em um trecho relativamente longo em linha reta.

Gundar e nove de seus Escandinavos estariam escondidos nas árvores para cada lado. Eles estariam no início da reta, para que, uma vez que os Escoceses tivessem passado por eles, os lobos do mar seriam capazes de surpreendê-los pelas atrás.

Will e Horace tomariam uma posição no final da reta, onde poderiam chamar a atenção do inimigo. A idéia era que Will e Horace pisariam em vista e fariam os Escoceses pararem. Então, quando sua atenção estivesse desviada, os Escandinavos rapidamente emergiriam das árvores atrás dos invasores, que iriam perceber que estava em minoria e cercados e que a resistência era inútil. Os dois jovens tiveram ainda que pensar o que fariam com os nove presos quando estavam garantidos. De alguma forma, eles teriam que mantê-los presos, mas Will decidiu enfrentar esse problema mais tarde.

Ele sabia, por experiência própria e de ver e ouvir de Halt, que a mera aparência de um Arqueiro era muitas vezes o suficiente para deter inimigos em suas trilhas. Em casos extremos, grupos maiores do que este tinham se rendido sem lutar. Will não esperava que isso acontecesse, mas ele pensou que a visão de um Arqueiro iria no mínimo causar o grupo Escocês hesitar, e esse momento de incerteza dariam aos Escandinavos a oportunidade de entrar e desarmá-los.

Will chegou à linha de árvores, bem antes dos Escoceses. Um dos Escandinavos estava de guarda lá, como ele havia instruído. O homem saltou para os seus pés em alarme conforme o Arqueiro, de repente parecia materializar fora do crepúsculo, bem na frente dele. Ele pegou o machado encostado em uma árvore ao lado dele, mas, felizmente, Will o parou a tempo.

"Calma!", Disse ele, atirando para trás o capuz sobre a sua capa para que o sentinela pudesse ver o rosto dele. "Sou só eu."

"Pela Barba de Gorlog, Arqueiro," o Escandinavo disse, balançando a cabeça. "Você assustou o inferno fora de mim."

Gorlog era uma divindade menor Escandinava que tinha uma longa barba,

chifres curvados e dentes como presas. Em diferentes ocasiões, Will tinha ouvido todas aquelas características invocadas por Escandinavos assustados, mas ele não perdeu tempo em discutir a questão agora.

"Estão a caminho", disse ele brevemente. "Vamos".

O Escandinavo olhou para trás através do terreno aberto do castelo. Vagamente, ele podia ver um pequeno grupo de homens que se deslocavam em direção a eles. Voltou para o Arqueiro, mas Will já estava correndo para o local da emboscada.

Apressadamente, o Escandinavo seguiu suas pegadas. Como Horace, ele ficou intrigado pela forma que a figura disfarçada parecia tremular dentro e fora da vista enquanto ele se movia. Ele cometeu erros ao longo da via estreita em busca da forma indescritível pela frente.

Horace estava esperando a sua vez na pista que marcava o início do trecho reto. Ele também se alarmou conforme Will de repente parecia surgir do chão ao lado dele.

"Não faça isso!", Disse ele, irritado. Então, quando ele viu a expressão confusa de Will, ele explicou: "Você sabe que nós não te ouvimos chegar e mal podemos vê-lo. Faça algum tipo de ruído para sabermos que você está lá!"

"Desculpe", disse Will. "Os Escoceses estão a caminho."

Horace assentiu com a cabeça, esquecendo o seu incomodo momentâneo. Virou-se na direção das árvores.

"Gundar! Você ouviu isso? Eles estão vindo! "

Houve um rumor de movimento nas árvores, e Will viu as figuras sombrias dos Escandinavos movimento para a posição. Eles estavam relaxados no acampamento limpo. Agora, eles aproximaram-se da faixa própria. Will assentiu quando ele viu que, por indicação de Horace, eles haviam tirado seus distintivos capacetes com chifres. Nada afastaria a emboscada mais rapidamente do que a vista de chifres de boi enormes balançando entre os arbustos. Gundar saiu das árvores, com quatro de seus homens. Os outros cinco encontraram posições a alguns metros para trás da faixa e se estabeleceram esperando.

"Tudo bem, Horace," Gundar disse, "nós te ouvimos. Quanto tempo até eles chegarem aqui?"

Horace olhou inquiridora à vontade, que respondeu por ele.

"Talvez dez minutos. Vá para a posição. E quando você estiver lá, não fique se movendo. "Ele procurou uma maneira de enfatizar a ordem, então disse: “Pelas presas e barba de Gorlog, tudo bem?"

Gundar sorriu para ele. "É bom ver que você está aprendendo a língua", disse ele. "Não se preocupe. Nós já emboscamos pessoas antes. "Ele fez um gesto para os quatro homens com ele para passarem para o lado oposto da pista,

colocando, assim, cinco homens em cada lado. Antes que ele mergulhou nos arbustos, ele falou baixinho para os outros, "Quem fizer um barulho, vou quebrar seu crânio. Tudo bem?"

Houve um coro murmurou de entendimento, então os corpulentos Escandinavos afundaram lentamente fora da vista atrás de arbustos e árvores.

"Lembre-se:" Will disse: "nós queremos que este homem vivo. Ele vai ser o que estiver liderando. Tem metade de seu rosto pintado com listras azuis."

"Como é atraente", Horace murmurou. Will olhou para ele.

"E uma grande espada ao ombro", acrescentou. Horace fez uma careta pequena reproduzindo preocupação.

"Não é tão atraente", disse ele.

Will o ignorou. Gundar apareceu nos arbustos ao lado da pista, um tanto como uma baleia na superfície.

"Então, pegamos essa cara azul vivo", disse ele. "Mas você não ficará com o coração partido se alguns de seus homens não sobreviverem?"

"Eu prefiro evitar derramamento de sangue", disse Will. Mas ele sabia que em uma situação como essa, as coisas raramente aconteciam exatamente como o plano. "Faça o que puder", disse ele. "Espere até você ouvir-me pedir-lhes para parar. De um momento mais ou menos até que eu tenha a atenção deles, em seguida, passe por trás deles. Se fizermos em um tempo perfeito, eles devem se render sem lutar."

Ele disse a última parte para se tranqüilizar mais do que qualquer outra coisa. A expressão Gundar não restava dúvida de que ele não estava convencido.

"Isso é como pode ser", disse ele cético, "mas se eles ainda parecerem querer lutar, meus meninos vão começar a bater."

Will assentiu. Ele não poderia pedir mais. Em uma situação como essa, ele não iria esperar os Escandinavos correrem riscos desnecessários só porque ele prefere evitar derramamento de sangue.

"Muito bem", disse ele ao skirl. "Agora, voltar para o esconderijo antes que eles estejam aqui."

Gundar afundou no mato e, mais uma vez, Will se lembrou de uma baleia na superfície submergindo. Mas ele não teve tempo para refletir sobre o assunto. Horace fez pressão na sua manga.

"Vamos", ele disse brevemente, e liderou o caminho até o final do caminho.

Horace desceu nas árvores a poucos passos para sair da visão. Will simplesmente permaneceu ao lado da pista, puxou para cima seu capuz sobre sua cabeça e puxou a capa em torno dele. Ele segurou seu arco em sua mão esquerda, com um par de flechas prontas, entre os dedos da mão direita. Ele

olhou para o mato e notou que Horace tinha coberto o seu escudo branco esmaltado com um pano verde. Ele assentiu aprovando. Com tão pouca luz, não poderia haver brilho do branco para avisar os Escoceses.

Ele ficou tenso quando ele de repente os ouviu chegando. Havia o barulho maçante dos pés se movimentando na espessa camada de neve seca. Horace viu seu movimento involuntário.

"Eles estão aqui?", Disse ele suavemente.

"A qualquer momento. Continue calado." Will o avisou. Enfiou o capuz para trás ligeiramente para que ele pudesse ouvir mais claramente. Agora, ele poderia ouvir o som macio de botas contra a neve seca. Ficou imóvel ao lado de um tronco de árvore grande, os olhos na abertura escura entre as árvores que marcava a curva no caminho, a vinte metros de distância.

A figura apareceu. Indistinta e borrada na primeira neve caindo e opaca luz, logo poderia ser reconhecida como o general Escocês, MacHaddish. Seus homens seguiram logo atrás dele, em quatro pares. Will esperou até que todos eles estavam claros na curva, em seguida, saiu para o centro da pista, colocando uma flecha na corda e trazendo o arco a meia altura.

"Arqueiro do Rei!", Gritou ele, caso houvesse alguma dúvida em suas mentes. "Fique onde você está."

Houve um momento de surpresa entre os Escoceses chocados conforme a estranha figura de repente se tornou visível na frente deles. MacHaddish ouviu os gritos de comando, mas não fazia sentido. As palavras "Arqueiro do Rei" não significavam nada para ele. Will poderia muito bem ter gritado "Coelho do Rei"

A verdade era, o excelente plano de Will teria funcionado perfeitamente, se apenas os Escoceses tivessem entendido sua parte em tudo. Em Araluen, a mera presença de um Arqueiro muitas vezes seria suficiente para resolver uma questão como essa sem lutar. Infelizmente, os Escoceses, no seu país remoto do norte, tinham sido envolvidos em muito poucas relações com os Arqueiros e assim não tinham nenhum temor deles. Eles foram tomados de surpresa pela súbita aparição de Will e, por um momento, eles congelaram.

Will viu que a hesitação inicial entre os Escoceses e relaxou um pouco, sorrindo para si mesmo enquanto ele agradecia as gerações passadas de Arqueiro que tinham construído uma reputação tão notável.

Então, tudo correu muito mal.

MacHaddish recuperou seu momento de surpresa. Sua mão direita chegou à volta por cima do ombro e fechou no punho maciço de sua espada, deslocando-a livre de sua espada em um movimento tão suave e rápido que devia ter sido ensaiado centenas de vezes no passado.

"Ncharith Nambar!" Ele gritou, brandindo a enorme lâmina circulando-a

no ar. Seus homens, galvanizados na ação, ecoaram as palavras, o grito de guerra do clã MacHaddish. O grito subiu de oito gargantas, e MacHaddish atirou-se para frente para a figura indistinta na pista à frente dele. Dois dos seus homens seguiam de perto conforme ele arrancava. Os outros se viraram para enfrentarem Gundar e seus Escandinavos quando eles caíram da vegetação rasteira com machados girando.

Will, diante de um general Escocês armado e aparentemente enfurecido, trouxe o arco à pressão total instintivamente. No último momento, ele lembrou suas próprias instruções para os Escandinavos e, pouco antes de liberá-lo, mudou o ponto de mira do centro do peito do general para o seu pulso direito.

A flecha queimou através dos tendões e nervos no punho, o choque imediato da ferida privou a mão de todos os sentimentos, entorpecendo o braço e roubando toda a força de MacHaddish para brandir a espada enorme. Com um grito de dor assustado, ele se dobrou, deixando cair a espada pelo caminho enquanto ele segurava seu ponho direito com a mão esquerda.

Mas Will não tinha mais tempo para a MacHaddish. Os outros dois Escoceses estavam quase em cima dele. Ele recarregou e disparou sua flecha em um segundo movimento, derrubando um deles para a neve, morto em suas trilhas. Então, o outro estava em cima dele, gritando de ódio e vingança, a espada voltando para um golpe mortal. Will se atirou para o lado, bater na neve profunda com seus ombros e rolando, descartando o arco enquanto isso, sua mão direita, puxando a Faca Saxônica enquanto rolava de pé novamente.

Mas o golpe Escocês tinha sido interceptado pelo escudo de Horace. A lâmina dobrou e rasgou um corte enorme no pano de cobertura. O Escocês levou a espada de Horace em seu próprio escudo pequeno enquanto Horace o pressionava em resposta. Mas ele não estava de forma alguma preparado para os movimentos velozes do cavaleiro de Araluen. Mesmo que o Escocês preparava para revidar, ele percebeu que já estava atrás no ritmo da luta e a espada do homem alto estava cortando em volta dele novamente. Ele bloqueou desesperadamente com o escudo, grunhindo conforme a força do golpe sacudia seu braço. Então, incrivelmente, outro golpe estava a caminho vindo de outro ângulo e ele teve que desviar rapidamente com sua espada.

Sentia-se como se estivesse lutando dois homens, sentiu seu intestino congelando pela morte iminente quando a espada foi agitada de seu controle e passou a girar entre as árvores.

Cegamente, ele se inclinou para alcançar o punhal no topo da bota, mas quando ele o fez, Horace plantou sua própria espada primeiro no chão e adiantou-se para lançar um corte direito sólido para o seu maxilar.

Os olhos do Escocês rolaram em sua cabeça e seus joelhos

desmoronaram sob ele. Ele caiu a cara na neve macia, inconsciente.

Na extremidade da pista, Will e Horace tiveram conhecimento de gritos e do choque das armas.

Os Escoceses estavam severamente cercados e em menor número, com seis homens de frente para dez. Mas eles continuaram a lutar, ferindo dois dos Escandinavos. Isso foi provavelmente um erro, como se incitasse Gundar em uma fúria de combate. Seu machado girava em torno de sua cabeça, e ele abriu um caminho através do clã, esmagando de lado a lado os escudos inadequados que eles levavam.

Havia apenas dois de pé no lado esquerdo no momento em que optaram por baixar as suas armas e pedir misericórdia. Gundar, cego e surdo com a fúria de combate, não os ouviu. Mas um dos Escandinavos jogou seus braços em torno de seu skirl e o arrastou para se acalmar. Os outros Escandinavos surgiram em torno dos sobreviventes do clã, derrubando as armas de suas mãos e os forçando a ficarem de joelhos.

Horace e Will trocaram um olhar, sacudindo a cabeça.

"Bem", disse Horace, "não foi bem a maneira que nós planejamos."

Will estava grato de que ele tinha dito "nós" e não "você". Ele guardou sua Faca Saxônica.

"Não é bem assim", disse ele. "Mas pelo menos temos MacHaddish." Olhou em volta para o local onde o general tinha afundado até os joelhos, segurando o braço direito ferido. Havia uma grande mancha vermelha na neve.

Mas nenhum sinal de MacHaddish.

17



"Aonde raios ele foi?" Horace. "Eu quase não tirei meus olhos de cima dele."

Mas Will já estava agachado sobre o local onde o general esteve caído, os olhos seguindo o rastro claro que o Escocês havia deixado escapar na neve nova. Além das pegadas, tornando-se agora difícil de ver à luz falhando, havia um rastro vermelho de gotas de sangue. Começou a avançar na busca, então hesitou, olhando para o caminho onde os Escandinavos cercavam os guerreiros sobreviventes Escoceses.

Gundar foi para um lado, sendo acalmado pelo homem que o arrastou para longe dos Escoceses.

Will queria ter certeza de que alguém ficaria encarregado dos prisioneiros.

"Segura eles lá, tudo bem?" Ele chamou. Ele apontou para o guerreiro que Horace tinha nocauteado. "Esse também".

Um dos Escandinavos se adiantou. Para sua surpresa, Will reconheceu Nils Ropehander. O homem com rosto cheio de cicatrizes tinha sido um dos Horace primeiro tinha escolhido para a emboscada. Na experiência de Horace, os homens como Nils, em primeiro cínicos e relutantes, muitas vezes se tornavam os seguidores mais confiáveis, uma vez que foram convertidos para uma causa.

"Você vai atrás do Rosto Azul, Arqueiro", disse ele agora. "Nós vamos manter um olho sobre estas belezas até você voltar."

Will assentiu com a cabeça uma vez, em seguida, mergulhou nas árvores, seguido de perto por Horace. Ele teve um momento de hesitação quando ele percebeu que tinha deixado seu arco ao lado da pista, em seguida, deu de ombros. Na floresta apertada, o arco seria quase inútil. Sua Faca Saxônica e a faca de arremesso seriam armas mais adequadas em tais condições.

Ele correu meio agachado, franzindo em concentração enquanto ele procurava por rastros de MacHaddish na neve. No começo, o rastro de sangue brilhante fez o progresso ser fácil mesmo na quase escuridão Mas então o general deve ter percebido que ele estava deixando um rastro que até um cego poderia seguir e segurou a mão ferida até interromper o fluxo. Provavelmente

com a vestimenta xadrez que ele usava em torno de seus ombros, Will refletiu.

Mais cedo ele pensou ter visto a haste da flecha quebrada presa em um arbusto para o lado, onde o Escocês tinha jogado ela. Will estremeceu. A tarefa de remover a flecha deve ter sido angustiante.

Agora, sem o rastro de sangue para acompanhar, localizar MacHaddish cresceu em dificuldade.

Durante o dia, um perseguidor da capacidade de Will seria capaz de ler as pegadas na neve sem hesitação. Mas agora estava quase completamente escuro.

Além disto, ele percebeu MacHaddish estava ativamente tentando jogá-los fora da pista, às vezes parando, em seguida, pulando, tanto quanto podia para um lado ou outro, antes de continuar. Em outros tempos, havia lançado pistas falsas, a posição para o lado de uma dúzia de passos, então rapidamente voltava, pisando as pegadas para trás no mesmo, ou saltando ou usando galhos ou afloramentos rochosos ocasionais para mudar de direção sem deixar pegadas.

O Escocês teve o luxo de ser capaz de continuar em qualquer direção que ele escolheu a qualquer momento.

À luz normal Will imediatamente teria detectado os sinais de retrocesso e ignorado a pista falsa.

Mas à noite, no inverno, na mata, ele não teve outra escolha senão seguir a trilha que ele viu.

Ele parou quando ele chegou a um ponto onde a trilha torcia acentuada à esquerda. O instinto lhe dizia que MacHaddish tinha colocado outra pista falsa aqui. Ele notou que o homem parecia instintivamente voltar para a mesma direção geral cada vez que ele jogava fora uma pista falsa.

Estava dirigindo o norte, para a borda. E norte era em frente, e não à esquerda. Will foi tentado a continuar dessa forma, ignorando as pegadas dobrando para o lado. Ele podia ver um pedaço de rocha nua em frente, onde MacHaddish poderia ter ido para apagar suas pistas. No espaço intermediário, havia muito lixo no solo, galhos caídos e folhas deitadas na neve que ele poderia ter pisado para esconder seu rastro. Provavelmente, do outro lado das rochas, as pegadas seriam retomadas.

Mas se ele não o fez, se este era o caminho real, ele iria perder minutos preciosos localizando-o novamente no escuro. Ele hesitou, inseguro, sentindo que o Escocês estava ficando cada vez mais longe deles a cada minuto.

"Qual caminho?" Horace perguntou, mas Will imediatamente sinalizou para que ele permanecesse em silêncio. Ele tinha ouvido algo na floresta, à frente e à direita. Ele virou a cabeça ligeiramente de lado a lado, tentando pegar o barulho novamente. Ele colocou as mãos em forma de concha atrás das duas orelhas de capturar qualquer som que...

Lá! Ele poderia simplesmente ouvir um corpo forçando seu caminho por entre as árvores e a vegetação rasteira emaranhada. Ele tinha razão. A trilha para a esquerda era falsa. E agora, viu como ele poderia ganhar terreno em MacHaddish. Não olhando para sua fuga. Mas escutando.

No mesmo instante, ele percebeu como podia esconder a sua abordagem de MacHaddish.

Ele acenou Horace chegar perto, apontando para a direção de onde o som viera. "Ele foi para lá", disse ele. "Eu posso ouvi-lo. Siga atrás de mim, mas fique para trás dez a vinte metros. E faça um bocado de barulho, tudo bem?"

Horace franziu a testa. Will podia ver a questão que se formava em sua mente e o respondeu antes de seu amigo pudesse perguntar.

"Ele vai te ouvir", disse ele. "Ele não vai me ouvir."

Will viu o entendimento nos olhos de Horace e ele caiu dentro da floresta novamente, ouvindo seu amigo retomar a busca por trás dele. Horace ficou suficientemente longe para trás que não abafar o som de MacHaddish empurrando por entre as árvores e arbustos, e agora sentia que ele estava a ganhar sobre o fugitivo. Ele redobrou seu ritmo, o barulho feito por MacHaddish ficando mais claro, enquanto aqueles feitos por Horace desvaneceram um pouco enquanto Will aumentava a distância entre ele e seu amigo.

Desta vez, a ignorância Escocesa das habilidades dos Arqueiros estava trabalhando para a vantagem de Will. MacHaddish continuou a mergulhar de cabeça no mato, sem saber que o seu perseguidor estava chegando a ele, não sabendo que os Arqueiros podiam se mover pelo país como esse, tornando praticamente sem som. MacHaddish podia ouvir alguém batendo ruidosamente pela mata, longe atrás dele. Ele não sabia que era Horace.

Então, Horace, sabendo o que Will tinha em mente, teve um lampejo de inspiração. Ele começou a chamar encorajando para si mesmo, gritando direções vagas e instruções.

"Lá vai ele! Eu o vejo! Por esse caminho, rapazes!"

Disse que o que veio em sua cabeça. As palavras não importavam, mas a direção era importante e Horace estava intencionalmente desviando da linha direta de perseguição.

Will ouviu a voz de seu amigo e sorriu, percebendo que ele estava fazendo.

Não muito à frente de Will, MacHaddish também sorriu. A gritaria estava longe agora, movendo-se para o oeste e sem crescer. Seus perseguidores estavam gradualmente perdendo contato, confusos pelas pistas falsas que ele havia deixado.

O general fez uma pausa em uma pequena clareira, encostando-se ao tronco de uma árvore. Seu braço latejava dolorosamente e sua respiração era irregular com o esforço de sua fuga e com o choque da ferida. Cuidadosamente, ele puxou a roupa xadrez coberta de sangue de seu pulso e examinou o ferimento. Ele tentou flexionar os dedos. Não houve movimento. O choque tinha adormecido a ferida.

Ele tentou novamente e dessa vez pensou que ele sentiu um ligeiro movimento, que o encorajou.

Ele tentou mais uma vez, e um clarão de agonia acertou ao longo do interior do seu antebraço conforme o entorpecimento desaparecia.

Ele engasgou na dor e surpresa. Mas ele estava encorajado assim. Qualquer coisa, mesmo a dor, era melhor do que assustadora falta de sentimento. Se sua mão direita fosse permanentemente aleijado isso seria no fim dele. Entre os Escoceses, mesmo os generais tinham de participar de combates corpo-a-corpo. Tentando ignorar a dor, ele respirou fundo e olhou para cima da mão ferida.

Havia uma figura sombria se deslocando em direção a ele, quase três metros de distância.

A mão de MacHaddish pode ter sido mutilada, mas seus reflexos ainda eram nítidas. Ele reagiu quase sem pensar, atirando-se para frente da figura fraca. Ele viu a mão do homem cair à cintura e percebeu que ele estava pegando uma arma. Restando uma mão inútil, ele baixou seu ombro e levou-o na figura disfarçada.

A velocidade absoluta de que o ataque teve pegou Will de surpresa. Quando ele se aproximava do Escocês, ele tinha ouvido o grunhido baixo de dor do homem, e visto a sua aflição óbvia que ele tentou mover a mão direita ferida. A impressão era de um homem que estava virtualmente impotente. A falta de experiência de Will com estes homens ferozes combatentes do norte agora o levou a cometer um segundo erro. Uma mão ferida não iria colocar um guerreiro Escocês fora de ação. O Escocês iria lutar com as mãos, pés, cabeça, joelhos e cotovelos e dentes, quando surgisse a necessidade.

O ombro de MacHaddish o acertou logo abaixo do peito e tirou o ar de seus pulmões com um "whoff" explosivo. Will cambaleou, sentiu suas pernas irem para debaixo dele e caiu para trás na neve espessa. Despercebido por um momento, ele rolou desesperadamente para o lado, certo que se o Escocês iria prosseguir com a sua vantagem. Então, conforme sua visão apurava, ele viu que o outro homem estava dobrado sem jeito, seu joelho direito levantado quando ele tateava a parte superior da bota com a mão esquerda.



Foi o fato de que MacHaddish devia chegar com a mão esquerda para retirar a adaga escocesa na bota direita, que provavelmente salvou a vida de Will. Foi uma ação desastrada, e ela deu tempo para recuperar seus pés.

Quase ao mesmo tempo que ele fez, ele teve que saltar de lado para evitar o ataque arrasador de MacHaddish com a adaga escocesa. Ele sentiu a lâmina deslizar facilmente através de sua capa e chutou para fora no joelho esquerdo do Escocês. MacHaddish dançava de lado para evitar o duro golpe, dando a Will o momento que ele precisava para tirar a Faca Saxônica.

MacHaddish ouviu o sussurro sinistro de aço em couro, e seus olhos se estreitaram quando ele viu a lâmina pesada brilhando na luz maçante sob as árvores.

Eles circularam sem jeito. A adaga escocesa era quase tão longa quanto a Faca Saxônica, embora a lâmina era mais restrita. Normalmente, os dois poderiam ter se aproximado, lutando entre si, cada um tomando o pulso do outro homem da faca com a mão livre e transformá-lo em uma competição de força. Mas o fato de MacHaddish estava usando sua mão esquerda contra a direita de Will fez isso impraticável. Para um pegar a faca de pulso do outro implicaria em girar seu lado desarmado em direção ao inimigo, expondo-o ao ataque instantâneo.

Ao contrário, eles duelaram como esgrimistas, alternadamente arremessando suas lâminas para frente, batendo uma na outra, chocando as lâminas com um atacando e outro defendido. Seus pés embaralharam na neve como eles conseguiram garantir que mantiveram sua igualdade, não ousando levantar os pés no caso de um terreno irregular. Conforme eles circulavam, os olhos dos dois antagonistas estreitaram na concentração. Nunca tinha visto um inimigo mover tão rapidamente como este general Escocês. Por sua parte, MacHaddish nunca antes tinha enfrentado um adversário que poderia comparar com a sua própria velocidade de um relâmpago.

Mão esquerda ou não, Will pensou, este homem é muito, muito hábil. Ele sabia que, se sua concentração caducasse por um instante, o Escocês poderia muito bem ser sobressair a ele, a adaga escocesa deslizando por sua guarda e entre suas costelas. Ele poderia morrer aqui hoje à noite, ele percebeu.

Ele tentou chegar para jogar a faca na bainha escondida debaixo do colarinho. O movimento quase lhe custou a vida. O capuz de seu manto impediu o movimento e conforme ele se atrapalhou, tentando limpá-lo, MacHaddish arremeteu com a adaga escocesa.

Desesperado, Will pulou para trás, sentindo a lâmina de corte através de

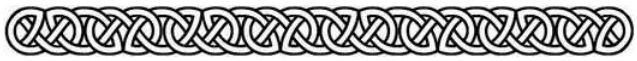
sua túnica, um fio de sangue escorrendo de suas costelas. Sua boca tinha ficado seca com medo. Ele cortou lateralmente no Escocês, conduzindo de volta em sua vez. Então eles começaram a circular de novo.

O problema que Will enfrentava era que ele precisava tomar MacHaddish vivo. Não que matar ele seria qualquer questão fácil, ele refletiu assustadoramente. MacHaddish, por outro lado, estava sob nenhuma restrição. Ele tinha um único objetivo: matar o seu adversário o mais rapidamente possível e desaparecer na floresta antes que os reforços chegassem.

Onde diabo está Horace? Will pensou. Ele compreendeu que o jovem guerreiro pode muito bem ter perdido o contato com eles. Ele tinha dado a Will a chance que ele precisava para pegar MacHaddish fazendo tanto barulho quanto podia e afastando-se para o oeste, para que MacHaddish pensasse que ele havia enganado eles. Agora, as chances eram de que Horace não tinha idéia de onde estava ou que estava acontecendo. Will percebeu que teria que fazer isso sozinho, e que havia uma possibilidade distinta de que ele iria perder essa luta, e ficar aqui entre estas árvores sombrias, seu sangue vazando para a neve.

Se você se preocupar que você vai perder, você provavelmente irá as palavras de Halt voltaram para ele agora, e ele percebeu com um choque que ele estava realmente se preparando para perder. Ele estava deixando MacHaddish ditar a luta, tudo o que ele estava fazendo era reagir aos ataques do outro homem. Era hora de ir para a ofensiva. Hora de ter uma chance.

18



Sua oportunidade chegou quando MacHaddish pisou em um buraco de gelo da neve. Eles estavam deslizando, arrastando os pés e compactado a neve na pequena clareira e, por uma fração de segundo, o Escocês foi confundido quando a bota escorregou no remendo congelado que havia sido exposto.

Foi apenas um momento, mas Will percebeu que poderia ser o único que ele teria. Em um movimento fluido, ele se adiantou e jogou a Faca Saxônica no general.

Ele tinha visto a velocidade do homem e ele já não tinha qualquer esperança real de que o lançamento iria penetrar sua defesa. Muito pelo contrário, de fato, como ele ainda pretendia capturar vivo o Escocês. Quando a lâmina brilhante foi atirada em direção a ele, MacHaddish rodeou a adaga escocesa em seu corpo em uma desesperada defesa, bloqueando a Faca Saxônica pesada no último segundo. Mas o tiro tinha atingido o seu objetivo, distraindo a atenção MacHaddish e desviando a adaga escocesa. No instante em que o Escocês enviava a Faca Saxônica girando para fora, Will estava sobre ele, sua mão direita segurando o pulso esquerdo do general como um torno.

Mas MacHaddish era rápido como uma serpente. No momento em que Will segurou, ele torceu e empurrou violentamente, puxando o Will para frente e fora do equilíbrio. Ao mesmo tempo, sabendo que sua mão direita estava inútil, ele atolou seu antebraço direito até sob o queixo de Will, através de sua garganta, sufocando Will e forçando sua cabeça para trás.

Com o braço direito estendido e a cabeça sendo forçada mais e mais para trás, Will podia sentir o seu aperto sobre mão da faca enfraquecer.

A pele do Escocês estava levemente coberta de graxa, sem dúvida como proteção contra o frio penetrante, e isso tornou ainda mais difícil para manter sua aderência. MacHaddish trançou a mão esquerda para trás e para frente. Will podia sentir girando dentro de seu próprio punho, e ele sabia que seria apenas uma questão de segundos antes de ele ficasse livre do aperto de Will completamente.

Rapidamente, Will deu dois duros socos no lado do direito exposto do Escocês, atingindo as costelas e sentindo uma cessão leve. MacHaddish grunhiu

de dor, e a pressão de seu antebraço através da garganta de Will diminuiu ligeiramente. Foi o suficiente. Will estendeu a mão e agarrou o pulso direito MacHaddish, arrastando o antebraço para baixo sob seu queixo e torcendo MacHaddish fora de equilíbrio.

Com o aperto de ferro Will preso em seu braço ferido, MacHaddish gritou em agonia e dobrou em um movimento instintivo para se proteger. A ação de torção galvânica pegou Will desprevenido e ele perdeu o equilíbrio, libertando seu aperto ao pulso ferido de MacHaddish, seus pés escorregando na neve compactada. Eles cambalearam ao redor da clareira, cada um tentando ganhar a vantagem. A faca de mão de MacHaddish ainda estava trancada no punho de Will, e agora o Escocês foi ao ataque novamente. Ele jogou o antebraço direito no rosto de Will.

O Arqueiro jovem abaixou o golpe, em seguida, apenas conseguiu torcer o corpo para um lado no tempo que o joelho direito MacHaddish se arremessava nele. Agora toda a atenção de Will visava manter o controle sobre a mão que segurava a navalha afiada, a adaga escocesa. Ele sabia que se perdesse a aderência, ele estaria acabado. Todo o pensamento de pegar MacHaddish vivo agora estava desaparecido. Will estava pensando apenas na sobrevivência.

Ele agarrou a longa trança que pendia para o lado esquerdo da cabeça MacHaddish e empurrou para cima e sobre, arrastando a cabeça do Escocês para a direita. O general uivava de dor e virou a cabeça, tirando os dentes, tentando morder as mãos de Will. Quando ele fez isso, Will varreu a perna esquerda através de uma rasteira que pegou os pés do general debaixo dele, enviando-lhe a cair na neve, Will em cima dele, o seu peso acabando com o ar dos pulmões do general.

Novamente, ele sentiu MacHaddish torcendo e girando a mão da faca em seu punho, tentando se libertar. Então o general soltou convulsivamente e rolou para a direita ao mesmo tempo, invertendo suas posições de forma que agora ele estava em cima, a mão com a adaga escocesa posada sobre a garganta de Will, lentamente começando a se mover para baixo conforme ele colocava todo seu peso e força nela.

Will segurou a mão da faca com ambas as mãos, tentando forçar o punhal longe para o lado.

Mas ele sentiu uma sensação oca de desespero que ele percebeu o quanto era forte o Escocês.

Combatendo em seus pés, Will teria tido uma ligeira vantagem na velocidade e mobilidade. Mas aqui, todas as vantagens estavam com o Escocês.

Will soltou e pulou desesperadamente, tentando jogar o outro fora. Mas MacHaddish estava esperando os movimentos e os contrapôs facilmente. Cada

vez, Will ganhava um pequeno adiamento conforme a faca se afastava dele. Em seguida, inexoravelmente, a força bruta MacHaddish trazia de volta, forçando-a para baixo na garganta de Will. E Will estava cansando.

O suor do medo, pânico e esforço correu nos olhos de Will, enquanto observava a ponta brilhante da adaga escocesa chegar cada vez mais perto. Atrás dela, vagamente, ele podia ver o rosto MacHaddish, suas características obscurecidas pela pintura. Havia uma luz de triunfo em seus olhos e os lábios de MacHaddish atraiam de volta um sorriso feroz quando ele percebeu que a qualquer segundo agora, isso estaria acabado.

E então, mais cedo do que ele esperava, aconteceu.

Bang! O pomo da espada de bronze pesada de Horace se chocou com a têmpora do Escocês duas vezes em um rápida sucessão.

Will sentiu a força de MacHaddish de repente desaparecer do nada, e tudo o que restava era seu peso morto caindo sobre a faca com os olhos vidrados e ele caiu inconsciente. Com um suspiro final convulsivo, Will o atirou para o lado e cambaleou aos seus pés, titubeando um pouco conforme ele se afastava do corpo inerte na neve.

Horace caminhou na direção de seu amigo e colocou um braço sobre os ombros para segurá-lo.

Durante os últimos cinco minutos Horace tinha estado correndo cegamente por entre as árvores e arbustos, indo no que ele esperava que fosse à direção certa. Graças a Deus, ele pensava, ele tinha chegado no tempo certo.

Ele viu, com alguma preocupação, que a frente do gibão de Will estava coberta de sangue.

"Você está bem?", Disse ele, colocando o braço nos ombros de Will e girando-o para que ele pudesse ver com mais clareza, procurando algum sinal de uma ferida.

Will tossiu e vomitou em reação. Ele sabia o quão perto de morrer ele tinha estado, e suas pernas estavam fracas pensando nisso.

"Will!" Horace disse, a preocupação fazendo sua voz endurecer. "Você está bem?"

O jovem guerreiro estava correndo freneticamente as mãos sobre o peito e estômago de Will, tentando ver onde ele poderia estar ferido. Havia muito sangue na frente de seu gibão, e teve que vir de algum lugar. Ainda em ligeiro choque, Will reagiu com irritação à pergunta.

"Claro que eu não estou bem, seu idiota!" Ele bateu. "Ele quase me matou! Ou você não percebeu?"

Ele tentou dar um tapa nas mãos de Horace que procuravam algo pra afastar, mas não teve êxito.

"Onde é que ele te pegou?" Horace perguntou freneticamente. Ele sabia que tinha de encontrar a fonte de que o sangue e estancar o fluxo. Feridas no estômago e tronco eram freqüentemente fatais, ele sabia, e ele sentiu o pânico subindo nele conforme ele continuava a busca.

"Pare de me apalpar para mim!" Will gritou com raiva, pisando de volta. "É sangue de MacHaddish, não meu!"

Horace olhou para ele, sem entender por um momento. "Não é o seu?", Disse.

"Não. Olhe para sua mão onde a flecha bateu. Ele estava derramando sangue em mim enquanto nós lutávamos. Eu estou bem."

E ilogicamente, mesmo nos saltos de uma arremetida repentina de alívio, Horace sentiu sua raiva brotando.

"Sangue dele? Por que você não disse logo? Eu estava desesperado aqui, pensando você que estava sangrando como um porco golpeado!"

"Quando você me deu uma chance?" Will disse. "Você estava em cima de mim, me agarrando e virando-me desta maneira e assim!"

A raiva, é claro, não era nada mais do que a reação ao choque e medo que ambos sentiram. Mas não era menos real para tudo isso.

"Sinto muito", disse Horace retrucou. "Perdoe-me por estar preocupado com você. Não vai acontecer outra vez!"

"Bem, se você chegasse aqui um pouco mais cedo, não teria sido um problema", Will respondeu rapidamente. "Onde raios você estava afinal?"

"Onde eu estava? Eu quase fiquei louco tentando encontrar você! É isso que recebo por salvar sua vida? Porque deixe-me lhe dizer, não parece que você estava melhor do que o nosso amigo aqui."

Ele cutucou o inconsciente MacHaddish com a ponta da bota. O general Escocês não fez nenhum som. Mas Will teve a graça de olhar, de repente castigado quandoo ele percebeu que seu amigo estava certo.

"Sinto muito, Horace. Você está certo. Você salvou a minha vida, e eu sou grato."

"Bem... . "Agora foi a vez de Horace embaralhar os pés inquietos. Ele sabia o motivo da raiva aparente de Will. Ele tinha visto isso em muitos soldados que tinham chegado perto da morte e ele sabia que Will não teve a intenção de ser indelicado. "Está tudo bem. Não pense sobre isso."

Ele procurou uma maneira de mudar de assunto e percebeu que a oportunidade perfeita estava deitada inconsciente na neve.

"Acho que é melhor levá-lo de volta para Grimsdell", disse ele. Ele se inclinou e agarrou os braços do Escocês à alçada dele e em cima de seu ombro, então percebeu que o braço direito do homem ainda estava pulsando sangue.

"Melhor atar isso ou ele vai sangrar em cima de mim", disse ele.

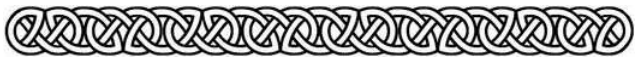
Rapidamente, ele cortou uma tira fora da roupa do homem e envolveu o pulso ferido na mesma.

Então, com a ajuda de Will, ele conseguiu colocar o peso morto do General sobre o ombro. Ele torceu o nariz com repugnância.

"Ele é um pouco velho de perto, não é?", Disse.

Will deu de ombros. "Eu estava um pouco ocupado demais para notar."

19



Além do inconsciente general, três dos patrulheiros Escoceses tinham sobrevivido à luta entre as árvores. Dois não estavam feridos, embora um tivesse um grande hematoma no queixo, onde Horace tinha batido nele. O terceiro estava semi-consciente pela perda de sangue, com um machado enorme na ferida no braço.

Gundar, depois de ter recuperado de seu breve surto de fúria, ordenou os dois Escoceses sem ferimentos fazerem uma maca para o seu companheiro e levá-lo de volta para a clareira de Malcolm. Conforme eles estavam fazendo isso, ele acenou Will para um lado.

"Um deles fugiu", disse ele. "Eu posso enviar alguns dos meus homens atrás dele se você quiser."

Will hesitou. Os Escandinavos eram excelentes lutadores, mas ele duvidava da sua capacidade de rastrear um homem correndo no escuro. Ele teria preferido que ninguém do grupo de MacHaddish tivesse escapado, mas sabia que era pedir demais. Na confusão da batalha, teria sido fácil para um homem deslizar entre as árvores. Era uma pena o homem tinha ido embora, mas não era grande problema. Ele fez um gesto em direção a MacHaddish, quem Horace já tinha baixado para o chão com um pequeno suspiro de alívio.

"Nós temos o que viemos pegar", disse ele. "O deixe ir. Ele não pode nos fazer mal." Ele franziu a testa, pensativo, esperando que ele estivesse certo.

Quando a maca estava pronta, Horace colocou o general Escocês no ombro dele novamente.

Nils Ropehander ofereceu para aliviá-lo, mas Horace balançou a cabeça.

"Talvez mais tarde", respondeu Horace. "Está tudo certo no momento."

Mas era um longo caminho de volta para a clareira em Grimsdell e Horace e os Escandinavos acabaram passando o general de um para outro, cada um se revezando em carregá-lo.

Eventualmente, MacHaddish recuperou a consciência e foi capaz de andar. Mas suas mãos estavam amarradas e uma corda no seu pescoço era segurada pelo cinto de Horace. Horace deu de ombros várias vezes, virando o pescoço de lado a lado para aliviar os músculos do ombro apertado.

"O que vamos fazer com eles?" ele perguntou baixinho para Will, indicando os prisioneiros.

Will não respondeu imediatamente.

"Acho que vamos ter de construir uma espécie de cadeia", disse ele hesitante. "Nós vamos certamente ter que manter uma guarda sobre eles."

Horace resmungou. "Os meninos vão adorar", disse ele, indicando os Escandinavos marchando à frente deles, brincando e rindo baixo entre si. "Eles não vão querer gastar seu tempo guardando prisioneiros. Eles gostam de sua comida e bebida em excesso."

Will deu de ombros. "Isso é muito ruim", disse ele. "Talvez nós pudéssemos equipar algumas algemas neles, com grilhões ou algo parecido. Então nós só precisaríamos de um homem por turno para manter um olho neles."

"Isso não deve ser algo muito difícil", Horace concordou. Era tarde da noite antes deles chegarem à clareira. A lua subiu e se posicionou, não vista por eles conforme eles se moviam debaixo do cobertor grosso das árvores. Os brilhantes restos do fogo para cozinhar dos Escandinavos lançaram uma luz bruxuleante sobre a clareira em que surgiu das árvores. Havia luzes nas janelas da Casa de Malcolm também. A porta da frente abriu enquanto caminhavam para a clareira, derramando um retângulo alongado de luz em toda a terra escura.

Malcolm saiu para cumprimentá-los.

"Escutei que vocês estavam no caminho certo", disse ele. Will e Horace trocaram sorrisos cansados.

"Nós deveríamos ter sabido que nada iria passar pela sua rede de observadores", disse Will.

Malcolm fez uma careta. "Força do hábito", disse ele. Enquanto ele falava, moveu-se ao lado da maca e estava a analisar o Escocês ferido. "É melhor colocá-lo em minha casa onde eu possa ter um olhar para ele", ele disse.

Gundar considerou o homem ferido com desinteresse.

"Por que se preocupar? Ele é um inimigo", disse ele. Os olhos de Malcolm se levantaram para encontrar os dele. Havia uma luz dura neles.

"Isso não faz diferença para mim. Ele está ferido", disse ele.

Gundar encontrou seu olhar por alguns segundos, depois deu de ombros. "Faça o que você quiser", disse ele. "Mas se você me perguntar, é um desperdício de tempo".

Enquanto eles se moviam para a luz que saía de dentro da casa, Malcolm percebeu as bandagens rudes que vários dos Escandinavos usavam e compreendeu a razão da frieza aparente de Gundar. O capitão Escandinavo sentiu um forte sentido de responsabilidade por seus homens.

"Vou olhar para seus homens também", disse ele, com uma nota de desculpas em sua voz.

Gundar acenou com aceitação. "Eu apreciaria isso."

Durante esta troca, MacHaddish estava olhando ao redor, pegando a cena. Seus olhos eram brilhantes e inteligentes e seu rosto estava fixado em uma carranca pesada sob a tinta azul.

Malcolm estudou-o com interesse.

"Acredito que esse é MacHaddish?", Disse. O general olhou nitidamente para ele como se ele reconheceu o seu nome.

Will assentiu. "É ele", disse ele. "E ele nos fez uma bela dança, eu posso lhe dizer."

Por um segundo, lembrou-se do momento na clareira quando a faca MacHaddish estava caindo sobre ele, cada vez mais perto de sua garganta. Ele estremeceu com a memória.

"Hmmm", disse Malcolm, tendo em conta, calculando levemente nos olhos do general. "Eu confio nele quase tão longe quanto eu posso jogá-lo." Ele inspecionou a bruta bandagem que Horace tinha vinculado ao redor da mão ferida do Escocês. "Isso vai servir por agora", disse ele.

"Eu vou dar uma olhada mais tarde." Ele virou-se e chamou toda a clareira. "Trobar! Traga as correntes!"

A figura enorme apareceu no lado oposto da clareira e arrastou-se pesadamente na direção deles. Um dos prisioneiros Escoceses deu um passo para trás, murmurando alguma coisa em surpresa com a visão da figura enorme. Trobar levava vários comprimentos de correntes de ferro. Conforme ele chegava mais perto, Will percebeu que as correntes eram grossas com colares de couro rígido anexados.

"Eu pensei que poderia precisar de algo para manter os nossos reféns sem travessuras", Malcolm explicou, "assim que eu pedi para Trobar fazer estas mais cedo."

Will e Horace trocaram um olhar rápido. "Eu estou contente que alguém pensou nisso", disse Will.

Malcolm sorriu. "Você os capturou. Eu vou mantê-los", disse ele. "Prenda-os, por favor, Trobar", acrescentou.

Os guerreiros Escoceses recuaram da figura gigantesca no início, então, quando um dos Escandinavos resmungou um aviso, eles se submeteram a ter as coleiras de couro pesado unidas em torno de seus pescoços. Ajudado por dois dos Escandinavos, Trobar então levou os prisioneiros através de um enorme tronco caído sob a borda das árvores. Ele martelou grandes grampos de ferro com as ligações finais de cada corrente para apertar-lhes no tronco.

"A neve parou, então eles podem dormir ao relento", disse Malcolm. "Eles estão acostumados a isso." Olhou para MacHaddish. "Acho que poderia ser melhor se mantivermos o general separado dos outros."

Horace assentiu. "Bem pensado. Ele pode ter o seu próprio tronco. É um privilégio de posição", acrescentou ele, com um pequeno sorriso.

Quando MacHaddish havia sido acorrentado de forma semelhante, vários outros membros da comunidade secreta de Malcolm emergiram das árvores, como era seu costume, trazendo alimentos e bebidas para o cansado grupo de emboscada. Malcolm, percebendo as prioridades de Gundar, tratou os dois Escandinavos feridos, limpando completamente as suas feridas, vestindo-os com uma pomada de cicatrização e curativos de forma limpa e eficiente. Então ele se dirigiu aos feridos e ainda inconsciente Escoceses, limpando a ferida do machado no braço e suavemente costurando as bordas com fio limpo. Horace estremeceu com a visão da agulha passando dentro e fora da carne do homem.

Quando Malcolm tinha acabado, Trobar carregou o Escocês para uma cama de beliche sob o abrigo da varanda. Ele deitou-o na mesma e cobriu-o com cobertores. Então, inconsciente ou não, prendeu outro colar em torno da garganta do homem e anexou em um comprimento pequeno da corrente para a cama.

"Se ele for a qualquer lugar, ele vai ter que levar a sua cama com ele," Malcolm observou com um brilho em seus olhos. "Duvido que ele esteja bem para tal esforço."

Os outros soldados Escoceses, tendo sido alimentados pelas pessoas de Malcolm, já haviam se envolvido em seus grandes tartans e recostaram-se no tronco que estavam presos. Até agora, eles eram filosóficos sobre os seus destinos como capturados e razoavelmente seguros de que eles não iam ser mortos ou torturados. Como resultado, eles reagiram como soldados de qualquer lugar: Tomaram a oportunidade de recuperar o atraso com algum sono. Seus roncos eram audíveis em toda a clareira.

Em contrapartida, MacHaddish estava sentado de costas em um segundo tronco, lançando os olhos ao redor da clareira.

"Ele vai precisar ser observado", disse Horace, mastigando um pedaço macio de cordeiro grelhado envolto em um pedaço de pão macio. Perto, Trobar grunhiu algo ininteligível e moveu-se para se sentar no chão a poucos metros de MacHaddish, com os olhos fixos nele.

Silenciosamente, uma forma preta e branca destacou-se das sombras e atravessou a clareira para o seu lado. Will sorriu ao vê-la.

"O cão pode cuidar disso", disse ele. "Mas talvez fosse melhor definir um observador durante a noite. Pelo menos, no caminho aberto que estão eles serão

fáceis de manter um olho".

Malcolm se juntou a eles, trabalhando seus ombros para cima e para baixo, relaxando o braço e músculos das costas que estavam rígidos e inflexíveis, tendendo para os homens feridos.

"Trobar pode observá-lo por um par de horas", disse ele. "Vocês dois devem descansar. Eu vou organizar uma lista de guarda."

Will sorriu agradecido. "Eu não vou discutir", disse ele. "Tem sido um longo dia." Ele virou-se, indo em direção as tendas dele e de Horace. Então um pensamento o golpeou, e ele parou e olhou para o curandeiro.

"Quando você quer interrogá-lo?", Disse ele, empurrando um dedo para a figura rígida apoiada acorrentada ao tronco.

Malcolm respondeu sem hesitação.

"Amanhã à noite", disse ele. "A surpresa que eu planejei para brincar com seus nervos será muito mais eficaz no escuro."

20



Will sentou de pernas cruzadas sob o sol de fim da manhã fora de sua tenda, debruçado sobre a mensagem que Alyss tinha enviado na noite anterior.

Mortinn, um menino ex-taberneiro que tinha vindo para Malcolm depois de ser desfigurado horrorosamente por um caldeirão derramando água fervente, vigiava na borda da floresta durante a noite, obedientemente anotando os padrões de luz, que Alyss os enviou de sua janela.

Ele cometeu alguns erros, mas a essência da mensagem era bastante clara.

A tentação de Horace, sentado diante da sua própria tenda sem nada para ocupá-lo, era assistir ao processo. Mas, sabendo da preocupação de Will sobre o segredo do código, ele se afastou para checar as correntes segurando MacHaddish e seus dois guerreiros. Ciente de que eles ainda estavam seguros, ele parou para coçar a cabeça do cão quando ele passou. A cauda pesada bateu várias vezes no chão. O cão havia permanecido em vigília durante toda a noite enquanto os guardas humanos haviam mudado a cada poucas horas. Agora, Horace viu, Trobar tinha retomado a posição de guarda.

"Bom cão, Blackie", disse Horace. As palavras foram saudadas por outro baque rabo do cão e um brilho de raiva de Trobar. O gigante raramente falava, Horace sabia. Seu paladar foi deformado, e isso fez de falar um esforço para ele. Além disso, suas palavras eram tão arrastadas que eram difíceis de compreender, e as inevitáveis perguntas que resultavam tendiam a embaraçar o grande homem. Desta vez, porém, ele estava suficientemente aborrecido para fazer o esforço.

"No 'Bla'ie", disse ele.

Horace hesitou, então pensei que ele sabia o que tinha sido dito. Ele havia notado que Trobar tinha problemas com duros sons consonantais como T e K.

"Não é Blackie?", Ele arriscou, e o rosto irritado assentiu com veemência. Horace encolheu desculpando-se, um confuso. Todo mundo parecia estar a denegrir a sua escolha de nome para o cão, ele pensou. "Então, qual é seu nome?", Perguntou ele.

Trobar pausou, depois, tentando com toda dificuldade para enunciar claramente, disse ele,

"Sha'th'ow." Havia apenas uma sugestão mais leve do som de d no th.

Horace considerou por um momento, então, perguntou: "Shadow?"

O rosto grande se iluminou num sorriso e Trobar concordou com entusiasmo. "Sha'th'ow" repetia, satisfeito que ele tinha comunicado algo. A cauda do cão bateu novamente quando ele disse a palavra. Horace estudou o cão, pensando como ela caiu junto, perto da barriga para o chão, movendo-se silenciosamente, como um fantasma.

"Isso é um bom nome", disse ele, verdadeiramente impressionado com a criatividade do gigante.

Trobar acenou favorável, uma vez mais.

"Me'or que Bla'ie'", disse com desdém.

Horace levantou as sobrancelhas, no sarcasmo.

"De repente, todos são críticos", disse ele, e se virou para ver se o Will tinha acabado a decodificação da mensagem. Atrás dele, quando ele se afastou, ele ouviu o barulho do riso profundo de Trobar.

Will foi escondendo sua cola em um bolso interno quando Horace retornou.

"Quais as novidades de Alyss?", Perguntou ele.

"Principalmente ela queria nos dizer sobre a visita de MacHaddish. Mas há notícias para Orman também. Tenho medo de que seu pai está morto."

Horace rosto endureceu. "Keren mandou matá-lo?"

Will deu de ombros. "Não diretamente. Foi mais um acidente do que qualquer coisa, mas no longo prazo ele é responsável. Alyss diz que nunca vai desistir. Sua única esperança é ir em frente com seu plano com os Escoceses."

"E não creio que ela tem alguma idéia do seu calendário?" Horace perguntou.

Will balançou a cabeça. "Com toda a sorte, Malcolm vai pegar isso de MacHaddish hoje à noite", disse ele.

Mas Horace parecia duvidoso. "Eu não dependeria disso. Ele parece um osso duro de roer.

Vocês têm alguma idéia do que Malcolm tem em mente?"

"Não tenho a menor idéia. Espero que iremos descobrir hoje à noite. Por agora, vou ter que dizer a Orman sobre seu pai. "

Ele se levantou devagar, olhando para a folha de mensagem novamente, como se lhe dissesse alguma maneira fácil de dar a notícia dolorosa para Orman. Horace deixou cair uma grande mão no ombro do amigo.

"Eu vou com você", disse ele. Não havia nada de concreto que pudesse fazer para tornar a situação melhor. Mas ele sabia que sua presença iria fornecer algum conforto e suporte para Will.

"Obrigado", disse Will, e eles começaram a atravessar a clareira juntos.

MacHaddish atento a cada movimento na clareira os assistiu irem.

Orman estava na pequena cabine com Malcolm e Xander quando Will deu a notícia da morte de Syron. Orman aceitou a fatalidade.

"Alyss diz que ele não teria sentido nenhuma dor, pelo menos," Will disse-lhe, na esperança de fazer a notícia mais fácil de suportar. "Ele estava inconsciente no final e só faleceu."

"Obrigado por me dizer", disse Orman. "Eu acho que eu sabia disso de qualquer maneira. Eu senti alguma coisa, uma falta ou uma perda. Eu sabia no meu coração que meu pai deveria estar morto."

Xander tinha os olhos cheios de lágrimas com a notícia. Ele serviu a família Syron desde que ele tinha sido um adolescente. Sua tristeza não resultava tanto de um sentimento de carinho para a família, Xander era demais um servo para presumir afeição por seus mestres. Sua tristeza veio de um senso de dever. A morte de Syron trouxe com ele uma perda de sentido no homem pequeno, como se um braço ou uma perna que havia sido cortada.

Apesar do fato de que ele estava servindo como secretário de Orman nos últimos poucos meses, sua lealdade inicial tinha sido de Syron, e como Will e Horace havia notado em várias ocasiões anteriores, essa lealdade era profunda e integral ao seu caráter.

Ele lidou agora como sempre fez, tentando encontrar alguma maneira de servir Orman, agora oficialmente estabelecido como seu mestre permanente.

"Meu senhor, há algo que eu possa trazer para você? Qualquer coisa que eu possa fazer?"

Orman deu um tapinha no ombro suavemente.

"Obrigado, Xander, mas você precisa chorar também. Ele era seu mestre antes de mim, e eu sei que você sempre serviu fielmente. Não se incomode sobre mim por um tempo."

O rosto do mordomo parecia dobrar perante eles, e Orman percebeu que o caminho mais eficaz para Xander lidar com a perda seria o de ocupar-se fazendo as coisas para seu mestre.

"Em um segundo pensamento", ele disse: "Eu acho que eu poderia usar um copo grande de chá agora mesmo. Se não estiver incomodando demais".

O rosto de Xander limpou imediatamente.

"Agora mesmo, meu senhor!", Disse ele. Olhou para os outros. "Alguém mais?", Perguntou ele.

Will e Horace esconderam sua surpresa. O mordomo pouco tinha sido decididamente espinhoso sobre os últimos dias. Malcolm, no entanto, entendeu sua necessidade de algo para fazer.

"Eu gostaria de um copo também, Xander, se você não se importa", disse

ele suavemente.

Xander assentiu com a cabeça várias vezes e se movimentava em direção a cozinha da pequena cabana, esfregando as mãos energicamente juntas.

"Qual é o plano de ação para essa noite?" Will perguntou Malcolm quando o mordomo tinha deixado o quarto.

"Há uma clareira um pouco a leste de aqui", disse Malcolm. "Meu povo está criando algumas coisas agora. Nós levaremos MacHaddish lá uma vez que a lua aparecer."

Horace franziu a testa, pensativo. Ele estava pensando há algum tempo como Malcolm pretendia fazer MacHaddish responder a perguntas.

"O que exatamente você tem em mente?", Perguntou ele.

O curandeiro o considerou. Seu rosto normalmente gentil estava desprovido de expressão.

"Estou planejando atacar as superstições e medos de MacHaddish. Os Escoceses têm uma série de demônios e seres sobrenaturais que eu posso usar."

"Você sabe quais são?" Orman perguntou, olhando o curandeiro com algum interesse.

Malcolm timidamente deu de ombros. "Bem, sim. Uma das minhas pessoas passou seus primeiros anos de vida ao norte da fronteira. Ele está familiarizado com os demônios Escoceses e superstições." Um pensamento chegou e ele olhou para Will. "Acho que vamos precisar de alguns Escandinavos hoje a noite como guardas", disse ele. "Pergunte Gundar se podemos ter dois ou três de seus mais simplórios e supersticiosos homens".

"Eu vou dizer a ele", disse Will dúvida. "Mas não podemos estar melhores, com guardas mais inteligentes?"

Malcolm balançou a cabeça. "O terror se alimenta de si mesmo. Se MacHaddish vir que os Escandinavos estão aterrorizados, vai tornar mais fácil para amedrontá-lo. E vai ser melhor se não está atuando."

Xander voltou nesse momento, com uma bandeja com duas canecas de chá fumegante. Ofereceu a bandeja a Orman, que tomou um copo com cuidado.

"Obrigado, Xander", disse ele. "Eu não sei o que eu faria sem você."

Xander sorriu. Era uma manifestação incomum em seu rosto, e Will e Horace trocaram um olhar surpreso. Eles tinham acabado de testemunhar uma lição de liderança e autoridade.

"E graças a vocês", disse Malcolm, por sua vez. Ele deu um gole apreciando seu chá, então perguntou a Will e Horace, "Eu suponho que você dois estarão lá para assistir hoje à noite?"

"Claro", respondeu Will. "Nós não perderíamos isso por nada deste mundo."

Malcolm balançou a cabeça. "Pensei que você poderia dizer isso. Bem, eu vou pedir para Trobar trazer vocês todos quando a hora certa chegar. Eu vou estar deixando pouco tempo para conseguir algumas coisas prontas na clareira. "Olhou para baixo em sua xícara de chá e sorriu.

"Tão logo eu terminar este chá excelente".

21



Trobar liderou o pequeno grupo ao longo de um típico caminho de Grimsdell. Estreito, apertado e coberto de mato, feria o seu caminho sob as grandes árvores que apareceram por cima. Ao nível do solo, o caminho tinha quase dois metros de largura. Acima do solo, a cobertura da floresta cobria a pista, os galhos e cipós entrelaçando para bloquear a visão das estrelas.

Em casuais intervalos, eles passaram por misteriosos símbolos e sinais de aviso, crânios e ossos destacando-se entre eles. MacHaddish parecia imperturbável por estes, embora tenham provocado certa quantidade de comentário nervoso dos três Escandinavos.

Mais sinistro à Will foi o fato de que a floresta estava completamente silenciosa. Não havia nenhum barulho de animais noturnos entre o mato, nenhum vôo suave de morcegos ou corujas através das árvores. Nada.

E ainda o silêncio não sugere a ausência de vida. Longe disso. Na verdade, havia uma sensação de alguma presença grande em torno deles, com olhos assistindo-os da escuridão impenetrável, que começou fora do círculo estreito de luz das lanternas que carregavam. A floresta parecia personificar um enorme e antigo mal.

Will tremeu com o pensamento dele e puxou sua capa mais firmemente ao seu redor. A escuridão e o silêncio estavam causando-lhe pensamentos fantasiosos, ele disse a si mesmo. Não havia nada aqui para ter medo. Ele sabia que as manifestações que viu e ouviu quando ele entrou pela primeira vez na floresta tinha sido o resultado de truques do Malcolm. E, no entanto, a floresta era antiga muito antes que Malcolm tinha vindo a viver nela. Quem poderia dizer qual mal pré-histórico poderia ter criado raízes aqui, profundamente sob as árvores, onde o aquecimento e a limpeza da luz do sol nunca penetraram?

Ele olhou sorrateiramente para Horace, marchando ao lado dele. À luz da tocha que carregava, o rosto de Horace estava pálido e definido. Ele podia sentir a atmosfera também, Will pensou.

Eles avançaram por entre as árvores. Trobar andou a frente do grupo, com MacHaddish atrás dele. O gigante tinha retirado o tronco que lhe havia segurado através da noite e colocado um tronco ligeiramente menor para

MacHaddish. Trobar agora o carregava com uma mão, como se fosse leve, mas Horace e Will perceberam que o seu peso levaria toda a força de um homem normal para levantar. Era uma maneira simples para garantir que MacHaddish não tentasse escapar. Tudo que Trobar tinha que fazer era deixar cair o pedaço enorme de madeira, e o progresso MacHaddish seria reduzido para um rastreamento cambaleante.

Os três Escandinavos seguiam atrás do general Escocês, suas armas prontas para qualquer sinal de traição da parte dele e por qualquer interferência sobrenatural que pudesse se manifestar nesse meio tempo.

Will e Horace estavam na retaguarda.

"Quão longe está a clareira?" Horace perguntou calmamente. A escuridão da floresta estava se tornando opressiva. Pareceu pressionar sobre eles, e ele teria acolhido a visão de um pedaço de céu claro e um pouco de espaço ao redor dele para deixá-lo respirar.



Will deu de ombros. "Ele disse que estava por perto. Mas a forma como essa trilha é torcida e curvada, nós poderíamos estar andando por milhas."

Ao som de suas vozes, abafadas como eram, Trobar se virou para olhar para trás deles. Ele colocou o dedo aos lábios em um sinal inequívoco para o silêncio. Will e Horace trocaram um olhar e encolheram os ombros. Mas não disseram nada.

A poucos metros adiante, Trobar levantou a mão e todos pararam. Ele olhou para os lados para a escuridão, segurando a tocha maior para tentar penetrar nas profundezas mais sombrias que rodeavam. Instintivamente, os outros membros do grupo pequeno copiaram suas ações. Pela primeira vez, Will percebeu que MacHaddish tinha perdido a sua habitual falta de preocupação.

Seu olhar agitava rapidamente de Trobar para escuridão circundante e de volta.

O homem tinha alguns nervos depois de tudo, Will pensou. Os Escandinavos murmuraram em um tom até Trobar virou ferozmente sobre eles e fez o gesto de silêncio novamente. Ele começou a ir para frente, depois parou hesitante. Seu nervosismo se comunicou com o resto do grupo. Will sentiu uma imensa sensação de que algo estava chegando à cima dele na escuridão atrás deles, mas quando ele se virou rapidamente para procurar, podia ver nada além de escuridão além do alargamento de sua tocha.

Em seguida, o som começou.

Era um ruído profundo, ritmado, o som da respiração de uma criatura

enorme. Vinha dos lados e de trás. Em seguida, ele estava à frente deles. Então, para a direita. O cabelo no pescoço de Will levantou. É a própria floresta, ele pensou. Ela está viva. Ele se sacudiu furiosamente para se livrar da fantasia ridícula. Ele sabia como Malcolm tinha arranjado para os sons para se deslocarem na floresta. O curandeiro tinha-lhe mostrado a rede de tubos ocos que ele usava para transmitir e amplificar os sons em diferentes posições. Em algum lugar fora na escuridão, Will disse a si mesmo, Luka, o assistente com peito enorme estaria respirando nos tubos, enviando o som através de uma rede de tubos de diferentes pontos nas árvores ao redor deles.

Então, a respiração parou repentinamente conforme tinha começado. Trobar desceu novamente, MacHaddish e os três Escandinavos seguindo relutantes. Will entendeu, em um lampejo de inspiração, que a relutância do gigante e a incerteza foram uma farsa. Foi um ato brilhante da parte dele, fingindo estar nervoso, fingindo estar incerto quanto à possibilidade de continuar ou não. Como Malcolm lhes havia dito, o medo se comunica com os outros. O fato de um gigante como Trobar tinha medo era o suficiente para fazer os outros terem medo também.

Trobar parou novamente. Então ele virou a cabeça de lado a lado, escutando.

O som veio do nada e em toda parte. A respiração foi embora, agora substituída por um som profundo de suspiro, um resmungo, prorrogado visceral que estava bem no inferior da audição humana.

Trobar olhou para o pequeno grupo, com os olhos arregalados de medo.

"Cor'a!" Ele grunhia para eles e, em seguida, caso eles não tivessem compreendido ele, partiu ao longo do caminho, correndo falsamente. MacHaddish foi pego de surpresa e manteve-se agarrado ao local por um segundo ou dois. Então, a corrente que conduzia à coleira no pescoço apertou e quase o empurrou de seus pés. Ele se recuperou com dificuldade, cambaleando e tropeçando nas árvores, quando tentava recuperar o equilíbrio, sabendo que, se ele perdesse o equilíbrio, Trobar não iria esperar por ele. Ele seria arrastado pela corrente até que o colarinho o sufocasse.

Os Escandinavos não precisaram de um pedido extra. Eles estavam atrás do, empurrando-o com suas armas, exortando-o a ir mais rápido ou para abrir caminho para eles. Will e Horace depois de uma indecisão momentânea partiram em perseguição, tropeçando em raízes e depressões na trilha irregular, as chamas de suas tochas queimando por trás deles, arrastando chuvas de faíscas enquanto tentavam se manter em pé.

Will disse a si mesmo que era tudo um truque, uma ilusão. Ele sabia que Malcolm e uma parte de seus seguidores tinham estado a trabalhar todos os dias

se preparando para isso. No entanto, mesmo assim, enquanto a lógica disse que não havia nada para ter medo, seu senso de terror nessas florestas frias e escuras não podia ser negado.

Os gemidos haviam mudado. Tornaram-se um riso gutural conforme a floresta parecia manifestar o seu desprezo por seus esforços de escapar. À frente deles, a voz rouca e arrastada de Trobar poderia ser ouvida conforme ele continuava a os mandar terem pressa. Will olhou por cima do ombro, mas com o brilho da tocha ao lado de sua cabeça, ele não podia ver mais de um metro ou dois atrás dele. Mais uma vez, ele teve a sensação de pavor, inevitável a sensação de que algo grande e hostil estava aparecendo no meio da noite por trás dele.

Seus pés travaram em uma raiz de árvore e ele cambaleou para frente. Mas antes de chegar ao chão, ele sentiu a mão de Horace agarrar seu braço e arrastá-lo novamente na posição vertical.

"Veja para onde você está indo!"

O medo era contagioso. Will sentiu isso na voz alta de Horace. Horace viu isso nos olhares temerosos de Will pouco atrás. Cada um deles tinha o maior respeito pela coragem do outro, então o pensamento de que Horace tinha pavor adicionou esporas ao medo de Will, e vice-versa para Horace.A noite, a escuridão, a pista estreita e sinuosa tudo ampliou seus medos. E era alimentado sobre o antigo medo de tudo, o medo da escuridão desconhecida.

Agora, a voz na noite havia mudado novamente. O riso tinha mudado para um pulsativo rosnar sem palavras. Era um som que misturava frustração com o ódio que lhes disse que além de qualquer dúvida que o que estava lá fora na floresta estava cansado de brincar com eles e estava prestes a se aproximar para matar.

E então, felizmente, havia luz e aberto quando eles entraram na clareira que havia sido procurada, e os sons da floresta gradualmente desapareceram.

O pequeno grupo parou de cabeça baixa, peito arfante, enquanto eles recuperavam o fôlego. A clareira tinha pouco mais de vinte metros de diâmetro, mas eles podiam ver o céu acima deles e sentir o relevo da ameaçadora parede de árvores que eles tinham entrado. Havia um pequeno fogo no centro da clareira. Após o negrume opressivo da floresta, parecia duas vezes mais brilhante que o normal, e instintivamente, vendo-o como santuário, eles se moveram em direção a ela. Em seguida, uma figura entrou na luz entre eles e o fogo, por um lado, em um gesto inequívoco, a sua longa sombra oscilando à luz bruxuleante do fogo.

A figura era alta e de ombros estreitos, vestido com um longo vestido preto que estava enfeitado com fios de ouro traçando a forma da lua e das estrelas e cometas. Um alto e achatado tubular chapéu estava na cabeça, com

uma borda estreita que circundava a cerca de dez centímetros acima da sua base. O chapéu era brilhante, reluzente de prata, e pegou o brilho vermelho do incêndio, lançando reflexões esquisitas de luz nas árvores ao redor deles a cada leve movimento de sua cabeça.

Seu rosto era pintado em padrões estrangeiros de preto e prata, completamente coberto de forma que só os olhos ficavam evidentes para fora da máscara aterrorizante.

A figura estendeu as mãos para o lado e Will pode ver que os braços do vestido longo que usava estavam queimados nos punhos das mangas penduradas assim como as asas de um morcego em seus braços. E sua voz quando ele falou foi dura e impertinente, uma voz que daria nenhum argumento.

Malcolm estava acabado, o curandeiro gentil Will havia conhecido. Em seu lugar estava o personagem que ele havia criado para manter os invasores longe da Floresta Grimsdell.

Malkallam, Will percebeu. O feiticeiro.

22



"Trobar seu idiota!" Rangeu Malkallam para seu assistente encolhido. "Eu disse para você estar aqui antes de anoitecer, antes que ele acordasse!"

Ele apontou para o círculo escuro de árvores ao seu redor enquanto falava, e o pequeno grupo ouviu a profunda risada má novamente. Trobar abaixou a cabeça com vergonha e medo.

"De'cul'a, Se'or", disse ele miseravelmente. Mas não havia perdão nos olhos brilhantes do feiticeiro.

"Desculpa? Nada bom estar arrependido,. Você acordou ele, e agora eu devo proteger a todos nós."

O Escandinavos ouviram de olhos arregalados para este intercâmbio. Talvez mais aterrorizante do que os acontecimentos na floresta, e do que aparência arcana de Malkallam foi seu tratamento insensível e implacável com Trobar. Os Escandinavos tinham ficado na clareira tempo suficiente para saber que Malcolm tratava geralmente o gigante deformado com bondade e palavras suaves. Esta era uma pessoa completamente diferente.

Will, depois de ter recuperado um pouco de tranqüilidade, agora que eles estavam fora das árvores, assistia com os olhos estreitados. Ele percebeu que Malcolm e Trobar estavam atuando para a causa de MacHaddish. Ele inclinou-se para Horace e sussurrou: "junte-se a ele."

Horace assentiu com a cabeça, mas ao som leve, Malkallam virou para eles, um braço estendido, o indicador adornado com uma unha longa apontando-os como uma seta.

"Silêncio, seus idiotas! Não é hora para conversa fiada! Serthrek'nish isawake!"

E no nome, houve uma reação vinda de MacHaddish. O Escocês deixou sair um grito involuntário de terror e caiu de joelhos, se debruçando sobre o tronco pesado que Trobar havia deixado cair. Malkallam pisou em direção a ele, de pé sobre a figura agachada enquanto falava.

"Sim, MacHaddish. O demônio escuro Serthrek'nish está nessa floresta, observando-se nós enquanto estamos aqui. Você sabe dele, eu acho? O triturador de corpos e arrancador de membros? A presa vermelha destruidora

dos homens? "

Ele fez uma pausa. Houve um soluço estrangulado do medo do Escocês. Ele permaneceu curvada sobre o tronco pesado que segurava sua corrente, recusando-se a olhar para cima, como se estivesse com medo de que ele pudesse ver.

Malkallam continuou inexoravelmente.

"Só a luz do meu fogo está mantendo-o atrás desta clareira. Mas Serthrek'nish não será negado por muito tempo. Ele está reunindo a sua coragem agora, e ele sabe que o fogo vai morrer em breve."

Como que em resposta, uma gargalhada do fundo da garganta soou da escuridão de fora da clareira.

A cabeça de MacHaddish olhou para cima. Mesmo a vários metros de distância, Will podia ver o homem ficar pálido, os olhos aterrorizados contra a tinta azul que cobria seu rosto.

"Nós não temos tempo a perder. Eu tenho que construir o nosso perímetro defensivo", disse Malkallam. Ele ignorou o olhar do general, apontando para seu assistente. "Trobar! Pegue aqueles homens lá!"

Trobar levou os Escandinavos a um ponto próximo à borda da clareira indicada por seu mestre.

Os lobos do mar pareciam aterrorizados na parede escura das árvores à medida que se aproximava. Eles teriam preferido ficar bem no meio da clareira, perto do fogo.

"Sentem-se", Malkallam lhes ordenou e, seguindo Trobar, sentaram-se de pernas cruzadas sobre o chão úmido. O feiticeiro, em seguida, moveu-se em torno deles, murmurando encantamentos incompreensíveis conforme ele derramava pólvora negra de um saco em um grande círculo em torno deles.

"Não toque o círculo", ele os advertiu. "O ladrão de alma não pode tocá-los se o seu círculo é ininterrupto."



Ele foi até Will e Horace no outro ponto da clareira. Apontando-lhes para se sentar no chão, derramou mais pó preto dentro de um círculo em torno deles. Ele começou a resmungar novamente encantamentos conforme ele movia-se em torno de Will e Horace, em seguida, no meio de tudo isso, sem mudar a entonação ou volume, disse ele calmamente, em sua voz normal: "Não tente adivinhar o que estou fazendo. Não discuta isso. Basta olhar assustado como a morte."

Will assentiu e fez um aceno quase imperceptível no retorno. Fazia

sentido, ele percebeu. Se ele e Horace ficassem sentados com calma e analiticamente tentando adivinhar suas ações, iriam destruir o ambiente que ele estava trabalhando para criar.

Malkallam, era quase impossível pensar nele como Malcolm neste contexto, afastou-se deles agora e formou um outro círculo preto ao redor de MacHaddish. O Escocês se recuperou um pouco agora e assistia o pó preto caindo em torno dele. Malkallam encontrou seu olhar quando ele completou o círculo.

"Você estará seguro se o círculo preto estiver completo", disse ele. "Você entende?"

MacHaddish assentiu com a cabeça, engolindo pesadamente. O rosto de Malkallam escureceu.

"Diga isso!" Ordenou. "Diga que você entenda!"

"I... entendo", disse o Escocês. Havia um forte sotaque em seu discurso que fez as palavras ficarem quase irreconhecíveis.

As sobrancelhas de Will dispararam. Foi a primeira vez que o Escocês falou uma vez que ele havia capturado, o primeiro sinal de que ele entendia a língua de Araluen. Embora, ele pensou imediatamente, não faria sentido mandar alguém que não falava Araluen para negociar com Keren.

Agora, não só MacHaddish tinha falado, ele tinha feito em resposta a uma ordem de Malkallam.

Parecia que o feiticeiro estava começando a fazer valer o domínio sobre o duro Escocês. Will olhou rapidamente para Horace, viu que os olhos do jovem guerreiro estavam abaixados, de cabeça baixa, e percebeu que ele estava olhando por demais interessados no processo. Ele copiou o exemplo de seu amigo e abaixou a cabeça, puxando o capuz de seu manto mais para frente. De dentro da sombra do capuz, ele poderia assistir Malkallam no trabalho sem arriscar suas características serem vistas.

A figura alta atravessou a clareira agora, reflexos do chapéu de prata cintilando através das árvores, e pegou um longo cajado de espinheiro-negro. A madeira estava retorcida e altamente polida pela movimentação constante ao longo dos anos. Ele segurou acima de sua cabeça.

"Os três círculos pretos estão completos", ele chamou para a floresta. "Eu tenho o cetro sagrado de madeira negra. Estamos protegidos contra você, Serthrek'nish!"

Um rosnar irritado ressoou por entre as árvores na resposta. No lado sul da clareira, o lado que tinha abordado a partir de, houve um súbito clarão de luz vermelha quando algo brilhou entre as árvores. Então ele veio novamente, desta vez mais perto, circundando a clareira enquanto se movia para o oeste.

Malkallam se afastou das árvores em direção ao fogo no centro da clareira. Will olhou ao redor para os outros. Em seu círculo, Trobar e os Escandinavos estavam com os olhos arregalados e fixos, seus olhos buscando as árvores para o próximo sinal de luz ou movimento. MacHaddish estava fazendo o mesmo. Will olhou para Malkallam e viu que ele estava assistindo MacHaddish cuidadosamente. Uma vez ele estava certo de que a atenção do Escocês estava distraída, ele chegou a sua capa e pegou um pequeno pacote de um bolso interno. Aproximando-se do fogo, ele deixou cair o pacote nas brasas em sua borda.

Houve outro flash de vermelho nas árvores, movendo-se para o lado noroeste da clareira agora.

Em seguida, no local onde desapareceu, uma cortina fina de nevoeiro começou a se levantar do chão, apenas dentro da linha das árvores.

Malkallam começou a se afastar novamente, se movendo em direção a amontoada figura de MacHaddish.

"Fique para trás, Serthrek'nish!" Chamou. "As chamas do fogo e dos círculos de poder o proíbem de entrar nessa clareira!"

Mesmo quando ele disse isso, houve um súbito surto de vermelho do fogo em si. Um flash vermelho saltou das chamas, seguido por uma espessa neblina vermelha que floresceu a partir do lado direito do fogo, no ponto, que Will percebeu, onde Malkallam tinha jogado o pequeno pacote apenas alguns segundos antes.

Os Escandinavos, Trobar e MacHaddish todos gritaram em choque. Um pouco tardiamente, Will e Horace acrescentaram suas vozes para a reação. Então, conforme a propagação estranha nevoava vermelha sobre o fogo, as chamas começaram a diminuir como se estivesse sendo sufocadas. A clareira ficava mais escura enquanto as chamas morreram para baixo. A figura alta de Malkallam lançou uma distorcida sombra alongada em toda a terra e as árvores pareciam chegar mais perto deles.

"Pelas garras de Gorlog!" gritou um dos Escandinavos. "Que diabo é isso?"

Todos seguiram a orientação de seu braço apontando. Na borda do nevoeiro que estava nascendo entre as árvores para o norte, viram um súbito surto vermelho de luz.

Mas isso era mais do que apenas luz. Esta era a forma de um rosto terrível, que aparecia em meio à neblina. Estava lá por um instante e, em seguida não, mas foi indelevelmente estava em suas memórias. Um rosto triangular, com buracos ocos de olhos inclinados e uma boca preta em conjunto com longos dentes caninos. Gavinhas selvagens de barba cobriam o queixo, e o cabelo era

uma massa vermelha de emaranhados, com dois chifres curvados visíveis através deles.

Em seguida, ele tinha ido embora e um riso dividia a noite. O riso correu ao redor do círculo de árvores que cercavam, e seus olhos seguiram o seu movimento involuntariamente.

Então, alto no céu acima da clareira, a face reapareceu, desta vez brilhando como se estivesse iluminada por uma luz interior. Ele voou baixo, em seguida, disparou pela clareira, subindo de volta para as árvores e parecendo explodir e desaparecer em uma chuva de faíscas que deixou a escuridão ainda mais negra conforme elas morreriam imediatamente.

Malkallam recuara quando a aparição mergulhou sobre a cabeça, em seguida, tentou em vão atingi-la com o seu próprio cajado. Ele cambaleou e caiu de joelhos. Então, mantendo seu domínio com o cajado, ele apontou para a borda do nevoeiro novamente, onde o horrível rosto sorrindo tinha aparecido mais uma vez.

"Vá, Serthrek'nish! Eu proíbo sua entrada! Vá!"

O rosto desapareceu novamente, e os observadores gritaram de terror quando uma nova aparição formou-se. Preto e brilhante no nevoeiro, ou melhor, Will entendeu, o nevoeiro, uma enorme figura tomou forma: Absurdamente grande, usando um capacete enorme com chifres e segurando um machado de dois gumes, ele elevou-se acima deles por um segundo, e depois desapareceu para o nada.

O guerreiro de noite, percebeu. Ele tinha visto a figura terrível na primeira vez que ele se aventurou na Floresta Grimsdell, e tinha ficado horrorizado com ele. Poucos dias depois, Alyss tinha descoberto que era nada mais do que uma ilusão, usando luzes falsas e um projetor de lanterna mágica, criada por Malcolm para afastar intrusos.

O fogo era nada além de uma pequena pilha de carvões agora. Malkallam levantou instável a seus pés. Ele apontou com o cajado negro, ameaçando as árvores que os rodeavam.

"Fique fora, eu estou avisando!", Ele chamou. Mas agora, uma série de flashes vermelhos e chamas corriam por entre as árvores que circundavam a clareira, atirando enormes sombras torcidas em todo o pequeno espaço aberto, sombras que estavam lá e em seguida sumiam em um instante. E conforme isso acontecia, eles ouviram Serthrek'nish falar pela primeira vez, sua voz profunda, ressonante e de congelar o sangue.

"As chamas já morreram. O poder dos círculos é fraco. Vou ter o sangue de um de vocês."

Um dos Escandinavos tentou levantar, o machado de batalha pronto em

sua mão, mas a mão estendida de Malkallam parou antes que ele tivesse ido além de ficar de joelhos.

"Fique onde você está seu tolo!" Sua voz rachava como um chicote. "Ele diz que quer uma e uma só. Ele pode ter o Escocês."

"Nãooooo!" O grito de MacHaddish era muito alto e agonizante. Para os Escandinavos, o rosto vermelho demoníaco foi uma aparição terrível. Mas, para MacHaddish, ele estava no coração de terror. Era a base de todo o medo dos Escoceses, instalado quando eles eram crianças. O comedor de carne, o processador, o arrancador de membros Serthrek'nish, todas estas coisas e muito mais. Era o demônio, o mal supremo na superstição Escocesa. Serthrek'nish não apenas matava suas vítimas. Ele roubava sua alma e seu próprio ser, alimentando-o para tornar-se mais forte. Se Serthrek'nish tivesse sua alma, não haveria futuro, não haveria paz no final da estrada na longa montanha.

E não haveria memória da vítima também, pois se uma pessoa fosse tomada por Serthrek'nish, sua família seria obrigada a apagar toda a memória dele em suas mentes.

Com as palavras de Malkallam, MacHaddish sabia que ele não estava enfrentando apenas uma morte terrível. Ele estava enfrentando um sempre do nada. Ele agora olhava para o rosto implacável quando o feiticeiro caminhava na direção dele.

"Não" ele implorou. "Por favor. Poupem-me disso."

Mas o cajado de espinheiro-negro estava se movendo e começou a esfregar uma abertura no círculo de pólvora negra que circundava MacHaddish.

Freneticamente, MacHaddish tentou restaurá-lo, empurrando o pó de volta para o local com a mão, mas seus esforços só conseguiram alargar o fosso. Sua respiração soluçava na garganta, e lágrimas de terror percorriam um caminho através da pintura azul no rosto.

Então o rosto reapareceu na névoa, parecendo estar claramente mais definido agora. Ele cintilou, desvaneceu e desapareceu novamente.

MacHaddish olhou para o rosto pintado do feiticeiro. Todos os vestígios do orgulhoso e inflexível general Escocês se foram agora.

"Por favor?", Disse. E o cajado parou seu trabalho.

Malkallam pausou. "Não", disse ele, impassível.

MacHaddish, já de joelhos, agora dobrando para frente até a testa tocar o chão, certificando-se que ele permanecia dentro do círculo, Will notou.

"Vou dar-lhe qualquer coisa", disse ele. "Qualquer coisa que você pedir. Basta manter o demônio longe."

O cajado de Malkallam moveu em direção à linha preta fina, uma vez mais, tocando-o, agitando os grãos de pó preto, que o marcava para fora

lentamente separando-os, deliberadamente trabalhando para formar uma quebra no círculo. O general assistiu a ponta do cajado no trabalho, viu o seu refúgio seguro sendo lentamente retirado.

"Por favor?", Disse, numa voz que estava rachada com o medo. O cajado parou de se mover.

"Diga-me" Malkallam disse em voz deliberada, “o que você estava planejando com Keren?"

23



MacHaddish olhou rapidamente, desconfiança misturada com o medo em seu rosto, quando ele ouviu os termos. Ele esperava outra coisa do feiticeiro como riqueza ou poder, ou ambos.

Informação era a única coisa que ele não esperava Malkallam pedir.

"É uma questão simples", Malkallam continuou. "Diga-me o que você tem planejado."

Apesar do terror que se apoderou suas entranhas, a disciplina que MacHaddish tinha aprendido durante longos anos como um guerreiro e líder reafirmaram-se. Divulgar os planos de como esses era traição, nada menos. Sua mandíbula ficou numa linha dura, e ele começou a sacudir a cabeça.

O cajado de Malkallam começou seu trabalho inexorável novamente, limpando para fora do círculo que protegia o Escocês. MacHaddish sabia seu próprio folclore. Ele sabia que o círculo preto era a sua única proteção contra Serthrek'nish. Ele sabia que, uma vez que havia uma lacuna no círculo suficientemente larga para a mão do demônio entrar seria o fim dele.

Serthrek'nish iria arrastá-lo, gritando, do círculo e para a noite negra sob as árvores e em uma maior escuridão além.

Ele assistiu a diferença aumentar. Uma vida inteira de fidelidade e disciplina lutou com um tempo de vida de superstição, e a superstição ganhou. Ele estendeu a mão e agarrou a ponta do cajado parando seu movimento deliberado.

"Diga-me o que você quer saber", disse ele em voz baixa, os ombros caídos na derrota.

"Seus planos para o ataque", disse Malcolm. "Quantos homens estão chegando? Quando é que eles vão estar aqui?"

Não houve a menor hesitação do Escocês. Ele havia se comprometido a trair a sua confiança, e ele podia ver nenhum ponto na cobertura.

"Duzentos homens, inicialmente, dos clãs MacFrewin, MacKentick e MacHaddish. O comandante será Caleb MacFrewin, guerreiro do clã sênior".

"E o plano é ocupar Castelo Macindaw, em seguida, espalhar-se mais para dentro do feudo Norgate, correto?

MacHaddish assentiu. "Macindaw será o nosso ponto de ancoragem, a nossa fortaleza.Uma vez que o temos neutralizado e ocupado, nós poderemos trazer mais e mais homens através das passagens."

A poucos metros, Will e Horace trocaram olhares preocupados. Ambos sabiam o perigo potencial de ter uma força armada de duzentos homens solta na província. E aqueles duzentos seria apenas parte de um adiantamento. Uma vez que o ponto de apoio fosse adquirido, mais iriam seguir em suas trilhas.

Seria preciso um enorme exército para desalojá-los, e o exército teria que vir do sul. Seriam meses antes que o rei Duncan pudesse colocar uma força grande o suficiente em conjunto e, em seguida, fazê-los marchar para o norte. Até então, os Escoceses estariam firmemente inveterados e poderia muito bem revelar-se impossível expulsá-los de volta através das passagens para a alta planície de Picta, especialmente se concentrassem a força no Castelo Macindaw. Se isto não fosse controlado, poderia marcar o início de uma guerra longa, sem garantia de vitória para as forças de Araluen. Você poderia quase redesenhar mapas de Araluen e Picta e mover a fronteira cinqüenta quilômetros permanente ao sul.

Mas a maior parte disso já era conhecido. Havia uma questão ainda restante necessitava resposta. E essa resposta poderia muito bem ser a chave para o futuro de Norgate.

"Quando?" Malcolm propôs a questão. Desta vez MacHaddish hesitou. Ele sabia, assim como eles fizeram que esta era a questão vital, e por um momento se reafirmou a sua lealdade.

Mas não por muito tempo. Malcolm torceu o ponto do cajado de sua aderência e moveu em direção à linha preta fina de pó mais uma vez.

"Três semanas", disse MacHaddish, uma nota de entrega em sua voz. "Três semanas começando ontem. Caleb MacFrewin já está reunindo os clãs. Eles estão em marcha até a fronteira agora.

Levará tempo para que eles possam atravessar as pequenas passagens que estão abertas e, em seguida, voltarão a montar em ordem de marcha.Eles estarão em Macindaw em três semanas."

Malcolm recuou um passo, estudando a figura agachada diante dele. Ele viu os ombros caídos, os olhos baixos e o olhar de derrota. MacHaddish era um homem quebrado, um homem que tinha traído a sua própria honra e Malcolm tinha nenhuma intenção de vangloriar-se sobre o fato. Ele também não pretendia revelar a MacHaddish que ele tinha sido enganado. Mas isso era menos por causa de toda a simpatia para o homem e mais porque ele percebeu que poderia vir num momento em que ele precisasse de mais informações.

"Obrigado", disse ele simplesmente. Ele pegou um saco em um bolso

interno e dobrou para a frente, derramando pólvora negra no chão para restaurar as brechas que ele tinha forçado no círculo.

Em seguida, ele caminhou rapidamente para os restos calcinados do fogo e jogou um punhado de pó sobre as brasas. Houve um som de profundidade e um balão amarelo vívido, e reacendeu as chamas de imediato, subindo bem alto no céu escuro acima da Floresta Grimsdell. Ele olhou para os três Escandinavos, que tinham visto no processo em silêncio apavorados.

"Nós estamos seguros", disse ele. "Serthrek'nish não pode nos prejudicar agora".

A tensão saiu do corpo dos Escandinavos enquanto ele falava. Eles apertaram suas armas um pouco menos ferozes, embora Will percebeu que eles realmente não as abandonou. Então, por trás de Malcolm, ouviram um som inesperado.

MacHaddish soluçava. Mas se de vergonha ou de alívio, ninguém poderia dizer.

Eles passaram o resto da noite na clareira. Ao longo das horas de escuridão, Malcolm reabastecia as chamas sempre que parecesse necessário, com os produtos químicos estranhos que ele carregava. Ele estava determinado a manter a ilusão de que ele tinha criado para beneficiarem-se de MacHaddish.

Quando a primeira luz cinzenta do dia penetrou sobre as copas das árvores, eles levantaram-se rigidamente e voltaram para a clareira do curandeiro. Eles viajaram em silêncio. Mesmo à luz do dia, Grimsdell era um lugar que desencorajava a conversa ociosa, e os acontecimentos da noite anterior estavam frescos em todas as suas mentes.

Houve uma melhora significativa no humor coletivo, quando eles finalmente entraram no espaço aberto que marcava a clareira do curandeiro. Os outros Escandinavos chamavam saudando os três que tinha acompanhado o pequeno grupo, enquanto os soldados Escoceses olharam curiosamente para seu general, que mantinha os olhos afastados deles conforme ele caia de joelhos, permitindo Trobar transferir a sua corrente mais uma vez para o tronco maior. A rigidez e orgulho foram embora da língua corporal de MacHaddish. Ele era um homem despedaçado.

Malcolm, que tinha apagado a maquiagem de feiticeiro e retomado o seu manto cinza normal antes que eles deixaram a clareira, acenou para Will e Horace conforme ele voltava para sua casinha.

"É melhor falarmos", disse ele. "Orman estará ansioso para ouvir as notícias."

Os dois jovens concordaram e seguiram para a casa de campo. Quando entraram na sala quente, o curandeiro agradeceu caindo em uma de suas

poltronas de madeira esculpida.

"Ah, isso é melhor", disse ele, o alívio evidente em sua voz. "Estou ficando muito velho para toda essa brincadeira na floresta. Você não tem idéia de como isso pode ser desgastante Andando com botas de cano alto fingindo ser um feiticeiro."

Ele torceu desajeitadamente em seu assento, fazendo caretas enquanto ele favorecia um lado das costas.

"Então, Nigel deixou aquele rosto voar muito baixo e quase pegou minha cabeça com isso, então tive que esquivar para fora do caminho. Acho que poderia ter montado em minhas costas", disse ele asperamente.

Ao som de suas vozes, Orman e Xander haviam aparecido na sala interior. Orman olhou de um para o outro.

"Assumo que a expedição foi um sucesso?", Perguntou ele.

Malcolm deu de ombros, então obviamente desejou que não tivesse feito, quando as costas deram uma pontada de dor.

"Você poderia dizer que sim" Horace respondeu por ele. "Malcolm tem os nomes, os números e os horários. Levou menos de vinte minutos também", acrescentou ele com admiração. "Além disso, ele assustou demais MacHaddish e os nossos amigos Escandinavos".

Malcolm sorriu para ele. "Isso é tudo?

Horace sorriu timidamente. "Por uma questão de fato, você me fez ficar um pouco nervoso também", admitiu.

"E eu:" Will adicionou. "E eu sabia como a maioria das ilusões eram feitas."

"Bem, você estava preparado", disse Horace a ele. "Tudo veio como uma surpresa maravilhosa, tanto quanto eu estava preocupado."

"O rosto do demônio no nevoeiro e o guerreiro gigante eram suas ilusões projeção normais, não eram?"Will perguntou a Malcolm.

Horace bufou. "Normal", ele murmurou sob sua respiração.

Malcolm ignorou-o e respondeu à pergunta de Will. Ele estava justificadamente orgulhoso da tecnologia que havia criado para formar as ilusões, e ele não poderia ajudar aliviando um pouco.

"Está certo. A neblina serve para um duplo propósito. Dá-me uma espécie de tela para projeção, mas ela também se dissipa e distorce as projeções de modo que nunca é visto muito claramente.

Se MacHaddish tivesse começado a olhar claramente para elas, ele poderia ter visto como eles são rudes. A sugestão é muito importante.O espectador tende a preencher os espaços vazios para si mesmo e, normalmente, ela faz um trabalho muito mais aterrorizante do que eu podia."

"As luzes nas árvores eu vi antes também", Will continuou. "Afinal, nós os usamos quando estávamos sinalizando para Alyss. Mas o rosto voando que quase bateu em você, como você conseguiu isso?"

"Ah, sim, fiquei muito satisfeito com esse. Embora quase estragou tudo. Nigel e eu passamos a maior parte da tarde construindo isso. Ele tem apenas dezessete anos, mas ele é um bom artista.

Não era nada mais do que uma lanterna de papel com o rosto inscrito na pesada linhas pretas.

Nós o montamos em um fio fino que decorria em toda a clareira. Ele era invisível no escuro.A idéia era que era suposto golpear para baixo, em seguida, desaparecendo nas árvores em frente."

"Mas isso... parecia voar para as faíscas ", disse Will.

Malcolm balançou a cabeça com entusiasmo. "Sim, isso é outro pequeno truque químico que aprendi há alguns anos. Uma combinação de enxofre e salitre e... "Ele hesitou. Orgulhoso ou não, ele não estava disposto a compartilhar todos os detalhes com eles. "E um pouco de isto e aquilo", continuou ele. "Isso cria um composto que queima ferozmente ou explode se você contê-lo."

"Foi muito eficaz", disse Horace, lembrando como a forma vermelha tinha mergulhado do céu, passando através da clareira, em seguida, dissolvendo em um banho de chamas e faíscas na copa das árvores. "Acho que foi a gota d'água para MacHaddish".

"E quase acabou com o jogo", Malcolm respondeu. "Como eu disse, ele voou mais baixo do que esperávamos e quase me bateu. Isso teria me emaranhado nos fios e poderia ter queimado o meu manto.Se MacHaddish tivesse visto isso acontecer, ele teria visto através da coisa toda."

"Muitas vezes é o caminho", disse Will. "Falhar é apenas um segundo de distância de ter sucesso."

"É verdade", Malcolm concordou.

Orman ouviu pacientemente enquanto eles dissecavam os acontecimentos da noite anterior.

Agora, ele pensou que era hora de alguns detalhes.

"Então, qual é a situação?" Perguntou ele.

"Nada boa", disse Horace. "Há um exército de duas centenas de clãs Escoceses montado do outro lado da fronteira, e eles estarão aqui em menos de três semanas."

"Então nós temos que tomar Macindaw antes deles chegarem aqui", Will acrescentou.

Orman, Xander e Malcolm todos concordaram. Isso era óbvio. Foi

Horace que acrescentou uma nota em conflito com a conversa.

"E nós temos que encontrar um adicional de cem homens para fazer isso", disse ele.

24



"Que tal um ataque de noite?"Will perguntou. "Podemos ir longe com menos homens dessa maneira?"

Horace balançou a cabeça. "Nós ainda precisamos de números para manter os defensores adivinhando. Noite ou dia, não faz diferença.Precisamos de mais homens do que eles têm."

Eles vinham discutindo o problema desde que a reunião na casa de campo de Malcolm tinha quebrado cedo naquela manhã. Mas até agora, não havia nenhum sinal de uma solução. Os dois amigos decidiram cavalgar de volta através da floresta até um ponto onde poderiam estudar o castelo, para ver se havia alguns pontos fracos em sua defesa.

Eles deixaram seus cavalos a poucos metros da borda da floresta e seguiram a pé. Como Will tinha feito quando ele tinha tentado resgatar Alyss, eles se aproximaram do lado oriental, se deslocando ao longo da estrada onde passava por uma depressão de ligeira profundidade suficiente para escondê-los das muralhas do castelo. Quando a estrada inclinou e chegou a uma crista, eles se afundaram até os joelhos. O castelo cruel estava a pouco menos de duzentos metros de distância. Will lembrava um monstro agachado esperando.

Ele pegou um amargo em uma moita de secas gramas congeladas impulsionadas através da neve.

"Você tem que ser tão negativo?"ele disse. "Às vezes ajuda se você mantiver seu pensamento flexível."

Horace se virou lentamente na direção dele. Foi um movimento deliberado que era familiar a Will.

"Eu não sou negativo, e eu não sou inflexível", disse Horace. "Eu estou apenas enfrentando os fatos."

"Bem, vamos enfrentar alguns outros", Will sugeriu.

"Você não pode ignorar os fatos apenas porque você não gosta deles, Will", disse Horace, mostrando sua irritação. "O fato é, o trabalho de sitiar é muito preciso, uma ciência muito ordenada. E há regras e diretrizes que foram estabelecidos após anos de tentativa e erro e experiência. Se nós estamos indo sitiar um castelo, vamos precisar de mais homens do que os defensores. Não

menos.Isso é um fato, quer se queira ou não."

"Eu sei, eu sei", respondeu Will, irritado por sua vez. "É só que eu sinto que deve haver mais do que apenas dizer que precisamos de três vezes mais homens do que os defensores".

"Quatro vezes", Horace acrescentou.

Will gesticulou em aborrecimento. "Quatro vezes, então!E então nós vamos ganhar a batalha.

Isso deixa todas as idéias inovadoras ou estratagemas para fora da equação e reduz a números. E o que há sobre engenho e imaginação? Eles são parte de um plano de batalha também, você sabe. “

Horace encolheu os ombros. "Sua área. Não minha."

E esse era o problema, Will sabia. As pessoas olhavam para os Arqueiros por inovação e criatividade quando se tratava de planejamento de uma batalha. Mas ele estava lutando com esse problema desde que Horace tinha chegado do sul, e ele não estava mais perto de uma solução.

Algum Arqueiro ele acabou por ser, pensou amargamente.

Talvez a parte mais irritante de tudo seja que ele tinha a sensação de que havia uma idéia flutuando em seu subconsciente, pairando apenas fora do alcance. Ela tinha sido provocado por algo que ele havia visto ou ouvido falar nos últimos dias, mas para a vida dele, ele não poderia colocar um dedo nela. Isso só fez se sentir mais inadequado.

"Bem, nós sabemos uma coisa" Horace disse. "Se nós vamos atacá-los, não será a partir deste lado."

Will assentiu. Não havia muito terreno aberto para atravessar. Uma vez que a sua força saísse da cobertura da borda da floresta, eles estariam em plena vista do castelo.

Um ataque deste lado não teria nenhum elemento surpresa. No momento em que os atacantes atingissem as paredes, eles poderiam muito bem ter perdido um terço de seu número para as bestas dos defensores.

Horace, como se estivesse lendo sua mente, aproveitou a oportunidade para reforçar o ponto que ele vinha fazendo anteriormente.

"Outra razão pela qual precisamos de mais numero do que eles", disse ele. "Nós poderíamos perder um monte de homens atacando em um terreno aberto como este."

Will assentiu com a cabeça melancolicamente.

"Tudo bem", disse ele. "Ponto feito."

Ele olhou para a janela de Alyss na torre, meio fechando os olhos na tentativa de focalizar. A tapeçaria pesada que era usada para manter fora o vento tinha sido jogada para trás, e a janela formava um retângulo preto na pedra cinza

da parede. Então ele pensou ter visto um lampejo de branco, como se alguém tivesse acabado de passar perto da janela. Só poderia ter sido Alyss.

"Você viu isso?" Perguntou ele. Horace, que estava estudando a ponte levadiça e o portão, olhou para ele com curiosidade.

"Viu o que?"

"Eu pensei ter visto algo na janela de Alyss", Will disse a ele. "Apenas um flash de branco, como se tivesse passando", acrescentou tristemente.

Horace olhou para a janela alta, mas não havia nenhum outro sinal de movimento. A janela era um buraco escuro na parede novamente. Ele deu de ombros.

"Foi provavelmente ela", disse ele. Ele entendeu o desapontamento de seu amigo. Era irritante saber que Alyss estava a menos de duzentos metros de distância e eles não tinham como ajudá-la. Deveria ser pior para o Arqueiro, Horace acreditava, sabendo que ele tinha a deixado para trás para enfrentar o perigo sozinha.

"Pena que não posso sinalizar para ela", disse Will. "Apenas para deixá-la saber que estamos aqui. Isso ia levantar sua esperança um pouco."

"O problema é que você deixaria Keren sabendo também."

"Eu sei", disse Will desconsolado. "Eu vou lhe enviar uma mensagem essa noite. Só para que ela saiba que nós não nos esquecemos dela."

Horace decidiu que era hora de distrair o seu amigo desses pensamentos sombrios. Ele olhou ao redor do sul, onde mais campo abria à frente do castelo.

"Não parece nada bem assim", disse ele. "Qualquer idéia?"

Continuando agachados, eles se contorceram para trás até que eles estavam abaixo do escudo novamente, então se levantaram, espanando a neve úmida de seus joelhos e cotovelos. Will apontava para o oeste.

"O lado oeste pode ser a nossa melhor aposta", disse ele. "A floresta cresce muito mais perto desse lado."

"Vamos dar uma olhada, então," Horace.

Eles fizeram o seu caminho de volta para os cavalos amarrados, montaram e cavalgaram para o norte. Eles permaneceram no interior da linha das árvores, onde as sombras os esconderiam de qualquer observador nas paredes do castelo. Horace sentiu sua esperança afundar enquanto eles cavalgavam. O castelo parecia impenetrável. Mesmo com uma força maior seria um osso duro de roer. Com menos de trinta homens, ele não conseguia ver nenhuma maneira que eles pudessem efetuar a invasão. No entanto, ele não fez voz ao pensamento, porque ele sabia como Will reagiria.

Além disso, ele sentiu a frustração subjacente de Will. Horace tinha fé na capacidade de Will para superar problemas aparentemente intransponíveis. Will

era um Arqueiro, apesar de tudo, e ele tinha sido treinado por Halt, reconhecido como o maior de todos os Arqueiros. E Horace sabia que os Arqueiros tinham idéias, cegamente as idéias brilhantes que pareciam vir do nada.

Ele tinha visto Will fazer isso antes, e ele sentiu sem saber como de que havia uma idéia se construindo agora, simplesmente à espera de seu amigo para reconhecer e desenvolvê-la.

Se fosse esse o caso, não ajudaria se Horace continuasse a lhe dizer que achava que não havia chance de sucesso.

Muito simplesmente, eles tinham de ter sucesso, pelo amor de Alyss e para o bem do Reino.

Quando Caleb MacFrewin levasse suas duas centenas de homens entre as árvores no prazo de três semanas, ele teria que encontrar o Castelo Macindaw nas mãos de uma guarnição que estivesse determinada a barrar seu caminho.

Então os Escoceses teriam que enfrentar problemas semelhantes ao que agora confrontavam Horace e Will. Eles teriam o número de homens necessários para um cerco. Mas eles não teriam os suprimentos para um ataque prolongado, nem as máquinas de cerco e armas especializadas.

Eles não esperavam ter que tomar Macindaw. Eles assumiram que estaria em mãos amigas, quando chegassem, deixando-os livres para o caminharem para as planícies de Araluen e invadissem e saqueassem sem a ameaça de um castelo hostil às suas costas.

No início da manhã, Xander tinha deixado Grimsdell acompanhado por uma das pessoas de Malcolm. Eles viajaram pelo país a pé, planejando ignorar os bloqueios da estrada de Keren.

Depois claro, eles esperavam comprar ou, se necessário, roubar cavalos de uma das fazendas da região. Xander estava carregando um relato escrito da situação de Macindaw, e os planos para a invasão dos Escoceses para o Castelo de Norgate. O relatório foi assinado por Orman e selado com o anel do Senhor do Castelo de Macindaw. Portanto, além de Macindaw se situar em suas linhas de fornecimento, negando aos Escoceses um ponto forte, eles que poderia vir a ser confrontados com a perspectiva de uma força aliviada a mover-se sobre eles a partir do oeste.

Velocidade era essencial para os planos Escoceses, e qualquer atraso em seu esquema poderia ser fatal para eles.



O que trouxe de volta a Horace a sua situação atual. Encontrar uma forma de tomar Macindaw com menos de trinta homens. Uma vez na posse do castelo,

ele não tinha dúvidas que pudessem aumentar os seus números atuais recontratando os membros da guarnição que Keren tinha forçado a sair. Eles podem não estar dispostos a se inscrever para um ataque ao castelo, mas uma vez que estava de volta nas mãos de Orman, a palavra iria correr pelo campo, e Horace estava confiante de mais da guarnição antiga iria voltar. Afinal, eles eram soldados e havia pouca coisa mais preciosa para eles fazerem no rigor do inverno.

Mas tudo tinha que ser feito dentro das próximas três semanas.

"Este é o local", disse Will, interrompendo seus pensamentos. Eles tinham cavalgado para o norte em direção ao ponto onde haviam emboscado MacHaddish e seus homens, em seguida, viraram para o oeste através das árvores. Agora, pois chegaram à margem ocidental da floresta, as coisas ficaram mais difíceis. Nesta parte da floresta, as árvores cresceram juntas em uma confusão que era quase impenetrável, de modo que eles foram forçados a sair para o terreno aberto.

No lado ocidental, Horace viu, a floresta chegava até dentro de cinqüenta metros do castelo. Ele podia entender por que os construtores originais haviam deixado as coisas desta maneira.

Limpar a floresta teria sido uma monumental tarefa difícil E a própria natureza da própria floresta tornava intransponível para um grande número de homens carregados de equipamentos, armas e máquinas de cerco.

Horace esfregou o queixo, pensativo.

"Bem, nessa vez, os nossos pequenos números será uma vantagem", disse ele, apontando para o mato grosso e para as grandes árvores. "Eu odiaria tentar movimentar mais de trinta homens em posição através de tudo isso".

Will assentiu. "Tudo que temos a fazer é descobrir uma maneira de fazer Keren achar que temos outra centena de homens atacando pelo leste", disse ele.

Horace encolheu os ombros. "Ou pelo sul. Qualquer coisa para tirá-los das muralhas do oeste."

"Deixe-me perguntar-lhe uma coisa", disse Will. O tom pensativo em sua voz fez Horace olhar ao redor para ele rapidamente. Talvez a idéia estivesse chegando depois de tudo.

"Vá em frente", ele solicitou, e Will continuou, escolhendo suas palavras cuidadosamente.

"Se pudéssemos distraí-los neste muro, poderíamos conseguir com apenas uma escada de escalar?"

"Só uma?" Horace parecia duvidoso. "Geralmente é melhor ter o máximo que puder. Dessa forma você dividir o número de defensores."

"Mas se eles estiverem atraídos para a parede sul, por exemplo, e eles não

nos vêem chegando até nós estamos por cima do muro, em seguida, dois de nós poderia afastá-los enquanto o resto dos nossos homens sobem a escada, não poderíamos?"

"Dois de nós?" Horace perguntou. "Eu suponho que você quer dizer que você e eu?"

Will assentiu. "Eu estive lá em cima. As passagens sobre as muralhas são estreitas", disse ele.

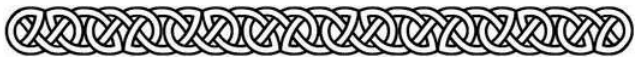
"Eles só poderia vir em nós um de cada vez. Se bem me lembro você e eu fizemos um bom trabalho segurando os Temujai na Hallasholm ", ele lembrou a Horace.

"É verdade. Mas tudo depende da nos levantarmos por cima do muro invisível. Mesmo se pudéssemos distrair a maioria dos defensores de um ataque contra a parede sul, nem todos vão.

Ninguém é tão estúpido. E nós teríamos cinqüenta metros para correr, carregando uma escada de escalada de cinco metros. Seríamos vistos antes de estarmos a um terço do caminho."

Will sorriu. "Não se nós já estivermos lá."

25



Orman, Malcolm, Gundar e Horace sentaram ao redor da mesa na casa de campo de Malcolm.

Will estava em pé, andando e para trás no quarto pequeno enquanto explicava a sua idéia.

"Horace disse-nos que precisamos de cerca de cem homens para atacar o castelo, uma força três vezes maior do que os defensores".

Os outros concordaram. Era lógico.

"A idéia é, nós poderíamos entrar no castelo com trinta homens, se tivéssemos mais noventa para enganar os defensores do nosso ponto de ataque real. Isso está certo?" Ele endereçou a questão para Horace. O guerreiro assentiu.

"É bastante perto do ideal" disse ele.

"Assim, com trinta homens, podemos ir com o ataque real?" Will insistiu.

Os outros três homens assistiram o intercâmbio com diferentes graus de compreensão. Era uma questão bem fora da área da experiência de Malcolm. Orman era vagamente familiarizado com os problemas teóricos de situar um castelo. Gundar estava fascinado em saber como uma força de trinta homens, a tripulação do WolfShip, por exemplo, poderia forçar seu caminho em um castelo fortificado. Isso poderia revelar-se um conhecimento muito rentável no futuro.

"Sim", respondeu pacientemente Horace. "Mas ainda precisamos dos outros noventa homens para fazer o desvio. E nós não os temos", acrescentou ele, espalhando suas mãos e olhando sarcasticamente ao redor da sala como se noventa homens pudessem estar escondidos em algum lugar.

"Talvez nós não precisássemos deles", disse Will. "Talvez a gente só precise de um."

Gundar aspirada com risos. "Ele é melhor ser um inferno de um guerreiro!"

Will sorriu para o capitão Escandinavo. "Ah, ele é. Ele é um gigante de um homem. Quando o vi, ele estava a mais de dez metros de altura", disse ele suavemente. O entendimento apareceu no rosto de Malcolm, embora os outros

três permanecessem confusos.

"Você quer dizer o Guerreiro Noturno?" Malcolm disse.

Will assentiu e virou-se para Horace, que estava olhando pensativo agora que ele pegou a idéia.

"Isso vai significar um ataque noturno, mas presumo que não há grande problema nisso?" Will perguntou.

Horace encolheu os ombros. Ele ainda estava considerando o que Will tinha dito. Se o Guerreiro Noturno aparecesse no céu fora no Castelo Macindaw, ilusão ou não, ele poderia fornecer o tipo de distração que eles precisavam.

Orman esfregou o queixo, pensativo. Ele tinha ouvido falar do Guerreiro Noturno, é claro, mas ele nunca tinha visto isso.

"Quão grande é ele exatamente?" Orman perguntou.

"Ele é enorme", Malcolm respondeu. "Como diz Will, ele pode ir até dez metros de altura, dependendo da distância que tenho que jogar a imagem. Quanto mais eu posso projetá-lo, quanto maior ele for. Mas por que parar no Guerreiro Noturno? Eu poderia jogar em algumas outras formas também. O rosto de Serthrek'nish, para começar. E um dragão estranho ou um ogro, suponho.

Orman olhou ao redor da mesa. "Eu pareço ter perdido alguma coisa. Quem ou o que é Serthrek'nish?"

"Ele é o demônio Escocês que usamos para aterrorizar MacHaddish," Malcolm explicou.

Orman parecia menos convencido. "Ele pode ter trabalhado contra MacHaddish", disse ele.

"Mas Macindaw é ocupado por Araluens. Eles não sabem se Serker... Serkrenit... Seja ele quem for... é uma taça de pudim preto".

Horace sorriu agora. "Não se preocupe. Você não tem que saber o seu nome para ser aterrorizado por ele.Ele é uma visão verdadeiramente horrível, aparecendo para fora da névoa como faz."

"Essa é a única desvantagem para a idéia", disse Malcolm agora, seu rosto pensativo. "Eu preciso de nevoeiro ou névoa de forma para o projeto. É por isso que eu escolhi a clareira a outra noite. Um pequeno riacho atravessa o lado norte, e criou a névoa que precisávamos.Mesma coisa com o pântano negro", acrescentou.

Will sentiu sua idéia desmoronar como um castelo de cartas. Ele estava tão envolvido nele que ele não tinha visto a falha básica. Sem névoa, nenhuma imagem projetada. Nenhuma imagem, nenhum desvio.

Malcolm viu a decepção em seu rosto e sorriu encorajador. "Não é um

grande problema", disse ele. "Nós apenas temos que colocar alguns tubos perfurados no ponto onde queremos a névoa.Então bombamos água através dos tubos, juntamente com um produto químico ou dois para ajudar o processo, e a névoa se levantará das perfurações, enquanto o tempo estiver frio o suficiente."

A esperança de Will disparou. Sua idéia estava de volta aos trilhos.

"Quão rápido poderíamos colocar a tubulação no lugar?" Perguntou ele.

Malcolm os lábios, pensativa. "Talvez duas noites" ele disse eventualmente. "Nós vamos ter de trabalhar após o anoitecer, e não podemos ter muitas pessoas envolvidas ou nós vamos ser vistos.A última coisa que queremos é seu amigo Buttle enviando um grupo para investigar o que estamos fazendo."

Gundar rosnou suavemente à menção do nome do Buttle. Will olhou de soslaio para ele. O

Escandinavo enorme lembrava um urso grande, poderoso e aparentemente desajeitado, mas, na realidade, rápido e mortal. Então, pensou ele, sorrindo, que um monte de Escandinavos poderia ser descritos dessa maneira. Eles eram uma raça muito parecida com ursos. Ele pensou que não gostaria de entrar no caminho de Gundar quando chegasse a hora de subir as escadas de escalar.

Quando esse pensamento o atingiu, ele percebeu que era um outro item que teria que tomar cuidado.

"Vamos precisar de escadas", disse ele. "Podemos ter seu pessoal a construí-las?"Ele abordou a observação para Malcolm, que assentiu. Então ele se virou para Gundar. "Seus homens também, Gundar", pediu.

"Vou levá-los a primeira coisa amanhã", disse o Escandinavo. "Quantos precisamos?"

Horace e Will trocaram um olhar.

"Você tinha uma idéia sobre o uso de apenas uma?"Horace lembrou a ele. Mas Will balançou a cabeça.

"Eu ainda estou trabalhando nisso. É melhor ter cópias de segurança. Quantas você diria?"

O jovem cavaleiro mastigou uma unha conforme ele pensava sobre isso. Quanto mais, melhor, ele sabia. Quanto mais escadas houvesse, mais rapidamente seus homens poderiam estar nas muralhas e no ataque. Mas havia limitações.

"Nós teremos que atravessá-las através desse emaranhado de floresta no lado oeste", disse ele.

"Isso vai levar muito tempo e esforço. Eu diria que o máximo que nós

poderíamos segurar seriam quatro.Isso faz que seja cerca de sete homens para uma escada."

Will olhava para Malcolm e Gundar, ambos de acordo com a cabeça. "Quatro serão, então," disse. "Eu duvido que teremos tempo para fazer mais mesmo.E como você diz, vai ser um pesadelo conseguir mover uma escada de cinco metros por aquela floresta."

Ele abordou Malcolm novamente. "Você sabe, também me ocorreu que poderíamos ser capazes de usar algo parecido com aquele rosto iluminado que você fez através da clareira na outra noite?"

Ele colocou isso como uma questão, mas Malcolm já estava balançando a cabeça.

"Precisaríamos de fios e cabos aéreos para isso. Dificilmente poderíamos montar tais equipamentos no campo aberto perto de Macindaw sem sermos vistos."

"E se você for visto, a guarnição descobrirá que tudo é algum tipo de truque", Orman acrescentou "Então seu plano desmorona todo."

Will assentiu com a cabeça, reconhecendo o ponto. "Eu posso ver isso", disse ele. "Mas eu pensei que poderia haver alguma forma de jogá-los no ar, então tê-los explodindo na maneira que um aconteceu na outra noite.Isso foi muito espetacular, acredite em mim."

"Deixe-me pensar sobre isso", disse Malcolm. "Eu provavelmente posso montar uma espécie simples de catapulta para jogá-los. Nós poderíamos colocá-las na mata depois de tudo.Não há nenhuma razão para que isso não pudesse ser feito de uma posição escondida."

"Exatamente", disse Will, seu entusiasmo crescendo a cada segundo. "Quanto mais distrações temos melhor.E algo voando, brilhante, cabeças explodindo seria uma grande distração".

Ele olhou em volta os rostos na mesa, vendo o entusiasmo e esperança em todos eles.

"Bem", disse ele, "é tarde e eu ainda tenho que enviar uma mensagem para Alyss. Sugiro interromper isso agora e começarmos a trabalhar na parte da manhã.Temos muito a fazer".

Houve um murmúrio de concordância dos demais, e todos eles se levantaram. Orman ainda estava se sentindo deixado de fora do quadro completo.

"Voando, cabeças explodindo, murmurou para si mesmo. "Estes Arqueiros são realmente peculiares."

26



Alyss sorria calmamente enquanto lia a mensagem codificada novamente. Ela já tinha lido na noite anterior, quando Will tinha enviado para ela, é claro. Mas ela a salvou para ler mais uma vez na luz da manhã, antes de cuidadosamente a colocar no fogo que ardia em sua grade.

Ela se inclinou diante da lareira agora, vendo a folha de papel ficar preta e se enrolar nas chamas. O papel pode ter ido, mas a mensagem de esperança que continha ficou claro em seu coração. Era típico de Will, ela pensou, que ele iria dar ao trabalho de viajar milhas através das trilhas sombrias ao redor da Floresta Grimsdell no meio da noite para enviá-la para ela.

Não era uma mensagem urgente. Não houve importantes instruções a seguir. Foi simplesmente destinada a reforçar sua esperança e deixá-la saber que ela não tinha sido esquecida.

Havia uma estranha referência velada que tinha confundido ela. Ele leu, temos um convidado da terra do Cobblenosskin. Ela franziu a testa ao longo de vários minutos. O nome era vagamente familiar, e ela procurou através de sua memória para ele. Então apareceu para ela.

Cobblenosskin tinha sido um personagem de um conto de fadas que ela e Will tinham ouvido quando eram crianças na proteção de Redmont. Ele era um gnomo travesso que vivia nas montanhas selvagens de Picta, longe no norte. Não era uma referência que seria imediatamente evidente para qualquer um não familiarizado com o velho conto, Keren por exemplo. Will estava obviamente tomando precauções contra a possibilidade de que a mensagem pudesse cair acidentalmente em suas mãos. Mas ela entendeu que, de alguma forma, Will tinha capturado alguém de Picta, e o único candidato possível que ela podia pensar era o general Escocês que tinha visitado Macindaw alguns dias antes.

Pelo menos, é o que ela esperava que significasse. "Ele é um sujeito falador," a mensagem passou a dizer. Se suas suspeitas estavam corretas, isso significava que Will e seus aliados tinham aprendido os detalhes do plano de Keren.

E isso era de fato um motivo para sorrir.

Mas, mais ainda, foram os outros fatos obscuros contidos na mensagem.

Na a maior parte, era uma conversa casual, parte fofoqueira, na medida do que era possível dentro das limitações de uma breve mensagem codificada, destinadas a manter sua esperança para cima e para lembrar-lhe que ela tinha amigos por perto. E agora ela sabia que havia mais do que um velho amigo lá fora na floresta. Desde que ela havia garantido a Will que a stellatite foi eficaz na luta contra o mesmerismo Keren, ele sentiu que era seguro incluir outro fato.

Amor de Puxão, a última linha da mensagem lida, e de Kicker e seu grande amigo.

Kicker...

Ela havia ouvido o nome antes. Obviamente, Will pensou que isso significaria algo para ela. Era um animal de algum tipo? Parecia que o nome de um animal. Um cão? Não com esse nome.

Cães não chutam. Cavalos chutam. E então, mais uma vez, o significado era claro. Kicker era o nome do cavalo de batalha que Horace montava. Horace estava aqui!

Ela pensou sobre isso agora, abraçando a notícia para si mesma como um manto quente. Will e Horace trabalhando em conjunto, Will com sua inteligência e intuição e mente rápida, e Horace, confiável, determinado, talvez um dos guerreiros mais capazes que Araluen tinha visto em anos.

Ela não tinha dúvida de que os dois conseguiriam derrotar Keren e qualquer número de Escoceses.

Ela quase sentiu pena do usurpador. Quase. Ela sorriu novamente, e em seguida ouviu a chave girar na fechadura.

Ela olhou rapidamente para a lareira, se certificando que a página estava completamente queimada. Ela enfiou na brasa um ferro de fogo a desintegrar a folha ao pó enegrecido, em seguida, levantou-se apressadamente, espanando as mãos conforme a porta se abria.

Era Keren, é claro, e as mãos dela foram automaticamente atrás das costas, os dedos pesquisando e encontrando a pedrinha brilhante preta que ficava permanentemente aninhado no punho de sua manga. Mas não havia nenhum sinal da jóia azul de Keren, e ela relaxou. Ele tinha ido para outra de suas conversas.

"Você está parecendo alegre esta manhã minha senhorita" Keren disse. Ela percebeu que ela ainda estava sorrindo, ainda sentindo o calor que a mensagem tinha trazido ela. Seria um erro tentar esconder o fato de agora e adotar um ar miserável; Keren ficaria imediatamente suspeito.

Ele quer saber o que ela tinha para estar otimista a respeito, em primeiro lugar. Em vez disso, ela ampliou o seu sorriso e apontou para a janela.

"É um belo dia, Sir Keren. Mesmo em cativeiro não posso deixar de ter as

esperanças levantadas por essa visão."

E, de fato, ela estava certa. O céu estava um azul brilhante, filmado com uma luz penetrante e não com uma nuvem à vista. No ar gelado havia uma clareza que trouxe os objetos mais distantes em foco. A beleza selvagem da floresta e os campos cobertos de neve que cercavam o castelo pareciam perto o suficiente para tocar.

Keren sorriu para ela e moveu-se para a janela para estudar a visão por si mesmo. Ele colocou um pé em cima da janela de baixo. Por um momento, ela tinha o receio terrível de que poderia apoiar o seu peso nas barras de que ela estava gradualmente enfraquecendo com o ácido Will tinha deixado para trás. Mas na última hora, sua mão foi até a pedra em torno da janela.

"É bonito de fato", disse ele, sua expressão se amolecendo por alguns segundos. "Acho que este é o momento mais encantador de todos neste país".

Havia aquele traço de tristeza em sua voz novamente, num tom que ela havia se acostumado em suas últimas reuniões. Ela sabia que ele estava dilacerado por sua traição. Não poderia ser mais fácil por um lado a amar o país tanto quanto parecia, e por outro, estar preparado para entregá-lo aos seus tradicionais inimigos.

Claro, ela sabia, não fazia diferença para a terra. Ela seria bonita e selvagem e acidentada, não importa quem a controlasse. Ainda assim, o impacto emocional deveria ser enorme, e Keren deveria saber que de alguma forma, as coisas nunca mais seriam a mesma. Mas ele tinha feito sua escolha, e não havia nenhum ponto atraente para ele agora para desviar-se do caminho que estava seguindo. Ela assistiu impassível como ele se endireitou, tendo o pé para baixo do peitoril, e se virou para ela. Ele fez um esforço visível para empurrar a melancolia para longe, sorrindo para ela novamente.

"Você é uma garota incrível, Alyss", disse ele. "Você pode permanecer positiva e alegre, mesmo quando tudo tem ido contra você."

Ela deu de ombros. "Não há nenhum ponto em se preocupar com coisas que não podem ser alterados, Sir Keren."

Ele fez um gesto com a mão renunciando. "Por favor, não vamos ser formais. Chame-me de Keren. Podemos estar em lados opostos, mas não há nenhuma razão para que nós não possamos ser amigos ".

Nenhuma razão ela pensou, além do fato de que eu sou um oficial do rei e você é um traidor de seu país. Mas ela não fez a voz do pensou. Não havia sentido em alienar Keren batendo de lado suas propostas de amizade. Irritando ele ela ganharia seu nada. Fazendo amizade com ele, por outro lado, poderia ganhar muito dela, principalmente em termos de informação. Ela sorriu para ele.

"Em um dia tão bonito, como eu poderia discordar?", Disse ela, e ampliou

seu próprio sorriso em troca. Ela pensou que ela viu uma sensação de alívio nele também, como se ele estivesse esperando que a sua oferta de amizade não fosse rejeitado fora de mão.

"Você sabe, eu estive pensando," ele disse finalmente. "Você já pensou o que poderia acontecer com você quando os Escoceses chegarem?"

Alyss encolheu os ombros. "Eu imagino que eu vou ficar aqui na torre", disse ela. "Eu suponho que você não estava pensando em me entregar a eles?"

Por um momento, ele sentiu um calafrio de medo. Talvez era o que Keren estava planejando.

Ela realmente não tinha pensado sobre o que poderia acontecer a ela. Afinal, ela tinha assumindo que Will e agora Horace com ele, teriam um efetivo resgate e a tirariam desse lugar.

Keren parecia ligeiramente ferido na sugestão, e seu medo foi rapidamente dissipado.

"Claro que não!", Disse ele com alguma veemência. "Não há nenhuma maneira que eu dê a mão de uma senhorita de sua qualidade para esses bárbaros".

"Seus aliados", ela lembrou-lhe secamente.

Ele deu de ombros o comentário de lado. "Talvez. Mas só por necessidade. Não escolha".

"Você acha que eles falam de você em termos tão brilhante?" Alyss lhe perguntou.

Ele se encontrou com o seu olhar francamente. "Eu ficaria surpreso se eles não", disse ele. "Não há amor perdido entre nós. Esta é uma medida prática somente. Não tenho a pretensão de que é mais do que isso. Eles precisam de mim, e eles estão dispostos a pagar-me bem para os meus serviços. Vou pegar uma parte de todo o espólio que tirarem de Araluen".

"Deve ser assustador", disse ela, com certa simpatia genuína, "ver um futuro em que você não tem amigos, apenas companheiros criados por necessidade."

Mas sua simpatia caiu em ouvidos surdos. Keren a olhou friamente, e ela percebeu que não tinha gostado dela ter soletrado o futuro que ele enfrentaria.

"Eu não vou ficar aqui para sempre", disse ele. "Uma vez que eu tenha dinheiro suficiente, eu irei para Gallica ou Teutônia, onde eu posso comprar um feudo para eu mesmo. Como um barão, eu não precisarei de amigos."

Era uma prática comum, ela sabia que, para os reis da Teutônia e Gallica vender feudos pela melhor oferta. Em Araluen, naturalmente, o avanço era dependente do desempenho e da lealdade. Mas a tristeza subjacente nas palavras de Keren a levou, contra seu melhor juízo, para tentar um último apelo para ele.

"Oh, Keren", disse ela, e mais uma vez a sua preocupação por ele era verdadeiro, "você não pode ver o que sua vida vai se tornar? Você está falando de solidão e exílio, mesmo que seja auto-imposto".

Ele ergueu-se um pouco mais reta. "Eu sei o que estou fazendo", disse ele com firmeza.

"Você sabe? Você sabe realmente? Porque não é tarde demais. Os Escoceses ainda não estão aqui ainda. Você pode enviar pedido de ajuda e defender o castelo contra eles. Macindaw é um osso duro de roer, e eles não se atreveriam a ir mais distante em Araluen com este castelo à sua volta."

"Você está esquecendo o pequeno problema de morte de Syron?", Perguntou ele. Ela não podia dizer nada para isso, e ele continuou. "Afinal de contas, não posso ter pretendido, mas sua morte foi um resultado direto de minha conspiração para trair o meu país. Eu duvido que o rei ficaria muito feliz sobre isso."

"Talvez ele possa ficar," ela começou, mas ele parou-a com uma mão levantada.

"E então há a pequena questão de meus homens. Eu prometi pagá-los, e o dinheiro para isso vem dos Escoceses. Se eu renegar a lidar com eles, como vou pagar meus homens? E se eu não fizer como gentilmente que você acha que eles vão ter de ser enganados? "

Alyss sabia que ele estava certo. Ela tinha entendido até antes que ela falou. Suas palavras próximas a trouxeram de volta à realidade. "Mas começamos a discutir o seu futuro, não meu", ele a lembrou. "Pode me levar dois ou três anos trabalhando com os Escoceses para levantar o dinheiro que eu preciso. Mas quando eu for o que você acha que será de você? "

Ela não tinha resposta para ele. Ela sabia que se Will e Horace não conseguissem tirá-la aqui, ela enfrentaria anos de prisão.

Não haveria esperança de resgate. Mensageiros, por força de sua ocupação, eram obrigados a entrar em situações perigosas e incertas. Eles viveram pela sua inteligência, e eles sobreviveram por causa do respeito dado a sua posição e do poder do Reino que serviam. Mas se Duncan pagasse o resgate para ter uma Mensageira solta, seria um sinal para todos rebeldes e menores príncipes que havia lucro a ser feito por aprisionar Mensageiras e exigir dinheiro de Araluen.

Todos aqueles no serviço diplomático entraram na profissão sabendo que, se eles fossem capturados, eles não poderiam esperar nenhuma ajuda do Reino.

Vingança, sim. Se uma Mensageira fosse prejudicada, o rei Duncan e os seus conselheiros poderiam trazer uma terrível vingança sobre os culpados. Eles haviam feito no passado em várias ocasiões. Dessa forma, outros seriam

desencorajados de tentar o mesmo truque.

Claro que, se ela estivesse morta, ela ganharia pouco conforto do fato de que ela havia sido vingada.

Ela percebeu que o silêncio seguinte a pergunta de Keren tinha esticado por muito tempo.

"Eu imagino que eu vou enfrentar, de alguma forma", disse ela.

Keren balançou a cabeça. "Alyss, você pode me enganar com essa atitude. Mas duvido que você esteja enganando a si mesmo. Você é inteligente demais para isso. Como minha prisioneira, você aproveita de certos privilégios, mas os Escoceses não vêem qualquer razão para continuar eles. Você vai se tornar uma escrava. Um burro de carga. Seu único valor lhes caberá no trabalho duro que você pode realizar.

"Eles vão a enviar para o norte da fronteira e vendê-la. Não é uma perspectiva agradável, acredite. As vilas dos Escoceses são bastante primitivas. As acomodações de seus escravos são quase insuportáveis. "

Alyss se levantou, levantando-se a sua altura total.

"Quão amável de você apontar tudo isso para mim", disse ela friamente. Keren balançou a cabeça, sorrindo para ela, tentando acalmá-la.

"Eu estou apenas apontando os fatos", disse ele. "Antes de sugerir uma alternativa. A única alternativa, eu acho. "

"Alternativa", ela repetiu. Ele teve sua atenção agora, porque pela vida dela, ela não poderia pensar no que ele estava falando. "Que alternativa?"

"Você poderia se tornar minha esposa", disse ele simplesmente.

"Sua esposa?", Repetiu, levantando o tom de sua voz evidentemente pelo choque que sentiu com a sugestão. "Por que eu iria ser sua esposa?"

Ele deu de ombros. O sorriso havia desaparecido de seu rosto na sua resposta, mas agora ele voltou. Ela sentiu que era menos do que real, mais uma tentativa de persuadir ela.

"Não é uma sugestão completamente ultrajante", disse ele. "Como a minha esposa, os Escoceses teriam de conceder-lhe o grau adequado de respeito. Você teria liberdade no castelo. "Ele se levantou e acenou para a zona rural circundante fora da janela. "E as terras por aqui. Você estaria livre para ir e vir como quiser. "

"Você confiaria em mim para não fugir?", Disse ela, ainda chocados com a grandiosidade da idéia, e a arrogância por trás dele. Ele parecia não perceber o fato.

"Onde? Nós estaríamos cercados por Escoceses, lembre-se. Eles estão planejando uma invasão aqui, e não apenas um ataque simples. E, além disso, se você fosse se casar comigo, você poderia mostrar certa, digamos assim...

empatia... por minhas ações. "

"Você quer dizer", disse friamente: "Eu marcaria eu mesma como uma traidora também?"

Ele recuou um pouco na palavra. "Não julgue muito severamente, Alyss. Lembre-se, não seria sempre aqui. Em Gallica, você seria uma baronesa comigo. "

Ela sabia que não deveria contrariar ele, sabia que ela deveria o deixar humorado. Mas a sua presunção foi tão grande que ela não podia controlar seus sentimentos.

"Há um entrave pequeno", disse ela. "Eu não te amo. Eu nem mesmo gosto muito de você. "

Ele estendeu as mãos em um gesto de desprezo. "Isso é tão importante? Quantos casamentos você tem visto entre as pessoas de nossa classe, que estava baseado no amor? Na maioria dos casos, a conveniência é o fator decisivo. E eu não sou um tão ruim, afinal, sou? "Ele acrescentou a última pergunta num tom leve, ainda tentando convencê-la para a idéia.

"A nossa classe", ela perguntou friamente. "Deixe-me dizer-lhe que classe eu sou. Eu sou uma órfã. Eu não tenho família. Tenho pessoas a quem devo obediência e gratidão e até mesmo o amor. Assim, como uma classe inferior, sendo menor do que você deixe-me dizer que eu acredito que o amor é importante em um casamento".

Seu rosto escureceu com raiva. "É naquele Arqueiro que você está pensando, não é? Eu sabia que havia alguma coisa entre vocês. "

Alyss passou anos treinando na diplomacia. Mas ela também passou os anos de formação para fazer o seu ponto de forma rápida e sucinta. Ela esqueceu a diplomacia agora.

"Isso não é de sua conta", disse ela. "O fato é, provavelmente há cinqüenta pessoas a quem eu iria encontrar amor mais fácil do que você. Cavaleiros. Arqueiros. Mensageiros. Escribas.

Artesões. Taberneiros. Garotos do Estábulo. Porque no final do dia, todos teriam uma enorme vantagem sobre você. Eles não seriam traidores. "

Ela podia ver que suas palavras o cortavam como um chicote. Ele estava zangado, mas agora ele estava furioso. Ele virou-se duramente e caminhou até a porta. Quando ele chegou, ele olhou para ela.

"Muito bem. Mas lembre-se, quando estiver com suas mãos e joelhos na chuva gelada em um vilarejo Escocês, esfregando uma latrina ou alimentação dos suínos, que você poderia ter sido uma baronesa! "

Ele pensou que seria a última palavra. Mas conforme ele foi fechando a porta atrás de si, ela disse suavemente, "O preço seria alto demais."

Ele virou-se e seus olhos se encontraram. Não havia mais cordialidade entre eles. Ela cruzou a linha em seu relacionamento, e eles nunca mais voltariam.

"Maldita seja você", disse ele calmamente, e fechou a porta atrás dele.

27



Horace se esticou por cima do ombro de Will para olhar o esboço que seu amigo tinha terminado.

Ele franziu a testa. De onde ele estava o dispositivo que Will tinha projetado parecia um carrinho de mão, exceto que a parte onde a carga seria transportada, parecia estar de cabeça para baixo.

"O que você acha?" Will perguntou.

"Eu acho que se você tentar carregar qualquer coisa nesse carro vai cair tudo fora imediatamente".

"Não vou colocar nenhuma coisa nele. Estou nos colocando nele", disse Will.

"Nesse caso, nós vamos cair fora", respondeu Horace.

Will lhe deu um olhar fulminante e bateu nos pontos mais importantes do desenho com o lápis de carvão conforme ele explicava. "É muito simples, realmente. Existem duas rodas, eixos e um quadro baixo e um declive, assoalhando o telhado em cima. A coisa toda rola junto com a gente andando debaixo dela."

"Bem, isso vai nos impedir de cair fora", disse Horace. "Mas por que estaremos embaixo dele em primeiro lugar?" Horace perguntou.

"Porque se não estivéssemos sob ela" Will disse, com uma pitada de ácido em sua voz, "nós estaríamos fora no campo aberto, onde poderíamos ser atingidos por pedras e dardos e lanças."

Ele olhou significativamente para Horace para ver se havia outra questão. Mas os olhos de Horace estavam fixos no desenho agora, e um pequeno sulco estava se formando entre as sobrancelhas.

"A beleza é" Will continuou, "nós podemos desmontá-lo e remontá-lo em uma questão de minutos".

"Bem, isso é definitivamente uma vantagem", respondeu Horace. Seu tom de voz disse que ele pensou que era tudo menos isso.

Will recostou-se na exasperação. "Você gosta de ser negativo, né?", Perguntou ele.

Horace estendeu as mãos em um gesto largo desamparado.

"Will eu não tenho a menor idéia do que você tem em mente com essa... coisa. Tenha em mente, sou um guerreiro simples, o tipo de pessoa que eu ouve você e Halt se referem como bate-e-rebate. Agora você me diz que você quer que a gente ande por aí com um carrinho de mão que alguém construiu com a parte superior ficando onde o fundo deveria ser, e espera que eu fique animado com isso. E a propósito", acrescentou,"Eu já vi melhores desenhos de rodas."

Will estava olhando criticamente sobre o desenho agora, tentando ver através dos olhos de Horace. Ele pensou que talvez seu amigo estivesse certo. Isso parecia um pouco estranho. Mas ele também pensava que Horace era muito critico.

"As rodas não estão tão ruins", ele disse finalmente. Horace tomou o lápis dele e bateu na roda da mão esquerda no desenho.

"Este é maior do que a outra, pelo menos um quarto", disse ele.

"Isso é perspectiva", Will respondeu teimosamente. "A esquerda está mais perto, de modo que parece ser maior."

"Se é perspectiva, e será tão grande assim, o carrinho de mão teria de ter cerca de cinco metros de largura", disse Horace ele. "É isso que você está planejando?"

Mais uma vez, Will estudou o desenho criticamente.

"Não. Pensei em talvez dois metros. E três metros de comprimento. "Ele rapidamente esboçou uma versão menor da roda esquerda, esfregando sobre a primeira tentativa que ele fez. "Está melhor?"

"Poderia ser mais redonda", disse Horace. "Você nunca conseguiria fazer uma roda dessa forma rolar. É uma espécie pontiaguda no final."

O temperamento de Will queimava conforme ele decidia que seu amigo estava simplesmente fingindo ser estúpido para zoar ele. Ele bateu o carvão em cima da mesa.

"Bem, tente você desenhar um círculo perfeito à mão livre!", Disse ele, irritado. "Veja quão bom você faria! Este é um desenho de conceito, é tudo. Ele não tem que ser perfeito!"

Malcolm escolheu esse momento para entrar na sala. Ele tinha estado fora, verificando MacHaddish, certificando-se o general estava ainda firmemente preso ao enorme tronco que o mantivera prisioneiro. Ele olhou agora para o desenho conforme ele passava pela mesa.

"O que é isso?" Perguntou ele.

"É um carrinho de mão", disse Horace ele. "Você fica embaixo dele, assim as lanças não vão bater em você, e você pode ir para uma caminhada."

Will olhou para Horace e decidiu ignorá-lo. Ele voltou sua atenção para Malcolm. "Você acha que algum de seu pessoal poderia construir para mim uma

coisa como essa?"Perguntou ele.

O curandeiro franziu a testa, pensativo. "Pode ser complicado", disse ele. "Temos alguns carro de rodas, mas são todos do mesmo tamanho. Você queria esse muito maior do que o outro? "

Will agora mudou seu olhar para Malcolm. Horace pôs a mão no rosto para cobrir o sorriso que estava querendo sair.

"Isso é perspectiva. Os bons artistas desenham usando perspectiva", Will disse, enunciando muito claramente.

"Ah. É? Bem, se você diz.... "Malcolm estudou o esboço por um segundo a mais. "E você quer que eles tenham essa forma achatada? Nossas rodas tendem a ser espécie redonda. Eu não acho que essas iriam rolar muita facilidade, se isso é tudo. "

Verdade seja dita, Malcolm estava ouvindo fora de casa por vários minutos e sabia o que os dois amigos estavam discutindo. Horace deu vazão a um ronco enorme e indelicado que definia o nariz em execução. Seus ombros estavam tremendo e Malcolm não poderia manter o seu próprio rosto em linha reta por mais tempo. Ele se juntou, e os dois riam incontrolavelmente.

Will os olhava friamente.

"Oh, sim. Extremamente divertido" disse ele. "Muito divertido. Por que eu treinar para ser um bardo, eu me pergunto, quando tivemos dois comediantes como vocês disponíveis? Agora eu sei", acrescentou ele, com muita ênfase: "Por que as pessoas chamam comediantes de loucos."

Horace e Malcolm, com um esforço supremo, conseguiu trazer o seu ronco e riso sob controle.

Malcolm enxugou os olhos.

"Aaah", disse a Horace, "é bom começar o dia com uma risada."

"Já estamos no fim da manhã," Will ressaltou.

"Antes tarde do que nunca", Malcolm respondeu.

Will parecia prestes a dizer algo, mas Horace pensou que poderia ser tempo para voltar aos negócios.

"Will", disse ele mais sério, “porque você não nos diz o que você supõe fazer com essa coisa?”

Horace percebeu que a idéia seria boa, não importava o quão ruim o desenho poderia ser. Ele nunca tinha conhecido uma má idéia vinda de seu amigo.

"É para nos levar mais perto da muralha oeste", disse Will. "Com a nossa escada."

Horace olhou para o esboço de novo. "Você pretende empurrar esse direto até a muralha?", Disse. "E esta seção sobre teto é para nos proteger dos

defensores acima, certo?" Ele balançou a cabeça. "Vai demorar muito, Will. Eles terão tempo de aviso, e assim que sairmos debaixo do telhado aqui, eles estarão prontos e esperando por nós."

"Eu sei disso", disse Will. "Mas como você apontou, se tentarmos correr a partir da linha das árvores para a muralha carregando uma escada, vai demorar muito tempo e eles vão ter tempo de voltar para essa muralha de novo e lutar conosco".

"Então? Correndo com essa... coisa... nos levará o dobro do tempo. Claro, nós vamos estar protegidos enquanto estivermos a caminho. Mas eu ainda não vejo-"

Will o interrompeu. "Eu pretendo nos levar a meio caminho da muralha", disse ele. "Então nós vamos providenciar um modo que uma das rodas quebre."

"Qual o sentido disso?" Malcolm perguntou.

"Deixe-me explicar desde o início", disse Will. "Montamos o carro na linha de árvore. Nós amarramos nossa escada em cima. "Rapidamente, ele desenhou em uma escada em cima do telhado. "Então, no meio da tarde, Horace e eu e, digamos, quatro dos Escandinavos ficaremos sob ela e começaremos a empurrá-lo para a muralha."

"No meio da tarde?" Horace. "É certo que eles vão nos ver! Eles vão atirar lanças e pedras em nós-"

Will ergueu a mão por silêncio.

"Nós vamos continuar até que estivermos a vinte metros do muro, então vamos quebrar a roda aqui. A coisa toda cederá para o lado. Os defensores vão pensar que eles atingiram algo crucial, ou que a coisa foi mal construída. Em qualquer caso, eles vão ver que estamos parados. Em seguida, as outras quatro pessoas Correão como nunca de volta para as árvores. Nós vamos equipar algum tipo de armadura para os proteger."

Malcolm balançou a cabeça. "Isso parece justo", disse ele.

Mas Horace tinha notado uma omissão no plano de Will. "Você disse que os outros quatro correm de volta. E nós? "

Will sorriu para ele. "Ficamos lá dentro, sob o carro. Eles não sabem que estamos lá porque eles não sabem quantas pessoas estavam escondidos sob ele em primeiro lugar.

O entendimento começou a despontar nos olhos de Horace agora.

"Então nós vamos estar a vinte metros do muro... com uma escada de escalar", disse ele suavemente.

Will assentiu, sua excitação evidente. "Tudo o que temos a fazer é sentar calmamente por algumas horas. Por esse tempo, os destroços do carro e da escada vão se tornar parte da paisagem. Eles vão se acostumar a isso, então eles

começarão a ignorá-lo. Então, quando Malcolm começar seu show ao sul a atenção de todos estiver distraída, partimos para fora e correremos para a muralha com a escada. "

"Nós poderíamos fazer isso antes que alguém perceba", disse Horace.

"Essa é a idéia geral", Will disse, sorrindo.

28



Horace chegou a um impasse para definir as vigas de madeira que levava de encontro a um tronco de árvore. Havia uma abundância de troncos para escolher. O caminho que eles estavam seguindo torcia e virava-se entre um emaranhado de árvores e vegetação rasteira. Ele limpou a testa com um pedaço de pano e caiu de pernas para descansar.

"Isso é uma caminhada pesada," disse ele à Will.

Will assentiu. "Está mais lento do que eu pensava que seria. Essas trilhas são tão ruins que poderiam muito bem não estarem aqui. "Ele levantou a voz e chamou por Trobar, que ainda estava se movendo à frente do resto do grupo, abrindo o pior da vegetação e das vinhas na trilha completamente fora de uso que eles estavam seguindo. "Trobar! Faça uma pausa! "

O gigante virou-se e acenou um reconhecimento. Ele se sentou de pernas cruzadas, no meio da pista. Shadow, sua companheira sempre presente, moveu-se para se sentar ao lado dele, os olhos intensos nele. Will sorriu tristemente para si mesmo. O nome era apropriado, pensou. O cão era como uma segunda sombra da figura enorme.

Ao longo da trilha, os Escandinavos tiraram suas cargas fora de seus ombros também e sentaram no chão. Não havia lugares limpos o suficiente para que todos eles se reunissem. Eles simplesmente relaxaram onde quer que estivessem na trilha.Odres de água foram passados ao longo da linha, e os homens bebiam aliviando os seus músculos doloridos. Conversas baixas estouraram entre os grupos.

Era um caminho difícil, Will pensou. Ele estava acostumado a mover-se através das florestas e entre as árvores, e mesmo ele achava esse emaranhado de árvores, cipós, arbustos e mudas quase impossíveis de negociar. Eles foram obrigados a seguir qualquer jogo fraco de trilhas que poderiam encontrar levando no sentido certo. Mas eles eram trilhas mais no conceito do que na prática. Mesmo com Trobar avançando com uma foice grande, cortando os casos do mato, era uma luta fazer progressos. A situação era agravada pelo fato de que, em determinado momento, quase metade do grupo estava carregado com os componentes para o que se tornou conhecido como o "Carrinho de

Mão de Cabeça pra Baixo". As madeiras do quadro, as pranchas do telhado, os eixos e as rodas tinham sido desmontadas para que eles pudessem movê-lo através da floresta para o lado ocidental da Macindaw.

Gundar fez o seu caminho ao longo da via estreita para onde os dois amigos estavam descansando. Ele estava transportando metade de uma das escadas de escalada, elas eram três no total, cada uma construída em duas partes para torná-las mais fáceis de transportar através da floresta. Ele deixou-a cair para um lado quando ele chegou a eles.

"Estamos quase lá?", Perguntou alegremente. Ele enxugou a testa com a palma da mão e pegou o odre de água que Horace lhe ofereceu.

"Apenas em torno da próxima esquina", Horace mentiu, e o Escandinavo sorriu para ele.

"Agora você pode ver porque nós preferimos fazer a nossa viagem de navio", disse ele, e os dois Araluens concordaram.

"No futuro, vou fazer o mesmo", disse Will. "Isso faz com que o Mar Tempestade-Branca pareça fácil. Como seus homens estão se portando? "

Gundar considerou-o com a aprovação. Um bom líder sempre se preocupa com o bem-estar de seus homens.

"Ah, eles estão reclamando, jurando e, em geral continuando. Em outras palavras, eles estão bem. Quando os Escandinavos não se queixam é que você sabe que você tem problemas. "

Horace levantou-se, esticando as costas e os músculos do pescoço.

"Nós pudemos também aproveitar a oportunidade para descansar os transportadores", disse ele.

Em qualquer momento, apenas a metade dos Escandinavos tinham cargas para transportar, além de suas armas e armaduras, é claro. Assim, em intervalos regulares, eles iriam aliviar os homens que transportavam os componentes do carrinho. Will percebeu que Horace, no entanto, não pediu para qualquer um descansasse ele até agora. Gundar obviamente tinha notado a mesma coisa. "Um de vocês mendigos preguiçosos venha aqui e de um descanso ao general!" Ele gritou. Era o termo que tinham adotado para Horace. Mas enquanto ele dissesse brincando, também tinha uma dose de respeito a ele.

Uma figura corpulenta abriu caminho ao longo da via estreita para eles. Mesmo antes que ele pudesse ver as características do homem, Will sabia quem seria.

"Aqui, me de eles General", disse Nils Ropehander.

Os escandinavos eram uma raça estranha, Will pensou. Desde Horace tinha forçado o capacete de Nils para baixo da cabeça e quebrado seu nariz com um mega-soco, ele havia se tornado um dos seguidores mais entusiastas do

jovem cavaleiro.

"Não posso dizer que vou pedir desculpas por se livrar delas", disse Horace, passando as pranchas de madeira pesadas ao Escandinavo. Nils as balançou facilmente por cima do ombro e virou-se para voltar ao seu lugar na linha. Will, que tinha acabado de levantar, conseguiu mergulhar de lado a tempo de evitar ter a cabeça batida de seus ombros pelas pranchas balançando. Ele começou um choro que confundiu Nils, que se virou para ver o que tinha causado isso. Conforme ele fez isso, as pranchas bateram solidamente contra o capacete de Gundar.

"Pelo amor de Loka!" o capitão do Wolfship rosnou. "Veja o que você está fazendo!"

Nils virou costas, se desculpando. Will viu o que ia acontecer neste momento. Ele estava prestes a recuperar seus pés, mas ele ficou agachado conforme as pranchas chicoteavam através do ar na altura da cabeça acima dele. A situação poderia ter continuado por todo o dia, mas Horace, vendo a chance, chegou perto e pegou o final das pranchas, parando o movimento de ir e vir de Nils.

"Basta mantê-los parados, certo?" Disse.

Nils olhou pedindo desculpas. "Eu não sei como isso aconteceu", disse ele.

Gundar estava inspecionando seu capacete. Havia um entalhe novo lá, ele tinha certeza disso.

Ele olhou acusador para Nils. Como todos os Escandinavos, ele gostava muito de seu capacete.

"Quando chegarmos a Macindaw", disse ele, "Vamos mandá-lo até a escada com as pranchas.

Ele vai tirar todos os defensores de lá em um momento. "

"Desculpe-me, Skirl", disse Nils. "Eu não vi você lá. Não vi o Arqueiro também. "

"Esse é o ponto", disse-lhe Gundar. "Antes de começar a balançar ao redor como um demente leiteiro em um Festival da dança da Primavera, olhe por cima do seu maldito ombro!"

Nils assentiu, olhando devidamente envergonhado.

"Eu vou voltar para meu lugar, então", disse ele. Ele parecia ansioso para ficar longe dos seus olhares acusadores. Conforme ele se movia de volta para baixo da trilha, eles ouviram uma série de batidas, gritos de raiva e desculpas de Nils. Will sorriu para os outros.

"Hora de ir embora enquanto ainda temos alguns homens não danificados", disse ele. Erguendo a voz, ele chamou de "Trobar! Vamos andar

de novo, por favor! "

O gigante assentiu e levantou-se a seus pés, avançando ao longo da trilha fracamente definida, sua foice subindo e descendo com regularidade, alargando o caminho para eles. O cão deslizando silenciosamente em seu encalço.

"Estamos quase lá?" Gundar perguntou quando eles partiram novamente. Horace voltou para ele.

"Você vai continuar dizendo isso?", Perguntou ele.

Gundar sorriu para ele. "Ah, eu nem comecei ainda", disse ele.

Era final da tarde quando eles chegaram ao seu destino. Os homens derrubaram as partes do carrinho e as escadas até o chão, e todos eles avançaram até a borda das árvores para estudar castelo. Esse era o mais perto que os Escandinavos tinha ficado até agora.

"Mantenham as costas nas sombras", Will avisou. "Nós não queremos que eles vejam que estamos aqui."

Não houve resposta, mas a advertência foi em grande parte desnecessária. Ao longo dos anos, os Escandinavos tinham tido a sua cota de atacar fortalezas, e sabiam a importância da surpresa.

Ainda assim, enquanto eles estudavam o castelo, alguns deles olhavam duvidosos. Nenhum deles jamais havia atacado nada tão substancial, certamente não com uma única tripulação do Wolfship. Eles poderiam ter invadido torres isoladas e estocagens. Mas o Macindaw estava diante deles, maior e mais formidável que qualquer coisa que nunca tinham tentado.

"Espero que seu plano funcione", disse Gundar. Ele estava sentindo as mesmas dúvidas que os seus homens.

"Vai funcionar", Horace respondeu confiante.

Espero, Will acrescentou para si mesmo. Ele olhou para os homens. "Nós podemos também descansar um pouco", disse ele. "Afastem-se nas árvores um pouco. Eu vi uma clareira cerca de vinte metros atrás. Não há nada para nós fazermos nesse momento. Malcolm e sua equipe, estão montando a último parte do nevoeiro da tubulação essa noite. Então nós vamos ter todo o dia de amanhã para remontar o carro. "

Agradecido, o grupo voltou para a clareira e estabeleceu-se para descansar. Will definiu uma lista de horários de vigília, organizando para que ele e Horace fizessem a vigília durante as primeiras horas da manhã, quando poderiam esperar um sinal de Malcolm para lhes dizer que os preparativos estavam todos completos.

Horas depois, eles deitaram com suas barrigas no chão úmido na ponta das árvores. Gundar tinha se juntou a eles. O castelo, a quase cinqüenta metros de distância, era um volume escuro e sinistro durante a noite.

Eles podiam ver os derramamentos de luz ao longo das muralhas, onde tochas estavam fixadas em suportes, mas havia vastas áreas escuras também. De vez em quando, sentinelas passavam na frente dos caminhos iluminados.

"Eles são muito casuais", disse Will. "Eu poderia ter atirado fora uma meia dúzia deles por agora."

Horace olhou para ele. "Talvez você devesse", ele sugeriu, mas Will balançou a cabeça.

"Eu não quero que eles saibam que estamos aqui", disse ele. "Além disso, se eu atirar em um, os outros parariam de desfilar na frente da luz."

"Talvez", Horace concordou a contragosto. "Mas eles não me parecem assim tão inteligente."

"Ali está!" Gundar interrompeu.

Do outro lado do castelo, um quilômetro ao sul, uma luz vermelha surgia no ar, em seguida, explodia em uma chuva de faíscas. Os três observadores podiam ouvir um zumbido de conversa surpresa das muralhas do castelo.

"Malcolm está pronto", disse Will. Horace assentiu.

"Então, a noite de amanhã é a noite."

"Estamos quase lá?" Gundar perguntou, sorrindo.

29



O foguete de sinal tinha sido avistado nas muralhas do Macindaw também. Familiarizado com o conceito de substâncias explosivas ou fogos de artifício, as sentinelas apertaram suas armas com mais força, olhando para o sul com medo e se perguntando que tipo de feitiçaria estava em andamento.

Keren, convocado de um sono profundo, passeou nas muralhas incerto, perscrutando a noite, esperando a estranho, luz vermelha subindo ser repetida. Mas quando uma hora se passou sem nenhum sinal adicional de atividade, ele finalmente decidiu que tinha sido um alarme falso, apenas mais um exemplo das estranhas luzes que podiam ser vistas perto de Grimsdell no escuro da noite.

Antes de voltar para sua cama, ele fez uma visita rápida das defesas, parando na muralha oeste, onde a floresta crescia próximo ao castelo. John Buttle já estava lá.

"Qualquer coisa se mexendo nesse lado?" Keren perguntou. Buttle, como ele, tinha sido despertado de sono por relatórios da luz sobrenatural no céu. Sua camisola estava enfiada nas calças, e ele usava um colete vestido à pressa sobre ele. Ele balançou a cabeça, olhando para a muralha escura da floresta, à apenas cinqüenta metros de distância.

"Nada de nada", relatou ele.

Keren bateu seus dedos sobre a muralha de pedra. "Este é o lado do perigo", disse ele, pensativo.

"Você nunca conseguiria uma grande força atravessando aquele emaranhado lá fora", respondeu Buttle. Ele tinha reconhecido os terrenos adjacentes ao longo das últimas semanas. "E se você conseguisse, você nunca poderia fazer uma formação de ataque sem muito aviso."

Keren estava parcialmente convencido. Mas só em parte.

"Talvez. Mas enquanto nada se agita lá fora, eu fico desconfiado. Eu não sei porque Syron nunca derrubou todas aquelas árvores. "

"Porque ele teria levado anos para fazer isso", disse-lhe Buttle. "E você precisaria de centenas de homens também. Confie em mim. Essas árvores são a nossa melhor defesa. É uma selva lá dentro. "

"Hmm. No entanto, quero manter uma vigilância apertada deste lado para

o resto da noite,

"Keren disse. "Você vai estar aqui?"

Buttle bocejou. "Eu estou indo para a cama."

Os olhos de Keren endureceram.

"Isso não era uma questão ou uma sugestão." Sua voz era fria.

Buttle ficou rígido com raiva. "Muito bem, meu senhor", respondeu ele. "Eu vou ficar de plantão até o amanhecer."

"Bom", disse Keren, virando as costas e indo para a escada. Não pela primeira vez, desejou que o seu segundo em comando fosse um companheiro mais agradável, alguém mais preparado para assumir algumas das responsabilidades de liderança. Ele tinha esperado que Buttle fosse se oferecer para permanecer em serviço para tranqüilizar o seu comandante, ao invés de esperar ser comandado para fazê-lo. Ele suspirou pesadamente. Ele tinha calculado que demoraria quase dois anos antes que ele pudesse comprar seu fendo em Gallica. Ele percebeu que o tempo ficaria pesado em suas mãos, e ele amaldiçoou a garota loira elegante que tinha rejeitado a sua proposta de casamento. Pelo menos ela seria uma companhia adequada. Atrás dele, no cais, os lábios de Buttle moviam-se em uma maldição silenciosa de sua autoria. Mas suas palavras eram dirigidas a seu comandante.

Uma vez que Will e Horace viram o sinal de foguete de Malcolm, eles passaram uma noite descontraída. Eles eram novos e acostumados a passar o tempo acampando fora de portas. Eles leram suas tendas pouco para trás da linha das árvores, e rastejaram para dentro delas e dormiram até de madrugada.

Eles sabiam que nenhuma outra ação teria lugar naquela noite. O sinal não tinha sido o prelúdio de um ataque, então eles poderiam dar ao luxo de relaxar. Ao longo do próximo dia, os seus maiores inimigos seriam uma estranha mistura de tédio e antecipação. Eles estavam programados para executar seu ataque simulado ao final da tarde e Will sabia que, enquanto as horas passassem, o nó de tensão no estômago apertaria a cada minuto que passava até que ele desejaria que pudesse estar em seu caminho, fazendo alguma coisa em vez de espera.

E assim se provou ser. Eles montaram o carro e a escada que iriam transportar e manipular através dos arbustos à beira da linha das árvores, cortando as sob o crescimento de um caminho claro para ele. Mas, inevitavelmente, eles começaram muito cedo sua preparação para que, pelo tempo que eles estavam prontos, havia passado apenas meio-dia, e ainda teriam quatro horas para esperar.

Will sentou debaixo de uma árvore, fingindo cochilar, tentando acalmar-se na tentativa de aliviar esse nó apertado em seu estômago. Ele olhou para

Horace, que estava a poucos metros de distância, aparentemente despreocupado, conversando calmamente com os quatro Escandinavos que iriam acompanhá-los. Horace parecia sentir os olhos de Will em cima dele. Ele olhou para seu velho amigo e sorriu, acenando tranqüilidade.

Will se perguntou como Horace poderia ser tão calmo. Ele não sabia que Horace estava perguntando-se a mesma pergunta sobre Will, sentindo a mesma amarração dos músculos do estômago.

O dia se arrastou.



Will verificou o carro pela décima vez, certificando-se que a roda esquerda estava corretamente manipulada de modo que pudesse quebrar quando eles estivessem prontos, fazendo parecer que o carro tinha batido alguma obstrução. Ele inspecionou as pranchas do telhado, certificando-se que não havia lacunas onde uma besta poderia passar. E ele questionou os quatro Escandinavos para se certificar que compreenderam o seu papel.

"Pareça como se vocês estivessem entrando em pânico" ele lhes disse. Ele encontrou quatro olhares em branco. Pânico não era uma emoção que os Escandinavos compreendiam muito facilmente. "Olhe com medo", ele corrigiu, e viu os quatro pares de olhos mudarem de perplexos a hostis. "Finjam que olham com medo", acrescentou, e a contragosto eles concordaram. Ele checou seus escudos também. Ele tinha uma pequena força à sua disposição, e ele não podia dar ao luxo de perder nenhum deles nessa jogada preliminar. Os escudos estavam bem oleados para evitar que eles secassem e ficassem quebradiços. Eles eram generosamente cravejados com placas de latão e com figuras de boi. Os homens iriam colocá-los em suas costas enquanto eles corriam de volta para a linha das árvores depois de ter o carrinho destruído.

Suas cabeças seriam protegidas por seus capacetes com chifres. As únicas partes de seus corpos que estariam expostas eram as suas pernas. Ainda assim, pensou o jovem Arqueiro, um ferimento na perna pode manter um homem fora da batalha tão eficazmente quanto se ele estivesse morto.

"Não corra em linha reta", ele os advertiu. "E não corram juntos. Corram em diferentes direções."

Um dos Escandinavos respirou fundo, a ponto de dizer a Will que ele poderia parar de repreende-los como uma mãe. Então ele percebeu que o rapaz estava realmente preocupado com ele e seus três companheiros, e ele sentiu uma onda de calor. Escandinavos não estavam acostumados que os seus comandantes realmente se preocupassem com eles.

"Sim, Arqueiro", disse humildemente.

Will assentiu distraído e afastou-se, sua mente nas ações que teriam que realizar naquela tarde.

Horas mais tarde, o sol estava dobrando sobre as árvores, sombras longas em direção ao castelo.

Ao longe, ouviram uma algazarra de ruído do sul. Will engatou seu arco por cima do ombro, instalou sua aljava mais confortável e virou-se para Horace.

"Hora de ir", disse ele.

30



O barulho do sul, lhes dizia que Malcolm tinha começado a distração que tinham planejado. Ele tinha pelo menos cinqüenta de seu povo em volta nas árvores, homens, mulheres e crianças, bem longe da vista do castelo, mas ainda ao alcance da voz. Quando ele lhes deu o comando, eles começaram a uivar, gritando, cantando e batendo pedaços de metal em metal, panelas de cozinha e potes, na sua maioria. Era um pensamento preocupante para guerreiros como Horace e os Escandinavos perceberem que o choque de espada na espada, aclamado nas canções ao longo dos anos pelos bardos e poetas, soava praticamente igual ao choque de concha de servir na panela.

Independentemente da sua origem, o ruído serviu para o que eles esperavam, chamando a atenção dos defensores. Eles podiam ver os homens na muralha oeste correndo em direção ao sul, quando tentavam ver se havia um grande ataque se desenvolvendo.

"Certo!" Will chamou. "Vamos!"

Agachado, ele moveu para baixo do abrigo do carro, seguido de Horace e dos quatro Escandinavos, que tomaram o seu lugar nos eixos. Ele os verificou rapidamente, certificando-se que todos eles tinham seus escudos pendurados nas costas. Os Escandinavos, contentes que a espera finalmente tinha chegado ao fim, sorriram para ele quando ele sinalizou para frente.

"Vai!" Gritou ele, e eles colocaram o seu peso para os eixos do carro. Não houve necessidade de Will e Horace ajudarem com esta tarefa. Os quatro corpulentos Escandinavos poderiam controlá-lo facilmente, para que os dois Araluens se posicionassem na frente do carro, onde era mais baixo. Como os Escandinavos estavam fazendo o trabalho duro, era justo que estes ficassem na parte maior.

O carro começou a andar, lentamente no início conforme os Escandinavos forçavam através da tela fina de vegetação remanescente. Will e Horace passeavam com eles, agachando-se abaixo do teto inclinado. Então, o carrinho estourou através do último emaranhado e eles estavam fora da vegetação rasteira. Os Escandinavos caíram com a sacudida, um deles falando o tempo para os outros, e o carro, com a escada de escalar fixada em cima do

carrinho começou a rolar em um ritmo acelerado, balançando e sacudindo no terreno irregular indo para o castelo.

Mesmo com a distração de Malcolm, eles não podiam esperar passarem despercebidos por muito tempo, e Will logo ouviu gritos de alarme assustados das muralhas à frente deles. Quase imediatamente, houve um estalo sólido quando um míssil bateu contra as tábuas do teto acima deles. Era um dardo de besta mordendo a dura madeira. O impacto inicial foi seguido em rápida sucessão, por mais três. Depois, houve um longo intervalo e padrão se repetiu.

Então, parecia que havia apenas quatro arqueiros nas muralhas ocidentais. O padrão de quatro tiros repetia-se depois de vinte ou trinta segundos, o tempo que seria necessário para recarregar uma besta padrão. Era a principal desvantagem da arma, especialmente quando comparado com a estonteante velocidade que um arco longo de um Arqueiro qualificado como Will poderia alcançar. A besta tinha um estribo na parte frontal. Quando o dardo era lançado, o arqueiro tinha que abaixar o arco no chão, colocar um pé no estribo e alçar a corda para trás com as duas mãos, dobrando as armas pesadas do arco até a corda envolvida no mecanismo de gatilho. Só então ele poderia carregar outro míssil, e só então ele poderia trazer de volta para o arco do ombro e atirar novamente.

Will recuou quando o ultimo dardo bateu na segunda rajada na madeira a apenas alguns centímetros de sua cabeça. Então ele olhou através de um orifício cuidadosamente preparado, grande o suficiente para ver através, mas não grande o suficiente para admitir um tiro de sorte de uma das bestas.

"Uns poucos metros mais!", Advertiu aos Escandinavos. Ele queria estar o mais próximo possível para que ele e Horace não tivessem muito terreno para cobrir quando montassem seu ataque real mais tarde na noite. Mas se ele chegasse muito perto, ele estaria expondo os Escandinavos a um maior risco, quando eles fizessem o seu caminho de volta para a linha das árvores. Estavam quase pela metade do caminho. Ele prendeu a corda que liberaria a roda à esquerda e esperou mais quatro passos antes de puxar.

O pino que segurava a roda sobre o eixo se soltou. A roda continuou girando por outro metro ou dois, mas conforme ela continuava, ela estava girando a caminho do fim do eixo até que finalmente girou completamente fora, deixando o lado esquerdo do carrinho batendo no chão.

Eles ouviram as comemorações nas muralhas muito claramente, aplausos e gritos de escárnio quando os defensores viram o ataque virar nada. Dois dardos a mais se chocaram com o carro conforme ele parou. Bom, pensava Will, isso significava apenas duas das bestas estavam carregados agora. "Vão!", Ele ordenou urgentemente os Escandinavos.

Eles não precisaram de nenhum incentivo adicional. Se arrastando sob o carro inclinado, eles invadiram o campo aberto e correram para o abrigo das árvores, espalhando-se conforme eles iam. Mais tiros das muralhas, mais vaias conforme os defensores viram os seus supostos agressores vergonhosamente correr por suas vidas.

Ele viu outro dardo acertar o escudo que protegia um dos Escandinavos. A força do míssil atingindo seu escudo o fez tropeçar. Will respirou uma oração silenciosa de agradecimento que não existiam arqueiros com arcos longos ou arcos recurvo sobre as muralhas do castelo.

A besta era mais fácil para apontar e atirar do que o arco e necessitava de menos treinamento para desenvolver a habilidade instintiva que ele, e todos os Arqueiros, possuíam. Era relativamente simples pegar um soldado não qualificado e treiná-lo para usar uma besta em questão de semanas. Mas você pagaria o preço da facilidade com um ritmo muito mais lento de tiros e um alcance reduzido.

Ele deu um suspiro de alívio quando os quatro homens conseguiram chegar às árvores incólumes. Instalou-se no chão frio e úmido à sombra inclinada do carro e sorriu para Horace.

"Por enquanto tudo certo", disse ele calmamente. "Você poderia aproveitar e ficar confortável também. Agora teremos que esperar até escurecer."

Horace, agachou-se sob a parte inferior do carro e revirou os olhos.

"O meu passatempo favorito," disse ele. "Você trouxe algo para comer?"

À medida que a tarde avançava no início da noite, a vista do carro em ruínas gradualmente perdeu sua novidade para os homens nas muralhas.

Keren havia sido chamado para ver o veículo estranho. Ele franziu ao vê-lo e em seguida balançou a cabeça.

"É uma distração", disse ele. "Eles não iriam fazer o ataque principal com apenas uma escada."

Quanto mais pensava nisso, mais ele se convenceu de que ele estava certo. A muralha oeste, onde as árvores estavam mais próximas do castelo, era a direção óbvia para um assalto. E desde que era a mais óbvia, tornou-se menos provável que os atacantes a escolhê-la. A tentativa com o carrinho era um blefe, e não uma forma muito inteligente, uma vez que era fácil ver que um carro e uma escada não seriam eficazes contra as muralhas. Assaltos como esse eram um jogo de adivinhar e contra-adivinhar, blefar e contra-blefar. Seus instintos lhe disseram que o carro estranho foi uma distração.

Quanto mais ele esperou, mais ele se convenceu de que o ataque viria do sul, ou talvez na muralha leste. Lá era o ponto mais distante da muralha oeste

depois de tudo. Mas o sul parecia o mais provável. O inimigo já tinha estado ativo lá, e tinha a sensação de que eles iriam tentar embalá-lo em um falso senso de confiança, com mais algumas demonstrações que não dariam em nada, em seguida, lançar o ataque real daquela direção.

Ele empurrou um polegar no carro, inclinado para um lado a vinte metros do castelo.

"Coloque-o em fogo" ele disse ao sargento comandante da muralha oeste. "E mantenha um olho sobre as árvores. Mas eu não acho que esse é o lugar aonde eles vão para nós. Esteja pronto para mudar seus homens para a muralha sul, se precisarmos de você lá. "

No espaço confinado, inclinando-se sob o carro estragado, Horace se contorcia para encontrar uma posição mais confortável.

Will, olhando para ele, balançou a cabeça em desaprovação. "Tentar manter-se parado", disse ele. "Se você continuar pulando desse jeito, você vai derrubar o carrinho de vez".

Horace fez uma careta para ele. "É tudo muito bom para você", disse ele. "Você é treinado para sentar-se parado por horas a fio enquanto as formigas rastejam em você e seus músculos têm cãibras."

"Se eu consigo fazer isso, você consegue fazer isso", disse Will inutilmente. Ele esticou o olho mágico, uma vez mais estudando o castelo. Ele podia contar lá fora três dos defensores andando na direção do carro, e ele viu a fumaça de um braseiro ao lado deles.

Estranho, pensou ele. O dia estava frio, mas não tão frio que fosse precisar de um fogo nas muralhas para mantê-los quentes, pelo menos não até o anoitecer.

"O que está acontecendo?", Perguntou Horace. Ele estava aborrecido e desconfortável, e ele queria alguma forma de distração. Will acenou a ele por silêncio. Estavam apenas vinte metros ou mais das muralhas, e era possível que eles pudessem ser ouvidos.

"Fale baixo", disse ele. Horace revirou os olhos para o céu novamente e continuou num sussurro rouco.

"Está tudo certo para você. Você tem o olho mágico " disse ele. Will deu-lhe outro olhar de longo sofrimento.

"Deve ser horrível ser você" ele disse "coberto de formigas, em agonia de grampear os músculos e nem mesmo um olho mágico para olhar em frente".

"Oh, cale a boca" Horace disse. Ele não conseguia pensar em uma resposta espirituosa.

Eles foram interrompidos pelo impacto de outro dardo batendo na madeira sobre suas cabeças.

Will franziu a testa, perguntando por que os defensores estavam desperdiçando tempo e munição atirando no carro encalhado. A resposta veio a ele alguns segundos mais tarde.

Horace, que havia se encolhido violentamente com o impacto inesperado, cheirou o ar. "Sinto o cheiro de fumaça", disse ele.

Will se esticou mais uma vez para olhar pelo olho mágico. Ele podia ver as muralhas, com o mesmo grupo de homens observando o carro intensamente. Então ele viu um deles levantar uma besta e atirar novamente.

"Aqui vem outra", advertiu o companheiro.

O dardo voou através do ar em direção a eles, arrastando uma fina fita de fumaça por trás disso.

Segundos depois, houve outro baque que atingiu o telhado de tábuas. Agora, o cheiro de fumaça era mais forte. Através do olho mágico, Will pôde ver um lamber de chama.

"Eles estão atirando flechas de fogo", disse ele calmamente. "Tentar queimar o carrinho."

"O quê?" Horace empurrou para se levantar, e sua cabeça bateu contra um dos quadros de apoio sobre o carro. "É melhor sairmos daqui!"

"Relax" Will disse a ele. "Eu coloquei as tábuas encharcadas com água antes de começarmos."

Horace recostou-se em dúvida. Lembrou-se agora que durante dez minutos antes de terem deixado o abrigo das árvores, os Escandinavos tinha derramado água e neve derretida sobre as pranchas.

"Além disso," Will continuou, "você já tentou colocar um pedaço de madeira em chamas, apenas atirando uma madeira em cima dele? As probabilidades são as setas irão queimar a madeira um pouco, mas vai parar de queimar antes que o fogo pode realmente tomar posse. "

"As probabilidades são?" Horace repetiu. "Quais seriam essas probabilidades?"

Will o considerou pacientemente. "O que você quer fazer, Horace, saltar e jogar fora as flechas e, em seguida jogar para os homens nas muralhas?

Horace parecia desconfortável, percebendo que ele poderia ter sido prematuro em sua reação.

"Bem, não", disse ele. "Mas eu certamente não quero ser apanhado embaixo de um carrinho queimando também."

"O carro não vai queimar. Confie em mim. "Will disse a ele. Então, vendo que as duas últimas palavras não tiveram absolutamente nenhum efeito sobre Horace, ele continuou, "E mesmo se isso acontecer, nós vamos ter tempo de sobra para sair daqui. Mas não há nenhum ponto em correr agora. Como é que

nos sentiremos se desistíssemos de nosso plano para longe e, em seguida, estarmos sentado nas árvores vendo o fogo acabar sem queimar?"

"Bem, talvez... " Horace disse, um pouco amolecido pela lógica de Will e pelo fato de que o cheiro da fumaça não havia ficado mais forte. Ele colocou a mão contra as tábuas, abaixo do local onde um dos parafusos que tinha atingido. A madeira não estava nem um pouco mais quente do que em outras partes do telhado.

Outros dois dardos queimados bateram no carrinho nos próximos minutos. Mas, como os dois primeiros, eles logo abafaram, causando nada, além de esquentar a superfície. Eventualmente, vendo que as flechas de fogo não fariam o trabalho, os defensores nas muralhas desistiram da tentativa. A tarde avançava, e a luz começou a desaparecer enquanto o sol de inverno aguado afundava abaixo do nível das árvores. Horace puxou seu manto apertado sobre ele. Fazia frio aqui sentado imóvel por horas a fio.

"Que horas são?" Horace perguntou.

"Cerca de cinco minutos depois que a última vez que você perguntou:" Will lhe disse. "Você está ficando tão ruim quanto Gundar, com seu constante 'Estamos quase lá?' "

"Eu não posso ajudá-lo", Horace resmungou. "Eu apenas não gosto de ficar sentado sem fazer nada."

"Tentar compor um poema," Will disse sarcasticamente, desejando que seu amigo calasse a boca.

"Que tipo de poema?" Horace perguntou.

"Um Limerick," Will lhe disse, rangendo os dentes. "Isso pareceria com sua velocidade."

"Yeah. Boa idéia ", disse Horace, animando um pouco. "Isso vai levar minha mente fora das coisas." Ele franziu pensando totalmente, olhando para o céu em busca de inspiração. Seus lábios se moviam silenciosamente por alguns minutos, em seguida, a carranca se aprofundou.

"Eu não tenho nada para anotar o poema" disse ele.

Will, que havia conseguido cochilar no silêncio, foi acordado empurrado. "O quê?" Ele falou.

"Escrever o que"

"Minha Limerick. Se eu não anotá-la, eu poderia esquecê-lo. "

"Já pensou nela?"

"Bem, eu tenho a primeira linha", disse Horace defensivamente. Limerick escrita estava provando ser mais difícil do que ele esperava. "Era uma vez um castelo chamado Macindaw...

", Declamou. "Essa é a primeira linha", acrescentou.

"Certamente você pode se lembrar disso?", Disse Will.

Horace assentiu de acordo relutante. "Bem, sim. Mas quando eu chegar a dois ou três ou quatro linhas trabalhadas, vai ficar mais difícil. Talvez eu pudesse lhe dizer para que possa recordá-los?

"Ele sugeriu.

"Por favor, não", disse Will, mordendo as palavras.

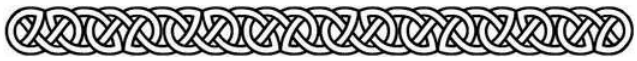
Horace encolheu os ombros. "Muito bem, se você optar por não ajudar. "

"Eu faço".

As respostas de Will, Horace observou, estavam se tornando cada vez mais curtas. "Tudo bem, então", disse ele, um pouco de mau humor. Seus lábios se moviam mais uma vez, parando e reiniciando. Fechou os olhos para se concentrar. Isso durou uns cinco minutos, e quanto mais Will tentava ignorá-lo, mais ele era atraído pelas contorções faciais de Horace. Finalmente, o guerreiro de ombros largos, percebeu que seu amigo estava olhando para ele.

"O que rima com Macindaw?", Disse.

31



Conforme a tarde passava e a noite chegava, Horace tornava-se cada vez mais inquieto e entediado. Ele mudava de posição continuamente e suspirava repetidamente. Will firmemente o ignorava. Isso irritava ainda mais Horace, que sabia que seu amigo estava deliberadamente não tomando conhecimento dele.

Eventualmente, após um suspiro particularmente prolongado, seguido de uma prolongada mudança de posição e deslocamento dos ombros e nádegas, Will já não podia fingir não notar.

"É uma pena que você não trouxe uma trombeta", disse ele. "Dessa forma, você poderia fazer um pouco mais de barulho."

Horace, prazeroso que tinha finalmente provocado o início de uma conversa, respondeu imediatamente. "O que eu não entendo" disse ele, "é porque nós não corrermos com o carro aqui agora, em vez de ter feito isso horas atrás? Poderíamos ter esperado confortavelmente nas árvores até o anoitecer, então correr, perdeu a roda e ter que esperar apenas uma hora ou mais pelos monstros de Malcolm. Teria sido muito menos chato do que ficar agachado aqui toda a tarde e noite."

"Isso é suposto ser entediante", Will agarrou. "Essa é a idéia."

"Você queria ficar entediado?" Horace perguntou.

"Não." Will falava muito pacientemente. Ele adotou o tom de um adulto pode usar a falar com uma criança muito jovem. Fazia algum tempo desde que ele tinha feito isso com Horace, o guerreiro e descobriu que ele não gostava mais agora do que tinha anteriormente.

"Eu queria que as sentinelas ficassem entediados. Eu queria que eles ficassem acostumados à visão de que este carro se tornou parte do cenário. Eu queria que eles olhassem para ele durante horas e horas com absolutamente nada acontecendo de forma que acabassem por acreditar que nada iria acontecer. Se tivéssemos saído das árvores agora, eles ainda estaria desconfiados quando chegasse a hora, e eles possivelmente ainda têm os olhos em nós. Dessa forma, eles viram o carro de forma clara, em plena luz do dia, e eles pensam que não têm nada a temer dele.

Eles estarão entediados com ele, na verdade. "

"Bem... talvez... ", Disse Horace com relutância. Na verdade, o que Will disse fazia sentido.

Mas, ainda assim, ele estava entediado. E com frio também. Eles estavam sentados em uma mistura de neve derretida e capim-saturado. E a própria terra ainda detinha a temperatura entorpecente do inverno. Conforme ele tinha o pensamento, Horace sentiu uma necessidade enorme de espirrar. Ele tentou abafar o som, mas só conseguiu fazer ficar mais alto.

Will olhou furiosamente, sacudindo a cabeça em descrença. "Você vai ficar quieto?", Disse ele tenso.

Horace encolheu-se no pedido de desculpas. "Sinto muito", disse ele. "Eu espirrei. Uma pessoa não pode ajudar quando se espirra ".

"Talvez não. Mas você pode tentar fazer soar um pouco menos como uma tromba de elefante em agonia " Will disse a ele.

Horace não estava preparado para tomar essa deitado. Agachado, talvez. Mas deitado, nunca.

"E é claro, você saberia o que soa como um elefante! Você já ouviu um elefante? " Desafiou.

Mas Will foi ousado por sua lógica. "Não", disse ele. "Mas eu tenho certeza que ele não poderia ser mais alto do que espirrar".

Horace fungou com desprezo. Então ele queria que ele tivesse feito isso. Fungar só criou a vontade de espirrar novamente, e ele lutou bravamente contra ela, finalmente, sufocando-o. Ele sentiu Will estava certo. O espirro tinha sido particularmente elevado.

Nas muralhas, o cabo em comando olhou para um dos soldados que estavam junto dele.

"Você ouviu isso?", Perguntou ele.

De reação do soldado e do jeito que ele estava olhando para a escuridão, era óbvio que ele tinha.

"Soou como um animal", disse ele hesitante. "Com dor".

"Um animal grande", disse o cabo concordando inquieto. Eles olharam para a noite juntos.

Felizmente, nenhum deles tinha ligado o som estranho com o carro em ruínas. Will tinha provado estar certo. Os sentinelas mal percebiam mais a forma escura. "Deus sabe o que se passa na floresta", disse o cabo eventualmente.

"O que quer que fosse, parece ter ido embora por agora", disse o outro homem. Ele esperava que ele estivesse certo.

Vinte metros de distância, sob o carro, Horace tinha seu manto dobrando sobre sua cabeça e bateu com o punho apertado sob a cartilagem mole entre as narinas para evitar outro espirro. No decorrer do dia, ele iria encontrar uma

contusão e não saberia como ela chegou lá.

Quando o impulso acalmou-se, ele cedeu contra o carro, com os olhos de arregalados.

Will, que tinha visto o imenso esforço que ele tinha feito, lhe deu um tapinha no ombro. "Bom trabalho", disse ele simpaticamente.

Horace assentiu, exausto demais para fazer mais comentários.

A lua cresceu, passou por cima deles, inundando o terreno à sua volta com a luz pálida, em seguida afundou-se abaixo da copa das árvores a oeste. Will sentiu que seus batimentos cardíacos começaram a acelerar. O tempo de espera estava quase no fim. Ele olhou para Horace e percebeu que seu amigo sabia disso também. Ele já não estava movendo e tendo espasmos.

Em vez disso, ele estava, devagar e com cuidado, esticando o braço apertado e os músculos da perna, diminuindo as câimbras causadas por longas horas de inatividade. Cuidadosamente, o guerreiro alto desatava seu escudo redondo de onde ele estava amarrado ao lado do carro.

Will observava enquanto ele tirava a tela branca grossa cobrindo a frente do seu escudo para revelar o branco brilhante da superfície do esmalte, com o símbolo da folha de carvalho verde brilhando no centro. "É bom ver que você estará lutando com suas cores verdadeiras." Ele sorriu.

Horace sorriu brevemente em troca. Ele estava ficando focado agora. Will podia ver que era uma pessoa diferente do Horace inquieto e resmungão que tinha ficado abrigado sob o carrinho nas últimas oito horas. Esse era um muito mortal e muito sério Horace, um mestre de seu ofício, e Will estava feliz que ele estava aqui. Uma vez que atingissem o topo das muralhas, ele sabia que seria Horace que iria suportar o peso da luta até que os Escandinavos pudessem fazer o seu caminho até a escada para se juntar a eles. Ele não podia pensar em ninguém que preferia ter a seu lado.

Ele percebeu que havia seus próprios preparativos a fazer. Ele verificou que sua aljava, com seus vinte e quatro flechas cinzas, estava firme na posição. Seu arco estava amarrado ao lado de baixo do carro, e o desatou agora. Estava sem corda, é claro. Não havia nenhum ponto de deixá-la sob tensão para as horas que passaram de espera. Ele verificou que a corda estava em posição, sem emaranhados ou loops. O arco tinha um peso trinta e oito quilos, e seria praticamente impossível manter com pressão na corda embaixo do carro. Ele faria isso logo que eles se movessem para fora sob o abrigo do telhado inclinado. Ele checou o facão Saxônico em seu cinto e tocou sua mão na faca de jogar na bainha escondida na parte de trás do colarinho. A posição da bainha estava um pouco estranha, e ele se lembrava como tinha sido incapaz de alcançá-la rapidamente durante a luta com MacHaddish. Ele fez uma nota

mental para dizer Halt e Crowley que o colar de bainhas foi uma má idéia.

Ao longe, do outro lado do outro lado do castelo, eles ouviram o arrastado gemido de um chifre de carneiro, uma nota longa que passou e finalmente desapareceu.

"Iniciar a contagem," Will disse a Horace. O acordo com Malcolm era que a enorme imagem do Guerreiro noite seria projetada vinte segundos após a buzina parar.

Enquanto Horace contava, Will saiu de debaixo do carro, ficando atrás dele portanto ele ainda estava protegido das muralhas enquanto ele colocava a corda em seu arco. Ele sentiu Horace começar a se mexer no carro.

"Vamos lá para fora", disse ele, "mas fique agachado no chão."

Horace rastreou no aberto, meio curvado atrás da tampa do carro.

Ambos olharam para o céu escuro acima do castelo. Eles não iriam ver a projeção daqui, mas eles podiam ver o reflexo da luz nas nuvens baixas, Will pensou.

"Ali está!" Sussurrou Horace. Houve um breve flash de luz no céu. Então eles viram a demonstração seguinte conforme uma bola de fogo levantava na noite, assobiando e à direita um banner de faíscas atrás dela antes de explodir acima da terra em uma chuva de brasas vermelhas.

Então, o flash se repetiu, só por alguns breves segundos.

Era importante, Malcolm havia dito a eles, não deixar uma projeção em vigor mais de um segundo ou dois. Mais tempo e os olhos podiam claramente focar nela e perceber que era um esboço rudimentar que não se mexia. Criando aparições para dentro e fora assim, com outras luzes para distrair os olhos dos observadores criariam uma sensação de movimento e incerteza.

"Deixá-los pensar o que eles vêem, mais do que realmente é", disse Malcolm.

Eles podiam ouvir vozes gritando nas muralhas agora que os homens reagiram às imagens aterrorizantes cintilantes no nevoeiro.

"Vamos lá!" Will disse. Ele puxou a faca Saxônica e cortou as ligações que seguravam a escada em cima do telhado do carrinho.

Horace jogou-a facilmente ao ombro, seu escudo lançado sobre suas costas, e juntos eles correram para o muro do castelo. Keren estava no salão principal da torre de vigia, quando ouviu os gritos e o estrondo do primeiro foguete explodindo. Ele já estava armado e usando armadura, e ele correu para o pátio, subindo as escadas para o sul, dois degraus ou três de cada vez. A gritaria vinha desse lado, e ele percebeu que ele estava certo. Este era o ataque que estava por vir.

Ele chegou às muralhas e encontrou os sentinelas se reunindo perplexos,

olhando com medo na escuridão. Suas vozes formavam um murmúrio incompreensível conforme todos falavam ao mesmo tempo.

"Silêncio!"Ele gritou, e quando eles obedeceram, ele destacou o sargento responsável.

"Sargento, o que está acontecendo,"

Ele não continuou. De repente, no céu da noite escura, a cerca de duzentos metros da muralha sul do castelo, uma figura de sombra gigantesca apareceu contra a névoa. Enorme, o mal terrível.

E se foi, quase tão rapidamente como apareceu.

Keren realmente cambaleou para trás com essa visão. Mas, em seguida um rosto demoníaco vermelho começou a se levantar do chão, subindo no ar e explodindo na escuridão. E após ele outra forma enorme apareceu na névoa, o contorno preto da sombra de um dragão que parecia tremer e agitar e depois desapareceu.

A estranha voz cavernosa podia ser ouvida, rindo histericamente. O som gelou Keren. Os homens em torno dele gritaram com medo. Vários caíram de joelhos, dobraram como se escondendo das visões horríveis. Ele chutou violentamente o homem mais próximo.

"Levanta-te, covarde de pele amarela" ele amaldiçoou. Mas sua voz estava rouca, e sua garganta estava seca. Ele podia sentir a pele formigando nos braços e ondulações, e os cabelos na parte de trás do pescoço levantando-se em medo. Em seguida, a cinqüenta metros de onde vira pela primeira vez, o guerreiro gigante cintilou e sumiu novamente. Uma série de luzes coloridas passava pelo chão na altura da cabeça de um homem, e a risada estava de volta, mais assustadora a ponto de gelar os ossos do que antes.

Buttle apareceu ao lado de Keren, seu rosto desfigurado com medo. Ele apontou sem dizer uma palavra para a noite conforme o dragão reapareceu, em seguida, um leão enorme, então o guerreiro mais uma vez, todos intercalados com imagens do rosto demoníaco que subia no ar e desaparecia.

"É feitiçaria!", Gritou. "Você disse que não havia feiticeiro! Olhe para isto, seu idiota!"

"Controle-se!" Keren rosnou para ele. "É um truque! Não é nada, mas um truque!"

"Um truque?" Buttle respondida. "Eu sei o que é feitiçaria quando eu vejo uma!"

Keren agarrou o homem e o sacudiu. "Controle-se!", Disse ele ferozmente. "Você não pode ver?

Isto é o que Barton quer! Eles estarão vindo para nós a qualquer momento, então leve os homens para as muralhas! "Ele fez um gesto para os

sentinelas encolhidos, agrupados em medo e ficando tão longe da muralha quanto podiam.

Mais e mais homens tinham corrido das muralhas leste e oeste, até ver a cena aterrorizante fora do castelo. Como Buttle hesitou, meio aceitando que Keren poderia estar certo, eles ouviram uma voz gritando:

"Aqui vêm eles!"

32



Horace tinha subido pela escada correndo, enquanto Will mantinha uma mão nas flechas, preparado para qualquer defensor que se mostrasse ao longo das muralhas. Aproximando-se do topo, o guerreiro parou por um segundo, em seguida, atirou-se para cima, rolando-se em uma bola e dando cambalhotas no ar para que ele entrasse ao longo do topo das muralhas e dos dois zagueiros que se agachavam ali, esperando por ele.

Ele caiu levemente em seus pés, girando e puxando sua espada no mesmo movimento. Os dois defensores assustados recuperaram sua inteligência e começaram a se moverem em direção a ele. Ele cortou o primeiro homem com facilidade. Conforme o segundo vinha a ele, Horace desviou sua estocada da alabarda, pegou seu colarinho e o jogou para fora das muralhas. O choro assustado do homem foi cortado abruptamente com um baque pesado quando ele bateu nas lajes do pátio.

Mais defensores estavam se movendo em direção a ele, vindo da muralha norte. Ele virou-se para enfrentá-los.

"Will! Suba aqui! Agora!" Ele gritou.

O grito de alerta de "Aqui vêm eles!" causou pânico imediato entre os homens na muralha sul.

Pensando que as aparições aterrorizantes agora estavam atacando o castelo, três deles se renderam e correram para as escadas. Keren se moveu tarde demais para detê-los. Mas o próximo homem que tentava segui-los encontrou a ponta da sua espada.

"Volte para a sua posição!" Keren lhe ordenou, e o homem se afastou.

Keren sentiu a amargura do desespero. No fundo, ele sabia que não podia contar com homens como estes em uma verdadeira batalha.

"Eles estão vindo!" A voz gritou mais uma vez, e desta vez Keren percebeu que era da muralha oeste, agora perigosamente com poucos defensores. Na penumbra, podia ver uma figura alta, sua espada subindo e descendo enquanto os poucos homens restantes tentavam detê-lo.

Enquanto observava, uma figura menor apareceu por cima das muralhas. Ele equilibrou sobre as ameias e retirou um arco de seu ombro.

Com uma sensação de mal estar, Keren percebeu que tinha sido enganado. Pior, ele havia se enganado ele mesmo. O ataque real estava na muralha oeste e estava acontecendo agora. Ele agarrou o braço de Buttle e apontou.



"Eu disse que era um truque! É de lá que o ataque real está vindo!" Ele gritou. "Pegue os homens lá e segure a muralha oeste! Eu vou chamar o resto da guarnição! Vou levá-los até a escada da torre noroeste e nós vamos pegá-los entre nós! "

Buttle, vendo um inimigo humano que ele poderia atacar, assentiu brevemente. Ele virou-se e berrou ordens aos homens na muralha sul e, em seguida, levou-os a correr ao longo da passagem para o canto sudoeste.

Rapidamente, Will fez um balanço da situação. Horace estava segurando sozinho os defensores da muralha norte, e não precisava de ajuda imediata. Mas então a porta a sudoeste da torre bateu abrindo e um grupo de homens armados surgiu. A primeira flecha de Will estava voando quase imediatamente, e o soldado conduzindo o grupo caiu. Em seguida, outro atrás dele caiu silenciosamente e uma terceira parou gritando quando uma flecha apareceu na sua coxa.

Três homens mortos ou feridos em questão de segundos. Aqueles por trás deles, de repente perderam o seu entusiasmo para a batalha. Talvez os monstros estranhos no céu pudessem ser preferíveis a esta chuva mortal de flechas. Eles recuaram de volta para o abrigo do sudoeste da torre. Quando a porta bateu atrás deles, eles ouviram duas flechas mais baterem na madeira dura.

Keren tinha corrido descendo as escadas para o pátio. Ele correu em direção ao dormitório da guarnição na torre sudeste. Os homens estavam saindo da porta, confusos e desorganizados, ainda fixando suas armaduras e guardando suas armas. Eles viram o seu comandante e hesitaram, aguardando ordens. Keren apontou para a muralha oeste.

"Eles estão na muralha oeste!" Disse ele. "Vão até a torre noroeste e os cerquem!"

Os homens ainda hesitaram, e ele pisou na direção deles, ameaçando-os com a espada levantada.

"Mexam-se!" ele gritou e, relutantemente no início, depois com crescente convicção, eles começaram a correr em toda a pavimentação do pátio da torre noroeste. Keren começou depois deles, depois fez uma pausa. Ele sabia que a determinação deles não duraria muito tempo, uma vez que enfrentassem as

flechas do Arqueiro. Chegando a uma decisão, ele adiantou-se e estendeu o braço para parar os últimos três homens.

"Vocês três venham comigo", ele ordenou. Então ele se virou para a torre de vigia.

O Escandinavos fervilhavam sobre a muralha agora. Will não ficou surpreso ao ver que Nils Ropehander estava na liderança. O homem tornou-se sombra de Horace.

"Ajuda o general!" Will disse, apontando.

Nils assentiu com a cabeça e correu para apoiar Horace, seu machado de batalha já zumbindo em um arco gigante.



Os soldados envolvidos com Horace, já pressionados, ficaram horrorizados ao ver o enorme Escandinavo gritando em direção a eles, grotesco em seu colete de pele e capacete com chifres maciçamente. Eles começaram a recuar, tentando forçar seu caminho com os homens por trás deles.

Nils batê-los como um homem de um aríete, dispersando-os em todas as direções. O cauteloso recuo tornou-se uma pressa em pânico para voltar para o abrigo da torre noroeste.

Will estava orientando o trânsito, enviando alguns homens mais para reforçar Horace e Nils, em seguida, criando uma defesa para enfrentar os homens da torre sudoeste, quando eles decidissem renovar seu ataque.

Ciente de que eles tinham uma posição segura na muralha oeste, Will agora procurava ao redor ansiosamente por Keren ou Buttle.

Eles eram os dois homens perigosos, e Will sabia que era vital encontrá-los rapidamente e lidar com eles.

No sudoeste da torre, Buttle espreitou por um buraco de espionagem na porta de carvalho. Ele podia ver os Escandinavos nas muralhas e ele sabia que era vital que eles fossem combatidos de volta agora. Em poucos minutos mais sua posição seria irremediável.

Ele tinha uma dúzia de homens com ele e dirigiu-os em direção à porta, ameaçando, xingando, batendo com a palma da sua espada.

"Se eles chegarem mais longe, estaremos todos mortos!" Ele gritou enquanto dirigia seus guerreiros relutantes para fora das muralhas pela frente. Eles quebraram a linha Escandinava com a coragem do desespero. Os Escandinavos os viram chegando e sorriram.

Atrás deles, Buttle silenciosamente fechou a porta e desceu as escadas ao nível do solo.

Ele havia reconhecido o alto guerreiro lutando contra os homens da torre agora. Eles se encontraram algumas semanas antes, na Jarra Rachada, e o cavaleiro free-lance tinha sido arrogante e desprezado a autoridade de Buttle. Essa era uma questão a ser resolvida, ele pensou.

Havia um alçapão no caminho logo atrás de Horace, com uma escada que levava até ele a partir do pátio abaixo. Buttle corria por ela agora.

Na floresta, a oeste, alguém mais estava lembrando os eventos das últimas semanas.

Alguns dias antes do ataque, Trobar estava acariciando Shadow quando sentiu o cume de uma cicatriz enorme no seu pêlo macio. Ele dividiu o cabelo preto levemente e vi o sinal lívido de um corte recém-cicatrizado lá. Ele estremeceu com o tamanho dele. Era um milagre o cão sobreviver a tal ferimento. Quando ele perguntou a Will sobre ele, o Arqueiro relatou a história de como ele encontrou o cachorro, gravemente ferido e próximo da morte, à beira da estrada no feudo Seacliff. Buttle, proprietário original do cão, tentou matá-la quando ela se rebelou contra o seu tratamento brutal. Will a cuidou para voltar a ter saúde.

Trobar conhecia Buttle. Ele tinha visto ele na floresta escura, quando o assassino de barba tinha montado através do campo, recrutando novos soldados para o castelo.

Agora, Trobar pensou, Buttle iria pagar pelo prejuízo que ele tinha feito à Shadow. O homem enorme era normalmente uma alma gentil e pacífica. Mas o pensamento da agonia de sua amiga, e a selvageria do homem que tinha feito isso endureceu o seu coração. Conforme os sons de luta rangiam nas muralhas do castelo, Trobar pegava um enorme porrete que tinha formado a partir de um galho de árvore no início do dia e corrido silenciosamente através do espaço aberto para as agora vazias escadas ao pé da muralha oeste de Macindaw. Horace pisou de lado quando Nils levava um grupo de doze Escandinavos numa carga selvagem com os homens que haviam surgido a partir do sudoeste da torre. Nils poderia lidar com essa situação, ele pensou, conforme os homens de Buttle caiam antes diante dos terríveis machados de batalha dos Escandinavos. Na outra ponta da muralha, Gundar e o resto dos seus homens tinham a vantagem sobre os defensores que Keren tinha enviado para a torre noroeste. Os Escandinavos conseguiriam se manter sem ele por alguns minutos. Ele havia sofrido um corte no pulso da mão da espada e ele aproveitou a oportunidade para amarrá-lo com um pano limpo. Inclinou a sua espada contra a parede enquanto ele concentrava-se sobre a dissolução do tecido em torno da ferida, decorrente do sangue que escorria sobre a sua mão espada.

"Horace!"

Ele olhou para cima. Will estava à beira das muralhas, apontando para o pátio abaixo. Horace deu poucos passos da muralha para uma melhor visualização. Ele podia ver nada para explicar o interesse de Will. Ele olhou interrogativamente.

"Era Keren!" Will explicou. "Eu o vi ir para a torre de vigia."

Com a grande batalha nas muralhas, havia somente uma possível razão de porque o renegado iria para a torre de vigia. Instintivamente, Will sabia o que era.

"Ele vai atrás de Alyss!"

Horace pensou rapidamente. Will não era mais necessário aqui, a situação estava sob controle.

"Vá atrás dele!" Ele respondeu. "Vou cuidar das coisas aqui."

Will assentiu e olhou em volta. Havia uma torre por perto, com uma corda pendurada para baixo para o pátio. Ele saltou para a corda, agarrou e envolveu as pernas em torno dele para diminuir a velocidade de sua descida.

Horace voltou sua atenção para o curativo bruto. Segurando uma ponta com os dentes, amarrou um nó desajeitado com a mão esquerda. Ele inspecionou o resultado. Ele iria dar conta para o momento. E, além disso, a luta estava quase no fim.

Quase.

Os instintos de combate Horace estavam afinados. Qualquer som estrangeiro inexplicável era uma ameaça em potencial, e ele ouviu um agora atrás dele, um ligeiro ruído ralando conforme as raramente usadas dobradiças eram forçadas a voltar-se contra a ferrugem que havia as revestido.

Ele se virou na direção do som a tempo de ver John Buttle emergindo de um alçapão no caminho.

33



Will parou dentro da porta para torre de vigia cautelosamente e olhou ao seu redor.

O hall de entrada e a sala de jantar além dele estavam desertos. A guarnição toda deveria estar nas muralhas, ele percebeu, e os servos estavam provavelmente encolhidos em algum lugar abaixo nas adegas e na cozinha.

Keren, ele assumiu, teria se dirigido para o topo da torre. Will correu até a escada, situada no centro da sala de vigia. A torre nos níveis mais baixos era um prédio amplo, com a sala de jantar, dormitórios e escritórios administrativos, ocupando os três primeiros andares. Acima disso, estreitava a torre que Will havia subido, colocada em conformidade com a muralha norte e larga o suficiente para apenas um ou dois quartos em cada andar.

Nos níveis mais baixos, com localização central, havia uma grande escada de pedra que seria difícil de defender. Uma vez ele que chegou a torre em si, no entanto, seria uma escada em espiral estreita, definida para o lado esquerdo e torcendo pela direita à medida que subia. Desta forma, um guerreiro destro subindo as escadas estaria em desvantagem para um defensor destro.

Um atacante teria de expor todo o seu corpo a fim de usar sua espada, enquanto o zagueiro poderia atacar com apenas seu lado direito exposto. Era um padrão para a torre do castelo.

Ele subiu os primeiro quatro andares, em seguida, virou à esquerda para as escadas em espiral, retardando conforme ele ia. Ele não podia ver o que havia de esperar ao redor dos muros de pedra curva e era só prudente assumir que Keren poderia ter deixado homens para adiar qualquer perseguidor. Um homem poderia segurar a escada indefinidamente, enquanto os atacantes pudessem ter apenas uma abordagem ao mesmo tempo.

Will considerou o arco na mão e decidiu que não era a arma certa para usar neste espaço restrito. Ele o pendurou no ombro e puxou a Faca Saxônica em vez. Forte o suficiente para desviar um golpe de espada, também era curta o suficiente para balançar facilmente no espaço confinado.

Ele parou na entrada da escadaria, deixando sua respiração acalmar. Movimento silencioso seria sua principal vantagem nesta situação e era difícil

ficar calado quando sua respiração estava chegando em suspiros irregulares. Ele começou a subir as escadas, movendo cuidadosamente as botas macias sem fazer nenhum som nas pedras. Ele estava grato de que era uma escada de pedra. Em alguns castelos, os designers utilizavam escadas de madeira, vagamente presas para que eles chiassem sob os pés em protesto.

Com cuidado, ele continuou o seu caminho ascendente. A escada era iluminada por tochas em intervalos entre suportes. Elas criavam outro problema para ele. Ao passar pela primeira, sua sombra apareceria na muralha de cima e na frente dele, dando vários avisos de que ele estava se aproximando. Se ele estivesse defendendo estas escadas, pensou que ele iria esperar para além de uma das lanternas, procurando a sombra se aproximando de um atacante que se deslocava para cima para que ele pudesse...

A lâmina de espada brilhava vermelho-sangue na luz de tochas, uma vez que piscava para baixo para cima dele vindo de cima!

Ele saltou para trás, a procura de algo para manter seus pés, conforme a lâmina atingia a muralha e voltava. Seu coração disparou. Aparentemente, o defensor invisível concordava com ele sobre o melhor lugar para esperar por um atacante. Ele fez uma pausa, esperando para ver se o espadachim na escada acima iria se mostrar. Mas não havia nada. Ele ouviu um barulho tênue de metal sobre pedra, possivelmente a armadura do homem roçando na muralha, conforme ele mudava de posição.

Segundos se passaram. Will franziu a testa ao contemplar a situação. Todas as vantagens estavam com o homem acima. Ele poderia permanecer despercebido. As sombras acionadas pela luz da tocha iriam avisá-lo da abordagem de Will...

A tocha! Essa era a resposta.

Ele recuou alguns passos descendo as escadas até chegar à tocha no seu suporte de muralha.

Deixando-a livre, ele começou a subir as escadas mais uma vez, a Faca Saxônica na mão direita, lanterna na esquerda, que tão longe quanto ele poderia alcançar.

Parando apenas um pouco antes do ponto onde o ataque repentino tinha saído da escuridão, ele jogou a tocha para cima da escada. Ela bateu na muralha exterior e virou para o centro da escada, a sua luz bruxuleante incerta agora atrás de onde o zagueiro esperava.

Uma sombra gigante apareceu na escada acima, conforme o homem movia-se para recuperar a tocha e jogá-la de volta para baixo. Will disparou escada acima, aproveitando a distração momentânea. Ele teve tempo para ter esperança de que não havia mais do que um homem esperando acima dele.

Havia um vulto escuro na escada, curvando-se para alcançar a tocha, bloqueando a sua luz. O homem o viu muito tarde e virou em um estranho e fora de equilíbrio corte com sua espada.

Will desviou dela facilmente, a lâmina da espada gritando nas pedras, em seguida, ele continuou seu movimento ascendente e avançou, sentindo a mordida da Faca Saxônica na carne. O homem gritou de dor e tropeçou para frente. Ele colidiu com Will, o Arqueiro agarrou-o com a mão esquerda, bem na hora. Havia um segundo homem esperando, e ele pulou para frente agora, cortando para Will com sua espada. Mas o golpe foi bloqueado pelo corpo de seu próprio companheiro, caiu contra Will. O primeiro defensor gritou novamente conforme a espada batia em suas costas, cortando através de sua armadura. Desesperado, Will o empurrou afastando e recuou para trás abaixo nas escadas, deixando o corpo entre ele e segundo o defensor.

O homem ferido estava gemendo e Will viu outra sombra mover-se, ouviu pés duros baterem nas escadas conforme o segundo defensor recuava para cima, colocando a luz entre ele e Will uma vez mais.

A luz na escada estava escura e incerta com a tocha deitada sobre os degraus, ao invés de colocada no alto da muralha em seu suporte. Will moveu-se cuidadosamente para cima, mais uma vez, usando a ponta da Faca Saxônica para agitar a espada do homem caído para trás abaixo as escadas. Ele tocou alto sobre as pedras em que saltou. Ele começou a avançar novamente, movendo-se muito lentamente para evitar o menor ruído, seus próprios ouvidos procurando o silêncio para o som de qualquer movimento.

Então ele ouviu. Respiração. Era quase imperceptível, mas estava lá, o para dentro e para fora de respiração de um homem cuja adrenalina está funcionando em plena carga em suas veias. Ele não poderia estar a mais do que alguns metros de distância. Will pausou, fervendo com impaciência. Em algum lugar acima dele, Keren tinha Alyss e estava fazendo Deus sabe o que com ela enquanto Will desperdiçava seu tempo brincando na escada. Ele procurou uma idéia, mas nenhuma veio.

De repente, ele disparou quatro passos para frente, então rapidamente reverteu a direção e saltou para trás quando uma outra espada, empunhada por um defensor invisível, bateu nas pedras. O homem estava lá. Estava pronto e esperando. Ele estava alerta. Ele estava ao virar da próxima curva da escada.

Uma idéia começou a se formar.

Will estimou a posição do homem, seus olhos medindo a curvatura da muralha externa da escada. O defensor estaria logo depois da curva na muralha... então assim que Will se movesse um pouco para trás, ele poderia encontrar um ponto intermediário entre ele e o defensor invisível.

Silenciosamente, ele desceu três etapas. Então quarto.

Ele guardou a Faca Saxônica e suspendeu o arco de seu ombro. Cuidadosamente colocando uma flecha, ele estudou a muralha, escolhendo um ponto que seria meio caminho entre a sua posição e a do homem que esperava por ele. Ele levantou o arco e puxou, visando o muro de pedra acima dele, fazendo uma pausa para estimar a posição correta.

Então ele soltou.

E, em uma rápida sucessão de que apenas um Arqueiro poderia alcançar, com poucos batimentos cardíacos, ele enviou outras três flechas após a primeira, todas destinadas a muralha curva, permitindo uma ligeira variação em cada uma. As flechas ricochetearam e atingiram violentamente a partir da pedra, faíscas impressionantes conforme eles iam voando ao redor da curva na muralha em uma rajada súbita.

Acima dele, ele ouviu um grito de surpresa, então uma maldição abafada e um som estridente de metal em pedra, pelo menos, uma das flechas encontrou o alvo. Mas ele já estava subindo as escadas, pegando o assustado defensor de surpresa.

O homem, despreparado pelas flechas repentinas ricocheteando, tinha deixado cair a espada enquanto ele tentava libertar uma flecha de uma ferida aberta no seu lado. Ele olhou assustado quando Will apareceu, então olhou para onde estava a espada sobre as pedras. Foi esse momento de atraso que provocou sua queda, literalmente. Will pegou sua frente da camisa e puxou-o para baixo da escada, fazendo-o bater na muralha exterior, em seguida, caindo de ponta-cabeça para baixo da escada. O homem gritou de dor conforme a flecha no seu lado ficava cada vez mais profunda. Então, ele ficou em silêncio, o único som era seu corpo inerte, deslizando poucos metros mais abaixo nas escadas.

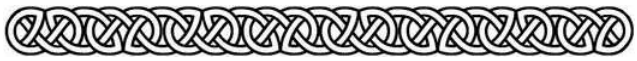
Will recuperou suas outras três flechas e as inspecionou brevemente. As cabeças estavam levemente dobradas onde tinham patinado na muralha de pedra, mas serviriam para o mesmo efeito novamente. Na verdade, ele pensou ironicamente, elas poderiam até mesmo ser mais adequadas para a tarefa agora. Continuou a subir silenciosamente, alerta para outro ataque repentino.

Mas não haveria nenhum. O terceiro homem de Keren tinha escutado como seus dois companheiros tinham sido superados pelo perseguidor misterioso. Ele não tinha visto nada. Mas ele tinha ouvido o grito e Arqueiro de espadas e flechas em pedra, em seguida, o som sinistro de corpos em queda na escada. Ele esperou em uma curva até que ele visse a sombra alongada de quem quer que fosse que tinha incapacitado seus companheiros, viu isso movendo em direção a ele conforme o atacante movia-se para cima.

E sua coragem se foi. Ele podia ouvir os gritos dos Escandinavos no pátio. Ele sabia que a batalha estava acabada. Ele tinha visto as sombras monstruosas no céu noturno. Agora ele via essa sombra vindo atrás dele, silenciosamente. Ele virou-se e correu até as escadas para o próximo local, onde um quarto da torre lhe ofereceria abrigo. Ele mergulhou dentro e bateu a porta atrás dele, travando a porta para manter os invasores fora.

Will ouviu os passos correndo. Ouviu a porta se fechar. Jogando fora a cautela, ele subiu as escadas como um dos foguetes de Malcolm, subindo de dois e três de cada vez para chegar a Alyss antes que Keren pudesse prejudicá-la.

34



Conforme ele emergia do alçapão, Buttle viu que Horace estava desarmado, e seu rosto abriu em um sorriso de lobo. Ele tinha sua lança pesada em uma mão e uma espada na outra. Horace não tinha nada além do escudo redondo pendurado em suas costas.

Os olhos de Horace voaram para a espada encostada à muralha a poucos metros de distância.

Quase ao mesmo tempo em que ele olhou, ele começou a se mover, mas Buttle era perversamente rápido. Ele recuou o braço direito e atirou a lança, visando interceptar o caminho de Horace à espada. Mesmo enquanto ele movia, pressentindo o perigo, Horace se jogou para a sua direita, caindo para a passarela de madeira e rolando desesperadamente para reconquistar seus pés.

Ele fez no tempo certo. Buttle continuou com a velocidade de uma cobra, e a lâmina de espada bateu na madeira ao lado do cotovelo Horace. Horace se jogou lateralmente, pegando Buttle na parte de trás do joelho fazendo-o cambalear. Nos poucos segundos que ele ganhou, ele ficou de pé e retirou o escudo das costas, segurando-o pelas bordas com as duas mãos, segurando-o na frente dele.

Ele aparou os próximos dois golpes de Buttle com o escudo. Então, inesperadamente, ele lançou o aperto da mão esquerda e balançou o escudo para trás em um arco plano para a cabeça de Buttle, o círculo de aço pesado de repente se tornando de uma obra puramente defensiva em uma arma de ataque.

Buttle tentou desviá-lo com sua lâmina de espada, então percebeu quase imediatamente que o escudo era muito pesado e pulou para trás. Horace seguiu com a vantagem, girando o amplo escudo, balançando alto e baixo, tentando pegar Buttle nas pernas, no corpo ou na cabeça.

Mas ele estava apenas ganhando tempo, e ele sabia disso. Depois que Buttle superasse a surpresa inicial, ele poderia usar a maior mobilidade da espada e expor a imperícia do escudo como uma arma. Ele saltou em direção do corpo de Horace, e o guerreiro foi forçado a voltar ao seu aperto de duas mãos sobre o escudo enquanto Buttle se dirigia para frente, estocando e cortando, procurando uma abertura na defesa de Horace.

Na posição de Horace, a maioria dos guerreiros teria desistido ou corrido. Mas Horace nunca aceitava a derrota. Era um dos traços que fizeram dele o grande guerreiro que ele era.

Enquanto ele defendia os golpes de espada de Buttle, sua mente trabalhava extraordinariamente, tentando encontrar uma maneira de derrotar o homem de barba na frente dele. Se ele pudesse remontar o escudo em seu braço esquerdo, mais uma vez e chamar a sua adaga, ele poderia... mas ele sabia que Buttle nunca lhe daria o tempo que precisava para isso.

Ele considerou jogar o escudo, girando-o como um enorme disco em Buttle e pegar a adaga enquanto seu adversário tentava esquivar do escudo. Mas Buttle era rápido, tão rápido quanto qualquer adversário que Horace havia enfrentado, e uma tentativa como essa seria definitivamente uma última opção.

Ele defendeu dois cortes de espada e desviou um impulso. Buttle podia ser rápido, mas não era um particularmente hábil ou criativo espadachim, Horace realizou. Ele provavelmente poderia desviar os golpes de Buttle por algum tempo. Mas ele não podia simplesmente continuar a lutar defensivamente. Um erro de sua parte e a batalha estaria acabada.

Eles se enfrentaram, circulando lentamente, espada e escudo movendo juntos. Ação. Reação.

E então, num instante, o impasse foi quebrado. Em sua visão periférica, Horace viu uma enorme figura aparecer por cima do muro na cabeça de uma das escadas de escalar. Trobar. Ele elevou acima deles por um segundo, viu Buttle e caiu para a passarela com um enorme porrete de madeira nas mãos.

Sem hesitar, correu em direção o homem que tentou matar Shadow, balançando o porrete em enormes arcos assassinos.

Buttle recuou desesperadamente, abaixando-se e balançando para evitar o monstruoso porrete.

Trobar cambaleava atrás dele, sem equilíbrio e desajeitado, mas ainda em movimento, com velocidade surpreendente. O porrete trovejou contra as muralhas de pedra e piso de madeira.

Um pedaço de vinte centímetros rompeu e saiu girando na escuridão abaixo quando ele atingiu a passarela em um momento seguinte. Trobar grunhiu com o esforço, com os olhos fixos no homem que tinha ferido Shadow.

No entanto, a coragem e o desejo de vingança não iriam ser suficientes. Buttle era muito rápido e apesar de sua aparência assustadora, Trobar era totalmente desqualificado em armas e combate. Seus golpes desajeitados com o porrete eram uma reação primitiva, instintiva a sua raiva. Ele logo cansaria, suas investidas ficariam menores e cada vez mais longes do alvo.

Horace viu a confiança de Buttle crescendo e sabia como iria terminar a

luta. Ele correu desesperadamente de volta para onde sua própria espada ainda estava encostada na muralha.

Quando os dedos fecharam em torno do aperto familiar, ele ouviu um grito de dor assustado atrás dele. Olhando para trás, viu o porrete cair dos dedos sem força de Trobar quando Buttle retirava a espada de um golpe no lado do gigante.

Trobar agarrou a dor súbita ferozmente, sentindo o seu curso próprio sangue quente sobre os dedos. Apenas a sua força maciça o manteve de pé por alguns segundos. Ele olhou, sem entender, até o seu lado onde a espada cortou dentro dele. Foi assim que Shadow deve ter sentido, ele pensou vagamente. Ele viu que Buttle estava prestes a estocar ele novamente e, irremediavelmente, ergueu o braço para afastar a espada.

O ponto de orientação da lâmina penetrou em seu enorme antebraço, deslizando através do músculo e da carne, rangendo fora do osso. Trobar gemeu de dor mais uma vez quando Buttle retirou com raiva a espada. Ele tinha apontado para o coração do gigante, mas a reação de Trobar no último segundo tinha frustrado ele.

Desta vez, ele pensou.

Mas não haveria segunda vez. Conforme a lâmina disparava para a frente novamente, a espada de Horace desviou-a para um lado. E agora John Buttle aprenderia o que era realmente manejar uma espada.

Ele cambaleou para trás desesperadamente com o rápido e constantemente variante ataque de Horace, sem nunca saber onde o próximo ataque ia ser destinado, sem saber em que direção ele viria. A espada de Horace era uma roda brilhante de luz no brilho das tochas, um ataque sem parar, que deixou Buttle sem tempo para planejar seu próprio contra-ataque, e com pouco tempo para se defender.

Ele estava segurando a espada com ambas as mãos agora, horrorizado com a força esmagadora por trás de cada um das investidas de uma mão de Horace, aparentemente entregue sem o menor esforço. Cada uma sacudia suas mãos, pulsos e braços. Ele sabia que jamais poderia esperar para derrotar este homem, e assim ele tomou o único caminho que ele poderia pensar.

Ele saltou para trás e deixou cair a espada, ouvindo-a bater na passarela de madeira.

Então ele caiu de joelhos, mãos estendidas para o alto.

"Misericórdia!", Gritou com voz rouca. "Por favor! Eu me rendo! Misericórdia eu te suplico!"

A estocada para baixo de Horace já tinha começado, e seus olhos se encolheram com o esforço de parar. Buttle viu o ataque começar e se encolheu,

virando o rosto da morte. Então, quando a dor súbita não veio, ele olhou para cima, com medo, para ver Horace em pé sobre ele com um olhar enojado em seu rosto.

"Você realmente é um pedaço de espuma covarde, não é?" Horace disse. Ele olhou para trás onde a grande figura de Trobar tinha afundado no tabuado, uma poça de sangue ao redor dele.

Então ele olhou para Buttle novamente, lembrando tudo que Gundar e Will lhe disseram. Em um movimento suave, ele bainhou a espada. Ele viu a luz de esperança nos olhos acender no homem ajoelhado, a esperança revestida com um astuto, auto-serviço de expressão.

Covardes e intimidadores eram todos iguais, pensou Horace. Seus pensamentos voltaram para o passado novamente, a sua confrontação com os três valentões que fizeram da sua vida um inferno em seu primeiro ano como aprendiz.

Em um súbito surto de raiva cega, ele agarrou Buttle pela frente da camisa e puxou-lhe os pés.

Como parte do mesmo movimento, Horace o acertou com um curto cruzado direito selvagem, perfeitamente sincronizado, perfeitamente ponderado, perfeitamente executado, com nenhum movimento desperdiçado. Buttle gritou quando ele sentia deslocar sua mandíbula. Sua visão escureceu, e os joelhos viraram geléia. Horace soltou a frente da camisa e permitiu a figura insensível bater na tábua grossa, batendo contra a muralha de pedra conforme ele caia. Horace balançou a cabeça, virou-se e correu de volta para Trobar.

O gigante estava vivo, mas ele tinha perdido uma enorme quantidade de sangue. Horace rolou sobre ele com cuidado. A longa e amarga experiência lhe ensinou a levar um pacote básico de primeiros socorros, sempre que ele entrava em batalha. Era em uma bolsa na parte de trás de seu cinto, e ele encontrou uma atadura limpa lá. Ele segurou-a contra a ferida de espada no lado de Trobar, vinculando-o no lugar com o próprio cinto do gigante. O curativo ficou imediatamente encharcado de sangue, mas ao menos estancou o fluxo. Os olhos de Trobar estavam abertos, e ele olhou para Horace, incompreendido. Horace forçou um sorriso em seu rosto.

"Você vai ficar bem", disse ele. Os lábios de Trobar moveram-se, e Horace o calou.

"Não tente falar. Descanse. Malcolm vai te curar" disse ele. Ele esperava que a dúvida que ele sentia não estivesse evidente em seus olhos. O ferimento era grave, e até mesmo habilidade Malcolm seria testada por ele.

Trobar tentou novamente. Desta vez, ele conseguiu um vago barulho. Horace viu o medo nos olhos do gigante. E conforme ele viu, ele percebeu que

Trobar não estava olhando para ele. Ele estava olhando para trás.

Ele virou-se. Buttle, com o rosto inchado e distorcido, o sangue escorrendo de sua boca, estava parado acima dele, a espada levantada em um aperto de duas mãos acima da cabeça. Havia ódio em seus olhos. Ódio e triunfo. Em um segundo, Horace estaria morto.

Mas não havia outro segundo. O Machado de Gundar veio girando pela noite, parando de girar com um som peculiar.

Oito quilos de madeira maciça e ferro pesado, que atingiram Buttle nas costas. Ele gemeu de dor, os olhos vidrados na surpresa e choque. A espada caiu no chão atrás dele quando ele cambaleou sob o impacto. Ele tentou debilmente chegar atrás dele para arrancar a enorme arma, mas faltava-lhe a força e o efeito. Ele tomou um ritmo para a esquerda, cambaleou, cambaleou.

E caiu no pátio escuro abaixo deles com um baque retumbante.

Horace levantou cansado quando Gundar se juntou a eles.

"Bela jogada", disse ele.

O Escandinavo assentiu. "Tudo que eu poderia fazer", disse ele. "Eu sabia que não poderia alcançá-lo a tempo".

Ele olhou ansiosamente ao longo da borda da passarela, para a figura amassada nas lajes abaixo.

Horace moveu-se para o lado dele e deixou cair uma mão em seu ombro.

"Não se preocupe com ele. Ele está acabado" disse ele.

Gundar olhou para ele com desdém. "Para o inferno com ele. Espero que o meu machado esteja sem danos."

35



Agora, os defensores em cada extremidade da muralha do oeste tinham recuado em duas torres de canto. Horace inspecionou a porta de carvalho sólida do sudoeste da torre e franziu a testa.

Precisaria de um aríete para romper. E ele assumia que a porta da torre noroeste não seria mais fácil. A seguir, ele ouviu gritos e vozes e o som de pés correndo. Espiando por cima da borda do passeio, viu membros da guarnição correndo da torre para o pátio. Eles estavam indo para a porta principal, onde o portão fortificado lhes daria abrigo contra os atacantes.

O caminho para baixo através das duas torres estava bloqueado. Mas Buttle havia lhes mostrado outra rota para o pátio. Horace reuniu os Escandinavos em torno dele. Vários tinham sido feridos durante os combates, e ele deixou dois deles para cuidar de Trobar. Os outros ainda estavam aptos para a batalha. Ele os liderou nos degraus estreitos debaixo do alçapão que Buttle tinha usado. Ao chegarem ao pátio, ele sabia que a tendência seria a de ir atrás da guarnição se retirando em uma multidão indisciplinada.

Os detiveram por pura força de vontade até que todos eles estivessem descido as escadas. Então, formando-os em uma formação de ponta de flecha, com ele na ponta e Gundar e Nils à sua esquerda e direita, os levaram em um movimento constante, disciplinado para os defensores que fugiam, atualmente empurrando uns aos outros para entrar através da entrada estreita para o portão.

Ouvindo o canto de batalha dos Escandinavos conforme eles se aproximaram, os de dentro da portaria bateram a porta de carvalho fechando-a, deixando cerca de vinte dos seus camaradas bloqueados, de costas para a muralha, de frente para os atacantes. Quando havia menos de dez metros entre os dois grupos, Horace levantou a mão direita e pediu a ordem de parada. Ele tinha o dom natural de comando, e nunca ocorreu aos Escandinavos ignorá-lo.

"Formem uma linha", disse-lhes, e a formação flecha espalhou-se em uma linha, em frente ao inimigo apavorado.

"Eu vou lhes dar uma oportunidade de se render" disse aos membros da guarnição. "Essa oportunidade é agora."

Os homens de Keren olhavam para os Escandinavos com medo. Em

circunstâncias normais, teriam se rendido facilmente o suficiente, mas a batalha estava longe de ser normal. Eles sabiam que estes lobos marinhos selvagens estavam em conluio com forças sobrenaturais. Eles tinham visto todas as terríveis aparições que subiam da neblina no sul. Se eles se rendessem, não tinham idéia do que aconteceria com eles. Talvez eles fossem sacrificados ao guerreiro enorme que tinham visto, ou ao rosto vermelho demônios que haviam subido para o céu à noite. Esta era mais do que uma batalha normal. Eles estavam lançados contra as forças do submundo, o mal da magia negra, e nenhum homem sensato iria de bom grado se entregar a tal inimigo.

Um longo silêncio cumprimentou o desafio de Horace. Ninguém da guarnição assumiria a responsabilidade. Ninguém queria se apresentar. Finalmente, Horace encolheu os ombros.

"Eu lhes dei uma oportunidade", disse ele suavemente. Então ele se virou para o skirl do WolfShip. "Gundar, você pode cuidar disso?"

Gundar, que havia recuperado seu machado e estava ansioso para usá-lo novamente, bufou em desprezo. "Esse grupo desorganizado?", Disse. "Nils e eu poderíamos fazer isso por conta própria. Você vá e ajude a Arqueiro, o general."

Horace assentiu. Ele deslizou sua espada na bainha e saiu da linha.

Gundar esperou até que um dos Escandinavos movia-se para o espaço que Horace tinha desocupado, então ele ergueu o machado de batalha e rugiu o comando de batalha Escandinavo.

"Sigam-me, rapazes!"

Houve um rugido de vinte e três gargantas, e a linha de batalha avançou. Eles bateram mos defensores com aço, impulsionando a guarnição do castelo aterrorizada de volta contra as muralhas de pedra do portão. Horace assistiu por um segundo ou dois, depois voltou a correr em direção a torre de vigia.

36

Na torre, muito acima do pátio, Alyss tinha ouvido a primeira mensagem dos sentinelas na muralha sul e moveu-se para a janela a tempo de ver as imagens enormes que Malcolm estava projetando no céu noturno. Ela reconheceu o gigante guerreiro sombrio como à aparição que Will havia descrito a ela. Em seguida, as outras imagens apareceram seguidas pela visão surpreendente de foguetes de cabeça de demônios subindo para o céu e explodindo. Ela rapidamente percebeu que tais imagens elaboradas deveriam ter um propósito definido por trás delas, além de serem concebidas para simplesmente aterrorizar a guarnição do castelo.

O ataque ao castelo estava a caminho.

Alyss teve a idéia sagaz de como as imagens foram geradas, e ela sabia que elas eram inofensivas. Os gritos e choros que chegavam até a janela da torre lhe diziam que os homens nas muralhas estavam bastante e verdadeiramente alarmados com as figuras misteriosas que estavam vendo.

Alarmados e distraídos.

A janela da torre tinha vista para o sul, e ela olhou para a muralha sul abaixo dela, sufocando as dúvidas que sentia quando ela olhou para baixo de uma altura grande. Ela podia ver o fim de duas torres na muralha, e quando ela assistia, viu os homens se deslocando da muralha oeste para a muralha sul, onde a luz de Malcolm parecia representar uma ameaça visível. Mas ela percebeu que toda esta luz e som era uma distração. O ataque real viria a oeste ou ao norte ou na muralha leste.

E ele viria em breve.

Ela olhou ao redor da sala, perguntando o que ela poderia fazer para se preparar para o ataque.

Will viria por ela, ela sabia bem disso. Mas como? As escadas da torre estariam facilmente defendidas por alguns homens. Isso deixava a parte de fora. Ele tinha vindo dessa forma uma vez antes escalando o muro em uma tentativa malsucedida de resgate quando ela tinha sido aprisionada na torre. Então, o medo das alturas tinha provocado sua recusa a descer de volta com ele, e seu estômago apertava ao pensar que desta vez talvez fosse à única saída da torre.

Então ela começou a apertar a mandíbula com firmeza. Se Will a perguntasse, ela faria isso, com medo de altura ou sem medo de altura.

Ela examinou as duas barras no centro da janela, puxando-as delicadamente. Elas estavam detidas pelo menor fio de metal agora. O ácido que tinha sido deitado sobre as barras de cada noite tinha corroído o ferro de modo que agora estava quase completamente devorado. O frasco de ácido, escondido no umbral de profundidade acima da janela, ainda estava um quarto completo, mais do que suficiente para terminar o trabalho.

Ela ouviu uma renovada gritaria e ela olhou para baixo nas muralhas, movendo-se para o lado da janela para tentar ver mais do muro oeste, de onde o som parecia estar vindo. Enquanto ela observava, um grupo de homens começou a correr ao longo da muralha para o sudoeste da torre.

Agora, ela ouviu o som inconfundível de armas, espadas se chocando com espadas, machados batendo em escudos. Seu coração disparou quando ela percebeu que havia invasores na muralha oeste. Ela passou de um pé para o outro em uma agonia de frustração, desejando que ela pudesse ver mais longe ao longo da muralha oeste para que a luta estava ocorrendo. Mas o aspecto do sul da sua janela a derrotou. Ela só podia ver o sudoeste da torre e os primeiros poucos metros da passarela. Ela teria que simplesmente aguardar para ver o que aconteceria.

Ela caminhou tranquilamente para a cadeira da mesa. Deliberadamente puxando-a para fora, sentou-se com as mãos no colo, pés juntos, respirando profundamente para se acalmar. Ela fechou os olhos e sentiu-se relaxar. Ela deve colocar a sua confiança em Will. Ela sabia que ele nunca iria deixar algo fazer mal a ela.

Justamente quando o seu ritmo cardíaco acelerado começou a voltar ao normal, a porta do quarto bateu para trás em suas dobradiças e Keren entrou, espada na mão.

Agora, na confusão do momento, com o seu castelo sob ataque e os seus homens resistindo ao assalto, não havia nenhum sinal da personalidade charmosa e descontraída que ele havia assumido na semana passada.

Ela levantou-se rapidamente, passando por cima da cadeira para trás. Enquanto eles se enfrentavam por um segundo ou assim, suas mãos foram atrás das costas, os dedos procuram a tranqüilidade do seixo stellatite em seu punho. Mas Keren estava atravessando a sala num piscar de olhos, agarrando-lhe o braço e arrastando-a para ele. Quando ele puxou o braço direito e a mão por trás de suas costas, ele expulsou o seixo da pequena pedra de estrela de seu esconderijo, e ela bateu no chão, saltando para a mesa. Keren olhou para o baixo som mas não viu nada. Alyss soltou um grito de alarme e tentou ir atrás da

pedra, mas Keren era forte demais para ela. Segurando-a pelo braço, ele meio arrastou, meio a jogou em um canto da sala.

"Vá para lá, droga!", Disse ele. Ele estava remexendo no punho da espada, e seus olhos caíram para ele para ver o que estava fazendo. Havia um couro macio cobrindo todo o pomo, mantido no lugar por uma tira de couro. Ele estava desfazendo o nó. Alyss levantou-se a sua altura total, o queixo elevado e as costas retas. Ela sorriu para o renegado. Toda sua fácil auto-segurança tinha ido embora. Ele podia sentir laço do carrasco no pescoço, a recompensa por traição.

"Está acabado, Keren", disse ela calmamente. "Qualquer momento agora, Will vai entrar por aquela porta, e seu pequeno plano estará terminado".

Ele olhou para ela, e ela podia ver o ódio nos olhos. Ódio por ela, pessoalmente, porque ela tinha rejeitado, e o ódio de seu cargo, como representante do reino e do rei que ele tinha traído.

"Não é bem assim" ele disse. Ele finalmente havia desfeito o nó e ele retirou a tampa do punho da espada. Ela soltou um suspiro de medo do que ela viu.

O pomo da espada era a pedra preciosa azul que ele usava para hipnotizar ela. Enfiou a espada em direção a ela, primeiro cabo, a pedra azul brilhante levantada à altura dos olhos.

"Apenas relaxe, Alyss", disse ele suavemente. "Apenas se deixe ir levar pelo bonito azul."

A despeito de si mesma, ela podia sentir a pedra tomando o controle dela, sentindo a sensação de calor e bem-estar que gerava. Ela tentou ver o rosto de Will, mas havia apenas a pedra azul. .

. o azul bonito... o azul do oceano... do... não! Ignore a pedra, pensou. Pense em Will!

Mas o azul é tão gentil... pense quando éramos crianças e nós... a pedra era realmente linda...

Bonita, azul, luz pulsante, paz e sossego e relaxamento e... Will! Onde você está? Esqueça Will, a pedra sussurrou. Will não existe mais. Eu estou aqui. O azul está aqui.

Uma pequena chama de resistência em sua mente, uma chama que lutava desesperadamente contra o efeito soporífero da pedra azul, lentamente cintilou e morreu. A pedra a tinha.

Completamente.

"Pegue a espada," Keren a disse, e ela fez. Ela segurou-a na posição vertical, como uma cruz, com as mãos na lâmina de poucos centímetros abaixo da travessa. O pomo estava de nível com os olhos dela, e ela olhou para as

profundezas da pedra azul e viu outras dimensões cintilantes.

Vendo um fluxo de movimento e cor que ela espantando e aquecê-la e envolta dela.

"Você vai me ajudar a sair daqui", disse ela.

Muito lentamente, ela concordou. "Eu vou", ela concordou.

A pedra estava mais perto dela do que jamais esteve antes. Segurando-a assim, ela poderia perscrutar as suas profundezas, admirando a forma como a luz nadava e como ela movia quando deslocava a pedra um pouco de lado a lado. Ela perguntou como tinha vivido sem esse azul maravilhoso em sua vida. Ela adorou ele. Ela sorriu para ele.

Ela ainda estava sorrindo quando Will calmamente entrou no quarto.

Ele sentiu uma onda de alívio quando a viu ilesa e aparentemente despreocupada. Como ele tinha feito o seu caminho até o fim da escadaria, pronto a qualquer momento para um novo ataque, ele estava apavorado com a idéia do que ele poderia encontrar. Keren, sabendo que sua rebelião estava terminada, poderia muito bem ter matado ela como um último gesto de ódio e rancor. E o pensamento de um mundo sem Alyss deixou um enorme buraco negro no coração de Will. Ele sabia que se fosse o caso, ele permitiria Keren escapar se isso mantivesse Alyss segura. Seu olhar varreu a sala e viu o cavaleiro renegado apoiado em um canto. De alguma forma, Alyss tinha planejado para ter sua espada longe dele. Embora agora ela estivesse segurando-a em uma posição estranha, lâmina para baixo e punho na altura do olho, a forma como um cavaleiro poderia segurar a espada, se ele estivesse prestes a fazer um juramento sobre ela.

Ele sentiu a primeira pontada de inquietação. Algo estava errado. Keren sorria também.

"Alyss?" Will disse suavemente. Não houve resposta. Ela parecia fascinada com a espada.

"Alyss!" Sua voz estava mais alto, mais acentuada neste momento. Ainda não houve resposta.

Ele viu Keren se mover, olhou para ele quando o cavaleiro tirou um punhal de lâmina larga da bainha do lado direito do seu cinto de espada.

Will havia entrado no quarto com seu arco pronto, uma flecha pressionada na corda. Ele trouxe-a até agora, voltando à meia pressão, a um batimento cardíaco de distância de pressionar e soltar.

"Isso é o suficiente", disse ele, sua voz áspera. Ele não tinha certeza do que estava acontecendo aqui, mas ele sabia que algo estava errado, muito errado.

O sorriso de Keren aumentou, e ele permitiu o punhal deslizar para trás em sua bainha, mostrando as palmas das mãos abertas para o Arqueiro. Estava

funcionando foi muito bem. Ele sabia que se ele tivesse tentado usar Alyss como um escudo, ameaçando-a com o punhal, Will poderia ter o matado com grande facilidade. Keren estava bem consciente das habilidades que todos os Arqueiros com o arco longo possuíam.

Desta forma, no entanto, ele poderia anular a capacidade de Will, sem qualquer risco para si mesmo. Will sem dúvida estaria disposto a matá-lo. Ele nunca seria capaz de atirar em Alyss.

"Alyss?" Keren disse agradavelmente.

Seus olhos agitaram longe da pedra por um segundo conforme ela respondia, em seguida, retornou a ela.

"Sim, Keren?"

"Will está aqui", disse ele.

Por um momento, parecia que o nome significava algo para ela. Ela franziu a testa, pensativa.

Então, ela parecia ter encolhido os ombros.

"Will quem?"

E o sorriso no rosto de Keren se alargou quando ele encarou Will. A pedra azul estava tão próxima a ela e sua influência era tão forte que finalmente derrotou a imagem e o que ela tinha usado para combater a sua influência.

"Aparentemente, ela não te conhece", disse agradavelmente.

Will olhou para Alyss novamente. Ela parecia bastante normal, exceto que sua atenção estava voltada para essa pedra azul... . Seu coração afundou-se quando ele percebeu o que tinha acontecido. Era a pedra preciosa azul que ela tinha falado, o foco para o controle de Keren sobre sua mente.

Mas o que aconteceu com a stellatite? Ela lhe disse que tinha sido eficaz na luta contra os poderes da Pedra Azul.

Por um momento, ele tinha uma esperança selvagem de que ela estava enganando, fingindo ser hipnotizado de para acalmar Keren em uma falsa sensação de segurança.

Seu olhar lançou-se ao redor da sala e viu uma minúscula pedra de brilho preto no chão perto da mesa, a stellatite. Sua esperança momentânea desabou, e ele sabia que ela estava aprisionada.

Ele virou-se para Keren.

"Está acabado, Keren", disse ele. "Você perdeu. Essa corja de vocês não vai agüentar contra trinta Escandinavos. "

Keren encolheu os ombros. "Tenho medo que você esteja certo", disse ele. "Mas de onde diabos você encontrou Escandinavos para ajudá-lo?"

"Pergunte ao seu amigo Buttle. De certa forma, ele é o único que lhes trouxe aqui. Agora, por que você não se rende e facilita as coisas para todos nós?

"

Keren riu. "Acredite ou não, eu não estou interessado em fazer as coisas ficarem fáceis para você! Acho que eu prefiro apenas ir embora andando. "

"Você não está andará em nenhum lugar. Você tem duas escolhas: você pode se render agora, ou eu posso colocar esta flecha através de você. Francamente, eu não me importo com o caminho que você escolher. "

"Me render? E depois? "

Will deu de ombros. "Eu não posso prometer nada além de um julgamento justo."

"Depois dele eu vou ser enforcado" disse Keren.

Will sentiu outro verme da dúvida. Keren estava mais descontraído do que ele deveria estar. Ou ele era um excelente ator.

"Você sabe," o renegado continuou, em tom de loquaz, "há uma coisa interessante sobre essa pedra azul e seu efeito. Quando Alyss sai do transe, ela não vai se lembrar de nada que foi dito ou feito enquanto ela estava no mesmo. "

"Isso não será algum consolo para você, se você estiver morto" respondeu Will.

Keren ergueu um dedo advertindo. "Aaah, você vê, essa é a coisa. Não tenho certeza se a minha morte iria quebrar o transe... ou torná-lo permanente ".

Will sorriu, tentando parecer mais confiante do que sentia. "Eu acho que é uma aposta segura dizer que o transe estaria quebrado."

"Talvez." Keren fez uma pausa, olhando pensativo. "Mas, supondo que se você está certo, como ela iria reagir ao pensamento de que ela havia assassinado seu melhor amigo?"

Will franziu a testa. "O que você está falando, Keren?"

O cavaleiro encolheu os ombros. "Bem, ela saberia que ela tinha feito isso. Ela estaria em pé sobre você com sua espada coberta de sangue e você morto a seus pés. Eu me pergunto como ela iria lidar com isso? "

"Tudo bem, isso foi longe o suficiente. Você tem cinco segundos para se render. Ou cinco segundos para morrer. Você escolhe ".

O arco levantou. A flecha deslizou de volta a pressão total e Will centralizou o alvo na figura do peito de Keren. Neste alcance, com o arco com pressão total atrás dele, a flecha cortaria a sua armadura como manteiga.

"Alyss?" Disse Keren.

"Sim, Keren?" Respondeu ela.

"Mate o Arqueiro" Keren a mandou.

37



Alyss desviou o olhar da pedra azul por um segundo, olhando fixamente para Keren enquanto ela considerava o seu comando.

"Claro", ela disse simplesmente. O tom era tão de verdade, tão impassível, que o coração de Will perdeu uma batida. Rapidamente, ela reverteu sua aderência à espada, girando-a num meio círculo de modo que a lâmina estava mais alta e ela segurava o punho em um aperto de duas mãos. Nessa posição, a pedra azul ainda estava bem dentro de seu campo de visão, embora ela estivesse voltada para Will. Não havia nenhum sinal de reconhecimento nos olhos, nada mais que uma aceitação casual do comando de Keren. Ela tomou um passo em direção a Will, a espada ficando maior para um curso mais poderoso para baixo para ele.

Will trouxe o arco para cima, a flecha voltando a pressão total quase que instantaneamente, visando o coração de Alyss. Ele viu uma pequena cruz franzir o rosto dela quando ela reconheceu a ameaça.

"Isso é o suficiente, Alyss", disse ele. Mesmo hipnotizada como ela estava, ela não obedeceria cegamente um comando que conduziria a sua própria morte. Será que ela iria?

Ela parou, olhou para Keren por um conselho. Ele sorriu de forma encorajadora para ela.

"Ele está blefando", disse o renegado. "Ele nunca iria machucá-la. Vá em frente e o mate. "

E Will percebeu que Keren estava falando a verdade. Ele não poderia machucá-la. Ele pensou por um momento que ele poderia disparar para desarmá-la, para colocar uma flecha através de seu punho ou braço e obrigá-la a deixar cair a espada. Mas ele imaginou a cruel flecha cortando sua carne, rasgando os tendões e músculos, talvez, deixando-a permanentemente incapacitada, e ele sabia que não podia lhe causar tal tipo de dor. Não Alyss, de todas as pessoas. Ele simplesmente não podia.

"Alyss... por favor ", disse, esperando que ele pudesse alcançá-la de alguma forma.

"Vá em frente," Keren alertou ela. "Eu disse que ele não iria prejudicá-la."

"Sim.Então você disse" Alyss respondeu. Will ficou horrorizado com o fato de que seu comportamento continuava a parecer tão normal. Ela não parecia estar em transe, de qualquer tipo. Ela não estava falando devagar ou monótona. Ela realmente sorriu para Keren enquanto ela falava. Ela parecia interessada no fato de que Will a ameaçaria, mas se recusava a levar a cabo a ameaça. Mas era um interesse individual, mas como ela poderia comentar sobre uma mudança inesperada no tempo. Ela começou a ir em direção a ele mais uma vez.

Mas havia uma ameaça que Will estava mais do que disposto a levar a cabo. Ele balançou a flecha de volta para Keren, desta vez mirando na imagem da garganta do renegado acima da cota de malha, só para ter certeza que seria um tiro para matar.

"Se ela der mais um passo, Keren, você é um homem morto. Diga a ela. "

Houve um flash momentâneo de preocupação nos olhos de Keren. Então, desapareceu conforme ele avaliava a ameaça representada pela flecha brilhando.

"Espere um momento, Alyss", disse ele.

Ela parou de novo. Ela olhou para Keren, na expectativa de mais instruções, as sobrancelhas levantadas em uma pergunta.

Will não poderia evitar um sorriso triste torcer seus lábios.

"Parece que temos um impasse" ele disse. "Agora a tire disso, e você pode ir."

Ele tomou a decisão enquanto falava. Ele sempre poderia caçar Keren mais tarde, se necessário, e, além disso, a saída do castelo estava provavelmente bem e verdadeiramente bloqueada por Horace e os Escandinavos. Mas quanto mais tempo esta situação perigosa fosse mantida, maior a chance de que alguma coisa iria dar terrivelmente errado. Ele viu os ombros de Keren encolherem um pouco quando ele percebeu que Will tinha vencido.

"Ir?" O renegado lhe perguntou. "Ir para onde?"

Will deu de ombros. "Em qualquer lugar que você escolher. Eu estou te dando uma chance. "

"E você também está planejando vir atrás de mim," Keren disse. Não era uma pergunta. Will sentiu que não tinha necessidade de resposta.

"Keren?" Alyss disse. "Eu estou ficando um pouco cansada aqui." Ela ainda tinha a espada levantada acima da cabeça. Keren sorriu para ela.

"Não demorará muito mais, Alyss." Então, ele virou-se para Will. "Você sabe, como eu disse, o interessante aqui é que quando Alyss sai do transe, ela não vai se lembrar de nada que ela tenha dito, ou ouvido, ou feito. Tudo isso será um espaço em branco para ela. "

"Fascinante" disse Will, sua voz um pouco mais apertada do que ele queria que fosse. "Agora, a traga-a de volta disso."

"Sim, talvez eu deva fazer alguma coisa," Keren concordou. "Alyss?"

"Sim, Keren?"

"Você sabe que você deve fazer tudo o que eu digo, não é?"

"Bem, é claro que eu sei que, Keren." Ela virou-se para enfrentá-lo.

"Bom.Então me escute com cuidado.Se o Arqueiro me machucar de qualquer maneira, mate-o. "

Alyss assentiu com a cabeça, em seguida, virou-se para Will. Ela podia ver a flecha que agora estava destinada a Keren, e ela sabia que, se a figura esbelta lançasse a flecha, ela ainda teria que ir em frente e matá-lo. No entanto, parecia uma pena. Ele parecia um homem bastante jovem e bonito, o tipo de pessoa que ela poderia realmente gostar.

Ela hesitou, um pequeno franzido vincando a testa. Em algum lugar, no fundo de sua mente, uma memória estava se mexendo. Apenas o fantasma de uma memória. Uma consciência fraca que talvez ela soubesse quem essa pessoa. No entanto, se ela o conhecia, por que Keren queria que ela o matasse? Era tentador deixar de ir ao pensamento e só voltar para afundar o esquecimento que a pedra azul proporcionaria. Mas os anos de treinamento e disciplina afirmaram-se. Alyss sempre se orgulhava de sua habilidade para resolver problemas, e lá estava um a ser resolvido.

"Qual era o seu nome?" Perguntou ela.

Os olhos de Keren, até o momento estabelecidos em Will, giraram na direção dela quando ele sentiu uma mudança em sua atitude. Ela não deveria estar fazendo perguntas. Ela deveria obedecer sem qualquer hesitação.

"Seu nome não importa", ele agarrou a ela. "Faça o que eu digo!"

Alyss balançou a cabeça como se quisesse limpar seus pensamentos. "Sim.É claro.Desculpe" disse ela. No entanto, mesmo enquanto ela concordava havia uma nota de incerteza na voz.

Will olhou para ela, vendo o sofrimento em seus olhos. Ele estava resignado com o fato de que ele deveria matar Keren e que, se ele fizesse, Alyss iria matá-lo. E ele sabia que se isso acontecesse, Alyss seria torturada pelo fato por todo o resto de sua vida. Como Keren havia dito, ela recobraria a consciência e se encontraria em pé sobre o cadáver de seu amigo com uma espada ensangüentada na mão. E não haveria ninguém vivo para contar a ela como tudo tinha acontecido.

Ele simplesmente não podia deixá-la com esse fardo. Keren, percebendo que o seu domínio sobre Alyss estava de algum modo escorregando, decidiu não esperar mais.

"Mate ele! Mate-o agora! "Sua voz rachava conforme ele gritava a ordem para ela.

"Claro", disse Alyss. Havia uma pequena pitada de relutância, mas ela adiantou-se, a espada levantando até esticar toda conforme ela media a distância para Will. E nesse instante, ele teve que deixar algum vestígio seu de memória ou perdão para o que ela estava prestes a fazer.

"Alyss", disse calmamente: "Eu te amo. Eu sempre te amei."

Ele viu nos olhos dela. Um momento de confusão. Um flash de emoções conflitantes. Em seguida, uma súbita clareza ofuscante e um enorme sentimento de horror. Ela olhou para a espada, muito acima de sua cabeça, e um grito foi arrancado quando ela percebeu que ela estava prestes a fazer.

Ela jogou a espada longe dela e desabou no chão, chorando incontrolavelmente. Seus ombros pesavam enquanto os soluços submetiam seu corpo inteiro.

Will abaixou o arco, todos os pensamentos de Keren esquecidos quando ele movia-se para ela.

Oh, Deus, pensava ele, deixe-a ficar tudo bem!

Ele não tinha idéia de qual dano o súbito choque de percepção poderia ter feito a sua mente. Ele caiu de joelhos ao lado dela, tentando alcançar e abraçá-la, tentando levantá-la do chão.

Qualquer coisa para acabar com os soluços, esse terrível som de uma mente torturada. Mas ela estava amontoada como uma bola, desafiando seus esforços para obter os braços em volta dela e levantá-la.

"Alyss, está tudo bem! está tudo bem! Você está bem agora" ele murmurava para ela. Mas estava tudo muito claro que ela não estava bem, e ela manteve-se alheio às suas palavras e seu toque.

"Maldito vá para o canto mais profundo do inferno."

Ele olhou para cima. Era Keren, movendo-se em direção a ele, a espada rejeitada por Alyss na mão.

"Talvez ela não pudesse matá-lo. Mas eu posso! "

Galvanizado em movimento, Will saltou longe da forma amontoada de Alyss. Keren seguia, varrendo a espada no ar em uma sucessão de cortes selvagens. Foi isso que salvou a vida de Will, para o momento. Não havia nenhuma ciência ou habilidade nas estocadas de Keren, apenas a emoção crua de ódio e vingança selvagem irracional orientando a espada.

Will recuperou seus pés, a faca Saxônica deslizando da bainha a tempo de desviar um corte lateral. Ele chegou por trás de seu pescoço pela faca de arremesso escondida, mas mais uma vez ele foi impedido pela capa e pelo colarinho da jaqueta. Esta bainha escondida realmente foi uma má idéia, pensou

amargamente. Ele rebateu outro corte de Keren, mas sem o efeito de alavanca adicional padrão de duas facas de defesa, ele estava em desvantagem contra a arma maior. Tudo o que ele poderia esperar era esquivar da espada o maior tempo possível.

Gradualmente, ele viu a fúria diminuindo nos olhos de Keren. Ele chegou para o seu colar de novo, para tentar pegar a faca de arremesso. Mas Keren viu o movimento e pulou para frente, estocando e Will mal evitou o ponto de dardo da espada, depois Keren girou a espada na mão para entregar uma sobrecarga alta cortando para trás, quase como parte do mesmo movimento.

Will sentiu uma mão fria em torno de seu coração,quando ele percebeu que Keren era um espadachim perito e sua formação estava começando a reafirmar-se sobre a sua fúria inicial cego. Will não podia esperar ganhar essa frente de batalha. Ele retirou-se antes de outro impulso, sentiu a parede nas suas costas e sabia que ele tinha cometido um erro. Ele deslizou lateralmente a partir do próximo corte, a espada faiscando marcas nas pedras da parede. Keren o perseguia enquanto ele deslizava ao longo da muralha, uma série de derrames e empurra frenético dando-lhe nenhuma possibilidade de retaliação.

Foi o som que despertou Alyss. O guincho grave da espada saltando fora de pedra. Ela olhou para cima para ver Will recuando desesperadamente antes do ataque clínico de Keren, afastando a espada com uma faca totalmente inadequada.

Ela levantou-se de joelhos, em seguida, aos pés, sacudindo a cabeça para clarear. De alguma forma, ela sabia, isto era tudo culpa dela. Ela havia colocado Will nesse perigo. Agora ela deveria salvá-lo. Ela precisava de uma arma... qualquer arma. Ela balançava em seus pés, então limpou seus sentidos e ela sabia onde encontrar uma. Dois passos rápidos a levaram para a janela. Ela apanhou a arma e se moveu para onde Keren tinha prendido Will em um canto. A ponta da espada estava agora nivelada na garganta de Will. A faca Saxônica deitada no chão entre eles, finalmente tirada das mãos de Will com a força maciça de uma estocada de duas mãos por cima da cabeça.

Will encarava Keren com calma, esperando a morte. Então ele viu Alyss movendo por trás do renegado.

"Alyss! Corra!" Gritou. "Procure o Horace!"

Era natural que Keren, pronto para lançar a espada na garganta de Will, viraria quando o Arqueiro chamou por ela. Quando ele fez, ela jogou o conteúdo da garrafa de couro em seu rosto.

Seu grito era terrível conforme o ácido queimava em sua pele e olhos. A dor era insuportável, e ele deixou cair a espada, arranhando seu rosto, tentando aliviar a queimadura terrível. Ele tropeçou em círculos selvagens ao redor da

sala, gritando o tempo todo. Alyss assistiu em horror enquanto Keren cambaleava cegamente, tentando em vão encontrar algum alívio da agonia. Ela se afastou, sentiu o braço de Will ir ao seu redor.

Ambos tomaram conhecimento de um cheiro de carne queimada.

Os movimentos de Keren tornaram-se mais selvagens e mais irregulares. Sua garganta estava rouca de gritar sem parar o, e ele tropeçou e girava em círculos descontrolados, um momento, jogando os braços para fora para recuperar o equilíbrio, o próximo apertando as mãos ao rosto destruído mais uma vez. Ele cambaleou em uma parede, se recuperou, cambaleou alguns passos, em seguida, perdeu o equilíbrio e cambaleou para trás.

Em direção à janela.

Suas costas e ombros atingiram as barras, e por um momento elas o apoiaram. Em seguida, os fios finos de metal que seguravam as duas barras no centro cederam, abrindo uma grande lacuna atrás de si. Ele balançou para trás por um segundo, mas o patamar baixo da janela pegou apenas atrás dos joelhos.

Seu grito era longo e elaborado com uma mistura de dor e medo cego. Ele desligou na noite caindo sobre seu corpo, como uma longa fita arrastando atrás de si.

Então, de repente, parou.

Alyss virou-se para Will, seu rosto conturbado.

"Will, o que aconteceu aqui?", Perguntou ela. Ela examinou os destroços de jantar, cadeiras e mesa jogadas durante a luta desesperada de Will com Keren, a espada novamente descartada no chão, a garrafa vazia deitada ao lado dela quando ela tinha deixado cair. Sua mente fervilhava com imagens, mas elas pareciam tão bizarras e improváveis que ela sabia que não podia ser verdade.

Will sorriu, seu braço ainda ao redor do ombro dela. Ele puxou-a para ele e a deixou descansar a cabeça em seu ombro.

"O que aconteceu" ele disse a ela, "é que você acabou de salvar minha vida, duas vezes."

Ele beijou sua testa suavemente para acalmá-la. Ele sentiu o emaranhado confuso de pensamentos em sua mente. Mas ela empurrou um pouco para trás dele, buscando seu rosto com os olhos.

"Duas vezes?", Perguntou ela. "Quando foi a primeira vez?"

Will sorriu para ela. "Esqueça isso."

38



Will bateu suavemente na porta da enfermaria, ouviu o chamar de Malcolm de "entre" e entrou.

O curandeiro estava sobre Trobar, que estava estendido em um conjunto de quatro colchões no chão em um canto. Não havia nenhuma cama suficientemente grande no castelo para acomodá-lo, então ele teve que ficar no chão até que ele estivesse forte o suficiente para fazer o seu caminho de volta a Clareira do Curandeiro. Malcolm virou quando Will entrou e sorriu uma saudação.

"Bom dia", disse ele.

"Dia. Como é que o paciente está indo?"

Malcolm pressionou os lábios antes de responder. "Muito melhor do que ele deveria estar. Ele tinha perdido sangue suficiente para matar dois homens normais no tempo que eu cheguei até ele. Deus sabe como ele sobreviveu."

"Suponho que ele começou tendo bastante sangue nele por três homens", disse Will. "Ele certamente é grande o suficiente." Ele sorriu para Trobar. O gigante parecia fraco e muito mais pálido que o normal. Mas ele estava sorrindo da piada de Will, e seus olhos estavam claros e em alerta, muito melhor do que o febril olhar que estava sobre ele quando ele estava derrubado na muralha depois da batalha.

Will ouviu um barulho familiar batendo no chão. Ele se virou para ver Shadow deitada de barriga, no canto distante. Seu queixo estava em suas patas dianteiras, mas seus olhos nunca pararam de se mover enquanto olhavam em tudo na sala.

"Dia, Shadow" disse ele. Ela bateu a cauda. Ele olhou para Malcolm. "É aceitável ter um cão na enfermaria?" Perguntou ele.

O curador se permitiu um sorriso fino.

"Eu diria que é essencial", disse ele. "Ambos deixaram-me louco até eu deixá-la ficar aqui."

"Hmm", disse Will sem compromisso. Ele teria que resolver essa situação quando se dirigissem para o sul, ele pensou. E ia ser difícil. Então ele empurrou o pensamento inadequado de lado.

Ele ficaria aqui por algum tempo ainda. Ele iria enfrentar isso mais tarde.

"Eu pensei em ir visitar Alyss, se você pensar que é uma boa idéia", disse ele.

Malcolm balançou a cabeça. "Eu acho que é uma excelente idéia. É hora de ela ter alguma companhia. "

Passaram dois dias desde a batalha. Os homens de Keren, já derrotados, se renderam de imediato quando soube da morte de seu líder. Eles estavam agora confinados nas masmorras do castelo.

Alyss passou o tempo em um perplexo estado de choque. Malcolm disse que isso era quase certamente o resultado de seu ser retirada do transe hipnótico de Keren e encontrar-se com uma espada levantada, apenas a um segundo de distância de assassinar Will. Era semelhante, disse ele, à maneira como sonâmbulos ficavam em choque se fossem repentinamente despertados do sono.

O curador tinha lhe dado uma poção para dormir e a colocada na cama.

"Descansar será a melhor coisa para ela", disse ele. "Ela é uma menina com força de vontade, e ela vai curar-se, eventualmente. Mas ela fará mais cedo se ela estiver descansada e forte."

Agora, aparentemente, ele pensou que esse processo estava longe o suficiente para permitir-lhe um visitante.

Will voltou a subir as escadas. Alyss tinha sido devolvida aos seus confortáveis quartos no quarto andar. Ele tinha olhado sobre ela várias vezes, mas hesitou em acordá-la enquanto ela dormia. Ele hesitou sobre outra coisa também. Na torre, ele havia dito a Alyss que ele a amava, e ele percebeu que tinha falado a verdade. De certa forma, ele sempre amou, ele sabia. Ela era sua amiga mais antiga e mais querida do mundo. Mas havia um vínculo ainda mais forte entre eles, agora que eles tinham crescido. Em algum lugar ao longo do caminho, essa amizade e essa longa história de companheirismo tinha virado amor.

Ou, pelo menos, tinha tanto quanto ele estava preocupado. Ele não tinha certeza se ela se sentia da mesma maneira.

Keren disse ela não iria lembrar-se de nada que foi dito ou feito enquanto sua mente estava sob seu controle. Mas a declaração de Will tinha quebrado esse controle, e ele suspeita que, uma vez que esse era o caso, ela poderia ter alguma memória do que ele tinha dito. Ele perguntou Malcolm sobre isso, não contando o curandeiro que ele tinha realmente dito a menina. Malcolm tinha sido incerto na sua resposta.

"Talvez ela irá se lembrar" respondeu ele. "Talvez não." Ele viu a frustração no rosto do rapaz, e acrescentou, desculpando-se: "Nós simplesmente

não sabemos o suficiente sobre o funcionamento da mente para eu lhe dar uma resposta direta. O que poderia ser verdade para uma pessoa pode ser totalmente falso para outra".

A única maneira, Will decidiu, seria para ver se Alyss levantaria a questão sozinha. Se ela não fizesse, isso significaria que ela estava embaraçada e desagradável porque ela não sentia a mesma maneira por ele, ou que suas palavras não tiveram impacto suficiente para permanecer em sua memória, o que, a seu modo de pensar, dava no mesmo.

Will passou nos últimos cinco anos quase que exclusivamente na companhia de Halt, e ele não estava equipado para lidar com uma situação social como essa. Agora que ele havia admitido a profundidade de seus sentimentos por Alyss, ele temia o pensamento de que ela não os retornaria, e que ela poderia responder com a afirmação de que, ao longo dos anos, revelou-se a sentença de morte para tantos relacionamentos: Podemos continuar sendo amigos?

Ele discutiu o assunto, com a maior confidencialidade, com Horace. Horace, afinal, era um cavaleiro que movia nos altos círculos sociais no Castelo de Araluen e estava muito mais acostumado em passar o tempo em companhia feminina.

O alto guerreiro havia afirmado estar totalmente não-surpreso quando Will confessou como se sentia.

"Claro que você a ama!" Ele respondeu. "Ela tem sido a sua melhor amiga desde que ambos podiam andar, e agora ela cresceu até ser bonita, talentosa, inteligente e espirituosa. O que não era amável sobre tudo isso? "

A solução de Horace para o problema era típica. Basta chegar e dizer a ela. Mas então, como um guerreiro, ele sempre favorecia a abordagem direta. Arqueiros, Will lhe disse, eram mais inclinados a procurar as nuances sutis de comportamento de uma pessoa para determinar os seus verdadeiros sentimentos.

"Você está mais inclinado a ser desonesto, você quer dizer", disse Horace, rejeitando a declaração como uma bobagem pretensiosa.

Will não poderia encontrar uma resposta adequada para isso, então eles deixaram o assunto acabar.

Tudo junto era uma situação confusa e embaraçosa para o Arqueiro jovem. Ele fez uma pausa agora fora da porta de Alyss, perguntando se ele deveria esperar mais um dia. Então ele decidiu que ele estava apenas tentando adiar o inevitável, e ele bateu na porta, um pouco mais bruscamente do que ele pretendia.

"Entre"

Ele sentiu uma onda de nervosismo ao som da sua voz, em seguida ele

abriu a porta e entrou.

Alyss estava sentada em sua cama, perto da janela, onde ela poderia olhar para fora sobre o campo circundante. Os últimos restos de neve teimosamente estavam agarrados à copa das árvores e brilhavam ao sol. Ela virou-se da vista e sorriu para ele.

"Will", disse ela. "Como é adorável ver você."

Ela usava o cabelo louro solto, escovado até parecia brilhar. Ela parecia cansada, mas satisfeita em vê-lo. Ele se moveu para o lado da cama. Havia uma cadeira de coluna reta lá, e ele sentou-se. Ela estendeu a mão e pegou suas mãos. Foi um movimento natural e sem afeto. Um gesto entre amigos, ele pensou.

"Como você está se sentindo?" Ele perguntou a ela. Sua garganta estava seca, e as palavras banais pareciam colar nele enquanto ele as falava.

"Estou bem. Um pouco cansada. "

Ele balançou a cabeça. Ele não conseguia pensar no que dizer em seguida.

"Eu tenho um milhão de perguntas a fazer", disse ela. "Eu tenho tido os sonhos." Ela revirou os olhos dramaticamente. "Eu venho tendo vontade de lhe perguntar sobre tudo que aconteceu na torre a outra noite."

Ele a olhava com cuidado. "Você não se lembra de nada?" E ele pensou ter visto um lampejo momentâneo de hesitação em seus olhos. Estava lá só por uma fração de segundo, mas tinha certeza que estava ali.

"Não realmente," ela disse, e ele sabia que ele estava certo sobre a hesitação. Ela se lembrava, mas não queria admitir isso.

Verdade seja dita, Alyss estava se sentindo tão confusa quanto Will. Ela estava de fato tendo sonhos. Ela sonhou que eles estavam de volta na torre e ela estava a ponto de machucá-lo de alguma maneira terrível quando, de repente, do nada, ele estava dizendo a ela que ele a amava, palavras que ela tinha esperado ouvir dele por mais tempo do que ela poderia se lembrar.

Mas ela não sabia se o sonho refletia o que realmente aconteceu ou algo que ela queria que tivesse acontecido. Eles olharam uns para os outros, ambos incertos, ambos não querendo se declarar.

Ele deu de ombros.

"Talvez devêssemos deixar isso até que você esteja mais forte", disse ele.

Ela estudou-o cuidadosamente. "Isso foi realmente tão horrível", ela perguntou.

Um olhar escuro entrou seus olhos quando ele lembrava aqueles momentos desagradáveis.

"Sim.Foi, Alyss. Mas como eu disse a você na noite, você salvou minha vida. E isso é o que é importante. "

Houve um longo silêncio.

"Qualquer sinal de ajuda do feudo Norgate?" Perguntou ela. Ela sentiu que ele ficou aliviado ao ouvir a conversa jogada em um tópico mais seguro, mais geral.

"Nossos olheiros dizem que estão a dez dias daqui."

"E sobre os Escoceses?" Perguntou ela. Afinal, eles eram uma ameaça imediata, e eles estavam mais próximos do que as forças de Norgate. Mas Will encolheu os ombros.

"Duvido que eles vão vir. Você sabia que nós deixamos MacHaddish ir, não é? "

Ela endireitou-se com essa notícia. "O deixou ir? De quem foi essa idéia? "

"Minha, na verdade. E todos reagiram da mesma maneira que você acabou de fazer quando eu sugeri a idéia. "

"Bem, então..." ela começou, mas ele a cortou.

"Nós trouxemos ele aqui primeiro e lhe mostramos que o castelo estava totalmente guarnecido por Escandinavos selvagens. Além do que alguns dos homens originais de Orman começaram a voltar. Então mostramos a ele tudo, dizendo-lhe a força de ajuda de Norgate devia estar a um dia daqui, em seguida, o soltamos para apresentar um relatório ao seu comandante."

Ele não mencionou que ele também tinha tomado MacHaddish para um lado e feito uma promessa pessoal: Se o seu exército voltar aqui, você será o primeiro que eu procurarei. O general Escocês não tinha ficado assustado com a ameaça. Mas ele sabia que era verdadeira, e ele respeitava isso.

"Então", disse ponderadamente Alyss "ele vai informar que Macindaw está de volta nas mãos do inimigo e, provavelmente, uma noz mais resistente de rachar do que era antes."

"Exatamente. Escandinavos serão um adversário muito mais difíceis do que o soldado médio provincial. Eles são profissionais, depois de tudo." Havia uma nota de orgulho em sua voz, e ela não pôde deixar de sorrir para ele.

"Você realmente gosta deles, não é?"

"Escandinavos?"ele disse. "Sim, eu gosto. Uma vez que eles lhe dão a sua palavra, eles nunca vão voltar nela. Eles são inimigos terríveis, mas eles viram os melhores aliados que você poderia pedir. Horace diz que se ele tivesse um exército deles, ele poderia conquistar o mundo. "

"Ele quer conquistar o mundo?"

Ele sorriu. "Não realmente. É exatamente o tipo de coisa guerreiros dizem."

"E quanto a você? Qualquer sonho de dominação do mundo para você? "

Ele balançou a cabeça. "Eu só quero voltar para minha cabine pacífica no

feudo Seacliff."

"Eu me lembro que havia uma filha da taberneira bonita lá?", Disse ela. O tom era de leve e provocativo, mas havia um propósito por trás da questão. Will deu de ombros.

"Ah, eu tenho certeza que ela esqueceu tudo sobre mim agora."

"Eu duvido. Você não é uma pessoa fácil de esquecer. "

Ele não disse nada. Ele não sabia como responder a isso, e o silêncio entre eles cresceram mais.

De repente, ele percebeu que ele ainda estava segurando suas duas mãos. Ele as soltou e levantou, enviando a cadeira patinando para trás no assoalho.

"Eu gostaria... melhor ir embora ", disse ele. "Malcolm me disse para não cansá-la."

Ela forçou um bocejar em resposta para facilitar as coisas para ele. Ela era, afinal de contas, uma diplomata treinada.

"Estou um pouco sonolenta, disse ela. "Venha amanhã me ver de novo?"

"Claro." Ele fez o seu caminho até a porta, indisposto a virar as costas para ela, e se esgueirou para fora, meio acenando, meio saudando conforme ele ia.

"Bem, vejo você depois então." Ele percebeu quão estúpida a frase soou.

Ela acenou, apenas agitando os dedos para ele, e sorriu um adeus. Ele procurou a maçaneta da porta, conseguindo abrir de alguma maneira e saiu, fechando a porta atrás dele.

Na ante-sala, ele fez uma pausa, apoiando a testa contra a pedra bruta da parede.

"Ah, dane-se tudo", disse ele calmamente.

No quarto de dormir, Alyss estava dizendo exatamente a mesma coisa.

39



A força de ajuda de Norgate ruidosamente atravessou toda a ponte levadiça abaixada de Macindaw se apresentado através do portão para o pátio.

Havia vinte cavaleiros e uma centena de soldados marchando, e todos eles olhavam ao redor curiosos nos Escandinavos sorrindo que equipavam as ameias. Sir Doric, o Mestre de Guerra de Norgate, que estava liderando a força, viu o pequeno grupo de boas-vindas à espera na frente da torre de vigia e virou seu cavalo em direção a eles. Will notou que havia um Arqueiro cavalgando ao lado dele. Ele seria Meralon, pensou ele, o Arqueiro atribuído ao feudo de Norgate. Ele sabia muito pouco sobre o outro homem, mas ele tinha ouvido que ele estava inclinado a ser abafado e um pouco definido em seus caminhos.

Orman, vestindo uma pesada corrente de ouro do qual pendia o selo oficial que o marcava como castelão, avançou para encontrar os dois cavaleiros. Will, Horace e Malcolm ficaram atrás, em deferência à autoridade reintegrada de Orman.

Sir Doric levantou a mão e chamou a ordem para seus homens pararem e ficarem à vontade. Ele e Meralon continuaram a andar para frente com seus cavalos. Era um momento formal, mas a formalidade foi quebrada quando uma figura explodiu da segunda fileira de homens montados.

Ele estava montando um cavalo muito menor que os Cavalos de Batalha que o rodeavam, e até agora, ele não tinha estado visível. Agora, porém, ele deslizou para fora da sela e correu todo o espaço intermediário, caindo de joelhos diante Orman.

"Meu senhor!" Disse Xander. "Nós estamos aqui afinal. Lamento que levou tanto tempo! Eu fiz tudo que eu podia!"

Will, assistindo Sir Doric, viu uma careta de desaprovação cruzar suas feições. Havia certo protocolo que devia ser seguido em momentos como este, e o Mestre de Guerra parecia sentir que o secretário deveria saber disso.

Sir Doric, deve notar-se, era provavelmente um esnobe.

"Está tudo certo Xander," Orman disse a ele. Então, em um tom abaixado ele acrescentou, "Levante-se, ai há um bom companheiro. O líder da força de ajuda quer nos dizer que estamos seguros."

Xander assumiu a sua posição atrás de Orman. Doric e Meralon trouxeram seus cavalos para uma paralisação, e os dois homens desmontaram. Foi a vez de Will franzir. A política ditava que eles deveriam ter esperado até Orman os convidar a descer. Se Orman foi ofendido, no entanto, ele não mostrou nenhum sinal.

"Bem vindo ao Castelo Macindaw. Sir Doric do feudo Norgate, não é?" Disse. "Eu sou Orman, senhor do castelo".

Sir Doric bateu as luvas na coxa uma vez ou duas. Ele olhou ao redor do pátio antes de responder bruscamente, e um pouco distraído, "Mmmm? Sim. Sim. Que diabo todos esses Escandinavos estão fazendo aqui? "

Um pequeno franzir enrugou a testa de Orman. Nas semanas desde que ele tinha sido forçado a fugir de seu próprio castelo e se esconder na floresta, ele tinha perdido muito do comportamento e da atitude superior sardônica que Will primeiramente tinha notado nele. Era notável o que algumas semanas passando dentro da floresta poderiam fazer para um homem, Will pensou.

"Eles parecem estar defendendo o castelo," Orman disse calmamente.

"Certamente Xander te disse que eles estavam nos ajudando?"

Mas os olhos de Doric ainda estavam vagueando as ameias. "Mmm? Sim. Seu homem disse algo sobre mercenários. Mas eu pensei que você teria se livrado deles por agora. Não é seguro ter eles dentro do castelo, é? "

"Alguns de seus amigos morreram ficando aqui", disse-lhe Orman. "Eu achei que seria indelicado para lhes pedir para sair imediatamente."

Doric fez um gesto de xô com a palma da mão direita, um pouco como se estivesse expulsando moscas para longe. "Não. Se livre deles. Meus homens estão aqui agora. Você não precisa desses malditos Escandinavos!"

"Eles não são confiáveis, mesmo após de tudo." Esse era o Arqueiro, Meralon, adicionando sua contribuição.

Will sentiu um calor subindo lentamente em seu rosto e se adiantou. Uma mão agarrou seu braço e ele parou. Ele olhou para Horace, que falou as palavras, "Se acalme agora." Ele assentiu. Seu amigo estava certo. Ele freou em seu temperamento, em seguida, entrou para o lado de Orman.

"Eu confio neles", disse ele.

Os dois pares de olhos viraram para ele, o avaliando. Doric franziu a testa. A capa era definitivamente do mesmo corte de uma capa de Arqueiro, mas era padronizada em preto e branco. Will ignorou o Mestre de Guerra e endereçou a Meralon.

"Will. Arqueiro cinqüenta" ele disse. O outro Arqueiro assentiu.

"Meralon. Vinte e sete. "Ele colocou um pouco de estresse sobre o número, a entender que ele era superior à Will. Na verdade, ele não era. Além de

Crowley e um grupo seleto de comando de Arqueiros seniores, todos os membros do Corpo eram iguais na classificação. Seus números eram atribuídos conforme eles se tornavam disponíveis quando outros Arqueiros aposentavam ou morriam. Era puro acaso que Will, como o mais novo recruta para o Corpo, tenha recebido o número cinqüenta. "Você é o aprendiz de Halt, não é?" Meralon adicionou depreciativamente.

"Eu era", respondeu Will.

Meralon assentiu uma ou duas vezes, em seguida, continuou em tom condescendente: "Sim, bem, conforme você ficar um pouco mais velho, Will, você vai aprender que Escandinavos não são confiáveis. Eles são uma raça traiçoeira".

Will se forçou a tomar uma respiração profunda antes de responder. Não havia muitos tolos no Corpo de Arqueiros, mas ele percebeu que acabara de encontrar um. Ele duvidava que o homem tivesse qualquer experiência pessoal com os Escandinavos.

"Você está errado", disse ele com firmeza. "Eu confio neles, e nós precisamos de uma guarnição aqui."

Doric interrompeu, acenando para as fileiras dos homens no pátio. "Nós podemos fornecer isso.

Vou deixar cinqüenta homens aqui. "

"E você vai deixar Norgate enfraquecido se o fizer. Você deve ter acabado com a guarnição para colocar essa força junta. "

Doric hesitou. O jovem Arqueiro estava certo. Foi tudo muito bem para montar uma força expedicionária para um socorro de emergência. Mas deixar um grande número deles aqui enfraqueceria Norgate seriamente.

Antes que o Mestre de Guerra pudesse responder, Will acrescentou: "E há um exército Escocês do outro lado da fronteira, que poderia muito bem decidir atacar Norgate se vessem que sua guarnição está com menos força."

Ele estava certo de novo, Doric percebeu. O fato não fez nada para suavizar suas maneiras. Ele virou para Orman.

"O que aconteceu com a sua guarnição normal?", Perguntou ele, uma nota acusadora em sua voz.

"O usurpador, Keren, se livrou deles. Eles estão espalhados por todo o campo. Vai levar meses para a palavra chegar neles e levá-los de volta para cá. "

"Bem, você fez uma bela bagunça nas coisas, não é?" Doric explodiu.

Por um momento, Orman ardeu em raiva. Essa era uma situação delicada. Como castelão, ele era igual na classificação com o Mestre de Guerra do feudo. Ambos responderiam ao Baron em Norgate, e era difícil saber quem teria a última palavra aqui. Era uma situação que exigia grandes quantidades de tato e

diplomacia, qualidades que o Sir Doric parecia ter deixado para trás no castelo Norgate.

"E nós sanamos a situação, graças aos Escandinavos" Orman disse suavemente. "Sem a ajuda deles, o castelo estaria em mãos Escocesas por agora. Então nós fizemos um acordo com eles para permanecerem como guarnição até que eu pudesse recrutar homens locais suficientes."

"Um acordo?" Meralon disse incrédulo. "Quem exatamente fez esse acordo?"

"Eu fiz", respondeu Will.

Meralon assentiu novamente. Ele ainda estava fumegando sobre declaração brusca de Will que ele estava errado. "Sim, eu poderia ter previsto. Todo mundo diz que você e Halt têm um ponto cego onde esses piratas estão concentrados."

Ainda controlando sua raiva, Will respondeu: "O Escandinavos precisam de um lugar e materiais para construir um navio. Concordamos em dar-lhes isso. Em troca, eles guardarão o castelo enquanto for necessário. Precisamos deles. Eles precisam de nós. É um acordo bom para todos ".

"Mas não é seu cargo fazer acordos aqui, não é? Este não é o seu feudo. Eu sou o Arqueiro aqui, não você. E eu não aprovo o negócio que você fez com esses piratas ".

Meralon era ligeiramente mais alto do que Will, e ele se inclinou para trazer o seu rosto nivelado. Will foi tentado a dar um passo para trás, mas ele percebeu isso seria um erro. Ele ficou parado. Ele respirou fundo para responder, mas Horace avançou e parou diante dele.

"Duas coisas", disse o jovem cavaleiro, decidindo que estava na hora dele tomar parte nessa discussão. "Primeiro, eu gostaria que todos parassem de se referirem aos Escandinavos como piratas traidores. Eles são meus amigos. "

Sua voz era calma e tranqüila. Ele falou deliberadamente. Mas não havia nenhuma confusão a ameaça subjacente em suas palavras. Ele estudou a Arqueiro de Norgate. Como Will, Horace tinha sido informado por Halt e Crowley antes de vir para o norte. Ele havia feito a mesma pergunta: Por que não poderia o Arqueiro local cuidar do problema? Disseram-lhe que a missão era secreta e o homem local seria reconhecido. Ele percebeu agora que suas razões eram mais profundas. O trabalho exigia energia e imaginação e a capacidade de improvisar. Meralon simplesmente não estava à altura da tarefa.

Ele viu que tinha a atenção de todos, por isso ele se dirigiu Meralon diretamente.

"E se você está no comando aqui, como você diz, onde diabos você estava quando era necessário?"

Meralon abriu a boca para responder, mas Horace acenou suas palavras de lado. "Não me lembro de vê-lo chegando com um plano para tomar o castelo. Tenho certeza que você não providenciou uma força para fazê-lo. E eu certamente não o vi atacando as ameias comigo. "

Houve um momento de silêncio. Horace refletiu que ele nunca tinha tido a coragem de falar com um Arqueiro desta forma. Ele respeitava e admirava o Corpo demais para isso. E conforme ele tinha esse pensamento, outra realização chegou.

"Na verdade, se você é o Arqueiro local, como é que você deixou essa situação desenvolver-se em primeiro lugar? Pensei que pessoas como você deveriam manter um ouvido no chão? "Ele acenou com o braço ao redor do pátio do castelo. "Tudo isso nunca deveria ter acontecido. E é isso que eu vou dizer no meu relatório. "

Meralon balbuciou, muito furioso para falar. Sir Doric aceitou o desafio para ele.

"E quem é o diabo você deveria ser?"

Horace olhou para ele e sorriu, mas sem o menor traço de humor. Ele era uma pessoa auto-depreciativa e normalmente ele evitava títulos. Mas ele sentiu que era hora para uma pequena classificação puxando. Ele cruzou os braços sobre o peito.

"Eu sou Sir Horace, Cavaleiro da Folha de Carvalho, comandante B da companhia, Guarda Real de Araluen e Nomeado Campeão de Cassandra, a Princesa Real".

Agora, isso realmente fez parar a conversa. Palavras como Guarda Real e Princesa Cassandra davam a Horace um prestígio considerável. Ele era um homem que teve acesso à mais alta autoridade na terra, e ele estava planejando um relatório, um relatório que diria ter encontrado aqui mecanismos insatisfatórios.

Doric permitiu-se um olhar amargo de soslaio para Meralon. Por que você deixou isso acontecer? Isso dizia. Então ele se dirigiu a Orman em um tom mais conciliador.

"Senhor Orman, talvez eu tenha falado com certa pressa. Perdoe-me se eu tiver causado ofensa.

Afinal, foi uma cavalgada longa e muito dura para chegar aqui-"

"E, claro, você e seus homens estão cansados e precisam descansar", Orman tomou o ramo de azeite oferecido suavemente. Will ficou impressionado com o tato do castelão. Orman não tinha vontade de marcar pontos ou se vangloriar. Tudo o que ele queria era uma solução amigável para a situação. "Talvez o meu povo pudesse mostrar seus homens para seus quartos?"

"Eu ficaria grato, sir"Doric disse, com uma ligeira curvatura.

Orman virou-se para seu secretário. "Xander, cuidar dele, por favor." Então, voltando a Doric, ele disse: "E talvez possamos continuar essa discussão sobre o almoço, depois que você tiver uma chance de descansar e tomar banho e se mudar?"

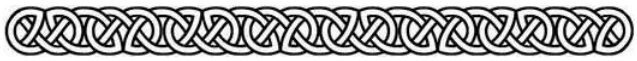
A reverencia de Doric era mais evidente neste momento. "Mais uma vez, senhor, você é muito gentil. Nós poderíamos usar um descanso, não é Meralon? "

Meralon, apertando os lábios murmurou concordando. Arqueiros, é claro, gozavam do mais alto nível de independência, sendo responsáveis perante o rei. Mas as conexões reais Horace tinham forjado esse ponto muito ordenadamente. Além disso, Meralon sabia que as ações de Will, embora pouco ortodoxas, haviam sido bem sucedidas. E o sucesso tende a tornar aceitável o não-ortodoxo. Passando por Will, ele seguiu Doric e Orman para a torre, deixando Will, Horace e Malcolm para cobrir a traseira.

"Desde quando você tem sido o campeão de Evanlyn?" Will perguntou de lado. Horace sorriu para ele.

"Bem, eu não sou, realmente. Mas eu tenho certeza que é só uma questão de tempo".

40



Despedidas eram a parte mais difícil da vida como um Arqueiro, Will pensava enquanto ele conduzia Puxão para fora do estábulo do castelo, Shadow seguia em seu encalço. Ele tinha esperança de que talvez ele e Horace e Alyss pudessem ser capazes de saírem discretamente, mas, claro, isso era impossível. Eles tinham feito amigos aqui nos últimos meses, e os amigos queriam a chance de dizer adeus.

A situação em Macindaw estava praticamente de volta ao normal. Sir Doric e Meralon a força de ajuda para o note, para a fronteira com Picta, para assegurar que o exército Escocês tinha realmente retirado. Doric e suas tropas permaneceriam em patrulha na área imediata até ter certeza da situação local tinha estabilizado. Com o tempo, sua força seria progressivamente reduzida, mas ele pretendia manter uma presença forte na área, pelo menos nos próximos meses.

Os Escandinavos continuavam como guardiões das muralhas como uma guarnição temporária.

Aqueles que não estavam de plantão estavam ocupados em uma pequena enseada a quilômetro de distância, um afluente que corria para um rio maior que em sua vez, levava para o mar. O esqueleto do seu novo WolfShip já estabelecido na margem.

Will parou. Horace e Alyss, levando seus cavalos atrás dele, seguiram o exemplo. Orman, Xander e Malcolm estavam esperando por ele. Atrás deles, ele podia ver as formas volumosas de Gundar e Nils Ropehander. E por trás deles, a forma ainda maior de Trobar, agora recuperado suficientemente para deixar a enfermaria e mancando dolorosamente pelas escadas para oferecer seu próprio adeus. Will ele sabia quem o gigante queria se despedir.

Orman falou primeiro, conforme era de praxe.

"Will, Horace, e Lady Alyss é claro, eu lhes devo demais para tentar recompensá-los. Por favor, aceite a minha gratidão e minha amizade como uma recompensa totalmente inadequada para seus serviços".

Horace e Will ficaram embaraçados e murmuraram suas inarticuladas respostas. Alyss, naturalmente, assumiu a liderança.

"Senhor Orman, foi o privilégio servi-lo. Você provou-se um servo fiel do rei."

Orman inclinou-se. "Você é muito gentil, Lady Alyss", disse ele. Então ele virou-se para Will.

"Ocorre-me, Will, que eu fiz alguns comentários desagradáveis sobre a sua habilidade musical quando você chegou pela primeira vez. Eu não deveria ter feito isso. "

Will balançou a cabeça tristemente. "Acho que seus comentários foram bastante precisos, Senhor Orman." Quando Will tinha chegado a Macindaw, posando como um bardo, Orman tinha feito comentários críticos sobre a sua falta de formação clássica e pelo fato de que ele cantava 'cantigas populares e burlescas'.

O fantasma de um sorriso tocou a boca de Orman. "Ah, eu sabia que eram precisos. Eu simplesmente não deveria tê-los feito. "Ele ficou sério por um momento. "Lamento que tenha perdido a sua mandola, a propósito."

Will deu de ombros. Buttle tinha esmagado o mandola em fúria depois que Will, Orman e Xander escaparam do castelo.

"Pode ser uma bênção disfarçada, meu senhor", disse ele, e o sorriso voltou ao rosto de Orman.

"Melhor se eu não comentar sobre isso. Mas Xander tem algo a dizer", alertou.

O pequeno secretário saiu de trás de seu mestre. Ele abaixou a cabeça brevemente para Will.

"Minha gratidão, Arqueiro", disse ele. "Você salvou a vida de meu mestre, e você salvou o castelo." Ele olhou para Horace. "Gratidão a você também, Sir Horace".

Horace inclinou-se.

Will não poderia resistir uma ironia final ao secretário.

"Você me perdoou por superfaturar os Escandinavos, Xander?" Perguntou ele.

Humor não era o ponto forte do secretário. Seu ar de gratidão foi imediatamente substituído pelo modo atormentado que ele costumava assumir. "Bem, você sabe, eu tenho certeza que poderia ter conseguido eles por muito menos. Você realmente deveria ter me consultado antes de você-"

"Xander?" Era Orman.

O secretário parou no meio do caminho parou e olhou para seu mestre.

"Esqueça isso".

"Sim, meu senhor." Xander baixou a cabeça. "Desculpe", ele murmurou para Will.

Will balançou a cabeça. O homem estava irreprimível. "Não mude nunca, Xander", disse ele.

"Ele não vai", Orman disse-lhe com algum sentimento.

Então chegou a hora de agarrar a mão de Malcolm. O homem magro e pequeno sorriu para ele.

"Você fez bem aqui, Will Treaty", disse ele. "Eu acho que todos nós vamos estar mais seguros no futuro. Nós entendemos um ao outro um pouco melhor."

Will sabia que Orman tinha oferecido a Malcolm uma posição no castelo. Ele não tinha ouvido se o curandeiro havia aceitado.

"Você vai para mover o seu povo para Macindaw?" Perguntou ele.

Malcolm balançou a cabeça. "Eles são tímidos. Eles não gostam de estar na visão pública. Vou ficar na floresta com eles. Se Orman precisar de um curandeiro, estarei disponível".

"Mas sem mais Guerreiro Noturno? Sem mais luzes e barulhos na floresta? "

O pequeno homem derrubou a cabeça pensativamente para o lado. "Oh, eu não sei sobre isso.

Orman concordou em manter o nosso segredo, e os Escandinavos vão seguir em frente eventualmente. Acho que eu preferiria que os locais ainda considerassem Grimsdell como um lugar para não ir. "

"Você provavelmente está certo", Will concordou. "Isso me lembra. Isso é seu."

Ele se atrapalhou em um bolso e pegou uma pedra negra stellatite. No dia depois da batalha, ele havia retornado para a sala de torre e procurou no chão até que a encontrou.

O curandeiro sorriu. "Ah, isso? Fique com ela se quiser. É apenas uma pedra. "

"Mas... é stellatite. É inestimável! Você disse-"

"Eu estou receoso que eu não fui totalmente honesto com você", disse Malcolm, nem um pouco arrependido. "Eu disse que o mesmerismo era uma questão de foco. Isso deu Alyss algo para focar, e isso quebrou o poder da pedra azul".

Alyss e Will trocaram olhares perplexos. Então se voltou para o curador.

"É inútil?"

"Não completamente. O fato de que ambos acreditavam nele tornou valioso. Como eu disse, mesmerismo é uma questão de crença. Você acreditava que essa pedrinha do rio era uma pedra de estrela, e assim, tornou-se uma".

Will balançou a cabeça em descrença e devolveu a pedra de volta no

bolso. "Eu vou mantê-la como uma lembrança", disse ele, "de um curandeiro muito desonesto. Adeus, Malcolm. Tome cuidado."

"Boa velocidade a você, Will." Malcolm sorriu. "E você, Horace. Talvez com vocês dois embora eu seja capaz de obter uma xícara de café para mim."

Will virou-se para apertar as mãos com Gundar. Ele deve ter sabido que ele nunca iria sair com tal gesto formal. O Escandinavo o agarrou em um abraço de urso enorme, levantando-o do chão, apertando-o de forma que ele mal conseguia falar.

"Bom combate, Arqueiro! Boa batalha! Eu estou triste de vê-lo ir!"

"Me so'e... , " Will conseguiu arfar, e o Escandinavo o jogou de volta a seus pés novamente.

Ele checou suas costelas para se certificar de que elas estavam intactas.

"Desembarque e me veja no feudo Seacliff algum dia, Gundar", disse ele.

O skirl caiu na gargalhada. "Nós vamos para o jantar!" Ele gritou, encantado com sua própria piada.

"Apenas certifique-se nos deixar saber que você estará vindo," Will o avisou. Desta vez, Nils se juntou no riso.

Alyss e Horace estavam fazendo suas próprias despedidas. Conforme Will esperava por eles até ao fim, ele pegou o olho de Trobar. O gigante olhou para longe, infeliz, e Will caminhou até onde ele estava atrás do grupo reunido. Shadow seguindo, é claro. Ela olhou para Will quando ele parou a poucos passos de Trobar. Ela foi muito bem treinada para deixar seu lado sem permissão.

"Vá em frente", disse-lhe calmamente, e ela foi para Trobar, o rabo abanando naquele ritmo lento e pesado de pastores de fronteira.

O homem gigantesco se ajoelhou para se despedir dela, acariciando as orelhas, esfregando o queixo da forma que ela amava. Seus olhos fechados com o prazer do seu toque suave. Will sentiu uma súbita tristeza em seu coração. Ele caiu de joelhos ao lado deles.

"Trobar", disse calmamente: "Olhe para mim, por favor."

O gigante levantou os olhos para Will. O Arqueiro podia ver as lágrimas escorrendo livremente no grande rosto.

"Eu acho que um cão pertence à pessoa que a nomeie", disse Will, sua voz um pouco instável.

"Shadow precisa de você mais do que ela precisa de mim. Ela é sua".

Ele viu a descrença nos olhos de Trobar. O gigante não conseguia falar. Ele apontou entorpecido para o próprio peito, e Will assentiu. "Cuide dela. Se ela tiver filhotes, eu vou vir e assumir a escolha da ninhada. "Estendeu a mão à Shadow, palma virada para ela, no movimento que lhe disse para ficar.

"Fique, Shadow", disse ele, então ele esfregou a cabeça dela uma última vez. "Adeus, menina", ele engasgou, então, incapaz de suportar por mais tempo, ele se levantou e caminhou rapidamente para onde Puxão esperava por ele. Sua visão estava turva e ele se atrapalhou com as rédeas quando se preparava para montar.

O pequeno cavalo virou a cabeça e olhou fixamente para o seu mestre. Eu vou fazer isso para você, o olhar disse.

Will se colocou na sela, e os cascos de Puxão bateram ruidosamente sobre as lajes conforme ele trotava em direção à ponte levadiça. Alyss e Horace, pegos de surpresa com sua saída repentina, correram para completar suas despedidas e segui-lo.

Eles estavam a meio quilômetro na pista antes de Horace observar que algo estava faltando. Ele olhou à sua volta, seus olhos procuram uma familiar forma preto-e-branco.

"Onde está o cão?", Perguntou ele finalmente.

Will continuou olhando para frente. "Eu dei ela para Trobar", disse ele.

Então ele tocou Puxão com seu calcanhar e trotou na frente de seus amigos. Ele não queria discutir isso agora.

41



O inverno estava em sua última respiração frígida conforme os três velhos amigos cavalgavam para o sul. A cada dia que passava, a neve recuava ainda mais, passando de uma base completa para manchas isoladas de neve derretendo até que, finalmente, desapareceu completamente, e a grama, molhada marrom estava mostrando os primeiros reflexos de verde. Will percebeu com surpresa que em breve seria primavera.

Ele e Alyss mantiveram a fachada de amizade, mas havia uma tendência sutil de tensão entre eles. Nenhum deles percebeu, no entanto, que o outro sentiu. Will pensava que a leve falta de jeito entre lhes era causada por sua própria relutância em trazer coisas para a cabeça. Ele não tinha idéia de que Alyss sentia exatamente da mesma maneira.

Um Horace perplexo assistia seus amigos enquanto eles estavam na ponta dos pés em torno do tema da afeição mútua que ambos se recusavam a admitir.

Eles são supostamente os mais inteligentes, pensou ele, enquanto eu sou apenas um guerreiro burro. Então se eu posso ver o que está acontecendo, porque eles não podem? Às vezes, ele refletiu, as pessoas podem ser muito inteligentes para seu próprio bem. Pensar tanto poderia confundir as coisas. Ele se sentiu tentado a juntar suas cabeças, mas Horace não era o tipo que penetrava em uma área tão delicada.

Adicionado a isso foi o fato de que ele não estava completamente certo sobre a sua própria motivação. Recentemente, ele havia sido visto mais com Evanlyn, ele sabia que Will ainda pensava na Princesa Cassandra. Na verdade, ela parecia estar procurando-o com mais freqüência como um companheiro. Tanto quanto ele gostava de sua companhia, ele não podia deixar de sentir um pouco estranho sobre isso, como se ele estivesse de alguma forma tirando vantagem de sua posição para dar um golpe por trás de Will. Ele sabia que Evanlyn e Will sempre tiveram uma relação especial e respeitavam um o outro. Na verdade, ele às vezes suspeitava que Evanlyn pudesse apreciar gastar tempo com ele porque ele a lembrava dos tempos em que Will estava por perto.

Se Will estivesse desenvolvendo um forte relacionamento com outra pessoa, Alyss, por exemplo, isso poderia muito bem esclarecer sua posição com

Evanlyn. Como conseqüência, Horace não poderia ter certeza de que ele não iria servir seu próprio interesse intervindo entre Alyss e Will.

Assim, ele ficou em silêncio.

Inevitavelmente, o pequeno grupo chegou ao ponto onde seus caminhos deviam divergir. Alyss dirigiria a sudoeste do Castelo Redmont. O caminho de Horace contornava para o leste e para o Castelo de Araluen, enquanto Will tinha recebido mensagens de Halt e Crowley, que o dirigiriam para o sudeste ao acampamento para uma discussão.

Mais despedidas, Will pensava melancolicamente quando eles ficaram em um grupo de silêncio pela tripla bifurcação na estrada. A pequena escolta de soldados de Alyss, soltos das masmorras de Macindaw quando o castelo havia sido retomado, estavam a uma distância respeitosa entre si conforme os três velhos amigos se despediam uns dos outros.

Will e Horace apertaram as mãos, acenaram com a cabeça um ao outro, embaralharam os seus pés, murmuraram algumas palavras ininteligíveis e golpearam uns aos outros desajeitadamente na volta várias vezes.

Então eles se distanciaram. A despedida típica entre dois jovens do sexo masculino.

Alyss abraçou Horace e o beijou na bochecha.

"Obrigado novamente, Horace." Ela sorriu. "Estava ficando muito chato nessa torre. Eu sei que se não fosse você, eu ainda estaria lá. "

Horace sorriu para ela. Ele não sentiu falta de jeito em torno da alta e elegante Mensageira.

"Aaah, você teria arranjado uma maneira de escapar dela antes de ser tarde demais", disse ele.

Eles sorriram, e ela beijou sua bochecha novamente.

Então ela virou-se para Will. Ela olhou fundo nos olhos dele e, finalmente, disse: "Obrigado, Will. Obrigado por tudo. "

Ele balançou a cabeça. "Sou eu quem deve agradecer Alyss. Você salvou a minha vida, depois de tudo. "

Eles fizeram uma pausa, então ela inclinou-se, descansou as mãos levemente em seus ombros e o beijou. Mas esse beijo não era na bochecha. Uma vez, há muito tempo, ele ficou maravilhado com a maciez de seus lábios. Ele lembrou esse tempo agora.

Ela deu um passo para trás e, novamente, olharam uns nos outros olhos. Então, num impulso, ela abraçou-o, e sentiu os braços em volta dela em troca. Eles se abraçaram por um longo, longo tempo.

"Escreva-me, Will," ela sussurrou, e ela sentiu seu aceno de cabeça.

Finalmente, ele conseguiu controlar sua voz e conseguiu dizer: "Eu vou.

Você escreva também."

Em seguida, ele recuou, de repente, quebrando o contato entre eles. Ele acenou para ela e para Horace e disse em voz apressada, instável, "Adeus, ambos vocês. Eu vou sentir falta de vocês, muito... ".

Fez uma pausa, e por um momento Alyss pensou que ele ia dizer mais. Ela realmente tomou meio passo em direção a ele. Mas ele terminou abruptamente, "Droga! Eu odeio despedidas!"

Ele virou-se para a sela e, no mesmo movimento, virou a cabeça de Puxão para a estrada do sudeste. Horace e Alyss assistiram o cavalo e o cavaleiro ficarem menores e ouviu o som das batidas do casco desaparecer. Uma vez, Will ergueu a mão em despedida. Mas ele não olhou para trás.

Ele nunca olhou.

42



No acampamento, Halt e Crowley ouviram o relatório de Will. Ele já tinha enviado um relato escrito antes por um mensageiro, mas os dois Arqueiros seniores queriam um relatório em pessoa. Tanta coisa poderia ficar de fora de um relatório escrito. Eles assentiam conforme ele descrevia os eventos durante o jantar. Crowley estava particularmente interessado em sua descrição da habilidade de Malcolm como um curandeiro, assim como sua capacidade de criar ilusões e imagens e seu conhecimento dos produtos químicos arcanos.

"Ele poderia ser uma pessoa útil para ter ligação", disse ele. "Você acha que ele poderia estar disposto a trabalhar com a gente de vez em quando?"

Will considerou a questão. "Acho que ele pode. Contanto que nós garantimos proteger sua privacidade. Sua primeira prioridade é proteger as pessoas que vêm a ele por ajuda. "

O comandante acenou com a cabeça várias vezes. "Falaremos sobre isso mais tarde. Neste momento, é melhor eu começar a fazer meu relatório para o rei. "

Halt levantou-se e chamou a atenção de Will.

"Vamos dar uma volta em torno da terra", sugeriu. "Eu não agüento ouvir Crowley resmungando e gemendo enquanto ele tenta escrever relatórios." Will sorriu e levantou-se a juntar a ele.

Eles deixaram Crowley mastigando a ponta de um lápis e resmungando para si mesmo e caminharam em silêncio por algum tempo. Eles pararam em um gigante carvalho que marcava o fim do acampamento. Instintivamente, eles procuraram a ocultação das sombras, evitando o terreno à sua volta. Parte de ser um Arqueiro, Will pensou.

"Você fez bem," Halt disse finalmente. "Estou orgulhoso de você."

Will olhou para o velho mestre. As palavras simples significavam mais para Will do que qualquer número de prêmios ou condecorações e promoções. Como em tantas outras ocasiões, o rosto de Halt estava escondido na sombra de seu capuz.

"Obrigado, Halt", disse ele.

Halt virou para olhá-lo em sua volta. As características de Will estavam

ocultas também, mas Halt era um estudante da linguagem do corpo, e viu que os ombros do menino estavam um pouco caídos. Ele sentiu um ar de tristeza em torno Will desde que ele tinha chegado.

"Tudo bem?" Perguntou ele. Ele viu o movimento ligeiro encolher de ombros de Will, sob a capa.

"Sim"... Bem, não... ah, eu suponho que sim ".

"Bem, há três respostas para escolher," Halt disse, sem maldade. Ele esperou, mas Will não parecia a ponto de dizer mais nada. Eles começaram a andar novamente. Eles ficaram em silêncio, mas era um silêncio companheiro. Ele tomou os dois de volta ao velhos tempos, e sentiram um calor na memória.

"Halt", disse Will, eventualmente, "eu posso lhe fazer uma pergunta?"

"Eu acho que você acabou de fazer," Halt respondeu, com uma leve sugestão de um sorriso em sua voz. Era uma velha fórmula entre os dois. Will sorriu, então suspirou e tornou-se sério.

"A vida sempre fica mais difícil quando você fica mais velho?"

"Você não é exatamente um ancião," Halt disse suavemente. "Mas as coisas têm uma maneira de girar para fora, você sabe. Basta dar-lhes tempo. "

Will fez um pequeno gesto frustrado com as mãos. "Eu sei... Eu só, eu digo... ah, eu não sei o que dizer! ", concluiu.

Halt olhou-o com cuidado. "Pauline disse obrigado para você por resgatar sua assistente", disse ele. Desta vez, ele tinha certeza que ele viu uma reação. Então era isso.

"Fiquei contente em fazer isso", respondeu Will, eventualmente, sua voz neutra. "Acho que vou dormir.Boa noite, Halt".

"Boa noite, filho", disse Halt. Ele escolheu a última palavra intencionalmente. Ele assistia conforme a figura ia a passos largos em direção ao fogo, vendo-o endireitar os ombros conforme ele ia. Às vezes, a vida lançava problemas que, mesmo o mais sábio, mentor de maior confiança não poderia resolver para você. Era parte da dor do crescimento.

E ter que ficar parado e só poder observar era parte da dor de ser um mentor.

43

Havia uma sensação de déjà vu sobre a chegada ao feudo Seacliff. Muito pouco parece ter mudado na sua ausência. As sombras se alongavam no final da tarde. As árvores que tinham perdido suas folhas durante o inverno estavam ocupadas recuperando-as agora. Havia um sentimento de paz e de segurança sobre as madeiras suaves e campos que estava em nítido contraste com os últimos poucos meses.

A balsa estava elaborada com o outro lado da estreita faixa de água que separava Seacliff do continente. Depois de soar o gongo, Will esperou pacientemente que o barqueiro jogasse fora as cordas de amarração e arrastasse o barco de fundo chato de volta através do rio.

"Sem nenhum custo para você, Arqueiro," disse o homem automaticamente quando Will avançou com Puxão, e os cascos do pequeno cavalo bateram ruidosamente no convés da balsa.

Will se permitiu um sorriso irônico. Halt lhe tinha ensinado a pagar sempre o seu caminho. Ele tirou um royal e entregou-o ao homem.

"Uma Pessoa. Um animal. Eu faço isso um royal. "

O barqueiro mostrou interesse suave, olhando ao redor.

"Sem cão desta vez?" Perguntou ele. Claro, Shadow estava com ele quando chegou pela primeira vez em Seacliff, gravemente ferido e andando na traseira de seu pônei de carga.

"Está certo", disse Will, e seu tom de voz disse ao homem que ele não queria discutir o assunto.

O barqueiro encolheu os ombros. Ele não estava feliz em entrar em uma conversa com um Arqueiro.

Will desmontou e inclinou-se no trilho de corda na proa do barco quando o barco pesado começou a deslizar através da via estreita para a ilha. O comentário do barqueiro aumentou seu senso de solidão. Depois de semanas passadas na companhia de Horace, Alyss, Gundar e Malcolm, ele sentiu a solidão ainda mais afiada. Ainda mais que o conforto da companhia do cão era negado a ele agora.

Uma cabeça peluda balançou, e ele olhou nos olhos de Puxão.

Eu ainda estou aqui.



Ele sorriu novamente, então esfregou o focinho áspero e coçou atrás das orelhas do cavalo.

"Você está certo, rapaz", disse ele. "Eu ainda tenho você, e agradeço a Deus por isso."

Puxão sacudiu a juba naquele modo violento e vibrante que os cavalos têm. Pareceu-me uma afirmação da declaração de Will. Will olhou ao redor e viu que o barqueiro estava olhando para ele desconfiado.

Ele tinha falado em um tom baixo, assim não havia nenhuma maneira que o homem poderia ter ouvido o que ele disse, e por isso ele era grato. Não faria sentido tê-lo conhecimento de que um sombrio, taciturno Arqueiro poderia realmente estar sofrendo de solidão. Mas o fato de que ele estava conversando com a cavalo confirmou a crença supersticiosa do barqueiro de que Arqueiros eram magos negros. Ele virou-se e fez o sinal de alerta contra a feitiçaria. Quanto mais cedo esse um estivesse fora de seu barco, melhor. A proa ralou bruscamente na praia. O barqueiro jogou uma amarra em torno de um poste mergulhado na areia, e apertou e protegeu com uma série rápida de meios engates. Então, ele desatou a grade da proa, permitindo que Will cavalgasse para fora na terra seca.

"Obrigado", disse Will.

O homem não respondeu. Ele viu como a figura de capa e capuz desapareceu na primeira das árvores, fez o sinal de alerta novamente e então se estabeleceu a aguardar o seu próximo cliente.

O banner de cabeça de veado ainda flutuava acima do castelo conforme Will cavalgava fora das árvores no topo do caminho sinuoso. A aldeia parecia inalterada, e ele experimentou os olhares enquanto ele cavalgava, uma mistura de cautela e interesse. Alguns moradores se perguntavam onde o Arqueiro jovem tinha estado, o que ele estava fazendo. Outros estavam mais do que contentes em não saber nada sobre seus movimentos.

Will cavalgou para a taberna. Alyss tinha brincado com a filha bonita da taberneira que morava aqui. Quando Will tinha chegado a Seacliff, ele havia gostado da companhia da menina. Delia era seu nome, lembrou. Mas não havia nenhum sinal dela e sentiu-se vagamente desapontado.

Ele poderia ter feito com a visão de um rosto amigável.

Enquanto ele andava até seu chalé nas árvores, não havia nenhum anel de fumaça de boas-vindas na chaminé. Não era de estranhar, ele pensou. A mãe de

Delia, Edwina, a mulher contratada como caseira, não tinha tido nenhuma advertência do seu regresso iminente. Ele tirou a sela de Puxão, o esfregou, alimentou e deu água a ele. Então ele levou seus alforjes para dentro.

Pelo menos a cabine estava limpa e arrumada. Edwina obviamente tinha espanado enquanto ele tinha ido. Não havia mofo cheirando ou confinado, dizendo-lhe que deve ter aberto o local regularmente. Largou seus alforjes em sua cama e voltou para a sala maior, seus passos fazendo sons altos na cabine vazia. Ele olhou para baixo, viu a água do cachorro e tigelas ordenadamente ao lado da lareira. Ele deu de ombros, infelizmente, as apanhou e levou as fora, ajustando-as na pequena varanda, contra a parede da cabine. Ele não queria ficar sentado olhando para elas durante a noite.



Oh, pelo amor de Deus, esqueça isso! Disse a si mesmo. Então você está sozinho. Esse é o jeito que você escolheu para ser. Você escolheu quando você escolheu ser um Arqueiro. Você escolheu isso novamente sempre que você não corria o risco de dizer a Alyss como você se sentia a respeito dela. Então pare de choramingar e continue com a vida. Faça algo útil. Acenda um fogo e faça o jantar.

Movendo mais rapidamente, ele voltou para dentro e começou a preparar gravetos no fogão barrigudo que estava no centro da sala. Quando a pequenas chamas amarelas lamberam em torno da madeira e cresceram mais brilhantes e mais intensas, sentiu-se um reforço da sua resolução. Ele aqueceu a cabine, ligou algumas lâmpadas e acabou um pouco com a escuridão em volta. Então, ele decidiu, não iria fazer a sua própria refeição. Ele vaguearia até a pousada e jantaria. E Delia poderia estar lá.

Sim, ele pensou. Isso é o que ele precisava. Um bom jantar, e um tempo agradável com uma garota atraente. Ele teria que reportar ao castelo de amanhã. Mas esta noite era hora de ele alegrar a si mesmo!

Ele virou-se quando ouviu um passo atrás dele. Por um momento, uma vez que Delia estava em sua mente, ele achava que a figura emoldurada na porta estava ela. Então seus olhos ajustaram e ele reconheceu sua mãe, Edwina.

"Senhor, você está de volta. Desculpe-me, eu não tinha idéia de que você estava-"

Ele acenou com seu pedido de desculpas de lado. "Não é culpa sua, Edwina" ele a disse. "Eu deveria ter enviado uma palavra dizendo que estava voltando. Mas vejo que você tenha tomado conta das coisas enquanto eu estava fora."

"Ah, sim, senhor. Fiz questão de abrir o local a cada poucos dias para deixar o ar entrar. Esse local pega mofo como nenhum outro.

Ela estava olhando em volta, curiosamente, e viu o seu olhar reluzir sobre as duas taças que ele tinha colocado fora da porta da frente. Ele antecipou a próxima pergunta.

"Deixei o cão com um amigo", disse ele, e ela balançou a cabeça, não tendo certeza se ele achava que era uma coisa boa ou ruim.

"Tenho certeza que você fez senhor. Bem, eu terei o prazer de trazer o seu jantar diretamente.

Você está com fome, senhor? "

Will sorriu. "Estou com fome e ansioso pela sua comida. Mas eu acho que vou comer na taberna. Guarde um lugar para mim, você faria? Eu estarei em mais ou menos uma hora ou assim. "

"Na verdade, senhor. Nós vamos ficar honrados em tê-lo. E bem-vindo ao lar. "Ela deu uma dica de uma reverência e se afastou. O animo de Will subiu um pouco. Incrível o que a visão de um rosto amigo e algumas palavras de boas-vindas poderiam fazer, ele pensou.



"Edwina?" Ele chamou, e ela parou na beira da varanda, voltando-se para ele.

"Sim, senhor?"

"Sua filha, Delia, espero que ela esteja bem?" Fez-se a sua voz soar casual. Seu rosto se iluminou num sorriso de orgulho maternal.

"Ah, de fato ela está senhor! Você já ouviu falar, não é? "

"Ouvi? Ouvi o que? "

"Ora, a notícia feliz, senhor! Ela se casou, há duas semanas atrás. Com Steven, o menino balseiro ".

Will assentiu, um sorriso congelado no rosto. Pelo menos, ele esperava que parecesse um sorriso.

"Excelente", disse ele. Era uma palavra fácil de dizer com os dentes cerrados. "Estou muito feliz por ela".

Algumas coisas mudaram em Seacliff, ele estava contente de ver. Ao longo das próximas semanas, conforme ele se acomodava na rotina diária do pequeno feudo quieto, ele viu um novo sentido de aplicação e profissionalismo na Escola de Guerra. Como se a disciplina tivesse sido apertada. Os treinos para aprendizes estavam a ser bem conduzidos, e ao redor havia uma maior sensação de nitidez. O Barão Ergell e seu Mestre de Guerra, Norris, tinham aprendido a

lição quando eles tinham quase perdido o feudo para os Escandinavos saqueadores de Gundar, ele pensou.

Claro que, quando ele relatou pela primeira vez em seu retorno, Ergell e Norris tinham ambos ansiosamente o interrogado sobre o motivo de sua saída repentina alguns meses antes. Mas ele lhes disse nada, educadamente evitando suas perguntas.

"Apenas um pouco de dificuldade ao norte" era tudo o que ele diria. Não havia necessidade para eles saberem detalhes sobre as ações do Corpo de Arqueiros. Eles aceitaram a sua reticência conforme as pessoas naturalmente associavam segredos com Arqueiros.

Ele se ofereceu para convidar Horace para passar algum tempo em Seacliff, para dar aula de espada. O cavaleiro da Folha de Carvalho era reconhecido como um dos melhores espadachins do Reino e Will sabia que ele visitava regularmente Redmont para conduzir as aulas. Norris concordou com a idéia ansiosamente.

"Vou escrever-lhe," Will prometeu. Na verdade, a perspectiva de ter a visita de seu melhor amigo de tempos em tempos era decididamente agradável.

Antes que ele tivesse a chance de escrever a carta, porém, ele recebeu alguns itens interessantes do correio para ele mesmo. Proeminente entre vários envelopes estava um grande pacote, cuidadosamente embrulhado, oleado e acolchoado com recortes de lã para protegê-lo em sua longa jornada. Ele olhou curiosamente, no local de origem e estava interessado em vê-lo que veio de Castelo Macindaw no feudo Norgate.

Ele desembrulhou-o ansiosamente. Dentro da caixa de couro estava uma bela e reluzente mandola. Havia uma breve nota também.

Eu sentia que lhe devia isso. Talvez um instrumento melhor vá melhorar sua técnica. Meus agradecimentos mais uma vez.

Orman.

Ele inspecionou o belo instrumento, suas mãos correndo sobre ele com reverência. Sobre a cabeça havia uma única palavra em uma escrita elegante: Gilet.

Gilet ele pensou, o mestre luthier, conhecido por criar alguns dos melhores instrumentos no Reino. Rapidamente, ele afinou e tocou algumas notas, maravilhado com a riqueza do seu tom e a suavidade de seu toque sedoso. Mas, tanto quanto ele admirava o instrumento, ele se sentia pouca vontade para a música em sua vida nesses dias. Um pouco triste, ele colocou a mandola em um lado.

Havia uma carta de Crowley, uma expedição de alerta geral, alertando os membros do Corpo para um auto-proclamado profeta e seus seguidores que

estavam trabalhando seu caminho através do Reino, ludibriando as pessoas de suas economias. Além disso, havia uma nota de Gundar. O skirl tinha pagado um escritor profissional para escrever para ele. O novo navio estava quase pronto, ele disse. Decidiram chamá-lo de Will.

Will sorriu para si mesmo. Sem dúvida um dos Escandinavos iria esculpir uma figura suficientemente horrível para o navio. Ele esperava que Gundar fosse honrar a promessa de brincadeira que ele tinha feito na sua despedida e viria visitar um dia. Ele começou afastar o oleado e os envelopes rasgados e encontrou outra carta que tinha sido escondida quando ele jogou a mandola de lado. Ele a abriu sem olhar para ver o nome do remetente.

Seu coração deu uma guinada ao ler as primeiras palavras. Era de Alyss.

Querido Will,
Eu confio que esta carta o encontre bem e feliz.
Lady paulina está me mantendo ocupada, mas ela deu-me um pouco
tempo para entreter Horace na semana passada. Ele estava de visita para uma
de suas aulas de esgrima. Ele disse para lhe dar os seus melhores desejos.
Enquanto ele estava aqui, Eu lhe contei sobre o sonho estranho
que eu continuo tendo. Estamos de volta na torre, e eu tenho a espada
de Keren na mão, e ele está me dizendo para te machucar, e eu não posso
recusá-lo. Mas depois você diz a mais surpreendente e maravilhosa
coisa, e isso rompe completamente o seu poder sobre mim.
Horace diz que pode não ser um sonho. Ele acredita que é uma
memória. Eu desejo com todo meu coração que ele esteja certo, e que você
tenha dito o que eu penso que você disse. Ele também me disse que as pessoas como eu e você gastamos muito tempo pensando sobre as coisas e não tempo
suficiente apenas saindo e as dizendo. Eu acho que ele está certo.
Escreva-me, por favor, e me diga o que você disse. Entretanto,
Eu irei pegar o conselho de Horace e apenas dizer isso eu mesma.
Eu te amo.
Alyss.

Ele deixou a carta cair sobre a mesa, olhando para ela. Ele poderia escrever para ela. Uma carta levaria uma semana para chegar ao Castelo Redmont. Mas Puxão estava ali fora, selado e pronto, e ele poderia estar lá em menos de três dias. Ele correu para o quarto e começou a amontoar roupas de reposição em seus alforjes. Ele deixa uma mensagem na pousada, dizendo ao

Barão Ergell que ele estaria fora por alguns dias.

Ou uma semana.

Suas botas no assoalho soaram quando ele fez o seu caminho até a porta, desceu da varanda e atirou os alforjes nas costas de Puxão. O pequeno cavalo olhou com surpresa. Havia uma energia e um efeito sobre o seu mestre que ele não via há algum tempo. Will estava prestes a montar, então ele hesitou. Ele correu para dentro e pegou a Gilet na sua caixa, atirando-a sobre um ombro. De repente, havia espaço para a música em sua vida depois de tudo.

Fazendo o seu caminho para fora de novo, ele parou por um segundo conforme ele trancou a porta da cabine por trás dele. Ele estava consciente de uma sensação estranha, algo que não sentia há algum tempo. Então ele percebeu o que era e sorriu discretamente.

Era felicidade.



Este *ePub* foi criado em Março de 2014 por

LeYtor

Tendo como base a tradução em *Pdf* de

Máfia dos Livros

